

# EROS E PSIQUE

DEUSES DE NÉON



KATEE  
ROBERT

MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

## Table of Contents

[Katee Robert](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Olimpo](#)

[As Famílias Regentes De Olimpo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

KATEE ROBERT

# EROS E PSIQUE

DEUSES DE NÉON

Tradução de Sofia Ribeiro

MARCADOR



info@marcador.pt  
www.presenca.pt/collections/marcador  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Marcador  
encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © 2022 por Katee Robert  
Edição portuguesa publicada com o acordo de Taryn Fagerness Agency  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.  
Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida  
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Electric Idol*  
Autora: Katee Robert  
Tradução: Sofia Ribeiro  
Revisão: Ana Marta Ramos/Editorial Presença  
Paginação: Maria João Gomes  
Design da capa: Stephanie Gafron  
Imagens da capa: Baac3nes/Getty Images, Alexander Gusev/EyeEm/Getty Images, PANDECH/  
/Shutterstock  
Arranjo de capa: Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 516 577/23

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2023

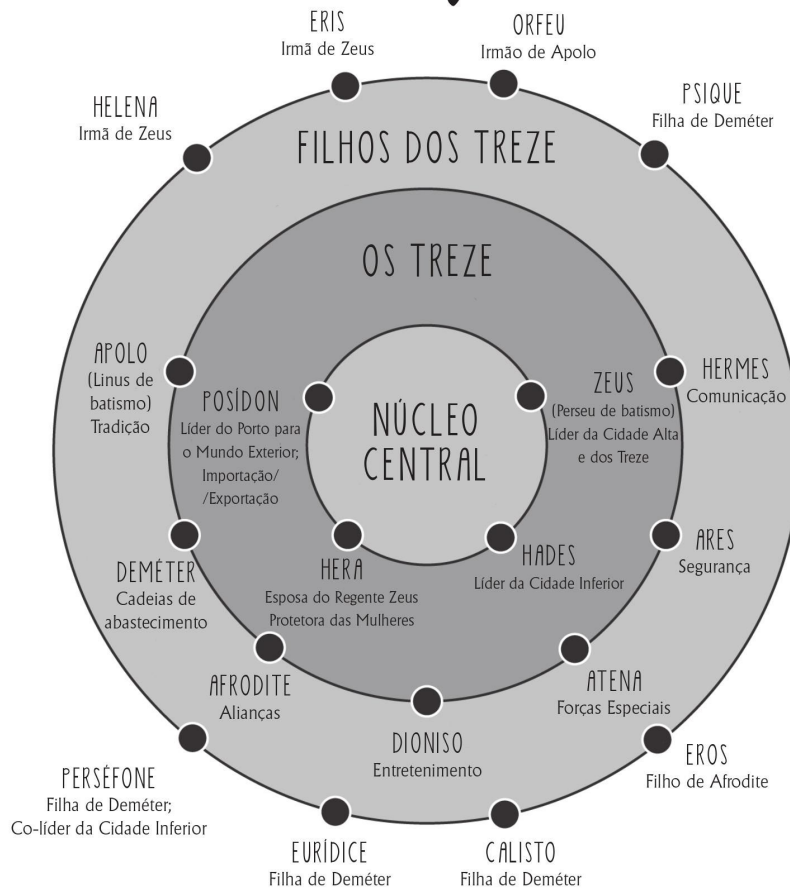
*À Jenny. É um prazer partilhar um id contigo.*

# Olimpo





# AS FAMÍLIAS REGENTES DE *Olimpo*



## Capítulo 1

### Psique

Mais uma noite, mais uma festa a que não quero mesmo nada ir.

Tento não apertar demasiado a minha bebida enjoativamente doce enquanto me desloco pela sala. Desde que me mantenha em movimento, a minha mãe não se focará em mim. Seria de esperar que os últimos meses tivessem servido para dar uma pausa às suas ambições, mas Deméter tem tudo menos falta de motivação. Casou uma das filhas com sucesso — sim, ela atribuiu-se os louros do casamento de Perséfone com Hades — e agora está de olhos postos em mim.

Preferia arrancar uma perna à dentada do que casar com alguém daqui. Cada um dos presentes está diretamente relacionado com algum membro dos Treze que governam Olimpo: Zeus, Posídon, Deméter, Atena, Ares, Hefesto, Dioniso, Hermes, Artemisa, Apolo e Afrodite. Os dois únicos em falta são Hades e Hera — Hades, por possuir um título de legado e nem sequer Zeus conseguir ordenar a sua presença nestes eventos; e Hera, por o nosso atual Zeus não ser casado, o que deixa vazio o título de Hera.

Não ficará vazio por muito tempo.

A sala, sem dúvida ampla, é manifestamente claustrofóbica. Nem as enormes janelas sobranceiras a Olimpo conseguem combater o calor de tantos corpos. Estou tentada a sair por um instante e enregelar para apanhar um pouquinho de ar fresco, mas depois fico encurralada se alguém decidir fazer conversa de circunstância comigo. Aqui, na zona principal da festa, posso pelo menos manter-me em movimento.

Esta noite não é *oficialmente* um mercado de casamento, mas ninguém o diria, pela maneira como Afrodite faz desfilarem uma pessoa após outra diante do nosso novo Zeus, refastelado no trono que foi

do seu pai. O trono é grande, dourado e espalhafatoso. Pode ter combinado bem com o pai, mas não combina nada bem com o filho. Quem sou eu para fazer juízos de valor, mas falta a este o carisma regente do último Zeus. Se ele não tiver cuidado, as piranhas de Olimpo comem-no vivo.

— Zeus — diz Afrodite com um trinado. Anda para a frente e para trás no trono tantas vezes que vejo bem o vestido vermelho-vivo que lhe cinge o corpo esbelto e faz contraste com a tez pálida e o cabelo louro. Desta vez, traz a reboque um jovem branco de cabelo escuro. Não o reconheço, o que significa que se trata de um amigo ou primo afastado, ou de alguém com o dúbio privilégio de ser um dos projetos de estimação de Afrodite. Ela esboça um sorriso luminoso a Zeus enquanto abre caminho pela multidão. — Tens *mesmo* de conhecer o Ganimedes.

— Psique.

Quase dou um salto quando a minha mãe aparece atrás de mim. Preciso de todo o autodomínio para conseguir esboçar um sorriso passivo.

— Olá, mãe.

— Andas a evitar-me.

— Claro que não. — Ando, sim. — Fui buscar uma bebida. — Ergo o copo para o provar.

A minha mãe estreita os olhos. Ao contrário de Afrodite, que parece decidida a agarrar-se às últimas gotas de juventude, a minha mãe permitiu-se envelhecer graciosamente. Parece ser exatamente aquilo que é: uma mulher branca, na casa dos cinquenta, de cabelo escuro e estilo impecável. Cobre-se de poder como algumas pessoas se cobrem de joias. Quando as pessoas olham para Deméter, ficam imediatamente à vontade, porque ela emite uma aura que promete tratar de tudo.

Foi, desde logo, assim que conquistou o título.

Quando chegou a hora de eu criar a minha própria *persona* pública, inspirei-me nela, embora tenha direcionado a minha

imagem noutro sentido. A minha experiência pessoal ensinou-me cedo que mais vale uma pessoa integrar-se do que destacar-se da multidão e tornar-se um alvo.

— Psique. — A minha mãe agarra-me o braço, orientando-nos para o trono do Zeus. — Vou apresentar-te ao Zeus.

— Já o conheço. — Com efeito, já estive com ele várias vezes. Fomos apresentados há dez anos, quando a minha mãe assumiu o papel de Deméter e, desde então, temos ido às mesmas festas. Até há uns meses, ele era Perseu, herdeiro do título *Zeus*. Pelo que me é dado ver, não chega aos calcanhares do pai como predador, mas isso não quer dizer que não seja predador de todo. Foi criado no glamoroso ninho de víboras, a cidade alta. Ninguém ali sobrevive tanto tempo sem ser pelo menos um bocadinho monstruoso.

A mão da minha mãe aperta mais o meu braço, ao mesmo tempo que ela baixa a voz.

— Bem, vais conhecê-lo outra vez. Como deve ser. Esta noite. Observamos Zeus a olhar para Ganimedes de lado.

— Ele não parece interessado em conhecer ninguém.

— Isso é porque ainda não te conheceu a *ti*.

Resmungo. Não consigo evitar. Sei quais são os meus pontos fortes. Sou bonita, mas não tenho uma beleza de fazer parar o trânsito, como as minhas irmãs. O meu verdadeiro forte reside no cérebro e duvido muito que Zeus apreciasse *tal coisa*.

E, já agora, não tenho qualquer desejo de ser Hera.

Mas também não importa o que *eu* quero, pois não? A minha mãe tem planos atrás de planos e eu sou a melhor candidata das filhas solteiras que restam. Apesar dos meus dramas interiores, acho que há destinos piores do que ser-se um dos Treze. O único perigo que eu correria verdadeiramente enquanto Hera viria de Zeus. Pelo menos *este* Zeus não tem a reputação de fazer mal às companheiras.

Consigo esboçar um sorriso enquanto a minha mãe me conduz por entre a multidão em direção ao trono espalhafatoso e ao homem que o ocupa. Estamos apenas a uns passos de Afrodite e Ganimedes quando Zeus nos vê. Não sorri, mas o interesse ilumina-lhe os olhos azuis e ele estala os dedos para Afrodite.

— Já chega.

Um erro.

Afrodite vira-se para nós. Desvia rapidamente o olhar para mim, descartando-me de imediato, antes de se virar para a minha mãe. A sua rival, se bem que o termo é demasiado mundano para a tamanha aversão que estas duas mulheres nutrem uma pela outra.

— Deméter, querida, eu *sei* que não estás a pensar *nesta* filha como potencial candidata a casamento. — Afrodite olha ostensivamente para o meu corpo. — Sem ofensa, Psique, mas não és bem o tipo certo para te tornares Hera. Não... não encaixas. Tenho a certeza de que compreendes. — O seu sorriso é meloso, em nada diminuindo o veneno das suas palavras. — Se quiseres, tenho muito gosto em enviar-te o plano de saúde que recomendo a todos os aspirantes a casar enquanto me dedico a arranjar-lhes par.

Uau, nem sequer tenta ser subtil. Que encanto.

Não tenho oportunidade de responder, porque a minha mãe aperta-me mais o braço e esboça um sorriso radioso à outra.

— Afrodite, *querida*, já cá andas há tempo suficiente para perceber uma indireta. O Zeus dispensou-te. — Inclina-se para a frente e baixa a voz. — Eu sei que a rejeição custa, mas é importante manteres o queixo levantado. Se calhar, podes antes tratar do casamento do Ares. Colher a fruta que está ao nosso alcance e tal.

Tendo em conta que Ares já deve passar dos oitenta e praticamente está a bater às portas do mundo subterrâneo, não é de admirar que Afrodite praticamente dispare fogo com os olhos à minha mãe.

— Na verdade...

— De que é que estamos a falar?

A pergunta vem de uma mulher alta, branca, de cabelo escuro, quando se coloca entre Afrodite e Deméter com a confiança que só um membro da família Cásio consegue demonstrar. Eris Cásio, filha do último Zeus, irmã do atual. Vacila um pouco, como se tivesse bebido de mais, mas a inteligência acutilante nos seus olhos escuros não está turvada pelo álcool. Trata-se, portanto, de teatro.

Tanto Afrodite como a minha mãe endireitam as costas e eu consigo ver o momento preciso em que decidem que é do seu maior interesse serem corteses. Afrodite sorri.

— Eris, estás deslumbrante esta noite, como sempre.

Está a dizer a verdade. Eris usa o preto do costume — um vestido comprido, com um decote fundo à frente que lhe desce quase até ao umbigo e uma racha de lado, que lhe revela a perna a cada passo que dá. O cabelo escuro cai à sua volta em ondas aparentemente naturais, o que não é mais do que uma indicação do tempo que passou a fazê-las.

Eris sorri para ela, uma fatia de lábios vermelho-vivos curvados de maneira que me faz eriçar os pelos do pescoço.

— Afrodite. É um prazer, como sempre.

Vira-se para mim e o seu copo inclina-se, salpicando tanto o vestido vermelho de Afrodite como o verde da minha mãe com um líquido verde que cheira a alcaçuz preto. As duas mulheres soltam uns gritinhos e recuam de um salto.

— Ups. — Eris leva uma mão ao peito, com uma expressão perfeitamente sincera. — Meus deuses, peço imensa desculpa. Devo ter bebido de mais. — As suas pernas vacilam um pouco e a minha mãe dá um salto em frente para lhe segurar o cotovelo, quase chocando contra a Afrodite, que tenta fazer o mesmo.

Ninguém quer que a irmã de Zeus se estatele a meio de uma festa e faça uma cena, com o potencial de o embaraçar e de pôr fim às festividades da noite.



Esforçam-se tanto para a manterem em pé que nenhuma repara que ela olha para mim e... pisca-me o olho. Quando fico a olhá-la fixamente, Eris sacode o queixo num gesto que é uma ordem clara para que eu fuja enquanto posso.

Mas o que é *aquilo*?

Não fico ali para perguntar. Nem pensar, com Afrodite já a fazer pontaria para a minha mãe com as setas afiadas a que chama palavras, e Deméter a pôr o pé mesmo em cima da linha de fronteira que as separa. Quando se põem assim, podem ficar nisto durante horas a fio, atirando críticas uma à outra.

Olho de relance para Zeus, mas ele virou-se e está a falar com Atena em voz baixa. Paciência. Se a minha mãe está assim tão decidida a apresentar-me como deve ser a Zeus, parece que não vai ser esta noite.

Ou talvez eu esteja apenas à procura de uma boa razão para fugir.

Não paro para me preocupar com a minha mãe. Ela é capaz de lidar com Afrodite. Já o faz há anos.

— Com licença — murmuro. — Tenho de ir à casa de banho.

Ninguém me presta atenção nenhuma, o que, francamente, é perfeito.

Já estou em movimento, deslizando por entre uma multidão de *smokings* e vestidos de luxo num arco-íris de cores. Os diamantes e joias de valor incalculável brilham sob as luzes espalhadas pela sala, e juro que sinto os olhos dos retratos que forram as paredes seguirem-me para onde vou. Até há um mês, só havia onze — e uma moldura vazia, à espera da próxima Hera —, cada um retratando um dos Treze. Como se alguém precisasse de ser lembrado de quem manda nesta cidade.

Esta noite, estão finalmente aqui todos os treze.

Hades foi adicionado ao conjunto, com o quadro escuro a fazer contraste direto com os tons mais claros dos outros doze. Deita um

olhar agressivo à sala, da mesma maneira que deita olhares agressivos às pessoas daqui quando decide estar presente. Oxalá estivesse cá esta noite, quando mais não seja porque isso significaria que Perséfone também cá estaria. Estas festas eram muito mais toleráveis quando eu a tinha ao meu lado. Agora que se foi embora, que governa a cidade inferior junto de Hades, estar na Torre de Dodona é o cúmulo do tédio.

*Vai ser muitíssimo pior se eu for Hera.*

Não penso mais nisso. Não vale a pena preocupar-me até conhecer os planos da minha mãe e a recetividade de Zeus a eles. Ao canto, avisto Hermes, Dioniso e Helena Cásio reunidos à volta de uma mesa alta. Parecem estar a jogar um jogo qualquer com bebidas. Pelo menos *eles* estão a divertir-se na festa. Não têm nada a perder neste espaço, movendo-se pelos jogos de poder e ameaças cuidadosamente veladas com a naturalidade com que os tubarões se movem na água.

Eu consigo fingi-lo — sou bastante boa a fazê-lo —, mas nunca será instintivo para mim, como é para pessoas como aquelas.

Sem perder o passo, empurro a porta e dirijo-me para o corredor, mais tranquilo. Já passa do horário de expediente e estamos no cimo da torre, por isso está deserto. Ótimo. Passo à pressa pelas portas uniformemente espaçadas, com cortinas do chão ao teto envolvendo cada uma delas. Dão-me calafrios, especialmente à noite. Nunca me consigo livrar da sensação de que alguém se esconde ali, à espera de que eu passe. Tenho de continuar a olhar em frente, mesmo quando um roçagar baixinho atrás de mim faz os meus instintos gritarem-me que fuja. Sei que não devo fazê-lo; são os meus próprios passos a fazerem eco para trás, dando-me a impressão de estar a ser perseguida.

Não consigo escapar de mim própria.

Não consigo escapar a *nenhum* dos perigos que esperam por mim no salão de baile principal.

Demoro-me na casa de banho, agarrando-me com força ao lavatório e respirando fundo. Iria saber-me bem água fria na cara, mas seria incapaz de retocar a maquilhagem como deve ser, e voltar com um cabelo que fosse fora do sítio atrairia os predadores. Se me tornar Hera, essas vozes aumentarão de tom, serão inescapáveis. Já não sou suficiente para elas; ou, melhor, sou *de mais*. Calada de mais, gorda de mais, desengraçada de mais.

— Para com isso. — Dizer as palavras em voz alta estabiliza-me, só um bocadinho.

Estes insultos não são uma convicção minha. Trabalhei muito para que não o fossem. É só quando aqui estou, de cara enterrada naquilo que Olimpo considera ser a perfeição, que aquela voz tóxica da minha adolescência empina a sua feia cabeça.

Respirar cinco vezes. Inspirações lentas. Expirações mais lentas ainda.

Quando chego às cinco, sinto-me um pouco mais eu mesma. Levanto a cabeça, mas evito olhar para o meu reflexo. Os espelhos aqui não dizem a verdade, mesmo que essas mentiras sejam só coisa da minha cabeça. O melhor é evitá-los completamente. Uma última respiração e obrigo-me a abandonar a relativa segurança da casa de banho para regressar ao corredor.

Espero que a minha mãe e Afrodite tenham acabado a sua contenda, ou a tenham levado para um canto qualquer do salão, para que eu possa voltar à festa sem ser arrastada de novo para o drama. Ficar escondida no corredor até ser hora de me ir embora não é opção. Recuso-me a dar qualquer indicação a Afrodite de que as suas palavras me afetaram minimamente.

São precisos dois passos para que me dê conta de que não estou sozinha.

Um homem atravessa o corredor a cambalear, na minha direção, vindo do lado dos elevadores. Por um breve instante, considero a hipótese de ignorá-lo e dirigir-me de novo para a festa, mas isso implica que ele vá no encalço dos meus passos. Já para

não dizer que estamos apenas nós os dois aqui e não há maneira de fingir que estou a fazer outra coisa que não seja ignorá-lo. E ele também não está com bom aspeto, mesmo na penumbra. Talvez esteja bêbedo, uma pequena festa preliminar que foi longe de mais.

Com um suspiro no meu íntimo, torno a ajustar a minha *persona* pública e dirijo-lhe um pequeno sorriso e um aceno.

— Uma chegada tardia?

— Qualquer coisa assim do género.

*Oh, merda.* Conheço aquela voz. Faço um esforço enorme para evitar o homem a quem pertence.

Eros. O filho de Afrodite. O *capanga* de Afrodite.

Fico a vê-lo avançar cautelosamente, saindo da sombra ao aproximar-se. É tão belo como a mãe. Alto e louro, se bem que o seu cabelo encaracolado seria giro se emoldurasse qualquer outro rosto. As suas feições são demasiado masculinas para alguma vez ser algo tão inofensivo como *giro*. É alto e tem um corpo forte, a ponto de até o seu fato dispendioso não conseguir esconder os ombros espadaúdos, os braços musculados. Este homem é feito para a violência, com um rosto capaz de fazer chorar uma escultura. Muito conveniente.

Apercebo-me de uma nódoa na sua camisa branca e semicerro os olhos.

— Isso é sangue?

Eros olha para baixo e pragueja baixinho.

— Julguei que tinha tirado tudo.

Não vale a pena analisar essa afirmação. Tenho de sair daqui, e depressa. Só que...

— Estás a coxear. — A cambalear, na verdade, mas não por estar embriagado. Fala com demasiada clareza para isso.

— Não estou nada — responde sem dificuldade. Mente sem dificuldade. Não há dúvida de que coxeia, e aquilo quase de certeza é sangue. Eu sei o que isso significa; deve ter vindo diretamente

para aqui depois de ter cometido algum ato de violência em nome de Afrodite. A última coisa que eu quero é envolver-me com *aqueles* dois.

Ainda assim, hesito.

— Esse sangue é teu?

Eros para ao meu lado, os olhos azuis sem revelar emoção.

— É o sangue da última rapariga bonita que fez demasiadas perguntas.

## Capítulo 2

### Psique

*O Eros Ambrósia acha que eu sou bonita.*

Ponho imediatamente de lado esse pensamento inútil e imprudente.

— Vou fingir que isso é uma piada. — Embora eu seja mais sensata do que isso. Não há nada mais perigoso em Olimpo do que ser uma rapariga bonita capaz de enraivecer Afrodite o bastante para que ela mande o filho ter com ela.

*Especialmente, uma rapariga bonita que se possa pôr no meio dos planos que ela tem para assegurar a sua escolha para a próxima Hera.*

— Não é mesmo.

Não consigo perceber se Eros está a falar a sério ou não, mas é melhor pecar por precaução. É evidente que ele não quer falar, e passar mais tempo na sua presença do que o estritamente necessário é uma péssima ideia. Abro a boca para dar uma desculpa e voltar à casa de banho, para me esconder até ele se ir embora, mas não é isso que sai.

— Se entrares ali ferido, alguém pode decidir acabar o serviço. Tu e a tua mãe têm mais do que a vossa quota-parte de inimigos naquela sala.

Por certo não terei de lhe dizer que qualquer fraqueza detetada fará com que esses inimigos caiam em cima deles como lobos.

Eros ergue as sobancelhas.

— O que é que isso te interessa?

— Nada. — E não interessa mesmo. Sou apenas uma pateta que não sabe quando deve parar. Independentemente do que mais seja verdade sobre Eros, não escolheu ser filho de um dos Treze, tal

como eu também não escolhi. — Mas também não sou uma sociopata. Deixa-me ajudar-te.

— Não preciso da tua ajuda. — Vira-se e volta pelo caminho de onde veio, em direção ao elevador.

— Mas eu ofereço-a na mesma.

O meu corpo toma a decisão de o seguir antes de o meu cérebro ser capaz de o acompanhar, e as minhas pernas mexem-se por vontade própria, afastando-me da relativa segurança da festa. Entrar no elevador é como entrar num ponto sem retorno. Oxalá eu pudesse dizer que estou a exagerar, mas a reputação de Eros precede-o e é... muitíssimo violenta e muitíssimo perigosa. Entrelaço as mãos à frente do corpo e debato-me contra o impulso de me pôr a tagarelar.

Descemos apenas uns andares e ele conduz-me através de escritórios de vidro e aço inoxidável até uma porta que se abre sem dificuldade sob a sua mão. Só quando já estamos fechados lá dentro juntos é que eu vejo que se trata de uma elegante casa de banho. À semelhança do resto da Torre de Dodona, é minimalista, com piso de ladrilhos pretos, uns quantos cubículos, um chuveiro embutido e um trio de lavatórios em aço inoxidável. Existe até uma pequena zona, junto da porta, com um par de cadeiras de aspeto confortável e uma mesinha redonda entre elas.

— Pareces conhecer muito bem os cantos à casa.

— A minha mãe tem muitas vezes assuntos a tratar com o Zeus.

Engulo em seco.

— Havia casas de banho lá em cima. — Mais perto da relativa segurança da festa.

— Esta tem coisas de primeiros socorros.

Começa a inclinar-se para abrir um dos armários por baixo do lavatório e estremece.

O gesto impele-me a agir. É por isso que aqui estou: para ajudar, não para o ver debater-se.

— Senta-te, antes que caias.

Fico espantada por ele não discutir comigo, limitando-se a ir a coxear até às cadeiras e afundar-se numa delas. É um erro pensar de mais em toda esta situação, por isso concentro-me na tarefa de perceber a gravidade dos seus ferimentos, de lhe colocar uma compressa e de regressar ao salão de baile antes que a minha mãe mande uma equipa de busca.

Considerando que da última vez que uma das suas filhas desapareceu num evento na Torre de Dodona, essa filha acabou por atravessar o rio Estige e se lançar nos braços de Hades...

Sim, o melhor é não demorar muito.

Como prometido, há um *kit* de primeiros socorros no armário por baixo do lavatório. Agarro nele, dou meia-volta e fico petrificada.

— O que estás a fazer? — A voz sai-me estridente, mas não consigo evitá-lo.

Eros estava a tirar a camisa e interrompe:

— Qual é o problema?

O problema é tudo. Há uma década que me movimento nos mesmos círculos que este homem, mas nunca o vi nessas festas de outra maneira que não perfeitamente engomado, lustroso e todo a brilhar. A sua beleza é de cortar a respiração e quase perfeita de mais para ser real.

Neste momento, não parece muito perfeito.

Não, é real de mais. É impossível manter a barreira mental que tenho à volta de Eros, de *playboy perigoso*, quando ele está a despir a camisa e a revelar um corpo esculpido pelos deuses. A exaustão patente no seu rosto torna-o ainda mais atraente, algo que mais tarde poderei considerar horivelmente injusto, mas que neste momento faz com que eu não consiga ter oxigénio que chegue nesta divisão para respirar.

Pânico. É isso que estou a sentir. Puro pânico. Não é atração. Não pode ser. Por *ele*, não.



— Estás a despir-te.

Sob o tecido branco, vejo que alguém — provavelmente o próprio Eros — aplicou ligaduras dispersas à volta do peito. Dirige-me um sorriso encantador, apenas ligeiramente tenso nos cantos.

— Fiquei com a impressão de que me querias sem roupa.

— Dispenso. — A palavra sai disparada; a minha *persona* pública, arduamente conquistada, não se vê em parte nenhuma.

— Todas as outras pessoas querem.

Estranhamente, a arrogância dele acalma-me. Inspiro uma vez, depois outra, e lanço-lhe o olhar que esse comentário merece. Reinação. Posso alinhar nisso. Tenho trocado insultos engenhosos com pessoas como Eros durante toda a minha vida adulta.

— É para sentir pena de ti? Ou estás a gabar-te? Sê claro, por favor, para eu poder reagir em concordância.

Eros desata a rir.

— Esperta.

— Tento ser. — Franzo o sobrolho. — Julguei que tinhas a perna ferida.

— É só uma nódoa negra. — Quando muito, o sorriso encantador sobe ainda mais um pouco. — Estás a tentar que eu dispa também as calças?

Se ele estar sem camisa é quanto baste para provocar em mim esta reação de desconforto, não quero, decididamente, que perca mais nenhuma peça de vestuário. Posso entrar em combustão e, se o embaraço não der cabo de mim ali mesmo, dará a Eros uma arma para usar contra mim.

— De maneira nenhuma.

Ele acaba de despir a camisa e expira bruscamente.

— Que pena.

— Tenho a certeza de que vais conseguir sobreviver. — Pouso o *kit* em cima da mesa e observo o peito dele. Algumas ligaduras já

estão lassas e há borrrões vermelhos nos lugares onde o sangue entrou em contacto com a camisa. O que lhe *aconteceu*? Esteve a lutar com uma roseira? — Têm de ser refeitas.

— Força. — Recosta-se e fecha os olhos.

Estou prestes a fazer um comentário acutilante sobre o facto de ele me pôr a fazer o trabalho todo, mas as palavras morrem-me na garganta quando levanto a ligadura e encontro...

— Eros, isto é imenso sangue.

Não sei qual é a gravidade dos ferimentos, com toda aquela confusão de sangue e ligaduras, mas alguns continuam a sangrar.

— Devias ter visto o outro — diz sem abrir os olhos. A confirmar o que eu já suspeitava.

O *outro ainda estará vivo*? É escusado fazer esta pergunta. O facto de ele aqui estar significa que foi bem-sucedido na sua tarefa, fosse ela qual fosse. Acabo de retirar as ligaduras e sento-me a examinar-lhe o peito. Tem pelo menos uma dúzia de golpes.

— Vou limpar isto ou as novas ligaduras não se seguram.

Acena com a mão. Autorização.

Não me permito pensar quando me levanto e me ponho a remexer por baixo do lavatório até encontrar um cesto com toalhinhos limpas. Molho duas e levo as secas para tentar absorver a maior parte do sangue. Demoro vários minutos a limpá-lo.

É nessa altura que me dou conta de que praticamente estou a dar um banho de esponja a Eros.

Sento-me abruptamente.

— Eros, alguns destes ferimentos podem precisar de pontos. — Não parecem tão mal como antes de eu ter limpado, mas não sou médica. De certeza que ele tem um médico pessoal, como todas as casas dos Treze. Não percebo porque é que não chamou essa pessoa, em vez de ter tentado aparecer nesta maldita festa.

— Tudo bem. Aguenta até ao fim da noite.

Franzo o sobrolho.

— Não podes estar a falar a sério. Dás prioridade a ir a uma  *festa*, em vez de ires procurar um médico que te dê a atenção de que talvez precisas.

— Sabes melhor do que ninguém porque preciso de ir. — Com estas palavras, abre finalmente os olhos. Parecem ainda mais azuis do que antes e passa por eles uma expressão estranha. Deve ser dor, porque não há maneira nenhuma de Eros Ambrósia, filho de Afrodite, estar a olhar para *mim* com desejo.

Contrafeita, o meu olhar dispara para a sua boca. Tem uma boca magnífica, de lábios curvos e sensuais. É mesmo uma pena ele ser um assassino perigoso.

Para me distrair desses pensamentos insensatos, ponho-me em pé e vou até ao lavatório. Parece mesmo que estou a fugir, mas estou apenas a lavar o sangue dele das minhas mãos. Olho de relance para o espelho e paro logo o que estou a fazer. Ele fita-me com a expressão mais estranha no rosto. Não se trata do desejo que já me convenci de ter imaginado. Não, Eros olha para mim como se nunca me tivesse visto, talvez como se eu tivesse agido contra as suas expectativas.

Isso não pode, contudo, estar certo. Não importa que eu tenha frequentado as mesmas festas e os mesmos salões de baile que este homem nos últimos dez anos; não há razão absolutamente nenhuma para Eros pensar sequer em mim. Eu garantidamente não passo muito tempo a pensar  *nele*. Pode ser belo, até para Olimpo, imaculado o suficiente para poder ter a sua imagem estampada em todos os painéis publicitários, caso ele quisesse esse trabalho, mas Eros é *perigoso*.

Enxugo as mãos e volto para o lugar à frente dele. De alguma forma, sem todo o sangue à mistura, isto parece mais íntimo ainda. Afasto este pensamento e começo a colocar as ligaduras. Embora esteja à espera de que ele me afaste as mãos e faça ele o trabalho, ele mantém-se perfeitamente imóvel, mal parecendo respirar enquanto eu aplico com cuidado uma ligadura atrás da outra. Tem

cerca de uma dúzia de cortes, feitas as contas, e apesar da minha afirmação de que precisa de um médico, são na sua maioria pequenos e quase pararam de sangrar.

— És muito boa nisto. — A sua voz grave está bastante encrespada. Não sei se me está a acusar ou meramente a fazer um comentário.

Decido interpretar as palavras literalmente.

— Fui criada numa quinta.

Mais ou menos. Tecnicamente, era uma quinta, mas não como as pessoas imaginam a chamada vida de quinta. Não tinha a casita pitoresca com o celeiro vermelho já gasto. A minha mãe pode ter expandido a sua fortuna com os três casamentos, mas não começou propriamente do nada. Éramos uma quinta industrial e o cenário era reflexo disso.

Curvou os lábios, e uma leve faísca tremeluziu nos seus olhos.

— Há muitas feridas de facadas nas quintas?

— Então admites... que foste esfaqueado.

Agora está mesmo a sorrir, embora ainda haja evidência de dor no seu rosto.

— Eu não admito coisa nenhuma.

— Claro que não. — Apercebo-me de que ainda estou muito perto dele e recuo rapidamente, indo até ao lavatório para lavar de novo as mãos. — Mas, para responder à tua pergunta, quando há uma série de grandes máquinas, já para não falar de vários animais que discordam com frequência dos humanos, os ferimentos acontecem. — Em particular, quando se tem irmãs aventureiras como eu tinha. Não que eu vá contar *isso* a Eros. Esta interação já foi demasiado íntima, demasiado estranha. — Tenho de ir.

— Psique. — Espera até que eu me vire para ele. Por um momento, não parece nada o predador confiante que tanto me esforcei por evitar. É apenas um homem, cansado e em sofrimento.

Eros toca numa das ligaduras que tem no peito. — Porquê ajudar o monstro de estimação de Afrodite?

— Até os monstros às vezes precisam de ajuda, Eros. — Eu devia deixar a coisa ficar por aqui, mas a sua pergunta pareceu-me ser de uma vulnerabilidade tão inesperada que não consigo evitar o impulso de o apaziguar. Só um pouco. — Além disso, não és de facto um monstro. Não vejo uma única escama ou presa dignas de nota.

— Há monstros de todos os tamanhos e feitios, Psique. Já devias saber isso, vivendo em Olimpo.

Começa a abotoar a camisa, mas as mãos tremem-lhe tanto que fica a remexer nos botões.

Avanço antes de ter hipótese de me lembrar por que razão isto é uma ideia tão má.

— Deixa que eu faço isso. — Debruço-me e abotoo-lhe a camisa cuidadosamente. Os meus dedos roçam o seu peito nu algumas vezes e tenho a certeza de imaginar a reação dele, expirações sibiladas. Dor. É só isso. Com certeza, Eros não está a reagir ao *meu* toque. Sustenho a respiração quando trato do último botão e recuo. — Pronto.

Ele põe-se em pé. Fico a observá-lo atentamente, mas parece um pouco mais firme do que antes. Enfia o casaco e abotoa-o, escondendo o pior das nódoas de sangue.

— Obrigado.

— Não me agradeças. Qualquer pessoa faria o mesmo.

— Não. — Abana devagar a cabeça. — Não faria nada. — Não me dá oportunidade de responder a isto. Dirige-se simplesmente para a porta. — Vamos. Sobe sem mim; preciso de arranjar uma camisa para trocar esta. — Hesita. — Não seria bom sermos vistos a regressar juntos à festa.

Não seria mesmo. Haveria de pôr os coscuvilheiros de Olimpo a dar à língua, e Afrodite e Deméter podiam reagir com um contra-

ataque de pura raiva. A última coisa que eu quero é estar ligada a Eros de alguma maneira, forma ou feitio.

— Claro.

Quando entramos no corredor, Eros pressiona a mão no fundo das minhas costas. O contacto provoca em mim um choque com a violência de um relâmpago dentro de uma garrafa. Dou um passo em falso e ele move-se depressa, segura-me o cotovelo e impede-me de acabar no chão.

— Estás bem?

— Estou — consigo responder.

Não olho para ele. *Não consigo* olhar para ele. Já foi difícil ignorar esta infeliz faísca entre nós enquanto lhe punha as ligaduras. Não gosto das minhas probabilidades com ele tão perto, com uma mão ao fundo das minhas costas e a outra em concha no meu cotovelo. Eu não devo, de maneira nenhuma...

Levanto o rosto e Eros baixa os olhos e, meus deuses, estamos tão perto. Isto é um erro. A qualquer momento, vou afastar-me e colocar uma distância respeitável entre nós e será como se este pequeno interlúdio nunca tivesse acontecido. A... qualquer... momento...

Um clarão forte encandeia-me. Afasto-me bruscamente de Eros e pestanejo depressa. Oh, não. *Oh*, não, não, não, não. Isto não pode estar a acontecer.

Só que está a acontecer. A minha vista ganha nitidez devagar, e qualquer esperança que eu possa ter de uma lâmpada se ter estilhaçado desfaz-se em fumo. Um homem branco, baixo, de cabelo ruivo e máquina fotográfica nas mãos, encontra-se a poucos passos de distância. Sorri para nós.

— Eu *sabia* que vos vira entrar juntos no elevador. Psique, quer comentar o que está a fazer, tendo saído da festa de Zeus para ficar a sós com Eros Ambrósia?

Eros dá um passo ameaçador em direção do fotógrafo, mas eu agarro-lhe o braço e esforço-me para sorrir.

— É só uma pequena conversa entre amigos.

O homem não perde um instante.

— É por isso que o Eros tem a camisa mal abotoada? E que, nesta fotografia, pareciam prestes a beijar-se?

Vai-se embora antes que eu consiga desencantar uma mentira que faça sentido.

— Estamos lixados — digo entre dentes.

Eros pragueja com muito mais criatividade do que eu.

— Aí está um bom resumo.

Já sei como isto se vai desenrolar. Antes que a noite termine, haverá fotografias de mim e de Eros espalhadas por todos os *sites* de mexericos, e as pessoas vão começar a formular teorias sobre o nosso *romance proibido*. Já estou a ver os cabeçalhos.

*Amantes malfadados! O que dirão Deméter e Afrodite da relação secreta dos seus filhos?*

Esqueçam o contra-ataque enraivecido. A minha mãe vai *matar-me*.

## Capítulo 3

### Eros

#### ***Duas semanas mais tarde***

— Traz-me o coração dela.

— O meu peito sarou bem. Obrigado por perguntares. — Não levanto os olhos do telefone enquanto a minha mãe anda de um lado para o outro na sala, a saia sacudida à volta das pernas. Conhecendo-a como eu a conheço, escolheu a roupa hoje para maximizar os meneios dramáticos.

Uma verdadeira exibicionista.

O telefone não é a distração que eu queria que fosse. Nas duas semanas desde a festa, a especulação e os mexericos sobre mim e Psique Dimitriou não esmoreceram. Quando muito, a nossa recusa em comentar publicamente o assunto só serviu para espicaçar. Não há nada de que Olimpo goste mais do que uma boa história, e a relação entre os filhos de duas inimigas públicas não pode ser outra coisa que não uma boa história. A verdade não importa quando existe uma mentira convincente para contar.

Já para não dizer que o fotógrafo conseguiu uma fotografia-maravilha.

Na imagem, estamos tão próximos, quase abraçados, e ela olha para mim com uma expressão interrogativa. E eu? A minha expressão só pode ser descrita como *faminta*. Eu não faria uma coisa tão insensata como beijar Psique naquele corredor, mas ninguém que olhe para a nossa fotografia acreditará nisso.

— Para de brincar com o telefone e olha para mim.



A minha mãe gira sobre os saltos altos e fulmina-me com o olhar. Tem cinquenta anos e, embora ela me esfolasse vivo por eu dizer isto, não tem rugas nem cabelos brancos a traí-la. Gasta uma fortuna a manter a pele suave e o cabelo num tom perfeito de louro gélido. Já para não falar nas horas infindáveis com o *personal trainer* para conseguir um corpo pelo qual raparigas de vinte anos matariam. Tudo em nome do seu título, Afrodite. Quando se tem o papel de casamenteira de Olimpo — vendedora ambulante de amor —, é preciso corresponder a determinadas expectativas.

— Eros, pousa a porcaria do telefone e presta atenção ao que eu te digo.

— Estou a ouvir. — O meu tom de voz entediada revela a minha paciência decrescente, mas já estou farto desta conversa. Tivemos variações uma dúzia de vezes nestas últimas duas semanas. — Já te contei o que realmente aconteceu.

— Ninguém quer saber o que realmente aconteceu. — Agora está quase a guinchar, a sua voz deliberadamente enrouquecia a subir de tom e a ficar mais aguda. — Estão a arrastar o teu nome pela lama ao associarem-no à filha daquela arrivista.

Não lhe faço notar que o título de Afrodite não tem mais legado do que o de Deméter. Os únicos títulos de Olimpo que passam de pais para filhos são os de Zeus, Hades e Posídon. Os restantes Treze são atribuídos a adultos, tanto de maneiras lícitas como clandestinas. A minha mãe não suporta o facto de ter sido nomeada pela última Afrodite, quando Deméter foi escolhida por eleição da cidade.

O povo escolheu Deméter e ela nunca deixou que a minha mãe o esquecesse.

— Não faltará muito para o próximo escândalo. Tem paciência.

— *Tu* não me dizes o que fazer, filho. *Eu* dou as ordens, tu obedeces. — Para diante de mim e fulmina-me com o olhar. — Foste tu que criaste esta confusão. Se tivesses feito o último serviço como deve ser, não terias sido fotografado com *aquela rapariga*.

— Mãe.

Não sei porque estou a discutir. Quando a minha mãe perde as estribeiras, é impossível distraí-la. É uma das razões por que as pessoas andam com pezinhos de lã à volta dela. Até *eu* tenho de andar com pezinhos de lã à volta dela. Ela pode apresentar ao público a nossa relação de mãe adoradora e filho leal, mas a verdade é bem menos apelativa. Eu sou o punhal de Afrodite. Ela diz-me aonde ir, que vingança encenar, e eu obedeço como a porra de um soldadinho de chumbo. Nunca me é perguntado o que eu penso, e é certo como o raio que nunca sou ouvido. Eu *disse-lhe* que tínhamos de esperar para tratar de Polifonte, em vez de fazermos as coisas à pressa na noite da festa, mas Afrodite insistiu no assunto.

Ela insiste sempre na porra do assunto.

— O coração dela, Eros. Não me faças pedir outra vez.

Engulo a minha irritação, mas muito pouco.

— Vais ter de ser mais específica, mãe. Queres *literalmente* o coração dela? Tens uma caixa de prata especialmente escolhida para o efeito? Se calhar, podes metê-la na prateleira da lareira, ao lado da fotografia da minha formatura.

Afrodite produz um som suspeitosamente semelhante a um sibilo.

— És mesmo um merdinhas.

Esta é a Afrodite que ela não mostra a mais ninguém em Olimpo. Só eu tenho o dúbio privilégio de testemunhar o monstro que a minha mãe realmente é.

Mas, também, não sou pessoa para atirar pedras nesta matéria.

*Não vejo uma única escama ou presa.*

Quase estremeço ao pensar na voz suave de Psique. Julgava mesmo que ela fosse mais inteligente; só uma tola se movimentaria praticamente nos mesmos círculos que eu ao longo de dez anos *sem* me chamar monstro.

Faço alarde de desligar o ecrã do telemóvel para lhe prestar toda a minha atenção.

— Decidiste seguir este caminho, portanto agora não sejas tímida.

Outra pessoa estremeceria perante o meu tom de voz suave, percorrido pela subliminar ameaça de violência. Afrodite limita-se a rir.

— Eros, querido, tu és mesmo de mais. Depois daquela artimanha da Deméter no outono passado, com a sua outra filha e o Hades, ela acha mesmo que me pode passar a perna e instalar a *Psique* como próxima Hera. Só por cima do meu cadáver. Ou, melhor, do *dela*.

Sinto um estranho aperto no peito, mas ignoro-o.

— Se estás assim tão furiosa com a Deméter, faz alguma coisa em relação a ela, não à filha.

— Tu sabes que não é assim. — Descarta a ideia com a ponta dos dedos. — Tanto a mãe como a filha precisam de uma lição. A Deméter tem usado a sua posição para conseguir o que quer, achando-se mais do que uma agricultora glorificada. Isto vai fazê-la encolher-se um pouco.

Só a minha mãe para considerar que a morte de uma filha faz uma pessoa encolher-se um pouco.

Mas ela fará tudo para manter o poder. Afrodite é responsável por inúmeras coisas, mas a sua tarefa mais popular é arranjar casamentos entre os ricos e a elite de Olimpo. Os Treze e respectivas famílias, sim, mas também os que se encontram no círculo de influência mais amplo e que nunca chegam a ir às festas na Torre de Dodona.

Com Deméter a imiscuir-se no seu território, não é de admirar que a minha mãe tenha a cabeça prestes a explodir. Foi ela quem arranjou os três casamentos do último Zeus — aquele sacana estava sempre a matar as mulheres, o que calhava bem à minha mãe, que adora casamentos e detesta tudo o que se lhes segue.

Encontrar uma nova Hera para o novo Zeus é a sua principal prioridade, e parece que Deméter está decidida a lançar Psique para a posição de Hera sem consultar Afrodite.

Tento imaginá-lo, mas a minha mente rebela-se contra a ideia. Só consigo ver a ruga de concentração entre as sobrancelhas de Psique enquanto me colocava as ligaduras. Por certo que uma pessoa ingênua o suficiente para mostrar bondade ao filho da sua inimiga é o mesmo tipo de pessoa que será comida viva se estiver na posição de Hera.

Pigarreio.

— Como anda o Zeus? Não gosta de nenhuma das tuas opções elegíveis?

Até há uns meses, ele era Perseu, mas o nome é a primeira coisa a ser sacrificada no altar dos Treze. Em tempos, fomos amigos, mas a vida em Olimpo tem tendência a obrigar as pessoas a separarem-se. Com os anos, Perseu foi ficando cada vez mais embrenhado na sua formação para se tornar o próximo Zeus. E eu? Bem, a minha vida seguiu um caminho igualmente sombrio. Continuamos a ser amigos, creio eu, mas separa-nos uma distância que nenhum de nós consegue reverter. Nem sequer sei por onde começar a tentar.

Deixei que o pensamento se afastasse. Perseu foi herdeiro de Zeus a vida toda. Sabia que ficaria com o título quando o pai morresse. Se isso aconteceu um pouco mais cedo do que todos esperavam... bem, ele é mais do que capaz de dar conta do recado. O problema não é meu. *Não pode* ser problema meu. Afinal, *eu* não matei o homem.

— Não mudes de assunto — diz ela bruscamente. — Desde que a Perséfone fugiu para juntar os trapinhos com o Hades que Olimpo está em desequilíbrio. Agora a Deméter acha que vai juntar mais uma filha com outra posição de legado? E o que vai ser a seguir? Casar aquela fera da filha mais velha com o Posídon? — Suspira com irritação. — Não me parece. Alguém tem de estar em cima da Deméter e, se mais ninguém se chega à frente, temos de ser nós.

— Queres dizer que *tenho* de ser eu. É verdade que exiges um coração, mas ambos sabemos que quem tem de fazer o trabalho todo sou eu.

Não me apetece nada que alguém comece a pedir a minha cabeça, por isso tento que haja um mínimo de homicídios. É muito mais fácil eliminar um rival com um boato certo ou simplesmente ficar a observá-lo até as suas próprias ações fornecerem as munições para a sua queda. Olimpo está a abarrotar de pecado, para os que acreditam nessas coisas, e não há ninguém no círculo reluzente dos Treze que não tenha a sua quota-parte de vícios.

Exceto, segundo parece, as filhas de Deméter.

Tentaram arduamente manter-se afastadas da ribalta, e até funcionou... pelo menos até há uns meses. Desde que o velho Zeus decidiu que queria Perséfone para si — e que bem que isso lhe fez à saúde —, Olimpo tornou-se fanática pelas irmãs Dimitriou. Afinal de contas, a história de Perséfone parece um épico intemporal, o tipo de merdas que os *sítes* de mexericos engolem logo. Zeus conduziu-a diretamente para os braços de Hades, o que, por sua vez, trouxe Hades das sombras da cidade inferior. Ninguém antecipou *isso*.

Zeus e o resto da cidade alta gostam de fingir que Olimpo termina no rio Estige. Hades era um pouco como um segredinho sujo do conhecimento apenas dos Treze e de uns quantos escolhidos. Agora está às claras e todo o equilíbrio de poder de Olimpo se encontra num estado de incerteza. Vão ser precisos meses para as coisas assentarem, possivelmente mais do que isso.

O romance de Hades com Perséfone só serviu para intensificar o fascínio de Olimpo pelas irmãs Dimitriou. Todas elas são atraentes, mas nenhuma se *enquadra* bem. Perséfone esteve sempre de olhos postos no horizonte, e a sua determinação em arranjar uma maneira de sair da cidade era clara para qualquer pessoa com um pinga de argúcia. Calisto, a mais velha, é tão feroz como diz a minha mãe. Está sempre metida em discussões ou a dizer coisas que não devia, com uma recusa descarada em

participar nos jogos de poder de Olimpo, que simultaneamente atrai as pessoas e as faz ressentirem-se. Eurídice, a mais nova, é bonita e doce e ingénua de mais para uma pessoa desta cidade.

E depois há Psique. Não é só diferente das irmãs fisicamente — é *diferente* e pronto. Entra no jogo e joga-o bem, sem parecer que o faz. Tem esta cena despretensiosa, mas já a observo há tempo suficiente para reparar que nunca age por acaso. Não posso provar isto, claro, mas acho que tem um cérebro hábil como o da mãe.

Nada *disso* explica o sucedido na noite da festa de Zeus: se Psique fosse mesmo tão calculista como a mãe, nunca se teria deixado apanhar a sós comigo. Não me teria posto as ligaduras. Não teria feito *nenhuma* das coisas que aconteceram a partir do momento em que a vi no corredor.

Não que eu tenha um fundo moral digno de nota, mas até eu acho que é merdoso recompensar a bondade dela acabando com a sua vida.

— Eros. — A minha mãe estala os dedos à frente da minha cara. — Acaba lá com os devaneios e faz-me este recado. — Sorri devagar, os olhos azuis tornam-se gélidos. — Traz-me o coração da Psique.

— Pensaste bem nisto? — Ergo as sobrancelhas, esforçando-me por manter uma expressão de desinteresse. — Ela é adorada por centenas de milhares de olímpianos... Pelo menos, tendo em conta o número de seguidores que tem nas redes sociais.

Dou-me conta do meu erro no preciso instante em que Afrodite me faz uma careta jocosa.

— É uma miúda gorda com pouco estilo e sem substância. A única razão por que o MuseWatch e outros *sites* a seguem é por ela ser novidade. Nem chega aos calcanhares da minha categoria.

Não discuto com ela, porque não vale a pena, mas a verdade é que Psique é linda e tem um estilo que cria tendências de uma maneira com que Afrodite só pode sonhar. E é exatamente esse o

problema. A minha mãe decidiu matar dois coelhos de uma cajadada só.

— Não tinha percebido que estavam em competição.

— Porque não estamos mesmo. — Descarta a ideia com um aceno da mão, como se eu fosse parvo e acreditasse nela. — A questão aqui não sou eu. És tu. — Pousa as mãos nas ancas. — Quero isto resolvido, Eros. Tens de fazer isto por mim.

Sinto uma pontada no peito, mas ignoro-a. Se eu acreditasse em almas, as minhas ações teriam assegurado há muito o sacrifício da minhas Há um preço para o poder nesta cidade e, com uma mãe entre os Treze, nunca tive uma hipótese de inocência. Se não estivermos no topo da estrutura de poder de Olimpo, estamos a ser pisados por alguém que nos usa como degrau para avançar. Não tenho alternativa. Nasci neste jogo e a única opção que tenho é ser o melhor, o mais assustador, a pessoa com quem os outros evitariam meter-se a todo o custo. Isso faz com que eu e a minha mãe estejamos em segurança. Se isso significa que, por vezes, me é pedido para lhe fazer estes *recadinhos*... É um pequeno preço a pagar.

— Eu trato disso.

— Antes do final da semana.

Isso não me dá muito tempo. Reprimo o laivo de ressentimento em mim e anuo com a cabeça.

— Eu disse que trato disso, e trato.

— Ótimo. — Dá meia-volta, a saia oscilando de novo teatralmente à sua volta, e sai da sala a passo largo.

É mesmo assim, a minha mãe. Cheia de entusiasmo para proclamações de vingança e carregada de exigências, mas quando chega a hora de fazer as coisas, de repente tem de ir a algum sítio.

Tudo bem. Sou bom naquilo que faço porque sei quando devo dar nas vistas e quando devo passar despercebido. Afrodite não saberia ser subtil nem que a sua vida dependesse disso. Espero trinta segundos antes de me pôr em pé e me dirigir para a porta da

rua. Se ela mudar de ideias e voltar para disparatar mais um pouco, vai ficar chateada por encontrar a minha porta trancada, mas não gosto que me interrompam quando começo a planear.

E, sinceramente, de vez em quando faz bem à minha mãe ficar frustrada. Controla uma parte tão grande da minha vida que é importante que eu tenha pelo menos um espaço isento de Afrodite — ainda que ocasionalmente. Ela controla uma parte tão grande da minha vida. Por mais que eu me irrite, as minhas opções são limitadas. A minha mãe faz parte dos Treze. Seja onde for que eu resida em Olimpo, é um facto que ela tem todas as cartas na mão — todo o poder — e eu sou uma mera ferramenta em que ela pega conforme lhe apetece.

Não sou um santo. Há muito que me reconciliei com o meu estilo de vida. Mas, porra, às vezes asfixia-me, em especial quando Afrodite dá uma ordem que sinto ser particularmente cruel. Psique *ajudou-me* e agora a minha mãe ordenou que fosse a *minha* mão a fazê-la cair.

Atravesso a *penthouse* até chegar ao equivalente de uma sala segura. Uso-a para guardar coisas que não quero ver nas mãos de convidados abelhudos — ou de Hermes. Ela já tentou forçar a entrada pelo menos uma dúzia de vezes e, até agora, a minha segurança aguentou-se, mas estou bem ciente de que ela pode acabar por conseguir. Ainda assim, é a melhor opção que tenho disponível.

Quando tranco essa porta, sento-me atrás do computador a ponderar as minhas opções. Isto seria tão mais simples se Afrodite se limitasse a querer fazer de Psique um exemplo não letal. É verdade que, no seu jeito discreto, ela está a construir uma reputação de influenciadora, mas é fácil queimar reputações, deixando-as em cinzas. Fiz isso dezenas de vezes ao longo dos anos, e não há dúvida de que o farei muitas mais. Basta um pouco de paciência e a capacidade de manter um jogo de longa duração.

Mas não, a minha mãe quer literalmente o coração dela. Qual Rainha Má. Abano a cabeça e puxo os meus ficheiros sobre as



irmãs Dimitriou. Tenho ficheiros sobre os Treze e respetivas famílias diretas, assim como amigos chegados. Em Olimpo, a informação constitui noventa por cento da batalha, por isso faço um grande esforço por me manter informado. Desde a festa, há duas semanas, que dediquei um interesse particular a Psique, e nem sequer posso culpar a minha mãe por isso.

Psique não tinha de me ajudar.

Teria sido muito mais inteligente se tivesse virado costas e fingido que não me vira. Era o que qualquer outra pessoa teria feito. Até alguns que considero amigos teriam optado por isso. Não os culpo. Em Olimpo, é cada um por si.

Vou dicando nos artigos mais recentes do MuseWatch. Perséfone visitou brevemente a família no fim de semana passado e causou grande agitação por ter trazido consigo o recém-marido. A aliança Hades-Deméter é algo que ninguém previu, e está a alimentar a paranoia da minha mãe. Ela tinha o último Zeus a rédea curta, mas o filho dele não mordeu o isco que ela lhe está sempre a pôr à frente. Isso deixa-a preocupada.

Paro numa fotografia de Psique às compras com as irmãs. As irmãs Dimitriou parecem genuinamente adorar-se e apoiar-se umas às outras. Podem entrar a medo nos jogos de poder, mas mantêm-se sobretudo à parte. Não sei se por se acharem melhores do que os outros, se por sermos tão naturalmente insulares que não as recebemos propriamente de braços abertos quando apareceram. A minha mãe gosta de rotular a família inteira de arrivista, e muitas pessoas dos núcleos duros dos Treze começaram a fazer o mesmo.

Mas, se isso fosse verdade, Perséfone Dimitriou não teria ousado cruzar o rio Estige para tentar escapar a um casamento com Zeus.

E Psique não a teria ajudado.

Eu próprio não sei exatamente o que aconteceu naquela noite, mas sei do envolvimento de Psique — e não foi no papel de pessoa racional a convencer a irmã de que este casamento ajudaria a posicionar melhor a família. Se fosse outra família qualquer, Psique

teria aproveitado a ausência da irmã para se colocar à frente de Zeus na qualidade de candidata a nova Hera.

Em vez disso, ajudou a irmã. Tal como me ajudou a mim.

Estudo a imagem de Psique. Tem cabelo comprido, escuro, e lábios carnudos que parecem sempre curvados num sorriso secreto. Ao olhar para ela, não posso culpar os *sítes* de mexericos pela sua obsessão: ela parece confortável no seu corpo e esse tipo de coisa é sensual como a porra.

É extremamente fotogénica, mas as imagens continuam sem lhe fazer justiça. Há algo na sua presença em pessoa que faz com que os outros se endireitem e prestem atenção, mesmo quando obscurece a sua luz o melhor que pode, como parece fazer sempre nas festas que ambos frequentámos ao longo dos anos.

Não estava a obscurecer a sua luz no corredor, nem na casa de banho onde me colocou as ligaduras. Não creio que tenha sido de propósito, mas tive um vislumbre de uma mente luminosa e inquiridora por detrás daquela cara bonita. Pode dar a impressão de que só tem beleza, mas é inteligente. Inteligente de mais para ser apanhada a sós comigo; no entanto, arriscou e queimou-se. Porquê? Porque era tão óbvio que eu precisava de ajuda. *Porque, às vezes, até os monstros precisam de ajuda.*

Tudo isto me faz chegar a uma conclusão muito infeliz.

Psique Dimitriou pode, com efeito, ser o equivalente de um unicórnio em Olimpo: uma boa pessoa.

Praguejo e fecho a janela. Não importa que ela seja uma brasa, nem que eu respeite a maneira como se desviou tão eficazmente dos jogos de poder desde que a família entrou em cena, nem que seja *boa pessoa*. A minha mãe tem uma tarefa e eu conheço as consequências de falhar.

Exílio.

Ser deixado sem nada. *Ser nada.*

Afrodite gosta de me recordar que a única coisa em que eu sou bom é a fazer mal às pessoas. Mesmo reconhecendo nisto a

descarada manipulação. .. ela não está errada. Não sei gerir uma empresa como Perseu. Não sei encantar as pessoas e deixá-las à vontade como Helena. Porra, nem sequer sou muito bom a forçar entradas, como Hermes.

Já para não dizer que muitas vítimas de Afrodite — *minhas* — foram para o exílio. Não me agradam as hipóteses que tenho de sobreviver um ano que seja sem que uma me encontre e se vingue, caso eu acabe por partilhar o destino delas.

O melhor é não pensar muito nisso. Vou tratar do assunto e depois arranjar companhia para me perder numa semana a foder e a beber e a fazer o que for preciso para ficar completamente anestesiado. Como faço sempre.

Com mais um palavrão, pego no telefone.

Uma voz feminina animada atende.

— Eros, o meu deus do sexo preferido. É o meu dia de sorte.

Geralmente, é difícil não sorrir quando estou a lidar com Hermes. É incorrigível e a única dos Treze cuja presença aprecio realmente. Hoje não tenho grande vontade de sorrir.

— Hermes.

Suspira.

— É trabalho, portanto.

— É trabalho — confirmo.

Nem sempre é trabalho, entre mim e Hermes. Nós já nos envolvemos algumas vezes ao longo dos anos, mas acabámos por assentar em algo parecido com uma amizade. Não que eu confie nela — afinal de contas, o seu título é praticamente de chefe de espionagem —, mas gosto dela.

— Só trabalho, sem prazer, faz do Eros um chato.

— Não podemos todos passar o tempo a fazer de bobos na corte do Hades.

Ela ri-se.

— Não fiques chateado por o Hades te ter banido das suas masmorras de sexo. Terias feito o mesmo, no lugar dele.

Ela tem razão, mas isso não significa que eu vá admiti-lo. A única razão por que Hades me deixava atravessar o rio Estige de um lado para o outro sem problemas era termos uma espécie de relação com benefícios mútuos. Ele controlava a informação que eu passava à minha mãe. Eu apreciava a hospitalidade dele. Tudo isso mudou com a entrada em cena de Perséfone. Ela expandiu a lealdade dele: de si, apenas, para aquela que agora é a sua mulher — e a mãe dela, Deméter.

Sendo que Deméter e a *minha* mãe se odeiam, atualmente sou *persona non grata* na cidade inferior. Quando Hades cortou relações comigo, cortou a minha principal válvula de escape. Não que isso agora tenha importância, mas Hermes sempre soube encontrar os pontos fracos das pessoas... para depois se pôr a saltar em cima deles.

— Gostava que entregasses uma mensagem minha, mas é de natureza delicada.

Uma pausa.

— Está bem, sou toda ouvidos. Para de brincar com as minhas emoções e conta-me o que andas a tramar.

Obrigo-me a esboçar um pequeno sorriso enquanto lhe digo, em traços largos, de que preciso. O papel de Hermes nos Treze é ser um bocadinho mensageira, um bocadinho espia, um bocadinho agente do caos para diversão própria. A sua única lealdade verdadeira é a Dioniso e, mesmo aí, não sei bem se a amizade aguentaria caso as coisas aquecessem muito. Contudo, não é ele o meu alvo, por isso, não duvido que ela faça exatamente o que lhe peço.

Quando termino, ela dá uma gargalhada alegre.

— Eros, meu espertalhão depravado. A tua mensagem será entregue até amanhã de manhã. — Desliga antes de eu poder responder.

Recosto-me com um suspiro e esfrego o peito.  
Independentemente das minhas opiniões pessoais nesta matéria, as coisas estão em movimento. É tarde de mais para voltar atrás e mudar o passado; só posso fazer o que sempre fiz: ficar por cima.

Psique Dimitriou estará morta antes do final da semana.

## Capítulo 4

### Psique

— Eu juro pelos deuses, se a minha mãe recebe mais um convite para uma festa, armo-me em Zeus e atiro-me da janela.

Faço uma pausa a meio da tarefa de verificar os vestidos no varão à minha frente. Nenhum deles me serve. São todos bonitos, dentro de um género pálido, mas esta estilista tem o péssimo hábito de se limitar a acrescentar centímetros aos tamanhos grandes, em vez de ter efetivamente em conta que as minhas curvas são diferentes de um XS. Ouvi dizer que tinham melhorado com a nova linha de primavera, mas é evidente que estava mal informada.

Essa irritação importa menos do que o que a minha irmã está a debitar atrás de mim, ao alcance dos ouvidos de todas as pessoas que estão na loja. A última coisa de que eu preciso é de mais escândalos, especialmente agora. Os rumores acerca de mim e Eros duraram mais tempo do que eu esperava — tem sido um mês com poucas notícias em Olimpo e a fotografia *era* mesmo excelente para pôr a fábrica de mexericos em movimento —, mas hão de passar. Ou passarão desde que baixemos a cabeça e fechemos a boca. Eros desapareceu do olhar do público; que esperteza da sua parte. Eu não tenho essa opção, por isso, o único caminho alternativo é seguir com a minha vida como se não fosse o objeto das conjeturas de todos.

Hoje, isso significa ir às compras.

Sorte a minha que a minha irmã mais velha se está a sentir superprotetora e decidiu ir atrelada a mim. Dou meia-volta e olho para Calista. Como sempre, está vestida em estilo pseudo-grunge, que lhe dá um ar de modelo em dia de folga. Partilhamos o mesmo cabelo castanho-escuro e os olhos esverdeados, mas a beleza de Calisto é gritante, ao passo que a minha é uma variante mais suave. Ela nunca teve de lidar com a mãe a tentar orientá-la *gentilmente*

para experimentar uma nova dieta, mas qualquer ressentimento da minha parte relativamente às nossas diferenças é coisa do passado.

O que *não* é coisa do passado é o raio da sua imprudência.

Dirijo-me em passo de marcha até onde ela está, esparramada no sofá da área de espera, e inclino-me para a frente.

— Fala baixo.

Calisto estreita os olhos.

— O que é que te rala estas *fashionistas* ouvirem? Só estou a dizer a verdade.

Passaram pouco mais de dois meses sobre a morte «acidental» de Zeus, e Olimpo ainda está atordoada. Fazer uma piada sobre o assunto será de mau gosto dentro de vinte anos; neste momento, é uma maneira excelente de atrair o tipo de manchete de que *não* precisamos.

As filhas Dimitriou gozam com a morte do antigo Zeus!

Na sequência da fotografia de Eros, a minha mãe pode vir a dar seguimento a uma das suas muitas ameaças de atirar as filhas frustrantes pela janela mais próxima. Tenho a certeza de que Perseu — hã, Zeus — ficaria encantado com isso. Temos instruções rigorosas para evitarmos fazer com que ele se zangue, e Calisto parece ter feito disso um desafio para ver até onde pode esticar a corda. Em circunstâncias normais, seria uma irritação de somenos importância, mas, neste momento, estamos debaixo de um holofote bem mais intenso. Continuo sem acreditar como pude ser tão parva a ponto de me deixar apanhar com o filho de Afrodite. Recebi nada menos do que três sermões da minha mãe acerca da minha irresponsabilidade e de como isto afetará as minhas hipóteses com Zeus.

Ter o meu nome riscado da lista de potenciais companheiras de Zeus não é grande perda, na minha opinião, mas sou suficientemente esperta para não dizer isso em voz alta.

Ao contrário da minha irmã.

Inclino-me mais e baixo o tom de voz.

— Sabes que está toda a gente a olhar para nós agora. Para de pôr mais achas na fogueira.

Calisto ergue as sobrancelhas, sem ponta de arrependimento.

— Se parasses de ser minha ama, eu faria alguma coisa para tirar o foco das atenções de cima de ti. Não é preciso muito e eu até ia gostar.

— Calisto, não. — O conceito que ela tem de *ajuda* costuma ser precisamente o oposto disso. Embora saiba que não o deva fazer, não consigo evitar perguntar: — E afinal o que farias?

— Ah, ainda não pensei bem nisso. Provavelmente, empurro a Afrodite para o meio do trânsito. Talvez tenha sorte e o parvalhão do filho esteja com ela. Uma promoção de dois por um.

Claro. Não sei porque perguntei.

— Se chateares o Zeus e a mãe, vou ter de ser a limpar a porcaria. Não o faças, peço-te por mim.

Abre a boca como se fosse rosnar, hesita e, por fim, pragueja.

— Está bem, pronto. Vou ser simpática, mas estou a falar a sério quando digo que não quero ir à próxima festa. Agora que a Perséfone está fora, alegremente a viver o casamento feliz, a mãe já não me deixa dar desculpas.

Não comento que houve várias festas desde que Perséfone se mudou para a cidade inferior e que Calisto nunca deixou que a mãe a intimidasse. Está a fazer isto por mim, para eu não ter de enfrentar as víboras sozinha. Realmente, é a única capaz de o fazer. Depois de ter ficado de coração partido por causa de Orfeu, Eurídice está demasiado frágil para lidar com as facadas nas costas da multidão cintilante que rodeia os Treze — e já antes não era muito boa nisso. Tem tendência para acreditar na palavra dos outros e pressupor inocência quando se encontra rodeada por pessoas que mentem com todos os dentes.

Calisto não tem esse problema. Mas, também, é muito mais provável que golpeie uma pessoa com um garfo de salada — ou que a empurre para o meio do trânsito, aparentemente. A primeira



destas coisas fê-la ela, de facto, na penúltima festa; foi por essa razão que a mãe cedeu e a deixou ficar em casa recentemente. O que me lembra uma coisa...

— Como *está* o Ares? Não vi nada sobre ele no MuseWatch.

Agora que penso nisso, também não o vi na última festa.

— Tenho a certeza de que *está* bem. Foi só um ferimento superficial. — Afasta o cabelo do ombro. — Se ele não tivesse chamado à Perséfone uma volúvel p... — Pragueja. — Recuso-me a repetir. Se ele não tivesse chamado *aquilo* à nossa irmã, não haveria problema.

— São só palavras, e a Perséfone *está-se* a marimbar para o que pensam dela deste lado do rio... Tirando a família, claro.

— Ela *está-se* a marimbar, mas *eu* não. — Calisto examina as unhas. — Eles podem lutar com palavras, mas acabarão por perceber que eu não me fico por aí.

— Insultos e agressões são duas coisas muito diferentes. — Se bem que, sinceramente, não creio que, desta vez, a mãe tenha posto água na fervura como fez com... os desacertos de Calisto no passado. Se o tivesse feito, teríamos ouvido falar nisso, mas, após o sermão inicial, o assunto nunca mais veio à baila.

— São? — Encolhe os ombros. — Isso escapa-me.

É impossível chegar a Calisto. Ela pode consentir em frequentar as infinitas festas para as quais a mãe nos arrasta, mas nunca há de entrar no jogo. Continuo sem perceber como é que ela consegue *isso*, mas é algo que não sou capaz de replicar.

— Se eu for experimentar uns vestidos, tu portas-te bem?

Encolhe apenas um ombro.

— Não há aqui ninguém que me chateie, por isso as probabilidades são boas.

Só são boas enquanto isso continuar a ser verdade. Endireito-me.

— Existe uma coisa chamada autodomínio. De vez em quando, devias experimentar. Pode ser que até gostes dos resultados.

A minha irmã ri-se. Pode roçar a crueldade com toda a gente que não faça parte da nossa pequena unidade familiar, mas ri-se como um anjo — ou, mais precisamente, como uma sereia. Apanho a assistente da loja a espreitar com interesse na nossa direção e mal consigo resistir a revirar os olhos.

— Não demoro.

— Boa ideia.

Tiro do varão as opções mais promissoras e dirijo-me aos provadores. São suficientemente grandes para caberem várias pessoas em cada um, o que faz sentido, porque tanta da nata olimpiana parece vestir-se em comité. Talvez eu também me vestisse, se alguma das minhas irmãs mostrasse qualquer interesse por moda. Calisto ignora-a e Eurídice veste o que estiver à mão. Perséfone é a única que costumava gostar de moda, um pouquinho, mas as idas com ela às compras são coisa do passado. Agora anda muito ocupada a governar metade da cidade com o marido.

Não me ressinto da felicidade de Perséfone. Não mesmo. Mas tenho saudades dela. As suas visitas pouco frequentes a este lado do rio Estige nunca nos chegam, e a nossa mãe já vê como um problema o facto de Eurídice ir tantas vezes à cidade inferior. Se eu também começasse a fazer o mesmo, a cabeça dela podia explodir. Especialmente agora.

Não, para o bem e para o mal, as minhas opções são limitadas.

Dispo o meu vestido e experimento o primeiro. Tal como eu desconfiava, não assenta nada bem. Ajusta-se ao corpo em sítios onde não devia ajustar-se e fica largueirão em sítios onde não devia ficar. Suspiro e dispo a peça dececionante.

— Os deuses nos livrem desse vestido. Esperava mais da Tália.

Fico petrificada a meio do gesto de pendurar o vestido. Conheço esta voz, mas digo a mim mesma que é impossível, embora olhe para o espelho e encontre o olhar de Hermes. É uma mulher negra

e franzina, que usa o cabelo natural e tem uma preferência por óculos extravagantes, de armação grande, e o dom da imitação. Hoje, os seus óculos são de um vermelho-vivo e usa calças roxas cintilantes, um casaco de capuz cor de laranja com um gato estampado à frente, de olhos esbugalhados, e *Chucks* vermelhos. Imagino que quando se é um dos Treze se pode fazer o que se quiser, que as pessoas aceitam e pronto. Os benefícios do poder. Hermes, em particular, parece não querer saber do que os outros pensam dela. Parece gostar de chocar as pessoas e desafiar as suas expectativas, o que bastaria para a tornar interessante aos meus olhos, mas é um dos Treze, por isso tento manter-me longe dela.

Agora não há como manter-me longe dela.

Não tento tapar-me, não fico corada, não reajo de nenhuma maneira que lhe dissesse que me sinto espantada com este desenvolvimento.

— Olá, Hermes.

— Olá, Psique. — Debruça-se e fita os meus seios. — Isso é um sutiã da Juliette? É requintado. E não digo isso só por as mas mamas serem cinco estrelas.

Faço um esforço para ter paciência. Não passei muito tempo em interação com Hermes, mas as poucas conversas que tivemos foram como atravessar de olhos vendados um campo de minas. Perséfone gosta dela, mas Perséfone agora tem poder suficiente para se *poder* associar a membros dos Treze sem ter medo de que a passem a ferro. Eu não tenho essa sorte. Não há nenhuma boa razão para Hermes aqui estar, mas eu espero, sem esperança, que seja apenas a curiosidade a trazê-la até aqui, e não os seus deveres oficiais.

— Em que posso ser útil?

— Se calhar, apareci só para conversar.

Não suspiro de alívio. Nem pensar, com *aquela* expressão endiabrada nos olhos escuros dela.

— E apareceste?

— Não. — Rasga um sorriso ao ver a expressão do meu rosto.

— Pronto, está bem, apanhaste-me. É um assunto oficial. Tenho uma mensagem para ti.

Caraças, é disso que eu tenho medo.

— Uma mensagem que não podia esperar até eu estar vestida.

Ela encolhe os ombros.

— Desculpa, querida. Está marcada como urgente. Sabes como são estas coisas.

Sei, mas sobretudo em teoria. Evitei intencionalmente as piores armadilhas que a nata de Olímpia tem para oferecer. Em teoria, tenho uma fração de poder, dado Deméter ser minha mãe, mas a verdade é muito mais complicada do que isso. Mesmo no seio dos Treze há hierarquias. Os títulos de legado — Zeus, Hades e Posídon — destacam-se. O estatuto dos restantes varia, dependendo do ano, da estação, às vezes até da semana. A antiguidade conta para alguma coisa, assim como as responsabilidades de certos títulos — Ares com o exército pessoal de Olimpo, por exemplo. Acrescente-se a isto alianças, vinganças e reclamações mesquinhas, e um passo em falso pode pôr Olimpo inteira contra uma pessoa.

Todos vimos isso acontecer a Hércules. Na qualidade de membro da família de Zeus, devia ter sido praticamente intocável, mas foi muitíssimo . insistente em revelar o lado negro e sórdido da política cintilante da cidade alta. Como consequência, todos, sem exceção, se viraram contra ele. A história oficial é que deixou Olimpo de sua livre vontade, mas dado toda a gente agora ter medo de mencionar sequer o seu nome, a mensagem é clara como água.

Chateia os Treze e eles eliminam-te da existência.

Reprimo um suspiro.

— Está bem, vamos lá ouvir a mensagem.

Hermes endireita-se e pigarreia. Quando fala, uma voz de homem sai de entre os seus lábios.

— Esta confusão não vai dissipar em breve. Só há uma maneira de impedir as nossas mães de fazerem a sua vingança. Vem ter comigo hoje à noite ao Érebo. Vem sozinha.

Conheço esta voz.

— Eros.

Onde é que ele tem a *cabeça*? A ultima coisa que podemos fazer é arriscar sermos vistos juntos. Os *paparazzi* que alimentam o MuseWatch são demasiado sabidos para perderem uma oportunidade destas, mesmo que nos encontremos num lugar que nenhum de nós frequente por norma. Sermos apanhados num encontro fortuito é uma coisa, mas em dois? Vai incitar um inferno de mexericos.

— Porque é que ele não me telefona, se quer falar comigo?

Hermes arqueia as sobrancelhas.

— E arriscar-se a que graves a conversa e a uses contra ele?

É um bom argumento, mas, mesmo assim...

— Seja como for, nada me impede de fazer isso.

— Talvez ele te *reviste*... de uma maneira bem sensual. — Hermes oscila nas pontas dos pés. — Sabes, tenho de perguntar. Vocês estavam enrolados na casa de banho, naquela festa de há duas semanas?

— Não. — A minha mente oferece-me a imagem de Eros com sangue na camisa, a voz grave a dizer: *É o sangue da última rapariga bonita que fez demasiadas perguntas. É o sangue da última rapariga bonita que fez demasiadas perguntas.* Ele é o capanga de Afrodite. Terá ela decidido que *eu* sou um problema que tem de ser tratado?

Não, isso não faz sentido. Existem mil e uma maneiras de enterrar uma pessoa em Olimpo sem ter de lhe fazer mal fisicamente, ou de entrar em contacto direto com ela. Mesmo enquanto filha de Deméter, não sou propriamente intocável, mas se Eros quisesse *tratar* de mim, podia fazê-lo. Sem dúvida que podia

fazê-lo sem ser potencialmente implicado ao encontrar-se comigo em pessoa.

Faço os gestos necessários para experimentar o próximo vestido. É tão mau como o primeiro. Meus deuses, detesto quando os estilistas são preguiçosos. O facto de me concentrar nessa pequena irritação desanuviava-me a cabeça o suficiente para, quando me viro para enfrentar de novo Hermes, já não correr perigo de perder o controlo.

— Deduzo que ele não precise de uma resposta.

— Não. A tua resposta é apareceres hoje à noite... ou não, conforme seja o caso.

Tenho de aparecer. Não tenho alternativa. Ele tem razão quando diz que precisamos de falar sobre a fotografia, e de pôr um plano em marcha. Se Afrodite estiver tão furiosa como a minha mãe, faz sentido assegurar que os *sítes* de mexericos têm outra coisa em que se focar, para que se esqueçam completamente de nós e do nosso chamado romance proibido.

Mesmo assim... Não podemos dar-nos ao luxo de ter uma segunda fotografia de nós. A localização dada por Eros fica na zona superior dos armazéns, um bairro que a maior parte dos Treze evita, o que significa que a maior parte dos *paparazzi* o evita também. *Não devemos* ter problemas, mas isso não significa que eu esteja pronta para aceitar isso como um valor seguro.

Penso em Hermes. Usar os serviços dela é arriscado. Não é leal a ninguém, a não ser a si própria, e talvez a Dioniso — e isso significa que eu não posso tomar como certo o sigilo da mensagem. Nada a impede de se pôr num palco de *karaoke* a cantar a roupa suja de todas as pessoas da sala, algo que ouvi dizer que ela fez há cerca de um ano, depois de ter assumido a posição de Hermes. Ninguém a levava a sério até então, mas esse acontecimento assegurou que todos vissem nela a ameaça que de facto representa.

Na verdade, isso dá-me uma ideia...

— Hermes, aceitas envolver-te numa mentirinha amigável? Na tua qualidade profissional, claro.

O sorriso dela é ardiloso.

— Sabes, vocês, mulheres Dimitriou, não param de me surpreender.

Estou disposta a entrar nessa *mentirinha amigável* de graça, uma vez que me estás a divertir.

Não sei se isso é melhor ou pior, mas não sou pessoa de olhar o dente a cavalo dado.

— Sai esta noite.

— Já estava a planear fazer isso. O Dioniso tem uns produtos novos *excelentes* que estou morta por experimentar.

Ignoro a interrupção.

— Sai hoje à noite e faz um sobre isso. Dá a tua localização. Faz com que as pessoas acreditem que estou contigo. E depois que corram atrás de ti.

Não há melhor álibi que um dos Treze. Quem vai chamar mentirosa a Hermes? Ninguém. Pelo menos, na cara dela. Se os *paparazzi* estiverem ocupados atrás de Hermes, julgando que estou com ela, não se vão pôr a cheirar a zona dos armazéns. Eu e Eros poderemos falar em paz.

— Considera-o feito. — Abana a cabeça. — Olimpo nunca é entediante contigo e as tuas irmãs por perto.

— Eu gostava de um pouco menos de excitação.

Não era minha intenção dizer isto, mas quando as palavras saem, não há volta a dar.

Hermes dirige-se à porta do provador.

— Queixo levantado, Psique. És uma rapariga sábia. Tenho a certeza de que vais sair por cima. — Abre a porta e vira-se para me olhar. — Talvez até acabes *por cima* do Eros. Desta vez a sério.

Vai-se embora antes de eu poder formular uma resposta, deixando atrás de si o seu riso.

Tudo bem. O que diria eu em relação a isso, de qualquer forma? Eros pode ser lindo como um deus, mas esse homem é um monstro até ao fundo da alma. É meu *inimigo*.

Sinto-me tentada a ligar a Perséfone para pedir a sua opinião sobre tudo isto, mas, se eu a envolver, vai entrar de rompante pela minha porta adentro e vai ameaçar Eros antes de terminado o telefonema. O melhor é telefonar-lhe de manhã a dar-lhe as novidades, depois de ouvir o que ele tem a dizer. Talvez até encontremos uma solução que deixe toda a gente feliz.

Esta sensação no estômago é um nervoso miudinho, claro.

É certo que *não* anseio por tornar a ver Eros.



## Capítulo 5

### Eros

Chego ao lugar do encontro mais de uma hora antes, para o investigar. O Érebo é um antro, um pequeno bar no limiar da zona de armazéns da cidade alta. É verdade que ainda estamos na margem norte do rio Estige, mas esta área é um mundo diferente do centro da cidade, cuidadosamente curado, onde vive a maior parte dos Treze. A proximidade do centro empresarial de Zeus, a Torre de Dodona, é vista como uma questão de estatuto, e todas as ruas dos quarteirões em volta são um misto frio e limpo de cimento, aço e vidro. Uniforme e atraente quanto baste, para quem gosta desse género de coisas.

A área em redor da zona de armazéns da cidade alta é onde as pessoas vão para terem um pouco de diversões ilícitas quando não têm forças ou tomates para cruzar o rio até à cidade inferior. Ali, é Dioniso quem manda, e há montes de vícios à disposição. As pessoas têm também tendência para virar a cara e meterem-se na sua vida quando estão nessa área, o que, para o efeito, é ótimo.

Tenho de levar isto a cabo com cuidado. O bar é pequeno, mas foi construído no espaço entre dois prédios, de modo que tem montes de cantos e recantos preenchidos com mesas sombrias. A minha fica recuada, perto das traseiras, e dei uma boa gorjeta ao empregado do bar para virar a cara durante o que se seguirá.

Seja o que for que esta tarefa envolva ou que queira a minha mãe, não tenho vontade nenhuma de fazer Psique sofrer. Tenho a certeza de que Afrodite gostaria que eu a arrastasse para um beco e deitasse mãos à obra com uma faca romba, mas a única coisa que Psique sentirá é sonolência, e depois, nada.

É o mínimo que ela merece.

Recosto-me e esfrego o peito com a mão. Não é o momento certo para ter dúvidas ou sentimentos de culpa, nem nada dessas

tretas. Já fiz coisas piores a pessoas mais simpáticas, só porque se puseram no caminho da minha mãe, ou porque ela decidiu que eram uma ameaça à sua posição. O público pode achar que o homicídio é o maior dos males, mas nunca viram uma pessoa jovem e promissora ser destituída de tudo. Da beleza, do estatuto, do respeito dos seus pares. É *fácil* como a porra dismantelar a vida de uma pessoa, caso se tenha a informação e os recursos certos.

Dito tudo isto, nem sequer eu sou capaz de me convencer a mim próprio de que matar Psique é um golpe de misericórdia.

Dantes, nunca era assim. Eu só ia atrás de pessoas que mereciam, pessoas que eram uma ameaça ativa à minha mãe. Era um caçador de monstros, de pessoas com intenções de fazer mal à única família que tenho neste mundo. Até que, um dia, ergui os olhos e dei-me conta de que sou eu o maior monstro de todos. Tinha sacrificado tanto, apagara demasiados limites para que a moralidade pudesse ser algo mais do que uma teoria.

Não havia volta a dar.

Não *há* volta a dar.

Apercebo-me da entrada de Psique no bar. Os poucos clientes ficam em silêncio e em estado de alerta. Não importa que se tenha vestido de maneira simples, com um par de calças de ganga e um casaco preto que a tapa até aos joelhos, tem beleza que chegue para fazer parar o trânsito. Desloca-se pelo bar devagar, investigando todas as mesas até os seus olhos esverdeados pousarem finalmente em mim.

Ainda bem que ela está a uma boa distância, porque fico sem fôlego ao perceber-me o único foco desta mulher. Estava demasiado distraído na noite da festa para apreciar como deve ser a sua presença brilhante. Mesmo com dores e furo da vida, apreciei a maneira como o vestido cinzento lhe cingia a figura generosa e oferecia um vislumbre provocador dos seios e rabo avantajados. Especialmente quando se debruçou sobre mim para me trocar as ligaduras.

*Foca-te.*

Psique atravessa o espaço até chegar à mesa e desliza para o assento à minha frente sem hesitar. Contrafeito, gosto de que ela não se acobarde nem vacile. Caminhou até aqui com confiança, e tenho a sensação de que aborda de igual modo todas as situações. É um raio de uma pena que não possa atravessar esta noite com igual confiança.

— Psique.

— Eros.

Estuda-me por um longo momento. Estará a comparar e contrastar o meu aspeto agora com o da última vez que falámos? Da única vez, na verdade, tirando um punhado de cumprimentos ao longo dos anos, em várias festas. Embora sejamos filhos de membros dos Treze, não nos movimentamos propriamente nos mesmos círculos. As mulheres Dimitriou mantêm-se à parte. Mais uma coisa nelas que faz Afrodite trepar pelas paredes.

Psique recosta-se devagar.

— A maior parte das pessoas manda-me um *e-mail*, quando se quer encontrar comigo. És suficientemente eficiente para conseguires o meu número de telefone. Para quê aquele trabalho com a Hermes?

Porque os *e-mails* podem ficar sujeitos a *hackers* e os telefonemas podem ser identificados. Independentemente do que toda a gente pensa de Hermes, ela leva o seu título e o seu papel a sério. Se uma mensagem é para ser secreta, assim será. Nem sequer os títulos de legado conseguem convencê-la a partilhar uma mensagem.

Se Psique for assassinada, não quero que haja um rasto que conduza até mim.

Se? Mas que porra é que eu estou a dizer, se? O fado dela foi selado no instante em que a minha mãe exigiu o seu coração. Não, antes disso, ao mostrar bondade para comigo, quando qualquer outra pessoa naquela festa teria virado costas. Até os meus amigos teriam fingido não se dar conta do sangue ou do coxear. Todos nós

funcionamos ao abrigo da mentira, cuidadosamente equilibrada, de que não passo do filho *playboy* de Afrodite. Um pouco liberal de mais com os meus encantos, difícil de prender em qualquer coisa que se assemelhe a um compromisso.

Ninguém fala do que mais faço pela minha família.

Ou de quem paga o preço.

Não há espaço para dúvidas acerca do preço a ser pago hoje à noite. O único caminho é em frente. Não que eu nunca tenha feito nada pior. Tenho as mãos sujas do sangue dos inimigos da minha mãe, tanto reais como imaginários. Há muito que me reconciliei com o facto de que nunca hei de as ter limpas. Já não me sinto particularmente inclinado a lutar aquela íngreme batalha pela santidade. Para mim, é o Tártaro.

Inclino-me para diante e pouso os cotovelos em cima da mesa.

— Tenho a certeza de que a Hermes já te disse isto, mas preferia ter esta conversa pessoalmente.

— Ela mencionou isso. — Psique libertasse do casaco, revelando uma camisola preta fina, que lhe envolve as mamas na perfeição. — Como está o teu peito?

Pestanejo.

— O quê?

— O teu peito. Aquele que estava cheio de golpes há duas semanas. — Acena para mim com a cabeça. — Conseguiste arranjar um médico?

Levo a mão ao peito antes de conseguir fazer parar o impulso.

— Consegui. Não estava tão mal como parecia.

— Sorte a tua.

— Pois. Sorte. — Foi um erro de desleixo da minha parte. Se eu não tivesse apressado o serviço para chegar a horas à festa, nunca teria baixado a guarda a ponto de deixar o pai de Polifonte golpear-me tanto. — Ainda assim, saí daquela luta. Nem toda a gente saiu.

Psique inspira devagar.

— Tipo uma rapariga bonita que fez muitas perguntas?

Certo. Eu disse-lhe isso, não disse? Não me dou ao trabalho de sorrir.

— A minha mãe antagoniza-se com muitas raparigas bonitas de Olimpo.

— Na verdade, com pessoas bonitas. O género importa menos do que a beleza e a atenção, e Afrodite quer uma porção de leão de ambas.

— Quem era?

— Saber não faz diferença nenhuma.

Psique lança-me um sorrisinho triste.

— Faz-me a vontade.

Eu estava a falar a sério quando disse que saber não fazia diferença nenhuma. Não vai salvá-la. Não muda o que acontece aqui esta noite.

— Polifonte.

Ela franze o sobrolho.

— Não conheço esse nome.

— Não há razão nenhuma para conheceres. — Polifonte não tinha subido na escala social a ponto de frequentar as festas da Torre de Dodona.

Porra, não subira o suficiente para fazer mais do que colocar-se em perigo. Aquela pateta achou que podia enfrentar Afrodite sem consequências. Mesmo que ela não tivesse irritado a minha mãe, dava-lhe um mês para ela deixar outra pessoa qualquer importante numa fúria assassina. Tinha uma grande boca e pouca cautela.

— Eros... — Abana a cabeça, virando a atenção para o seu íntimo. — Deixa lá. Acho que não importa.

De súbito, quero desesperadamente saber o que ela quase disse. Iria mencionar que me apanhou a olhar para a sua boca? Tinha mordido o lábio em reação a esse olhar. Acho que nem se deu conta de que o fez. Tal como acho que não se deu conta de ter

ficado a olhar demoradamente para a minha boca, antes de afastar esse momento. Se fôssemos outras pessoas, em quaisquer outras circunstâncias, podia tê-la beijado nesse instante.

Podia tê-la puxado para o meu colo e persuadido toda a sua prudência a abandoná-la. Primeiro com um beijo, depois uma sedução lenta que ambos teríamos adorado tanto.

Abano a cabeça. Mas que porra, em que é que estou a pensar? Mesmo que eu tivesse transposto essa marca, isso só tornaria a situação muito pior para nós os dois.

— Tens razão. Não importa mesmo.

— Tal como eu disse. — Aclara a garganta e endireita-se. — Muito bem, vamos lá ao que importa. Querias encontrar-te comigo para falarmos de como afastar a atenção dos meios de comunicação de nós. Bem, de ti, especificamente. Tenho a certeza de que a Afrodite não está satisfeita com toda a situação e tu não tens propriamente tanta prática como eu a lidar com estas coisas. Eu tenho umas ideias.

Pestanejo.

— Desculpa?

— É por isso que nos estamos a encontrar, não é?

Estava capaz de matar Hermes por lhe ter posto essa ideia na cabeça, que porra. Disse àquela mulher para me trazer aqui Psique, fosse o que fosse que ela tivesse de dizer, mas não esperava que ela usasse a boa natureza de Psique contra ela própria. Sinto um buraco no estômago.

— Apareceste aqui porque achas que preciso da tua ajuda para manipular os meios de comunicação social a irem atrás de outra pessoa. — Como se eu não tivesse já antes feito isso sozinho.

A patetinha veio a correr, atirou-se em cheio para a minha armadilha sem pensar duas vezes, porque achou que eu precisava da sua ajuda. Acho que vou ficar doente.

Psique fica petrificada.

— Não é por isso que nos estamos a encontrar?

— Não — digo, quase delicadamente. Meus deuses, neste momento odeio-me. — Não é por isso que nos estamos a encontrar.

Ela aclara a garganta.

— Então, estás aqui a título oficial.

— Sim. — A palavra sai como se fosse um pedido de desculpas.

Um momento de silêncio. Outro. Ela põe-se em pé.

— Com certeza, ela não pode estar assim tão furiosa por causa de uma mera fotografia, não?

— Na verdade...

Psique continua como se eu não tivesse falado.

— Então, acho que não é assim tão simples. Ela e a minha mãe têm uma vingança há uma década e ela não há de gostar que a Deméter lhe pise os calos. Acho que o porquê não importa. O cerne da questão é que ela não tem nada com que me destruir. Não tenho esqueletos no armário. O que significa que ela há de inventar alguns. — Cruza os braços em cima da mesa, debaixo dos seios. — Então, o que está na agenda? Vais fabricar algum escândalo sexual sórdido? Talvez até enviar-me para o exílio, embora... boa sorte com isso. A minha mãe não vai permiti-lo.

É óbvio que ela não me está a levar a sério e, de repente, preciso de que o faça. Não sei porquê. O meu trabalho seria significativamente mais fácil se ela achasse que não se trata uma questão literal de vida ou morte. Porém, dou por mim a dizer a verdade.

— A Afrodite não te quer destruir. Quer-te morta.

Psique empalidece.

Estou à espera de lágrimas. Súplicas. Talvez até que ela tente fugir. Não faz nenhuma destas coisas. Depois de um momento a recompor-se, limita-se a endireitar os ombros e a sustentar o meu olhar.

— Eros, tu pareces-me ser um homem a quem não falta inteligência.

— Obrigado — digo, secamente.

A experiência dera-me um mapa de como esta conversa se desenrolaria, mas Psique não agiu, de todo, em conformidade com as expectativas.

Contra toda a minha racionalidade, uma ponta de curiosidade impregna a minha firmeza em ver isto concluído. Eu sabia que ela era diferente de toda a gente com quem tratei anteriormente. Desconfiava de que ela Seria formidável, mas ela é mais ainda do que eu podia ter calculado.

— Tens de ter noção de quem eu tenho do meu lado. Se me fizeres alguma coisa, a Perséfone vai despedaçar-te em mil bocadinhos, e o Hades vai lá estar para garantir que ninguém a impede. — Inclina-se para a frente e eu não consigo deixar de olhar para onde o seu colo impressionante pressiona o V da camisola. — E isso sem chegar sequer a falar do que a *minha* mãe fará. Ao contrário da Afrodite, a Deméter não tem problema em sujar as mãos quando a situação o exige.

— Estás a querer dizer que a tua mãe matou o último Zeus?

— Claro que não — responde com irritação. — Esse boato não tem fundamento e tu sabes isso muito bem. Não vamos fingir que a tua mãe não teria agarrado essa história com unhas e dentes se tivesse uma migalha que fosse de prova.

Não está enganada. Mesmo assim, acho interessante que não tenha dito abertamente que Deméter é inocente. A história oficial pode ser que Zeus partiu a janela do seu escritório e deu uma queda *acidental* que o matou, mas toda a gente sabe que isso é ficção.

Se bem que nada disso importa.

Isto está a perder o controlo numa veloz espiral.

— Psique...



— Ainda não acabei. — Lança uma olhadela à bebida que pedi para ela e que contém o sedativo para a deixar inconsciente e assegurar que não sente dor. — Existe mais um elemento que tens, de considerar antes de prosseguirmos. A minha mãe está a planear o casamento entre mim e o Zeus. Imagino que ele não te vá agradecer por matares a próxima Hera.

Faz-se luz, e traz consigo uma frustração incandescente capaz de me deixar em cinzas.

— Se o casamento estivesse assente, isto já teria sido esmagado.

Nem Afrodite se atreveria a ir atrás da futura Hera.

— Talvez, mas continua a ser um grande risco. Tal como eu disse, pareces-me ser um homem inteligente, portanto já deves ter levado isto em consideração.

Aí está um elogio ambíguo. É contra a minha vontade que um sentimento de admiração me atravessa, sinuoso. Ela veio aqui à espera de uma coisa, mas deu a-volta quase sem nenhuma hesitação e está bem lançada a manipular-me.

— Se não tivesse levado, não seria assim tão inteligente, pois não?

— Exato. — Psique inclina a cabeça de lado. — Dito tudo isso, tenho uma pergunta para te fazer.

Recosto-me a praguejar e aceno com a mão.

— Por quem és, não deixes que eu interrompa o teu brilhante monólogo.

— Obrigada.

Lança-me um pequeno sorriso que quase combate o medo que espreita nos seus olhos esverdeados. Eu tinha montes de pressupostos acerca desta mulher quando a família dela apareceu em cena, há dez anos, e esses pressupostos pareceram ser confirmados nos anos volvidos. Entre a ajuda que ela me prestou na

festa e esta conversa, sou obrigado a admitir que me posso ter enganado redondamente.

Ela não é a influenciadora vápida que tem como únicos passatempos gastar o dinheiro da mãe e tirar fotografias bonitas para os seguidores. Existe um cérebro astuto naquela cabeça bonita e ela usa todos os bocadinhos da sua inteligência numa tentativa de sair viva desta situação.

Psique prende uma madeixa do seu cabelo escuro atrás da orelha.

— Se a estabilidade é tão importante que a Deméter, o Hades e até o Zeus estão comprometidos para que aconteça, achas mesmo que vão ficar de braços cruzados a assistir à vingança mesquinha da tua mãe? Pode ser que se disponham a virar a cara quando os alvos dela se encontram fora do seu círculo imediato, mas eu não sou uma pobre *socialite* qualquer de quem ninguém ouviu falar. Sou filha da Deméter. Se me fizeres mal, eles vão agir. Vão esmagá-la, e a ti com ela.

Não está errada. Quando a maior parte dos Treze entra no mesmo barco e concorda entre si, tornam-se uma força quase imparável. É uma pena que isso não faça diferença nenhuma para a mulher que tenho sentada à minha frente.

— Bela história. Mesmo que seja verdade, não importa.

Ao ouvir estas palavras, o sorriso morre-lhe nos lábios.

— De que estás a falar? Acabei de nomear um bom número dos principais agentes desta cidade, e imagino que o Posídon também os apoie, uma vez que parece detestar todas as disputas por posições. Estamos a falar dos três títulos de legado. Com certeza, a tua mãe tem inteligência para saber quando está em desvantagem. Com certeza que *tu* tens. Nenhuma pessoa racional continuaria neste caminho, com tantos contras.

Reprimos um suspiro. É esse o cerne da questão, não é?

— É uma ousadia da tua parte partires do princípio de que a minha mãe e a racionalidade se falam. Tu conhece-la?

Ela abre a boca, parece reconsiderar seja o que for que estava prestes a dizer e, por fim, franze mais o sobrolho.

— Julguei que a cena mesquinha de vingança fosse teatro.

A minha vida seria muito mais simples se assim fosse, se a minha mãe não vivesse para ver a queda de qualquer pessoa que a chateie, mesmo que só de passagem.

— Ela é mais do que capaz de lidar com as repercussões.

Seja como for. Não sei como é que ela se vai safar, mas já sei o que me diria se eu lhe aparecesse com esta questão.

*O teu trabalho não é pensar, filho; é castigar quem eu te mando.*

*Mata a rapariga e arranca o coração da Deméter quando o fizeres.*

Psique fica ainda mais pálida.

— Estás mesmo a falar a sério.

— Estou.

— Acabei de te dizer que sou capaz de recrutar um bom número de entre os Treze contra ti, mas não importa a quantidade de passos que eu dê porque a pessoa que te dá ordens preocupa-se mais com a sua vingança pessoal do que com a vida do filho. — Fita-me, procurando no meu rosto alguma coisa que nunca encontrará. — Foi por causa dela que foste a correr para a festa, não foi? Que não foste primeiro ao médico. Aposto que ela ficou furiosa por chegares atrasado.

Psique está a aproximar-se um pouquinho de mais da verdade.

— Não interessa.

— Claro que interessa. Tu ficaste *ferido*. Até a minha mãe, com todas as suas maquinações e crueldade, se preocuparia se uma de nós se magoasse.

Lanço-lhe o olhar que essa afirmação merece.

— Eu diria que isso é um argumento a favor da minha tese, não da tua. Mas não importa, porque ninguém me há de culpar por isto.

*Tu* garantiste isso. — Saco do telefone, procuro a *app* que queto e abro-a. Depois pouso-o em cima da mesa, entre nós. Psique debruça-se para o telemóvel e vai descendo uns quantos *posts*, cada vez mais pálida. Já sei o que ela vai ver. Hermes e Dioniso com uma morena cheia de curvas, aparentemente a divertirem-se à grande na cidade. Nunca se vê bem a cara da morena, mas ela tem o mesmo tipo de corpo e de penteado de Psique, o suficiente para toda a gente achar que é ela. — Estas fotografias estão todas identificadas e têm a hora gravada. Ninguém sabe sequer que estás aqui.

— A Hermes sabe.

— A Hermes está a fazer o seu jogo. Não está do teu lado. Não está do lado de ninguém, só do seu. — Reaproprio-me do telemóvel. — E não vai avançar com a verdade exatamente pelas razões que mencionaste. Está tão empenhada em conseguir a estabilidade como o Zeus e os outros. Não vai dar nenhuma informação que comece uma guerra. — Hermes é caótica quanto baste para eu geralmente não fingir que sou capaz de adivinhar para que lado vai saltar, mas que isto é verdade.

Em última análise, serve Olimpo como o resto dos Treze.

O lábio inferior de Psique treme um pouco, mas ela tenta manifestamente firmá-lo.

— Mereces mais do que ser simplesmente a arma da tua mãe, Eros.

— Não te dês ao trabalho de tentar apelar à minha humanidade. Não tenho nenhuma.

Ela inclina-se para a frente e baixa a voz, com os olhos esverdeados em suplica.

— Ajudei-te há duas semanas. Não tinha obrigação de o fazer, e ambos sabemos isso. Pode ser que não tenhas humanidade, mas com certeza acreditas que os pratos da balança devem ser equilibrados. Estás mesmo disposto a pagar a minha ajuda com violência, simplesmente porque ela enfureceu a tua mãe?

— Psique. — Caraças, não devia ter dito o nome dela. Sabe tão bem, faz-me querer coisas que não são para mim. — Para. Nada do que possas dizer fará qualquer diferença.

Pela primeira vez desde que se sentou, um medo genuíno ganha vida nos seus olhos. Veio aqui preparada para ajudar o filho da inimiga da sua mãe e passou para uma discussão espetacular que teria funcionado se eu fosse outra pessoa qualquer, se ela não tivesse sido já o instrumento da sua queda por confiar em mim o bastante para criar um álibi para a sua localização. Há tanto tempo que eu não era desafiado, há tanto tempo que ninguém me dava luta, que ninguém me passava a perna.

Há tanto tempo que ninguém me mostrava uma migalha de bondade.

Dou por mim a estender o braço e a cobrir uma das suas mãos com a minha. A sua pele emana um calor surpreendente.

— Para que conste, foi uma boa tentativa. Deste o máximo.

— Que estranho isso não me fazer sentir melhor. — Baixa os olhos para onde a minha mão lhe toca. — Agora preciso que tires a mão. Não quero propriamente ser consolada pelo meu assassino.

Sinto uma pontada e retiro a mão da dela para esfregar o meu peito, com a sensação de antes, de quando ela me colocou as ligaduras, a ficar mais forte. Mas que porra é esta? Com certeza não estou a ter uma crise de consciência *agora*. Não posso salvar esta mulher. Posso set a arma preferida da minha mãe, mas não sou propriamente a única. Se eu me recusar a fazer isto, ela manda outra pessoa, que não quererá saber se Psique está aterrorizada e a agonizar no final. Que simplesmente dará cabo dela.

— Foi isto que fizeste à Polifonte? Foste tomar uma bebida com ela e depois levaste-a para as traseiras e mataste-a? Parabéns a ela por dar luta, mas obviamente não foi bem-sucedida. Quantas vezes já fizeste isto, Eros? É mesmo essa a vida que tu queres?

— Para. — A palavra sai com maior dureza do que era minha intenção, mas eu sei o que ela está a fazer e não vai resultar. Não

me coloquei intencionalmente no caminho de monstro de estimação da minha mãe, mas agora estou aqui e não há volta a dar. — Eu estava a falar a sério, antes. Não vais conseguir sair desta situação com palavras.

Passa os dedos pelas pontas do cabelo, enrolando-o de uma maneira que parece quase dolorosa, mas a sua expressão é estranhamente calma.

— Eu queria ter filhos. Agora parece uma coisa tão parva. Porque haveria eu de querer trazer crianças a este mundo? Mas queria. Julguei que tinha mais tempo. Só tenho vinte e três anos.

*Foda-se.*

— Para — repito.

— Porquê? — Algo acutilante e raivoso atravessa-lhe a calma.  
— Faz-me parecer mais humana aos teus olhos? É mais difícil premir o gatilho?

Sim. E já antes era um trabalho hercúleo.

— Não importa o que eu quero.

Não é minha intenção dizer isto, mas há muitas coisas que não eram minha intenção dizer no que toca a esta mulher. É corajosa como o raio, e ter recebido ordens para extinguir esta luz dá cabo de mim. Mas não há alternativa.

A não ser que haja efetivamente uma maneira de compensar a sua anterior bondade...

Não. É uma ideia terrível e dificilmente infalível. A minha mãe parece um *terrier* com um osso no que toca a vinganças. Não vai deixar que nada se ponha no caminho do seu castigo a Psique e Deméter, através da eliminação de Psique. Se eu tentar colocar-me no seu caminho, há de contornar-me e matá-la na mesma.

— Promete-me que não fazes mal às minhas irmãs.

Arranco-me aos meus pensamentos de traição e fito-a.

— Tu sabes que eu não posso fazer isso. — Quando estreita os olhos, cedo. — Olha, a Perséfone está o mais segura que é possível

porque é casada com o Hades e ninguém quer ter o bicho-papão de Olimpo a aparecer à porta de sua casa. A Calisto estará provavelmente em segurança por uma razão idêntica: ninguém se quer meter com aquele tipo de maldade que ela tem. Não segue as regras estabelecidas, o que basta para fazer com que a maior parte dos seus inimigos pense duas vezes. E a Eurídice... — Encolho os ombros. — A única coisa de que precisa é de uma estada prolongada na cidade inferior para que poucas pessoas consigam sequer aceder a ela. O Hades e a Perséfone não vão propriamente convidar a gente da minha mãe para atravessar o rio e lhe fazer mal.

— Espera-se que isto tudo me faça sentir melhor? Podias simplesmente prometer que não lhes fazes mal.

Lanço-lhe o olhar que essa afirmação merece.

— Tu não acreditarias em mim.

— Podias dar-me a tua palavra.

Eu sei que ela ainda está a tentar fazer-se mais humana aos meus olhos, a picar a minha consciência inexistente, mas quando foi a última vez que alguém quis saber da minha palavra? Os recados da minha mãe arrastaram o meu nome pela lama, por mais merecido que isso seja. Ninguém confia em mim, porque basta alguém chatear Afrodite que a vontade dela sobrepõe-se à minha. Ela aponta, eu trato das coisas. A minha palavra não significa porra de coisa nenhuma.

Talvez seja por isso que dou por mim a perguntar:

— Se te desse a minha palavra, acreditavas em mim?

— Sim.

Sinto essa palavra como se Psique tivesse estendido o braço para me dar um soco no peito. Não existe sombra de dúvida nessas três letras. Se eu desse a minha palavra, ela teria acreditado em mim; é tão simples quanto isso. Fito esta mulher que desafia todas as minhas expectativas. Eu estava meio convencido de que tinha sido um feliz acaso ela ter tratado de mim naquela noite, ou pelo

menos algo que eu podia pôr de lado. Mas não é um feliz acaso. O facto de ela aparecer aqui esta noite é prova disso.

Psique é mesmo uma boa pessoa, que conseguiu de alguma forma sobreviver à política de Olimpo!

E a minha mãe quer que eu apague a sua chama.

Engulo em seco.

— A sério?

— Sim — repete Psique. Para de torcer o cabelo e dá-me toda a sua atenção.

— *Estás* a dar-me a tua palavra?

Abano devagar a cabeça.

— Não. te posso prometer nada.

— Ah.

A desilusão estampada no seu lindo rosto atravessa-me como uma faca. Não sou boa pessoa. Nunca tive oportunidade de ser e não me bati arduamente contra o meu destino quando o caminho se abriu sob os meus pés.

Mas matar Psique? A ideia deixava-me pouco à vontade antes, mas, depois desta conversa, deixa-me fisicamente doente.

Eu... não posso fazer isto.

Talvez eu tenha uma alma, ainda que poeirenta e com falta de uso, porque a ideia de acabar com a vida de Psique é-me tão repulsiva que estou prestes a fazer uma coisa imperdoável. Bebo um gole da minha vodca tónica e o ardor do álcool nada faz para afastar a súbita determinação que se enraíza em mim.

Um plano desvairado ganha raízes, o cúmulo da imprudência. Desafiar a minha mãe é um risco, mas estou disposto a corrê-lo. Psique já se arriscou duas vezes por mim. Com certeza posso ceder um pouco. Não sou, porém, bom como ela. Não é a bondade que me faz falar. É a *vontade*, pura e egoísta.

— Talvez haja outra maneira.



## Capítulo 6

### Psique

Parece ter sido um cruel revés da fortuna aquilo que deu a Eros Ambrósia o rosto de um deus dourado e a ausência de um coração digno desse nome. Está ali sentado, encontrando de alguma maneira o singular feixe de luz no buraco negro que é o seu lugar, a olhar para mim sem nada nos olhos azul-pálidos. Não há culpa. Nem compaixão. Nem sequer expectativa pelo que se segue. Também não existe ali sede de sangue — apenas um certo tipo de cansaço, como se já estivesse farto desta conversa e só quisesse acabar com tudo para poder ir para casa e deitar-se.

Tem quase a mesma expressão que tinha quando me agradeceu por tê-lo ajudado.

Recuso-me a ter esperança de que me esteja a oferecer de facto uma saída, mas estou à beira de um desespero que me deixa sem reação. Julguei que estava a ser tão incrivelmente esperta ao criar aquela cronologia falsa com Hermes, para que eu e Eros pudéssemos conspirar juntos. Onde é que eu tinha a *cabeça*? A primeira coisa que eu devia ter feito era ir ter com Perséfone. Lá por Eros não ter sido um completo monstro para mim há duas semanas, isso não significa que seja seguro.

Se eu tivesse sabido que estava em perigo, teria fugido para a cidade inferior e aceitado a proteção que Hades e Perséfone têm para oferecer. Esse tempo extra ter-me-ia dado oportunidade para pensar em como sair desta confusão, de preferência sem o envolvimento da minha mãe.

Se ela descobre que essencialmente Afrodite fez de mim um alvo, vai atrás dela com todo o seu arsenal. E a minha mãe tem *muitas* coisas no seu arsenal. Pode não ter matado o velho Zeus com as suas mãos, mas seguramente montou a sequência de acontecimentos que culminou na morte dele.

Ela é também a única razão por que a morte de Zeus foi dada como acidente, em vez de homicídio. Ajudou a pavimentar o caminho para a reentrada do próprio Hades na sociedade. Sabe alguma coisa suja sobre Posídon, que assegura que ele a apoie pelo menos metade das vezes. Mas, mesmo com todo esse poder à sua disposição, continua a mandar a cautela às urtigas e pode fazer alguma coisa verdadeiramente insensata, como tentar atropelar Afrodite com o seu carro. Alguma coisa sem *refutação plausível*.

Se eu tivesse sabido...

Mas não importa. Jogar ao «e se» é uma receita para o desastre. Cometi um erro. Lá por não saber o preço a pagar não significa que esteja isenta.

Eros observa-me tão atentamente que quase me distraio e bebo um gole da bebida que estava à minha espera quando cheguei à mesa. Sabendo o que sei, está definitivamente envenenada, embora se a dose é letal ou apenas o suficiente para me deixar incapacitada é algo que está aberto ao debate.

— Talvez haja outra maneira — diz ele de novo, como que tranquilizando-nos aos dois.

Depois de tudo o que ele disse, de repente está a oferecer-me uma opção. *Porque?* Será mais uma maneira de me atormentar? Quero gritar-lhe na cara, atirar-lhe com a bebida envenenada e ficar a vê-la escorrer pelas suas feições perfeitas. Talvez eu tenha sorte e lhe queime a pele, distraíndo-o durante tempo suficiente para eu fugir.

Olho em volta do bar. Está ainda mais escuro do que quando cheguei, e as pessoas começaram a entrar a conta-gotas. Este lugar é o mais afastado das ruas cintilantes em redor da Torre de Dodona que se consegue ir dentro da cidade alta. Além disso, fica numa zona que não conheço bem. É perfeitamente possível que todas estas pessoas trabalhem para Eros — para *Afrodite* — e, no instante em que eu tente fugir, me apanhem e tragam de volta.

Não, não tenho opções, e ambos sabemos isso. Tento engolir o pânico que me dificulta o pensamento.

— Que outra maneira?

— Não vais gostar.

Diz isto de maneira tão neutra que sou obrigada a rir.

— Pois. É porque gosto muito mais da ideia de ser assassinada.

Ele parece firmar-se por fim e diz:

— Casa comigo.

Pestanejo. As duas palavras suaves não se transformam numa frase que faça sentido. Quando muito, quanto mais tempo permanecem entre nós, menos compreensíveis se tornam.

— Desculpa. Ouvi mal. Era capaz de jurar que acabaste de dizer «casa comigo».

— Porque disse.

Continua a não haver emoção nos seus olhos, nenhuma reação que indique aquilo que está a pensar. Estou habituada a ser capaz de apanhar, pelo menos, *alguma coisa* das pessoas à minha volta. Até os melhores mentirosos têm sinais que os denunciam, e eu passei tempo suficiente a deslizar pelas festas de Olimpo para me inteirar dos sinais dos principais agentes ao longo dos anos. Trata-se de uma questão de sobrevivência, e sou muito boa nisso. Sei que Ares afaga a barba quando quer apertar o pescoço a alguém. Sei que Perseu — Zeus — fica mais frio quando está a fazer tempo para reagir. Até o último Zeus, embora não fosse transparente, falava mais alto e mostrava uma alegria tempestuosa quando estava furioso.

Eros não deixa transparecer nada.

Dou por mim a estender o braço para a bebida por instinto e a empurrar o copo para a outra ponta da mesa.

— Não tem graça.

— Quem é que se está a rir? — Suspira, como se já estivesse farto daquela conversa. — Há consequências por falhar à minha

mãe e não estou disposto a arcar com elas. Não me posso ir embora sem te matar ou casar contigo.

Escapa-se-me um riso histérico e agarro na bebida *dele*, que emborco. Vodca tónica. Claro. Estremeço.

— Isso é ridículo. Porque é que são as duas únicas opções? Com certeza que se não me queres matar, haverá outra coisa que possas fazer.

— Não há. — Como fico a olhar para ele, rola um pouco os ombros. — Olha, se eu casar contigo, isso liga-me à Deméter como te liga à Afrodite. Ela não poderá enviar-me para o exílio sem provocar comoção e se, de repente, apareceres morta, não existe aí nenhuma refutação plausível. Se tornarmos isto verosímil, toda a gente partirá do princípio que se trata de uma relação de amor entre os filhos de duas rivais. Como mais do que provaram os últimos quinze dias, os meios de comunicação adoram essa merda de Romeu e Julieta.

— Não estás propriamente a convencer-me com essa comparação. O Romeu e a Julieta estão ambos mortos.

— Isso é semântica. Tu sabes que eu tenho razão.

Esfrego a garganta onde ainda sinto o ardor do álcool e tento pensar no caminho a seguir. Os casamentos de conveniência não são exatamente desconhecidos em Olimpo, em particular entre as famílias dos Treze. Anda sempre toda a agente a disputar o poder, muitas vezes na forma de alianças, e usar o casamento para selar uma aliança é uma prática ancestral. É só que... mesmo com as evidentes maquinações da minha mãe, eu sinceramente achei que conseguiria escapar a casar com alguém que ativamente me quer fazer mal. É a bitola mais baixa, mas aqui estamos.

— Estás a falar a sério? — pergunto por fim.

— Estou.

Não há razão para isto ser uma armadilha elaborada. Ele já me tem na zona norte dos armazéns e, pelo aspeto das ruas por aqui, há muitos becos onde deixar o meu corpo sem vida sem que

ninguém repare. *Eu* tracei o caminho para que isso acontecesse sem consequências e não tenho ninguém a quem culpar pela minha ingenuidade, só a mim própria.

Não, a única coisa que faz sentido é Eros estar efetivamente a oferecer-se para casar comigo. Ele tem razão, em certo sentido; se fizéssemos bem as coisas, seríamos intocáveis. Há pouca coisa que Olimpo adore mais do que mexericos. O casamento secreto entre mim e Eros haveria de criar furor, deixando-os praticamente a passarem por cima uns dos outros para garantirem que são os primeiros a conseguir um furo exclusivo. O burburinho que *ainda* persiste em relação àquela única fotografia é mais dó que prova disso mesmo. A partir daí, é uma brincadeira de crianças conseguir que as pessoas fiquem do nosso lado, a torcer para que consigamos ultrapassar os obstáculos e ficar juntos. Se alguém fizesse mal a um de nós nesse momento, Olimpo ficaria com uma rebelião em mãos, que nem sequer os Treze conseguiriam aplacar. Seriam obrigados a responder a algumas perguntas incômodas sobre o que se passa longe do olhar do público, e ninguém quer que isso aconteça.

Nem sequer Afrodite.

Portanto, sim, o plano pode funcionar. Há só uma questão gritante. Pressiono os lábios e contemplo Eros. Ele é atraente, sim, mas tem uma aura de perigo que nem a sua aparência imaculada consegue dissimular.

— Ninguém iria acreditar que perdeste a cabeça e casaste com *alguém* numa paixão assolapada. És frio de mais. Não fazes o jogo dos meios de comunicação e eles ficam ressentidos contigo.

— Não faço o jogo porque me aborrece, não por não ser capaz.

Mostra-se tão confiante que quase acredito nele, mas pode sair-me o tiro pela culatra de uma dúzia de maneiras diferentes, e isto apenas falando de cor. Eu sei que consigo fingir; é o que faço desde que a minha mãe se tornou Deméter e arrastou a família da sua idílica vida rural para o ninho de víboras que é Olimpo.

— Prova-o.

A mudança é quase imediata. Eros sorri para mim e é como se o sol tivesse acabado de sair de trás de uma nuvem. Aquece-lhe os olhos e ilumina-lhe o rosto. Inclina-se sobre a mesa e toma as minhas mãos nas suas.

— Eu amo-te, Psique. Vamos casar.

Fico cheia de pele de galinha e o meu batimento cardíaco acelera até eu conseguir ouvi-lo. Mesmo sabendo que isto é falso, não consigo deixar de reagir.

— Acho que serve — digo debilmente.

Do nada, carrega num interruptor e a frieza torna a imiscuir-se no seu rosto e nos olhos.

— Tal como eu disse, sei fingir.

Não quero fazer isto, mas as minhas opções são entre o mau e o péssimo. O que significa que, na realidade, não tenho escolha. Ainda assim, não consigo evitar pressioná-lo.

— Porquê fazeres isto? Porque não fazer simplesmente o que a tua mãe quer?

— Ao contrário da minha mãe, sou capaz de pôr de lado as minhas emoções e pensar racionalmente. — Quase resfolego ao ouvir isto; não consigo imaginar Eros a ter emoções. Ele continua, olhando-me atentamente. — A tua mãe passa-se se alguma coisa te acontecer e vira a cidade do avesso até encontrar o culpado. Existe uma hipótese mínima de ela perceber que o rasto conduz até mim. Não é o meu conceito de um tempo bem passado.

Pondo as coisas nestes termos, faz sentido. Pode não ser capaz de deter a mãe, mas está ciente de que será *e/le* a pagar as consequências se seguir em frente com isto.

— É essa a única razão?

Ele desvia o olhar, o primeiro sinal de que pode não estar em perfeito controlo da situação.

— Eu não tenho consciência, por isso não te ponhas com ideias esquisitas.

— Claro que não — murmuro.

— É uma treta fazer isto depois de me teres ajudado. — Fala tão baixinho que as palavras quase se perdem no burburinho do bar.

Não consigo decidir se o reconhecimento dele torna a situação melhor ou pior. É óbvio que não se trata de algo que eu possa tentar usar como vantagem, tendo ele sido tão claro acerca das suas intenções. Não importa que ele considere isto uma treta, vai fazê-lo mesmo assim. Suspiro.

— Concordo, com uma condição.

— Parece que tens a impressão errada de teres com que negociar.

O medo tenta apertar-me o pescoço, mas ultrapasso com músculo a reação instintiva que tenta abafar as minhas palavras. Neste momento, não me posso dar ao luxo de deixar que o medo me domine. Só tenho uma oportunidade para ser bem-sucedida e preciso de toda e qualquer promessa que lhe consiga arrancar.

— Ambos sabemos que tenho.

Depois de uma longa pausa, olha para mim e inclina a cabeça.

— Qual é a tua condição?

— Que não faças mal à minha família. Nem às minhas irmãs, nem à minha mãe. Não me estou a desviar desta bala para que depois uma delas sirva de alvo.

Ele hesita, mas acaba por anuir de novo.

— Tens a minha palavra.

Não sei se basta, mas não posso propriamente fazer um contrato e... por falar em contratos. *Porra*.

— Também preciso de um contrato pré-nupcial.

— Não.

Faltam-me dois anos para fazer vinte e cinco e ter acesso ao fundo fiduciário que a minha avó fez para mim. Não se trata de uma quantia de dinheiro insignificante; já se mataram pessoas por

menos. Aliás, acho que Eros tem alguma coisa semelhante em seu nome. Seja ou não verdade o que mais se diz sobre Afrodite, é do conhecimento geral que a sua fortuna rivaliza até com a de Posídon. Um dos privilégios desse título em particular é que o dinheiro está afeto a *Afrodite*, não à pessoa que o detém. Mas as últimas três pessoas que foram Afrodite certificaram-se de que os filhos ficavam bem, por isso não há razão para crer que esta tenha feito as coisas de maneira diferente.

— Porque não?

— Porque se trata de uma paixão assolapada, e quando as pessoas se apaixonam com intensidade suficiente para correrem para o altar não têm esperteza para escrever contratos pré-nupciais.

*Caraças. Ele tem razão.*

— Está bem.

— Se temos isso assente, vamos. — Eros levanta-se da mesa e estende a mão. — Tenho o carro lá atrás.

Faço deslizar cautelosamente a minha mão na dele e deixo que me puxe do assento para ficar em pé. Estou à espera de que me solte, mas ele entrelaça simplesmente os nossos dedos e encaminha-se do retângulo escuro de sombras ao fundo da sala. À medida que nos aproximamos, transforma-se numa saída. Só quando estamos a atravessar o corredor estreito e sombrio e transpomos a porta encardida dos fundos é que me dou conta de que isto pode tudo ser uma armadilha.

Firmo os saltos altos no chão, mas Eros puxa-me sem dificuldade atrás de si sem falhar um passo. É mais forte do que parece. O medo empina a sua feia cabeça e eu tento regular a minha respiração.

— Eros...

— Eu dei a minha palavra, Psique. — Puxa-me para o ar gelado da noite. O chão é escorregadio debaixo das minhas botas, mas ele parece não ter qualquer problema com isso. — Eu sei que isso não



significa nada para a maior parte das pessoas, mas para mim significa.

É evidente que não aprendi a lição, porque acredito sinceramente nele Mesmo sabendo que ele mente com tanta eficácia, a expressão estranha no seu rosto quando eu disse que acreditaria na sua palavra basta para me convencer de que fala a sério.

Fiz a minha escolha. Não foi bem uma escolha, mas vou manter-me fiel a ela. Só quando estou a subir para o lugar do passageiro no seu moderno carro desportivo é que interiorizo realmente as implicações daquilo que concordei fazer.

Eros liga o motor e eu olho para ele.

— Não podemos contar a verdade a ninguém.

— A quem é que eu contaria? — Diz isto de maneira tão casual, como se fosse óbvio que não tem ninguém suficientemente chegado a quem confiar o que realmente se passa. Eu sei que não tem irmãos, mas terá amigos, não? Vejo-o regularmente com os irmãos Cásio, mas as amizades na nata de Olimpo são muitas vezes mais alianças políticas do que outra coisa.

Eros arranca das traseiras do bar para a rua.

— Isso significa não contar às tuas irmãs.

— É mais complicado do que isso. As minhas irmãs não vão acreditar que eu tive uma paixão assolapada secreta. Nós contamos tudo umas às outras.

— Tudo? — Para num cruzamento e olha para mim. O vermelho do semáforo reflete-se nas maçãs do rosto e no maxilar, destacando-lhe os lábios de curvas sensuais.

Meus deuses, este homem é lindo. Estou sempre à espera de me habituar a isso, mas de cada vez que olho para ele, é um choque para o meu sistema. Há de passar. Tem de passar. Não consigo imaginar estar em contacto próximo com ele por um período de tempo prolongado e continuar a ser afetada a este nível. Há

imensas pessoas bonitas nesta cidade e eu não perco a cabeça por elas. Dentro de uma semana, ele será mais uma delas. Espero.

Ele disse alguma coisa?

Dou uma sacudidela a mim própria.

— Sim, tudo. Não vão acreditar numa relação secreta.

— Faz com que acreditem, Psique. Se correr a notícia de que isto não é genuíno, vamos pagar o preço.

O peso bruto daquilo que estamos a fazer faz-me afundar-me no assento desconfortável. Mexo-me um pouco, mas não melhora.

— Quanto tempo?

— Quanto tempo, o quê?

— Durante quanto tempo vamos fazer isto?

— O tempo que for preciso.

Fito-o.

— Isso não é nada específico.

— Muito bem. — Encolhe os ombros. — Até a minha mãe deixar de ser Afrodite.

Isso parece mais razoável, mas pode, ainda assim, ser potencialmente muito tempo. Só há três maneiras de um dos Treze perder o seu título: morte, exílio ou reforma. Posso contar pelos dedos de uma mão quantos escolheram a última opção em toda a história de Olimpo. Mais uns quantos foram obrigados a isso por estarem incapacitados de realizar os seus deveres, por deterioração mental ou de saúde. As nossas hipóteses continuam a ser más. Afrodite não vai deixar o seu posto voluntariamente e está na casa dos cinquenta. Se for deixada à vontade, pode ficar por cá durante décadas.

— Não vais matar a Afrodite.

— Ela é um monstro, mas é minha mãe. — Vira novamente o carro, seguindo para norte. — Também não vou deixar que faças nada que a ponha em perigo.

Isso limita consideravelmente as nossas opções. Viro-me e olho pela janela. Quanto mais nos afastamos da zona dos armazéns, mais os edifícios que ladeiam a estrada mudam. Os bares desaparecem das janelas. As ruas tornam-se mais imaculadas e menos encardidas. Quando entramos nos quarteirões que circundam a Torre de Dodona — o assento de poder de Zeus —, as vitrinas adquirem uma aparência uniforme tão desalmada quanto impecável.

Vários quarteirões a noroeste da torre, Eros vira para um estacionamento subterrâneo. Consigo ficar em silêncio até ele estacionar e desligar o carro. Ficamos ali sentados por um momento e o ar parece adquirir peso entre nós. Não consigo olhar para ele. Isto é perigoso de mais, volátil de mais. As palavras borbulham, escapando-me antes que eu consiga pensar melhor nelas.

— Sabes, dou-me conta de que já violei aquela regra sobre ir a um sítio refundido com uma pessoa que me quer fazer mal.

Ele lança-me um olhar estranho.

— Fazes sempre piadas más quando estás nervosa?

— Não. Nunca. Mas a verdade é que nunca fui ameaçada de morte, por isso existe uma primeira vez para tudo.

— Falamos lá dentro.

Saio do carro atrás dele e olho para o espaço à minha volta. A casa da minha mãe fica um bom bocado mais longe do centro da cidade e, embora seja simpática, é bem evidente que o nosso bairro não está tão interessado em manter-se em sintonia com aquilo que os Treze consideram ser essencial à beleza. A minha mãe gosta de ficar perto da região agrícola, para que, quando surgem problemas, esteja a pouca distância de carro. O nosso bairro e a nossa casa são caros, mas discretos.

Não há nada de discreto neste sítio. Até o estacionamento subterrâneo tresanda a fortuna, desde a fila de carros horrendamente caros até às luzes fortes que tudo exibem e à zona do elevador de vidro. Até há um segurança num cubículo de vidro,

um homem branco de uniforme preto simples. Olho de relance para Eros.

— Esta segurança é mesmo necessária?

— Depende a quem perguntares.

Eros abre a porta de vidro que dá para o espaço interior onde se situa o elevador e recua, deixando-me entrar antes dele. Faz deslizar o braço na minha cintura e eu quase levito. Preciso de tudo aquilo que existe em mim para não o empurrar, para descontraí-lo junto dele, como se tocar em Eros fosse uma coisa que eu estivesse sempre a fazer.

Entramos no elevador e mal espero que as portas se fechem para me afastar. Eros aperta-me ainda com mais força.

— Há câmaras.

Pois. Eu devia ter pensado nisso. Claro que há câmaras a fazerem a cobertura de todos os centímetros de espaço público deste edifício. Falo entre dentes tentando esboçar um sorriso.

— Ainda não começámos isto.

— Começámos no instante em que disseste «sim». Relaxa e para de cerrar os dentes. — Sorri para mim: o sorriso de mentiroso, de olhos calorosos e lábios de curvas doces. — Afinal de contas, estamos apaixonados.

## Capítulo 7

### Eros

Tocar em Psique foi um erro. Ela é macia como o raio e eu tenho uma vontade quase imparável de lhe passar as mãos pelo corpo... Tenho de me controlar, porra. Sentir-me atraído por ela é útil para a mentira que estamos prestes a lançar, mas perder o controle é inaceitável.

A minha mãe vai ficar furiosa.

Eu não devia regozijar-me com isso. Ela tem a maior parte das cartas na mão, e eu tenho tão poucas que existe uma hipótese muito real de ela mandar a cautela às urtigas e me exilar. Por mais inconsequente que ela seja, saberá que este casamento não é real. Não que isso lhe importe, em qualquer dos casos. Para Afrodite, pouco importa que eu esteja desesperadamente apaixonado pela filha de Deméter ou a encenar uma qualquer manipulação mais profunda. Só quer saber da sua jogada final.

Não, quem nós temos de convencer é a própria Deméter. Preciso de a ter do meu lado, e é para ontem. Se ela estiver do meu lado — do nosso lado —, pode intervir para nos proteger de uma maneira que nem eu consigo. Sou um mero filho de Afrodite. Deméter é uma das Treze e tem mais alianças e poder do que ninguém.

Afinal, existe uma razão para Afrodite a detestar tanto.

A minha mãe era bem capaz de me abandonar à minha sorte se isso favorecesse o seu jogo a longo prazo. Deméter ameaçou deixar morrer de fome metade da cidade para trazer Perséfone de volta do Hades — e cumpriu a ameaça. Se não fosse a providência de Hades, podia ter morrido gente. Portanto, sim, temos de convencer Deméter de que estamos desesperadamente apaixonados, para estimular os seus lendários instintos maternais superprotetores.

Uma tarefa impossível, mas se alguém consegue fazer isto, sou eu e Psique.

O elevador para no meu andar e a porta abre, deslizando sem fazer barulho. A minha suíte *penthouse* ocupa o andar inteiro, logo, só há aqui um pequeno espaço com uma única porta. Liberto Psique e destranco a porta.

— Bem-vinda a casa.

Aguardo que ela continue a mostrar a fibra e as garras em igual medida, mas responde-me com um sorriso feliz.

— Obrigada, querido. Estou tão feliz.

É mentira. Eu que é mentira. Isso não prejudica minimamente a força da minha reação. Balanço sobre os calcanhares e sou obrigado a cerrar os punhos para não lhe tocar. Ela odeia-me e eu não sei o que sinto por ela, em geral, mas há química quanto baste entre nós para complicar as coisas. Não me passou despercebida a maneira como o seu olhar está sempre a vir parar à minha boca, como se ela não conseguisse parar de olhar para os meus lábios.

Eu não imaginei a atração dela na noite da festa.

Não me surpreende; afinal, tenho acesso a espelhos. A minha aparência é uma arma, como todo o resto do meu arsenal. As pessoas veem uma cara bonita e ficam condicionadas a esperar determinadas coisas, o que significa que muitas vezes não procuram o perigo que se encontra debaixo da superfície. Se Psique está entre os que me consideram atraente, tanto melhor. Vamos ser muito chegados durante um bom tempo.

Se calhar, eu não devia estar ansioso por isso. É certo como a porra que não devia estar já a pensar quando será a próxima vez que lhe vou conseguir tocar. Tenho de ser melhor do que isto. Para que o nosso esquema funcione, nenhum de nós se pode dar ao luxo de se distrair.

Psique entra na minha casa e assobia.

— Armaste-te mesmo em *playboy* milionário quando decoraste isto, não foi? Que bronco.

A nuvem de desejo à volta da minha cabeça dissipa um pouco. Tento ver a minha *penthouse* da perspectiva dela. Está repleta de coisas caras, sim, mas a casa da mãe dela também deve estar, apostado.

— Que mal é que tem?

Faz um trejeito com os lábios e um gesto com a mão, abrangendo todo o espaço.

— Até que ponto tem de se ser narcisista para se ter um *hall* hexagonal com espelhos em *todas as paredes*?

— Não é em todas as paredes. Só em quatro. — As outras duas têm a porta para o elevador e a porta que conduz ao interior da *penthouse*. Sinto a pele aquecer e, desta vez, a culpa não é do desejo. — A minha mãe acredita muito em causar uma boa primeira impressão.

— É mais a tua mãe gostar de ser o centro das atenções, mesmo que seja a única pessoa num espaço. — Diz isto de cara séria. Antes de eu conseguir arranjar uma resposta, Psique dirige-se ao espelho mais próximo. São todos gigantescos, do chão ao teto, e ocupam quase toda a largura da parede, emoldurados com um metal cheio de estilo. — Eros, são ridículos. — Passa os dedos pela moldura concebida para parecer feita de penas amontoadas. — É um belo trabalho, mas completamente ridículo.

— Agora estás a ser muito crítica. — O meu tom é defensivo, mas não o consigo evitar. Tal como não consigo evitar ver Psique e os seus muito reflexos moverem-se pela sala, fazendo uma pausa à frente de cada espelho, para poder ver as diferentes molduras. Penas, punhais, corações partidos e um punhado de setas.

Psique passa o dedo pela ponta da seta.

— Afiado.

— Tal como eu disse, a minha mãe gosta de causar uma impressão forte.

Psique abana a cabeça.

— Está bem, faz-me uma visita guiada. Preciso de saber que outras monstruosidades tem este lugar antes de avançarmos.

Eu sei que ela está a usar o humor para lidar com as voltas inesperadas que esta noite lhe trouxe, mas não deixa de me irritar.

— Eu não *tenho* de casar contigo, sabes?

— Só que eu acho que até tens. Não pareces ser o tipo de pessoa que faz seja o que for sem um bom motivo... e não será por eu uma vez ter sido simpática contigo durante um quarto de hora numa festa. Não tens de me contar, mas vamos parar de fingir que isto é unilateral, está bem?

O problema é esse; não sei ao certo se *tenho* uma razão mais profunda para embarcar nisto com ela. Talvez ela não se dê conta de como esse momento foi importante por estar habituada a viver a vida oferecendo regularmente pequenos gestos de bondade. Não é esse o *meu* mundo.

Se eu o admitir, ela ri-se na minha cara, e não a posso culpar por isso. Que espécie de monstro sou que hesito em esmagar uma rosa? Não gosto da ideia de um mundo sem a presença luminosa dela. Se quero mantê-la viva, por esmagar, esta é a única opção que temos disponível.

Se eu fosse um bom homem, oferecia-me para a ajudar a arranjar uma maneira de sair de Olimpo. O exílio é duro, mas ela é uma mulher inteligente, que em breve terá acesso a um fundo fiduciário gigantesco. Teria saudades da família, mas cairia de pé. A minha mãe está-se a cagar para o que quer que exista fora dos limites da cidade — é tão difícil entrar e sair de Olimpo —, portanto trata-se de um plano o mais infalível que é possível.

Só que também põe Psique fora do meu alcance.

Eu quero-a. Quero-a com uma intensidade que não faz sentido, mas que não posso negar. Tenciono tê-la para mim.

Deslizo atrás dela enquanto anda a bisbilhotar a minha casa, fazendo um mimo de pequenos comentários depreciativos sobre os ousados ladrilhos pretos que forram o chão de toda a casa, e sobre



os grossos cortinados vermelho-escuros que ladeiam as janelas e os espelhos do chão ao teto que povoam todas as divisões. Até espreita dentro do frigorífico antes de me lançar um olhar demorado.

— Tens um *chef*. Que interessante. Dir-te-ia demasiado paranoico para deixar entrar muitas pessoas nesta casa.

Encosto a anca à bancada da cozinha e cruzo os braços sobre o peito.

— O que te faz dizer isso?

— Tens o frigorífico repleto. Se comesses fora o tempo todo, terias recipientes de *take away*, ou o frigorífico estaria vazio. Os legumes são todos frescos, o que sugere que são, de facto, consumidos.

Tudo grandes deduções, mas não explicam como ela saltou diretamente para a ideia de um *chef*.

— E?

Psique consegue, de alguma forma, olhar-me de cima, apesar de ser uns bons doze centímetros mais baixa do que eu.

— Por favor, Eros. Uma pessoa de alto gabarito como tu não cozinha para si.

— Estás outra vez a assumir coisas.

Ela franze-me o sobrolho, e até essa expressão é engraçada.

— Não me digas que cozinhas.

— Cozinho. E sou bom. — Como ela continua de olhar franzido a olhar para mim, dou por mim a elaborar: — Tinhas razão quando disseste que não gosto de ter pessoas no meu espaço, e cozinhar é uma das maneiras que tenho de descontrair.

O cenho franzido alisa-se e é substituído por uma expressão de intensa curiosidade.

— E as outras maneiras?

— Faço exercício. — Olho-a atentamente. — E fodo.

Ela cora até aos cabelos, o que é extremamente fascinante. A única outra altura em que ela pareceu atrapalhada foi ao pensar na própria morte. Que eu a tenha afetado sustenta a minha forte suspeita de que se sente tão atraída por mim como eu por ela.

— Isso não vai resultar.

Pestanejo.

— Resultou bem comigo até agora.

— Não duvido. — Recupera depressa e descarta o assunto com a mão. — O sexo é uma grande maneira de aliviar o stresse.

Afasto-me da bancada e dirijo-me a ela. Devagar. Dou-lhe imenso tempo para que me veja chegar e decida o que vai fazer quanto a isso.

— Tu fodes, Psique?

— Não tens nada que ver com isso. — A sua voz torna-se um pouco ofegante quando paro à frente dela e me inclino para diante, pressionando as mãos na bancada, a ladear as suas ancas generosas. — O que é que estás a fazer?

— A praticar. — Sou um raio de um mentiroso, mas é uma razão tão boa como qualquer outra. — Não te podes sobressaltar de cada vez que estou à distância de um toque. Ninguém vai acreditar que andamos a foder como coelhos se fizeres isso. — Sempre que eu digo a palavra *foder*, ela estremece um pouco. Não vai resultar. De todo.

Estende os braços com cautela, quase como se estivesse à espera de que eu lhe mordesse, e pousa as mãos no meu peito de forma prudente.

— Já está? Agora podemos continuar com a conversa?

Qual conversa? Eu nem consigo juntar dois pensamentos com as mãos dela em mim e ela não está a fazer nada, só as pousou nos meus peitorais, como se se preparasse para me empurrar para longe de si. Travo uma valente batalha com o meu corpo para não reagir, como se fosse um adolescente cheio de tesão a ser tocado

pela primeira vez. Nunca fui tão ridículo, nem quando tinha dezasseis anos. Não abona muito a favor da minha sanidade mental que ela me afete a este nível. Estamos metidos num sarilho.

*Beija-a.*

*Sedu-la.*

*Assim, vais tirar isso do sistema.*

Ignoro a tentação sussurrada e tento focar-me.

— Que conversa?

— Não podes fazer sexo com ninguém. — O seu dedo muda um bocadinho de posição na minha camisa. — Não sou adepta do poliamor e a toda a gente da minha família sabe isso. Também têm noção de que eu mais depressa esventraria o meu companheiro do que ficaria com ele depois de me ter traído. Não podes estar com mais ninguém enquanto formos casados.

Sinceramente, não tinha planeado fazê-lo. O sexo é exatamente aquilo que lhe chamei: uma ferramenta para me ajudai a libertar um bocado de tensão e desconstrair. Um tempo bem passado para mim. Um tempo bem passado para as minhas parceiras. Toda a gente tem expectativas claras. Pode parecer que estou a usar os outros, mas a verdade é que não sou bom partido e toda a gente de Olimpo o sabe. Todas as pessoas com quem tento namorar têm de lidar com uma sogra do Tártaro, e isso sem sequer abordar a minha reputação como seu capanga. Sou o gajo que elas fodem, o gajo que as leva ao lado selvagem antes de seguirem para escolhas mais seguras e assentarem. É assim que são as coisas e isso sempre me bastou.

Não quer isso dizer que eu esteja prestes a confessar essa verdade a Psique sem ser instigado a isso. Não, trata-se de mais uma negociação.

— Psique. — Gosto do sabor do seu nome na minha língua. Desconfio que ainda vou gostar mais do sabor *dela*. — Eu tenho necessidades.

— Então, sugiro que te familiarizes com a tua mão. — Tem uma expressão teimosa no sobrolho, de que gosto tanto. — Ou, se quiseses uma coisa mais fantasiosa, sou mais do que pessoa para te comprar um daqueles brinquedos que imitam o teu buraco de eleição.

Isto arranca-me um riso de surpresa.

— Ficas contente com a mão e um brinquedinho vibrador?

— Já tive períodos de seca. Com maior frequência em meses recentes, esses períodos de seca foram a regra e não a exceção. — Encolhe os ombros, como se fosse um facto da vida e não um raio de uma tragédia.

Faço deslizar as mãos para mais perto dela, pressionando os meus antebraços nas suas ancas. Ela sobressalta-se e eu arqueio as sobrancelhas.

— A maneira mais segura de te conformares com a ideia de eu te tocar é através da terapia de exposição. O sexo vai acelerar o processo.

Pestaneja com os seus grandes olhos esverdeados.

— Desculpa, devo ter ouvido mal. Pareceu-me que sugeriste que eu fizesse sexo contigo como terapia de exposição.

— Sim.

— Tens-te mesmo em boa conta, não tens?

Não consigo perceber se ela está a ser sarcástica ou não, por isso ignoro a pergunta.

— Sinto-me atraído por ti. Tu não me achas excessivamente repugnante.

— Uau, tens-te *mesmo* em boa conta.

— Estou só a constatar factos. O sexo é a maneira mais fácil de avançar rapidamente para os resultados que queremos. — A maneira mais fácil de conseguirmos exatamente o que quero.

Talvez venha a ser apenas mais um encontro sexual. Desejo, sexo, acordar na manhã seguinte com a necessidade purgada.

Nunca mais teremos de repetir; somos mais do que capazes de partilhar o mesmo espaço sem criar um ambiente confrangedor. Ela é boa de mais nesse jogo para fazer as coisas de maneira diferente, e o controlo é algo com que nunca tive problemas.

Até agora.

— Não. De maneira nenhuma. Não sei o que vês quando olhas para mim que te faz partir do princípio de que eu alegremente faria sexo com um homem que estava para me matar há uma hora, mas tenho fasquias mais elevadas do que isso. — Faz uma levíssima pressão no meu peito. — Sai, Eros. Já.

Faço o que ela me pede, deixando-a empurrar-me vários passos para trás. Quero-a na minha cama, mas quero-a lá de sua livre vontade.

— Só podemos sair deste apartamento quando conseguires não te sobressaltar sempre que te toco.

— De manhã já vou estar bem. — Olha em redor com exagero. — Bom, tens um quarto a mais?

— Psique. — Espero que ela olhe para mim. Tenho um quarto de visitas que é mais do que adequado às suas necessidades. Mas quero Psique na minha cama e vou dar um golpe baixo para a ter lá, mesmo que seja só para dormir. — Eu estava a falar a sério sobre a terapia da exposição. Se não for sexo, então dormirmos juntos vai ajudar neste aperto.

— Não.

— Não é negociável.

— Há imensos casais que não partilham quartos, A minha mãe e o segundo marido nunca dormiram juntos.

Ergo as sobrancelhas.

— A tua existência e a da Perséfone sugerem algo diferente.

É gira como o raio quando fica corada.

— Vou fingir que não disseste isso. Para de me tentar distrair.

— Casamento por amor. — Digo as palavras devagar. — Se perdemos a cabeça o suficiente para nos precipitarmos a casar, seria estranho tu estremeceres de cada vez que me aproximo de ti para te tocar.

— Vou resolver isso. Não precisamos de dormir na mesma cama para alcançarmos os nossos objetivos.

Já estou farto desta discussão.

— Não queres entrar no jogo? — Faço um gesto para trás de mim. — A porta fica ali. Não te vou fazer mal, mas a minha mãe *mandará* outra pessoa. Se quiseses testar as tuas hipóteses de sobreviver esta semana, estás completamente à vontade. — É *bluff*. Não posso deixá-la ir embora. As consequências para nós são elevadíssimas.

Olha para mim como se me odiasse, mas eu consigo viver com isso, porque se vira para o corredor que se embrenha mais em casa.

— Vamos terminar a visita a esta *penthouse* monstruosa.

## Capítulo 8

### Psique

Depois de ter visto o resto da *penthouse* de Eros — cada divisão mais luxuosa e polida do que a anterior —, consigo finalmente afastá-lo de mim e esconder-me na casa de banho principal. É tão ridícula como o resto da casa, com o chuveiro de azulejos, capaz de albergar seis pessoas, com uma dúzia de cabeças de chuveiro em várias localizações estratégicas. Os azulejos são bastante bonitos, se bem que nunca hei de dizer isto em voz alta. Quase parece quartzo rosado, brilhando de forma atrativa em contraste com a ardósia cinzenta do chão. Os lavatórios são os dois pretos, reluzentes e fundos, com torneiras ativadas pelo movimento. Como é óbvio.

E os espelhos.

Meus deuses, há tantos *espelhos* neste lugar.

Posso ter a minha dose de espelhos em casa da minha mãe, mas isto está para lá de tudo. São todos enormes e com molduras ornamentadas. Talvez não fossem tão esmagadores se houvesse, literalmente, qualquer outra decoração neste lugar. Mas não. Só espelhos e mobília minimalista, que me dá a sensação de ter entrado numa galeria de arte estranha. É bonita e cara, mas, em última análise, destituída de alma.

Tenho a certeza de que diz alguma coisa sobre Eros, mas, neste momento, estou cansada de mais para juntar os pontos.

Lavo os dentes com a escova por usar que ele procurou para mim, sobretudo para ter alguma coisa que fazer, e fito o meu reflexo no espelho principal desta divisão. Trata-se de um grande espelho horizontal, que se alonga por toda a extensão da bancada, com uma moldura de um metal preto simples que brilha sobre os azulejos. Suspiro. Toda esta noite virou os meus planos do avesso, mas não há nada a fazer. Sei quando usar o meu jogo de cintura, embora

neste caso vá receber um golpe em cheio. Vai acabar por haver uma saída desta situação, mas o único caminho em frente agora é casar com Eros.

Casar com Eros.

Eu podia rir, se tivesse fôlego para isso. Eu sabia que ele era atraente. Tenho olhos na cara. *Claro* que sabia que ele era atraente. Mas saber não me preparou para a força da sua personalidade quando ele vira a atenção para mim. Não é caloroso — acho que não é capaz de o ser verdadeiramente —, mas a pura sexualidade que emana basta para derreter toda a minha razão até ser uma necessidade básica.

O motivo por que me sobressalto sempre que ele me toca não é por considerar o contacto repugnante. É exatamente o oposto. Sempre que os seus dedos roçam em mim ou me envolve com os seus braços, é como se eu tivesse sido atingida por um raio.

Ele quer fazer sexo.

Ele quer *dormir* comigo.

Por ser tão consciente, conheço todas as minhas fraquezas com a mesma profundidade com que conheço as minhas forças. Sou inteligente, astuta e excelente a construir a minha imagem pública. Também me sinto sozinha, exausta e não sou muito boa a separar o sexo das emoções. Aprendi isso com o meu primeiro namorado e levei a lição a sério. Quecas ocasionais podem resultar para outras pessoas, mas eu nunca hei de conseguir alcançar isso. Fico muito envolvida. Como resultado, tenho de examinar cuidadosamente todas as pessoas por quem me interesse, razão pela qual a minha vida romântica tem sido relativamente estéril durante o último ano, ou por aí. Se não conseguir confiar que uma pessoa está mesmo interessada em *mim* — e não a tentar ganhar os favores da minha mãe ou a tentar usar-me de outra maneira qualquer —, então não sou capaz de dormir com ela e pôr o meu cérebro racional de lado.

Vou precisar de todos os bocadinhos de racionalidade, previdência e engenho que conseguir para sobreviver a este



casamento com Eros. Não me posso dar um luxo de dar um passo em falso, de maneira que baixe a minha guarda.

Por mais atraída que me sinta por ele.

Fecho os olhos e endireito-me. Certo, eu tomei esta decisão. Agora só preciso de não me desviar dela. Eu sou capaz. Lido com personalidades fortes desde que nasci; esse rótulo adequa-se a todas as pessoas da minha família e a todas as pessoas que conheci desde que vivo em Olimpo. Vou tratar Eros da mesma maneira que trato toda a gente. Só preciso de encontrar a minha margem de negociação, de maneira a conseguir que Eros faça o que eu quero.

Para mudar o poder desta parceria na minha direção, pelo menos um pouco.

Com isso em mente, dirijo-me à porta e abro-a... Deparo com Eros estendido na cama, só com umas calças de andar por casa. Paro redonda. Ele estava lindo de *smoking*, e a perfeição em pessoa no seu fato cinzento caro. Não devia ser capaz de conseguir mais do que a perfeição. Não é nada lógico, mas, de alguma maneira, Eros de calças de andar por casa é muito pior. Está *descalço*.

Olho para os pés dele. São belos pés, penso eu? Não sou propriamente uma pessoa com opiniões fortes sobre pés, mas esta vulnerabilidade casual simboliza um tipo de intimidade que faz soar todos os alarmes na minha cabeça.

— O que estás a fazer?

— É tarde. Estou cansado. — Dá uma palmadinha ao seu lado, na cama, os músculos do braço contraem, o que chama a minha atenção para a beleza do seu peito, o que me faz descer...

Desvio bruscamente o olhar das suas ancas.

— Ainda temos de falar.

— Falamos de manhã. Não há mais nada a dizer esta noite. — Não consigo ver os seus olhos azuis daqui, mas a firmeza da sua boca diz-me que se trata de uma batalha que não vou ganhar. Eros

bate novamente na cama, desta vez com uma ordem descarada. — Vem cá, Psique.

Vou passar uma quantidade significativa de tempo a dormir ao lado dele. Calculo que seja lógico começar esta noite.

— Geralmente durmo nua. — Deus meu, porque é que acabei de dizer isto em voz alta?

— Regra geral, também eu. Contudo, puseste o sexo de parte por enquanto, por isso acho que é prudente continuar com alguma roupa no corpo.

*Prudente.* Engulo uma gargalhada *borderline* histérica e vou em pezinhos de lã até ao lado da cama. Eu sei que está tudo na minha cabeça, mas quanto mais me aproximo dele, mais denso o ar parece à minha volta. Se isso me atrai ou repele fica aberto a discussão. Abro com relutância as calças de ganga. Posso estar demasiado cansada para discutir com ele como vamos dormir, mas há uma coisa que não posso deixar escapar.

— Correção: pus o sexo de lado para sempre.

— Está aberto a discussão.

— Não está nada.

Não pode estar. Deslizo para fora das calças de ganga, dolorosamente ciente de como Eros me observa intensamente. Estar quase nua com uma pessoa nova é inibidor e faz-me sentir vulnerável como o raio, de uma maneira que detesto. E isso é quando se trata de uma pessoa em quem confio o suficiente para me envolver fisicamente com ela. Preparo-me para o embate quando olho o seu rosto, sem saber bem o que espetar. Já vi as pessoas de quem Eros se rodeia. São todas o cúmulo daquilo que Olimpo considera ser a perfeição física. Corpos magros. Pele imaculada. Bonitas de uma maneira muito específica.

Não sou propriamente assim. Isso é algo de que estou constantemente a ser recordada, em especial com a vida pública que escolhi. Não há como escapar à maneira como as expectativas sociais fazem fricção com a minha realidade.

Adoro o meu corpo. Lutei com uma força incrível para amar o meu corpo, mesmo que haja dias em que isso me pareça uma ambição, em vez de realidade. Continuo dolorosamente ciente de que nem toda a gente sente o mesmo.

Depois de um breve debate comigo mesma, dispo a camisola e deixo-me com um *top* de alças e cuecas. Como me recuso a dormir de sutiã, debato-me para me libertar dele, sem tirar o *top*.

Não há mais nada a demorar-me, portanto olho finalmente para Eros.

Ele está a olhar para mim como se me quisesse consumir dentada a dentada, saboreando cada pedaço. Todo e qualquer músculo do seu corpo está contraído e não há engano possível quanto à extensão dura que lhe pressiona a parte da frente das calças de andar por casa. Luxúria. É pura luxúria e é tão forte que parece preencher o espaço entre nós.

Não posso, em circunstância nenhuma, deixar que volte a tocar-me. Pigarreio.

— Chega para lá.

— É um colchão *king size*. Há imenso espaço. — Tem outra vez aquele tom de voz suave e o único sinal verbal de que está afetado é um ligeiro aprofundar do timbre. — Para de discutir e vem para a minha cama, Psique.

A única coisa pior do que enfiar-me debaixo daqueles cobertores é ficar aqui e deixá-lo devorar-me com o olhar, por isso obedeço. Por um instante, parto ingenuamente do princípio de que Eros vai dormir por cima da roupa da cama, dando-nos a ilusão de separação, mas ele põe-se em pé o tempo suficiente para abrir o edredão e os lençóis e subir para a cama, para o meu lado.

Isto é uma má ideia. Correção: é uma ideia tão terrível que nem sequer a resume minimamente.

Amanhã...

Ponho-me bruscamente numa posição sentada.

— Tenho de fazer uns telefonemas.

Qualquer coisa que atrase a necessidade de apagar as luzes.

Ele é mais rápido do que eu esperava, enlaçando-me a cintura com o braço e puxando-me contra o peito.

— Para.

Fico petrificada. Mas que caraças, sinto a pressão da pila dele no meu rabo e isso sem falar em toda a pele nua que roça na *minha* pele nua e, oh, deuses, há tanto tempo que eu não tocava assim em ninguém. De certeza que é por isso que o meu corpo vibra alegremente nesta nova posição, enquanto a minha mente grita *perigo à vista*.

— O que estás a fazer, Eros?

Sinto o sopro dele no ponto sensível atrás da minha orelha.

— Em vez de fazeres esses telefonemas, vamos tornar a nossa relação pública.

— Nós não temos uma relação. — Não sei porque estou a discutir. Afinal, o plano é esse.

— Agora temos.

Fecho os olhos, mas isso só fortalece ainda mais o feitiço que a proximidade dele produz. Ele ainda tem o braço à minha volta, o que significa que o antebraço me pressiona os seios e, meus deuses, tenho os mamilos a endurecer sob o *top*.

— Já falámos sobre isto. De maneira nenhuma as minhas irmãs vão acreditar na nossa relação, especialmente se a tornarmos pública antes de eu lhes contar que estou apaixonada por ti.

— Aquilo em que elas acreditam importa menos do que a impressão que damos.

Os lábios dele acabaram de roçar a minha pele? Não sei ao certo. A única coisa que sei é que estou a debater-me com arrepios.

— Nunca irá funcionar. Quase nem plano é.

— Estás a discutir só por discutir e sabes isso. És mais do que capaz de lidar com a Perséfone e o resto das tuas irmãs de qualquer maneira que aches adequada. — Muda de posição, o braço roçando o meu corpo ao de leve. — Além disso, as tuas irmãs não fariam nada que te pusesse em perigo, por isso vão entrar no jogo até terem oportunidade de falar contigo cara a cara.

Não está enganado. Odeio que não esteja. Pondero as suas palavras demoradamente, passando em revista vários cenários.

— Estás a propor tornarmos isto público nas minhas redes sociais.

Faz sentido. Com uma única fotografia, podemos anunciar a nossa relação e adiantarmo-nos a quaisquer repercussões da parte de Afrodite. Isto só funciona se Olimpo inteira comprar a nossa história de amor e, para que isso aconteça, toda a Olimpo precisa de saber que está a acontecer.

— Sim. Infelizmente, as minhas são negligenciadas.

Podem ser negligenciadas, mas ele tem uma plataforma quase tão grande como eu. É bom ser filho de Afrodite, com uma cara de deus e uma personalidade misteriosa a condizer. Mas ele tem razão. Se um de nós fosse anunciar a nossa relação ao mundo, seria eu.

Abro os olhos. Vou avançar com isto. Já me comprometi. Agora é só uma questão de fazer isto bem.

— Está bem. Dá-me um instante.

Eros fica a observar, com algo semelhante a diversão, enquanto eu saio da cama e me desloco pelo quarto, a ligar umas luzes e a desligar outras. Uso o telefone para lhe tirar umas fotografias de teste e depois praguejo no meu íntimo por ele ser tão fotogénico — as fotografias podiam estar nalguma revista sobre *playboys* milionários nos tempos livres.

É necessário levar o candeeiro da mesinha de cabeceira para a cama para conseguir a luz que procuro. Não é perfeita, mas está lá perto. E, sinceramente, ninguém espera perfeição do tipo de imagens que estamos a criar.

Arrasto a pouca coragem que me resta e gatinho de volta à cama com Eros. Ele alisa-me o cabelo para o lado e puxa-me a alça do *top* um pouco para baixo, deixando-me o ombro nu. Quase a puxo de novo para cima, mas estamos numa de intimidade e um pouco de sensualidade, portanto funciona.

Posiciono o telemóvel e tiro umas quantas fotografias, tentando não dar um salto quando ele me beija o ponto em que o ombro se une ao pescoço.

— Para com isso.

— Tenho de caprichar para a câmara.

Passo o dedo pelas imagens.

— Estás a aproveitar-te e sabes disso. Este ângulo é terrível para se ver a tua cara.

Eros puxa-me para mais perto ainda, depois segura-me o maxilar com as mãos em concha, virando a minha cara para a sua.

— Prepara a câmara — murmura, com os olhos fixos nos meus lábios. Eu não devia. É uma péssima ideia. Absolutamente a pior. Mas verifico o ângulo do meu telemóvel e viro-me de novo para Eros. A minha intenção é que seja um beijo rápido, e tiro umas fotografias mal os seus lábios toquem os meus.

Eros não está contente com isso. Mordisca-me o lábio inferior, com força suficiente para me arrancar um arquejo e aproveita-se logo da abertura para deslizar a língua para o interior da minha boca. Sabe à pasta de hortelã que usei na casa de banho e beija-me como se fosse a batalha de abertura daquilo que ele espera ser uma longa guerra.

Derreto. Não há outra maneira de o dizer. Deixo cair o telefone e enterro as mãos no seu cabelo encaracolado, deixando-o aprofundar o beijo, embora uma vozinha ao fundo da minha mente me chame sete tipos diferentes de palerma.

Se ele pressionasse as coisas, ou fosse muito depressa, talvez a razão tivesse interferido para fazer parar este disparate, mas Eros

parece satisfeito por simplesmente me beijar até estarmos os dois a respirar com força, e eu a tremer. O seu sexo é uma comprida extensão encostada à minha anca, tão dura que tenho de me conter para não estender o braço e lhe tocar.

Quando ele levanta finalmente a cabeça e me fita com os olhos escurecidos de desejo, parece quase tão chocado como eu me sinto. A expressão muda quase imediatamente, substituída por uma feroz determinação.

Vai-se afastando para trás tão devagar que eu tenho de morder o lábio inferior para me lembrar de que isto é uma farsa, que eu não posso, de maneira alguma, estender o braço para ele e arrastá-lo para cima de mim para acabar aquilo que o beijo começou. Só quando ele está a uns precários quinze centímetros de distância é que fala:

— As tuas palavras dizem uma coisa, mas esse beijo diz outra completamente diferente, Psique. O sexo continua em aberto e tu sabes isso.

## Capítulo 9

### Eros

Ao final de uma noite em branco, deitado ao lado de Psique, estou a amaldiçoar-me por não deixar que as coisas se descontrolem, como ambos queremos. Ela estava ali, comigo, arqueando as costas para pressionar contra mim o máximo de corpo que conseguia. O mínimo movimento ter-nos-ia atirado para lá do limite.

Não sei porque me contive. Recuso-me a examinar a minha lógica.

Vou passando o dedo pelas redes sociais dela, sobretudo para me distrair da tentação de puxar o lençol do seu peito para a *olhar*. Porra, é mesmo Estar assim tão perto sem lhe tocar dá-me a sensação de ter o sangue a ferver, sem sinais de estar para arrefecer em breve. Recuar ontem à noite foi mais difícil do que eu alguma vez hei de admitir, especialmente quando as mãos dela começaram a tremer, quando me agarrou o cabelo e as ancas dela fizeram pequenos movimentos de busca.

O melhor é não pensar nisso agora. Já sou responsável por agora andar por aí com um caso permanente de tensão testicular; não vale a pena piorar as coisas.

Apesar de publicar a fotografia tão tarde, já tem milhares de comentários e ainda mais *likes*. Os comentários chamam a minha atenção. Franzo o sobrolho, volto ao início e começo a andar devagar para baixo, a ler cada um deles.

Que merda é esta?

Ao meu lado, Psique mexe-se. Reparo que fica tensa, mas descontrai muito depressa, quando percebe que mantive o cuidadoso espaço entre nós. Boceja, tapando a boca com a mão.

— Porque é que estás com essa cara?



Aperto o meu telemóvel com força, a ponto de existir perigo real de esmagar o raio da coisa.

— Mas que porra é que se passa com as pessoas?

— Vais ter de ser mais específico.

Quase viro o ecrã do telemóvel para a cara dela, mas penso melhor à última hora. Não importa que ela seja mais do que capaz de ver esta merda sozinha; não lhe vou mostrar.

— As pessoas estão a dizer umas coisas maradas sobre a fotografia.

— Ah. — A sua expressão descai um pouco, mas ela sacode-a depressa.

— A primeira regra da Internet, e a mais vital, é nunca ler os comentários. Isso é exponencialmente mais importante para alguém que não encaixa nas visões tradicionais de beleza ou que é marginalizada de alguma maneira, mas a verdade é que mesmo as modelos mais magras e mais bonitas têm pessoas a dizer coisas terríveis nos comentários. Os *trolls* serão sempre *trolls*.

Como é que ela pode dizer isto de forma tão casual? E mais, quanto tempo demorou a construir aquele muro impressionante entre si e os parvalhões da secção de comentários? Fulmino o telemóvel com o olhar.

— Não está certo.

— Pois não. Mas não se pode fazer nada, e aborrecer-me por causa da opinião de um desconhecido qualquer é contraproducente.

Fulmino mais ainda o telemóvel.

— Talvez não se possa fazer nada, mas...

A mão dela tapa a minha boca, e o toque leve faz dispersar as minhas fantasias violentas. Psique lança-me um olhar cauteloso.

— Com certeza não me ias dizer que és capaz de descobrir quem são estas pessoas e ameaçá-las de alguma maneira.

Como era exatamente isso que eu ia dizer, fico de boca calada.

Ela não baixa a mão.

— Neste momento, temos batalhas maiores a travar. — Pega no telefone com a mão livre e mostra-mo. Há tantas mensagens de texto e chamadas que as notificações desaparecem do ecrã.

— Agora, temos de conversar... e *não* é sobre desconhecidos na Internet.

A única razão para eu ainda não ter tido notícias da minha mãe é ela ter dado entrada no *spa* ontem à tarde e ficar lá o fim de semana. É uma coisa que ela faz todos os meses e, por alguma *estranha* coincidência, estas ocasiões alinham-se muitas vezes com alguma tarefa desagradável que ela me tenha atribuído. Afrodite nunca seria apanhada sem álibi e, neste caso, isto vai funcionar a nosso favor. Embora peça à assistente que publique umas quantas fotografias durante as suas idas ao *spa*, torna-se praticamente impossível de apanhar.

Suspiro contra a palma da mão de Psique e aperto os dedos no seu pulso, retirando-lhe devagar a mão do meu rosto.

— Temos de nos casar quanto antes. Antes de a minha mãe sair do *spa* e perceber o que fizemos. — Uma namorada continua a ser descartável. Uma mulher, não.

Ela faz uma careta.

— Sim, compreendo. Temos um acordo. — Psique olha de relance para o telefone. — Fazemos as cenas queridas de namoro para o público depois da cerimónia, para vender o romance a sério.

Não peço esclarecimentos acerca do que são as *cenas queridas de namoro*. Não são o meu forte e sou o primeiro a admiti-lo. Neste momento, a cerimónia de casamento toma precedência sobre o resto. Quanto menos tempo dermos à minha mãe para reagir, melhor. Ainda assim...

— Estava a falar a sério ontem à noite. Não saímos do meu apartamento até eu te poder tocar sem te sobressaltares.

— Estás a tocar-me agora.

Lanço-lhe um olhar.

— Tu sabes o que eu quero dizer.

Ela suspira.

— Muito bem. Mas eu preciso de retribuir estes telefonemas, caso contrário, a minha mãe e as minhas irmãs hão de vir bater à tua porta. — Psique olha de relance para a porta do quarto. — Sinceramente, estou um bocado surpreendida por a Calisto não estar já aqui. Está a aprender a ter alguma contenção, agora que tem quase trinta anos.

É mais por eu ter a melhor segurança que o dinheiro pode comprar e, embora Calisto Dimitriou seja formidável, não é nenhuma Hermes. No entanto, estou completamente à espera de a ver. Mais cedo do que tarde.

— Vai haver pedidos de entrevistas.

— Já tenho seis. — Vai deslizando o dedo pelo telefone, ao mesmo tempo que se senta. O seu de alças é perigosamente decotado, os seios grandes esticam o tecido até um ponto que seria mais simpático despi-lo. Psique suspira sem olhar para mim. — Para de olhar para o meu peito. Isso distrai-me.

Não posso ficar nesta cama com ela. Se ficar, vou seduzi-la e não sairemos deste quarto durante dias. Estou a começar a apaziguar-me com a ideia de que uma noite com Psique não será suficiente; Podia ter passado a noite inteira a beijá-la. Essa tomada de consciência não é confortável.

— Vou tomar um duche.

Talvez uma punheta me alivie um pouco. Não se pode esperar que eu pense como deve ser quando estou com tesão há umas seis horas seguidas.

Só que quando me meto debaixo de água e fecho o punho à volta da pila, só consigo pensar em Psique. Tem um sabor tão doce. As mamas grandes e o rabo cheio. Que bem os seus lábios ficariam à volta da minha pila. Venho-me com um palavrão.

*Foda-se.*

No geral, não sou impulsivo a ponto de mudar um plano à última hora, mas não posso negar que me parece muito bem vestir-me e sair para encontrar Psique na minha cama, a digitar no telemóvel. Tem o cabelo um bocadinho despenteado e enfiou as calças de ganga, mas parece quase em casa. Pensamentos perigosos. Tão incrivelmente perigosos. Acabo de abotoar a camisa.

— Vamos comer.

— Não tenho fome. — Não olha para mim. — Tenho umas coisas a tratar antes do telefonema com as minhas irmãs, dentro de meia hora. E também preciso de perceber como tirar as coisas de casa da minha mãe sem esbarrar com ela, porque ainda não estou preparada para ter essa conversa. Ou esbarrar com a *tua* mãe. Embora não possa dizer que alguma vez tenha, acidentalmente, ido parar ao mesmo sítio que Afrodite, com exceção das festas do Zeus. — Ergue uma mão quando abro a boca. — Sei que precisamos de resolver a coisa do toque físico, mas também tenho exatamente zero mudas de roupa.

Encolho os ombros.

— Eu compro-te mais.

Isto chama a atenção dela. Levanta a cabeça e franze o sobrolho para mim.

— Isso é ridículo.

— Disseste que ainda não querias ir para casa lidar com a tua mãe, e duvido que queiras usar a roupa de ontem quando fores. Já para não dizer que não é propriamente seguro andar a vaguear por Olimpo antes de estarmos efetivamente casados. Solução simples: roupa nova.

— Eros. — Fala devagar, como se estivesse a falar com uma criança. — Podes ter a possibilidade de entrar em qualquer sítio que venda roupa para homem e encontrar o teu número, mas eu não tenho esse luxo. As lojas são melhores do que eram há uns anos porque consigo muita atenção da imprensa para os estilistas que fazem roupa decente para tamanhos grandes, mas só há dois ou

três que eu confio que tenham aquilo de que preciso em *stock* e, mesmo assim, seria só um punhado de peças. Não é possível comprar-me um guarda-roupa inteiro novo com pouca antecedência, sem o dobro do trabalho que daria conseguir a minha roupa.

Estou a ouvir o que ela diz, mas não gosto do que ouço.

— Isso é ridículo. Porque é que não teriam uma vasta panóplia de tamanhos, que sentissem a todos os clientes? Não és propriamente a única mulher que é... — Aceno com a mão para ela.

— Gorda.

Fico eriçado.

— Eu não disse isso.

— Não é um insulto. É só uma palavra. — Encolhe de novo os ombros. — E é a verdade. Embora eu aprecie a tua defesa entusiasta dos números grandes em todo o lado, neste momento não podes fazer grande coisa acerca disso. Preciso da *minha* roupa.

Quero continuar a discussão porque ofende-me que Psique não tenha tudo aquilo de que precisa ao alcance dos dedos. Mas ela tem razão. Não temos tempo para esta merda.

— Fala com as tuas irmãs. Faz com que fiquem do teu lado e convence-as a distraírem a tua mãe, para nós podermos entrar e sair quando ela não estiver em casa.

— *Nós?*

— Sim, nós. Não te vou perder de vista.

Psique pousa o telemóvel com um cuidado exagerado.

— Não precisas de andar atrás de mim como uma sombra. Não tenho para onde fugir e dei-te a minha palavra em como vou fazer isto.

Cedo à gravidade da presença dela e avanço para ficar à sua frente. Gosto da pequena linha que aparece entre as suas sobancelhas quando as franze para mim. Até gosto que a sua mente já esteja a girar à frente desta conversa quanto ao que ela

precisa de conquistar a seguir. Isso não me impedirá de a arrastar de volta para o aqui e agora.

— Não te posso manter segura se não estiver contigo, Psique.

— Achas mesmo que a tua mãe se vai reorganizar assim tão depressa?

É mais eu *saber* que ela é capaz. Mesmo sem a minha ajuda, Afrodite não se agarrou ao poder durante tanto tempo sem uma boa razão. É uma inimiga formidável.

— Eu acho que seria uma grande perda de tempo e de esforço se passássemos por estas negociações todas e depois ela mandar alguém instalar um explosivo no teu carro enquanto andas por aí a tratar de coisas.

Franze o sobrolho para mim.

— Isso parece-me radical.

— Já falámos sobre isto. Existe uma razão para a nossa única opção ser um romance e casamento muito públicos. — Inclino-me para a frente, firmando as mãos nas ancas dela. Psique consegue que o seu sobressalto seja o mais leve tremor, mas a reação não deixa de ser logo evidente para quem nos observar atentamente. Baixo os olhos para a boca dela, que passa a língua pelos lábios. Não é bem um convite para que a torne a beijar, mas tudo bem. Ela tem razão. Temos de nos concentrar, especialmente durante os primeiros dias. As próximas quarenta e oito horas vão construir ou destruir a crença de Olimpo nesta paixão assolapada. — Vamos fazer a cerimónia hoje à noite.

Os seus olhos esverdeados abrem muito.

— Hoje à noite?

— Quanto mais depressa, melhor. Se conseguires convencer a tua família, são mais do que bem-vindos. Terei duas testemunhas de reserva.

— Quem são as tuas testemunhas?

Em vez de responder, dou um beijo rápido naquele pequeno vinco entre as suas sobrancelhas e levanto-me.

— Tens vinte minutos até o pequeno-almoço estar feito.

— Eu disse que não tinha fome.

— Vai ser um dia comprido, Psique, e precisas das calorias para manteres os níveis de energia. — Faço uma pausa à entrada. — Seria uma pena desgraçada se desmaiasses quando eu te puser o anel no dedo e eu tivesse de te levar ao colo para o nosso leito nupcial.

Faz uma careta.

— Não tem graça.

— Não, não tem. Vinte minutos. — Fecho a porta do quarto atrás de mim e atravesso o comprido corredor até à cozinha. Nem sequer fico surpreendido por deparar com Hermes de pé ao fogão, o cabelo negro penteado em dois carrapitos no cimo da cabeça. Está a usar jardineiras de calções e um *top* curto com uma imagem de... Krampus? E também soquetes com umas arvorezinhas. Cruzo os braços ao peito e debruço-me sobre a bancada. — Forçar a entrada é crime.

— Para a maior parte das pessoas. No meu caso, é praticamente a minha linguagem de amor. — Usa a frigideira para fazer virar no ar aquilo que parece ser uma omeleta razoável. — Por falar em linguagens de amor, imagina o meu espanto ao ver aquela fotografia arrasadoramente romântica de ti com a Psique nas redes sociais. — Lança-me um luminoso sorriso rasgado. — Parabéns ao casal feliz. Irei oficializar o casamento, claro.

Isso tira-me uma tarefa da lista, mas conheço Hermes demasiado bem para aceitar o presente sem procurar arames farpados.

— Porquê?

— As senhoras Dimitriou são tão *interessantes*, não achas? Quando entraram em cena, julguei que fossem como os outros

arrivistas chatos, mas mudei de ideias. Acho que vão deixar a própria Olimpo de pernas para o ar.

Não sei se é um pensamento aterrador ou bem-vindo. Olho para trás no corredor, mas a porta do meu quarto continua fechada.

— Mudei de ideias em relação a matá-la. Esta é a única opção.

— Cuidado, meu querido, ou até posso achar que foste afligido por uma doença má chamada consciência. — Tira um prato do meu armário e despeja nele a omeleta.

— Nem em sonhos. — Não tem nada que ver com consciência e tudo com ficar com o que quero. Quero Psique, quero-a desde que ela cuidou de mim na casa de banho, na Torre de Dodona. Não posso tê-la, se estiver morta. Só isso.

Hermes senta-se na minha bancada e começa a comer a omeleta.

— Vais precisar de duas testemunhas. As irmãs não vão fazê-lo.

— Pareces estar bastante segura disso. — Eu também estou, mas também me sinto curioso para manter Hermes a falar.

Dá uma dentada e faz uma careta.

— Tem presunto a mais. Blhec. — Mastiga muito devagar, o bastante para pôr à prova a minha paciência. — Vão estar demasiado ocupadas à procura de uma oportunidade para a afastar de ti. Vais ter de arranjar as tuas testemunhas. Imagino que a tua mãe não esteja com um espírito generoso, está?

Lanço-lhe o olhar que aquela afirmação merece.

— Vou convidar a Helena e a Eris.

Hermes fica petrificada e depois desata a rir.

— A bola está do teu lado, Eros. Meus deuses, é uma pena seres melhor amigo do que companheiro romântico... E isto não significa grande coisa, porque és um amigo merdoso. Mas viver contigo nunca haveria de ser entediante.



Não me dou ao trabalho de discutir se sou um amigo merdoso. Sou e ambos o sabemos.

— É uma boa jogada.

— Ah, sem dúvida. Nem o Zeus se pode opor ao casamento se as suas irmãs forem testemunhas. — Faz um sorriso rasgado. — Aposto uma nota choruda em como vão dizer não.

— Aposto aceite. — Gesticulo para a porta. — Agora sai. Tenho de fazer uns telefonemas e tu precisas de arranjar um fato, ou assim, para usar hoje à noite, porque essa figura não se adequa à situação. Que porra, Hermes. O Natal foi quase há dois meses.

— O Natal é um estado de espírito. — Mas salta da bancada e empurra o prato para as minhas mãos. — Já percebi. Malta chique. Vou convidar o Dioniso.

Esta mulher não consegue evitar agitar as coisas sempre que tem oportunidade. Reviro os olhos.

— Tu sabes que não é assim, Hermes.

Ela continua a andar, a conversar comigo por cima do ombro.

— Ele provavelmente não aparece, dado o facto de te odiar. Mas vou convidá-lo, porque *sou* uma boa amiga e ele ia ficar melindrado se eu não o fizesse.

— Lá por o Dioniso ser teu amigo, não quer dizer que seja meu.

— Não te ouço. Tchau! — Acena com os dedos e sai. Passado uns instantes, ouço a porta da frente fechar-se. Dirijo-me a ela com passos fortes e tranco-a. Já me conciliei com o facto de Hermes aparecer sempre que lhe dá na real gana. Aquela mulher é noventa por cento gato; vai e vem conforme lhe apetece e serve-se da minha comida e bebida, quer eu esteja em casa para lho oferecer, quer não. É irritante e estranhamente terno, de uma maneira que só a Hermes consegue.

Concordou em officiar a cerimónia, portanto, é menos um telefonema que tenho de fazer. Dirijo-me de novo à cozinha, limpo o prato de Hermes e ponho mãos à obra, a preparar o pequeno-almoço para mim e para a Psique. Porra, vai ser um dia comprido.

## Capítulo 10

### Psique

— Tu o *que*?

Engulo um suspiro e concentro-me no telemóvel. Está *dividido* em três quadrados, cada um representando uma das minhas irmãs, todas com expressões variadas de fúria e incredulidade estampadas no rosto. Eros, raios o partam, tinha razão. Isto não vai ser pera doce.

— Eu é o Eros vamos casar. Hoje à noite.

A câmara de Calisto desloca-se conforme ela vai andando de um lado para o outro da divisão.

— Vou matá-lo.

— Não podes ameaçar matar toda a gente que te chateia — diz Perséfone. — Mas, neste caso, inclino-me a concordar. Ou partir-lhe as pernas, enfiá-lo numa caixa e despachá-lo no próximo barco que sair de Olimpo. Tenho a certeza de que o Posídon nem reparava.

— Por favor, para de ameaçar o meu noivo com violência — *digo* brandamente.

Eurídice observa-me, os olhos ensombrecidos de pena.

— Não vai dar certo, Psique. A Afrodite odeia-nos por causa da mãe e o Eros é a arma que ela usa para castigar as coisas que ela odeia.

Por esta altura, sei isto melhor do que elas as três. Debato-me com um arrepio.

— Estou decidida. Por favor, apoiem-me nisto. — Tenciono dizer que se trata de amor verdadeiro, mas a mentira fica presa na minha língua. — As opiniões da Afrodite e da mãe sobre o casamento não importam.

— Isso é um bocado vistas curtas.

Lanço um olhar a Perséfone.

— Diz a mulher que fugiu do Zeus e juntou os trapinhos com o bicho-papão de Olimpo. Não vamos atirar a primeira pedra.

A minha irmã não parece nada convencida.

— O Hades não merecia a sua reputação, o Eros, sim.

Não posso contradizer isso, portanto, avanço com a única coisa que me é possível. Uma súplica honesta.

— Eu estou a pedir-vos que me apoiem nisto. A minha escolha é casar com o Eros e não vou mudar de ideias.

Eurídice parece prestes a chorar. Calisto é exatamente o oposto; tem a mesma expressão perigosa no rosto de quando esfaqueou a mão ofensiva de Ares ou de quando começou aquela rixa de bar, não há muito tempo. E Perséfone? Está a olhar para mim como se nunca me tivesse visto. Finalmente, ela diz:

— Se estivesses metida num sarilho, contavas-nos, não contavas?

Nem por sombras, agora que estou com água pelo pescoço e a afundar-me rapidamente. Não podem fazer nada para ajudar e, se tentarem, isso só vai dar mais oportunidades a Afrodite de me eliminar de forma permanente. E, pior ainda, ela pode lançar o seu olhar vingativo também sobre as minhas irmãs. Arrastá-las comigo para o fundo seria o cúmulo do egoísmo e eu recuso-me. De modo que sustento o olhar da minha irmã e minto.

— Claro.

Ela suspira.

— A mãe vai ter um ataque cardíaco quando souber disto.

— Não vai nada, e tu sabes que não. Há anos que ela anda à procura de uma maneira de fazer a vida negra à Afrodite e, quando ela se acalmar, vai perceber que este casamento é a maneira perfeita de o fazer. — Mesmo que isso signifique que não vou casar com Zeus, como era evidente que ela desejava. Não me posso dar ao luxo de pensar *nisso* a fundo neste momento.

— «Quando ela se acalmar» é uma ressalva bastante grande.  
— Aparece um cachorrinho no ecrã de Perséfone, um rafeirinho preto engraçado que lhe lambe o queixo e produz um latido ávido. Ela faz-lhe festas na cabeça, distraída. — Agora não, Cérbero. Estou a falar.

Calisto pragueja.

— Isto é uma treta. Eu não apoio isto. — Desliga antes de eu poder dizer uma palavra que seja.

Eurídice abana a cabeça.

— Desculpa, Psique. Mas vais arrepender-te de fazer isto. Eu também não posso apoiar. — Também desliga.

Reprimo um suspiro. Eu não estava à espera de outra coisa, mas a esperança renova-se eternamente. Perséfone continua a fazer festas a Cérbero, contemplativa. Por fim, diz:

— Confio no teu juízo. Não creio que seja o caminho certo, mas desconfio de que não me estás a contar tudo. Ontem à noite, foste identificada em meia dúzia de publicações pela cidade na companhia da Hermes e hoje de manhã, surpresa, vais casar com o filho da inimiga da nossa mãe.

A única coisa que posso fazer para não deixar que a culpa se imiscua na minha expressão é responder:

— Para ser justa, metade dos Treze são inimigos da mãe.

Ela não sorri.

— Ficaste do meu lado quando eu pedi o teu apoio, enquanto estava com o Hades, depois de fugir do Zeus. Deste-me o tempo e a confiança de que eu precisava para encontrar uma solução. Seria o cúmulo da hipocrisia não te apoiar neste momento.

Resmungo:

— Ainda bem que chegaste a essa conclusão.

— Olha, eu adoro-te e estou preocupada contigo. Sinto-me tão tentada a armar-me em Calisto e rebentar-lhe a porta de casa para atravessares comigo o rio e vires para a cidade inferior.

Se eu achasse, por um segundo que fosse, que isso iria resultar... Mas não vai. Perséfone já me disse que viu Eros na cidade inferior, e renunciar ao convite dele pode não ser suficiente para o manter afastado. É difícil atravessar o rio Estige sem convite, mas não é impossível. A barreira montada é uma versão ligeiramente mais fraca daquela que circunda Olimpo como um todo. Tal como Posídon, com a barreira externa, Hades tem um certo controlo sobre quem entra e sai da cidade alta para a cidade inferior. Não é, contudo, um sistema perfeito.

Já para não dizer que Eurídice e Calisto estão aqui, ambas perfeitos alvos suplentes para a ira de Afrodite. Da próxima vez que ela ordenar que uma filha de Deméter seja despachada, Eros pode não ter tempo para conversas. Pode simplesmente atacar.

Não posso permitir que isso aconteça.

— Eu quero isto — repito o que me parece já ter dito uma dúzia de vezes.

— Se mudares de ideias, tiramos-te daí. — Não há como saber se se refere a si e ao seu marido ou a si e às irmãs, mas nenhuma dessas opções é boa ideia. — Mas vamos estar no casamento. Eu e o Hades. — Perséfone hesita. — Queres que eu tente convencer a Calisto e a Eurídice a virem também?

— Não, tudo bem. — Elas não têm culpa de não quererem vir a esta farsa de cerimónia de casamento, mesmo que isso me custe. — Mas, se pudesses convidar a mãe para ir almoçar, ficava-te muito grata. Preciso de tirar as minhas coisas da *penthouse* e não posso fazer isso correndo o risco de a ver lá. — É verdade que o tempo aplacou os impulsos da minha mãe, mas Calisto entrega-se à sua raiva abertamente. Não me admirava se as duas me trancassem no meu quarto até eu ver a razão, o que tornaria a situação ainda mais complicada.

— Considera-o feito. Envio-te uma mensagem quando estiver confirmado.

— Obrigada.

Dirige-me um pequeno sorriso.

— Tem cuidado, Psique. O Eros é perigoso em extremo.

Compreendo isso muito melhor do que ela alguma vez compreenderá. Tento sorrir em resposta.

— Eu sei. Ele é um monstro. Mas, a partir desta noite, será o *meu* monstro.

Desligamos depressa depois disto e eu demoro uns minutos a tentar acertar a minha aparência. Felizmente, Eros tem um armário inteiro cheio de produtos para a pele e para o cabelo, mas não conheço a maior parte deles. Penteio o cabelo e enrolo-o numa coroa «desalinhada chique» em redor da cabeça. Trago sempre uma pequena seleção de produtos de maquilhagem na mala para retoques, o que neste momento me salva a vida. Quando saio do quarto, pareço uma mulher que acabou de dormir com o namorado sem o ter planeado, mas composta, mesmo assim. Vai ter de servir.

Um cheiro divinal arrasta-me para a cozinha, onde encontro Eros a terminar um refogado com cubinhos de batatas e pimentos e ovos estrelados. É mais pesado do que eu normalmente comeria ao pequeno-almoço, mas aceito o prato que ele me passa e sento-me num dos elegantes bancos de ferro que ladeiam o bar da cozinha. Não são propriamente confortáveis, mas são bonitos. Dou umas dentadas na comida, o suficiente para Eros parar de olhar para mim e se atirar à sua própria refeição.

Comemos num silêncio estranhamente confortável, entremeado pelos nossos telemóveis a vibrar com notificações de poucos em poucos segundos. Eros olha com maus modos para o seu.

— Como é que aturas esta merda?

— Tem de ser. — Aprendi cedo que o poder é a única coisa que a nata de Olimpo respeita e que eu nunca o alcançaria tentando imitá-los. Tinha de seguir o meu caminho, mas continuando a jogar o jogo: um equilíbrio cuidadoso que, na maior parte das vezes, me deixa exausta. Mas estava a funcionar, pelo menos até Afrodite voltar o seu olhar vingativo na minha direção. Deslizo o dedo pelas

notificações. Várias são da minha mãe, cada vez mais irada. Outras tantas são pedidos de entrevistas. — Quanto tempo queres deixá-los à espera das entrevistas?

Ele hesita, acabando por dizer, rezingão:

— Vergo-me à tua perícia nesta matéria.

É surpreendente que esteja disposto a abrir mão até deste controlo. Ignoro a estranha explosão de calor no meu peito perante a confiança que deposita em mim.

— Eu diria para darmos uma semana. Umas quantas fotografias do casamento, algumas saídas em que nos vejam no papel de casal amoroso em público, e vão estar a espumar tanto da boca para conseguir um furo exclusivo que nem se vão dar ao trabalho de fazer perguntas difíceis.

E eu também tenho em mente a entrevistadora certa, mas ainda não tive notícias dela.

— Está bem. — Espreguiça-se e depois pousa a mão ao de leve no ponto entre as minhas omoplatas. Desta vez, não estremeço; estou demasiado ocupada a tentar não derreter, enquanto ele passa o dedo pela minha nuca. — Gosto de ter ver o cabelo apanhado.

— Garanto-te que as tuas preferências não têm nada que ver com a maneira como me vou vestir ou comportar no futuro.

Eros solta uma risadinha, um som grave e estranhamente feliz.

— És uma surpresa constante, Psique. Também gosto disso.

Não lhe afasto a mão. Embora diga a mim mesma que se trata de um exercício para quando estivermos em público, sei que minto. Gosto do peso da sua mão na minha pele, gosto da ternura com que faz deslizar o dedo pela minha espinha. De acreditar que se sente efetivamente afetado e não que se está a ajustar simplesmente a mim, da mesma maneira que eu me ajusto a ele...

Não se sente. Não sou psicóloga, mas não ficava espantada se Eros fosse sociopata. Não parece ter os travões morais que a maior parte das pessoas tem. Ou talvez seja apenas um efeito secundário de ter sido criado por Afrodite. Natureza ou educação, a questão

essencial é que se ele tem emoções além do divertimento e da irritação, guarda-as bem escondidas. E luxúria. Não podemos esquecer a luxúria. Disso, Eros tem em fartura.

Mesmo assim, isto é tudo uma mentira; um jogo, até.

Não levanto os olhos do telemóvel.

— Porque é que estás a fazer isto?

— Não te quero morta. — Diz isto de maneira tão simples que eu estremeço.

— O que tenho *eu* de tão especial para ser poupada? — Tem cadáveres no seu passado. Já admitiu isso. — É por eu ser filha da Deméter?

Suspira.

— Não, dificilmente isso é um ponto a teu favor.

— Então *porquê*?

Eros olha fixamente para o prato.

— Fiz muita coisa de que não me orgulho, fiz mal a pessoas que na altura julguei serem minhas inimigas, para mais tarde descobrir que a única coisa que fizeram de mal foi chatear a minha mãe. — Encolhe os ombros. — Passado algum tempo, deixou de importar o *que* tinham feito, apenas que ela ordenasse que fossem castigadas.

Continuo sem compreender.

— Mas ela ordenou que *eu* fosse castigada.

— Sim, pois foi. — Eros esfaqueia um pedaço de batata. — Mas, tal como eu disse, não te quero morta. Esta é a única alternativa.

Não tenho motivo para acreditar nele. Nenhum. Deu a sua palavra, sim, mas Olimpo está repleta de mentirosos e trifulhas. É sabido que até a minha mãe já se comprometeu com negócios duvidosos quando a situação assim o exigiu. Toda a gente da cidade acha que ela e Hades têm uma aliança; não têm. Em vez disso, trocou a sua ajuda pela presença de Hades em seis eventos por ano. Ele aparece ao lado dela e as pessoas tiram as conclusões que



ela quer que tirem. Mas não são a verdade. Talvez a cidade alta tenha esquecido até onde ela estava disposta a ir para devolver Perséfone ao seu noivado com o velho Zeus, mas Hades não esqueceu.

A minha mãe tem, sem dúvida, das mãos mais delicadas no que toca a jogos de poder de Olimpo. Afrodite não tem nem um toque suave nem uma costela de subtileza no seu corpo. Eros não teria sobrevivido tanto tempo na cidade sem ser um bocadinho mentiroso e um bocadinho trifulha. Sem dúvida, não sobrevivi sem isso. Há montes de coisas que ele não me está a contar acerca das suas motivações. Por tudo isso, confio que esteja tão dedicado a este casamento como eu tenho de estar. Todos os outros pormenores se encaixarão onde tiver de ser.

A nossa tarefa é assegurar que se encaixam onde nós queremos.

O meu telemóvel vibra quando chega uma mensagem de texto. Uma distração bem-vinda para a sensação boa de ter Eros a tocar-me.

*Perséfone: Encontramo-nos no Poppy's dentro de uma hora. Está furiosa com a fotografia. Com a de ontem à noite e a outra, acha que andas a sair com ele às escondidas dela. Boa sorte.*

O nosso plano está a funcionar. Era o que eu queria. Então, porque é que me sinto tão mal?

Escrevo um agradecimento rápido e empurro a cadeira para trás.

— A minha mãe vai sair da *penthouse* dentro de meia hora.

Vai querer chegar cedo ao Poppy's para se assegurar de que tem a sua mesa preferida. A minha mãe não é previsível em muitos dos seus atos, mas há certas coisas que posso deduzir com razoabilidade que ela irá fazer. Uma delas é fazer as suas

maquinações de forma a conseguir a melhor mesa de qualquer restaurante, maximizada para ver e ser vista.

Eros agarra nos nossos pratos e dirige-se ao lava-louça.

— Vamos.

— Nós realmente não... — interrompo-me ao ver a expressão no rosto dele. É evidente que ele não está para me perder de vista e, sinceramente, não sei o que faria se conseguisse um pouco de distância dele. Comprometi-me com isto, sim, mas se houvesse outra possibilidade... Sou quem sou, o que quer dizer que sou filha da minha mãe. Vou sempre procurar o melhor caminho em frente, mesmo que isso implique viragens inesperadas.

Já para não dizer que se ele estiver a falar a sério sobre a ameaça que a sua mãe oferece, preciso que ele olhe por mim. Não sobrevivi às últimas vinte e quatro horas para cair *agora*, que há sobrevivência no horizonte.

— Muito bem. Vamos lá.

Demoramos cinco minutos a calçar os sapatos e a entrar no elevador. Está um segurança diferente à espera no piso térreo do estacionamento com o carro de Eros, uma mulher branca de cabelo vermelho-vivo e batom mais forte ainda. Ela sorri para ele e a expressão só esmorece um bocadinho de nada quando me vê.

— Bom dia, Eros.

— Bom dia. — Mal olha para ela enquanto segura a porta aberta para mim e nos apressa pelo corredor onde estacionou o carro ontem à noite. Só que, em vez de ir para o minúsculo carro desportivo, passa por ele e vai até ao automóvel escuro. Continua a ser o cúmulo do luxo, mas é surpreendentemente discreto. Quando ergo as sobrancelhas, Eros desvia o olhar. — O *Porsche* não é prático se não quisermos chamar a atenção. — Os ombros descaem o mínimo dos mínimos. — E não estavas confortável nele.

Não há absolutamente razão nenhuma para que aquele rasgo de consideração deixe o meu corpo afogueado. Nenhuma mesmo.

Não estou tão sedenta de atenção que fique de cabeça virada com uma coisa tão pequena. E, no entanto...

— Obrigada — digo, baixinho.

Se eu não soubesse que não podia ser, pensaria que ele ficara corado ao destrancar as portas e enquanto entramos no carro. Não falamos enquanto ele sai do estacionamento e eu fico grata pelo silêncio, porque me dá tempo para organizar a cabeça. Não é preciso eu analisar excessivamente as motivações de Eros para trocar de veículo. Preciso de pensar e criar estratégias sobre aquilo que vou encaixotar e aquilo sem o que não posso viver de todo. Fazer isto numa só ida e volta vai ser um desafio, mas vou arranjar maneira.

Não questiono o facto de Eros saber onde vivo. Sou capaz de identificar as casas de todos os Treze e da maior parte dos seus familiares e círculos mais próximos. Compensa estar a par destas coisas, por isso toda a gente está.

— Onde estaciono?

— Na rua.

Faz uma careta.

— Isso é uma exposição maior do que eu queria.

— Eu sei, mas é um risco que temos de correr.

Os seguranças que trabalham para o edifício monitorizam as nossas idas e vindas e reportam à minha mãe, e a última coisa de que eu preciso é que ela decida que temos de ficar ali detidos para eu e ela nos sentarmos a conversar. Não há maneira de evitar isto indefinidamente, mas quero que eu e Eros já tenhamos transposto o ponto sem retorno antes do envolvimento da minha mãe. À semelhança de Afrodite, também ela terá de se recalibrar quando eu tiver a aliança dele no dedo.

Por falar nisso...

— Precisamos de alianças.

Eros estaciona habilmente em paralelo num lugar tão pequeno que eu teria dito que era impossível. Desliga o motor.

— O joalheiro vem a minha casa às duas da tarde com uma seleção. Só preciso de saber o teu tamanho.

Claro que ele pensou nisso. Digo-lhe o tamanho do meu dedo e fico a vê-lo enviar uma mensagem de texto. O meu telemóvel continua a ser bombardeado com notificações, mas pu-lo no silêncio para poder dedicar-me a elas mais tarde.

— Não sei se a Calisto lá está, mas não quero um confronto.

— Escusas de te preocupar com isso.

Lanço-lhe o olhar que esse comentário merece.

— Creio que já deixámos bem claro que a violência é, claramente, algo de que tu és capaz.

Transforma-se diante dos meus olhos. A frieza desaparece do seu rosto e ele dirige-me um sorriso encantador.

— Eu nunca faria mal a ninguém de quem o amor da minha vida goste. Enterro as unhas na palma da mão, usando a pontada de dor para me recordar de que isto é falso. Por mais intensamente que o meu coração palpita quando ele me olha daquela maneira, é tudo uma encenação. Mas talvez tenha de ir em breve ao médico por causa do raio do meu coração. Com certeza, estes batimentos irregulares não podem ser saudáveis.

— Vamos lá despachar isto.

— Passa, minha amada.

## Capítulo 11

### Eros

Já vi a fachada do prédio de Deméter imensas vezes e tenho a planta da *penthouse* que ela partilha com as filhas — tal como tenho a planta de todos os prédios de pessoas que podiam acabar por ser marcadas pela minha mãe. Continua a ser uma experiência diferente entrar no átrio. Conto meia dúzia de seguranças cuidadosamente escondidos, o que significa que provavelmente haverá mais meia dúzia à vista, se não mais. Deméter não corre riscos, embora não seja o tipo de pessoa que queira esfregar a presença da segurança na cara dos convidados.

Ou talvez ela esteja preocupada com a filha.

Em qualquer outra situação, os seguranças seriam uma chatice, mas, neste momento, são uma mais-valia. A minha mãe não vai atacar aqui, não vai enviar a sua gente para aqui. É arriscado de mais, com poucos benefícios. Psique está a salvo desde que estejamos neste edifício, e eu posso relaxar um pouco.

Passa pelos elevadores principais e atravessa um pequeno corredor até outro diferente. Pressiona com a palma da mão o botão ao lado dele e, passado um instante, fica verde. Interessante. As portas deslizam, abrindo-se, e ela entra.

— Vou fazer uma mala, mas preciso que leves outras coisas lá para fora. Estou cheio de curiosidade. As redes sociais dela parecem sempre tão espontâneas. No geral, estou-me a cagar para isso, mas até eu sei que quanto mais natural parece, mais esforço requer. Estou prestes a espreitar por detrás da cortina.

Não devia importar. A sagesa com que ela apresenta uma história cativante ao mundo é um recurso que tenciono utilizar. Pronto. Vê-la encenar aquela fotografia «espontânea» na cama foi uma revelação. Dedicou-se à tarefa com uma determinação focada que achei completamente sensual, e fê-lo com uns quantos

candeeiros e o telemóvel. Quero ver como trabalha quando tem todas as ferramentas à sua disposição.

Eu apostava que Psique estava a ser completamente genuína na noite em que fomos fotografados juntos, mas tem outro tipo de autenticidade quando cria ficção cativante para consumo de Olimpo. E se é que consomem. Verifico o telemóvel. Os *likes* da nossa fotografia ultrapassam o milhão naquele momento, e ainda nem sequer é meio-dia. Sinceramente, ela é brilhante naquilo que faz.

As portas do elevador abrem para um átrio surpreendentemente acolhedor. As paredes são de um verde intenso, que devia ser opressivo, mas, combinado com o cinzento-claro do chão ladrilhado, criam um equilíbrio apelativo. Existem algumas peças de mobília — duas cadeiras de costas altas com um estampado floral discreto e uma mesa comprida, de madeira escura, com uma série de gavetas — que parecem convidar as visitas a sentar-se e a conversar. Na porra do átrio.

Segue-se a sala de jantar. Mais do mesmo. Paredes ousadas, chãos leves e mobília com um ar extraordinariamente confortável. Há livros espalhados na mesinha de apoio, centrada entre um sofá comprido e outro par de cadeirões: livros de ficção, com as lombadas vincadas da leitura. É mais do que possível imaginar Psique estendida no sofá de livro na mão, a descontraír com a família.

Este lugar dá uma sensação de lar.

Que novidade.

A minha mãe usa a sala de jantar para receber visitas, o que significa que me desencorajava fortemente de passar ali o meu tempo livre quando eu era mais novo. É para isso que servem os quartos, espaços pessoais que se podem esconder atrás de uma porta fechada. Ela mantém a máscara em todas as circunstâncias, até mesmo na relativa privacidade dos espaços partilhados da casa da minha infância. Esperava-se de mim que fizesse o mesmo.

Quero arranjar uma desculpa para andar a vasculhar por ali, mas Psique conduz-me pelas escadas flutuantes, e a perspetiva de ver o

quarto *dela* sobrepõe-se a tudo o mais. Se as filhas de Deméter tratam toda esta *penthouse* como espaço pessoal, o que irá revelar o verdadeiro espaço pessoal de Psique?

Paro redondo no corredor lá em cima. Psique demora vários passos a dar-se conta que não estou atrás dela e a parar também. Vira-se com um suspiro de impaciência.

— Eu sei que a tentação para bisbilhotar é quase esmagadora, mas, por favor, não pares. Não temos muito tempo.

Ela tem razão, mas é como se o meu cérebro tivesse falhado. Fico a olhar para as imagens que forram as paredes. Estão dispostas com arte, claro, mas são *pessoais*. Fotografias encenadas em molduras grandes com Psique e as três irmãs de roupa a condizer, a começar em pequenas e a continuar até o que parece ser uma recente. São interessantes, mas o que me prende realmente o olhar são as fotografias que não são encenadas, em molduras mais pequenas, que pontuam o espaço.

Psique e Perséfone, de braço sobre os ombros uma da outra e totós, e Psique sem os dentes da frente.

Uma Calisto pré-adolescente a segurar um peixe quase tão grande como ela, de sorriso feliz estampado no rosto completamente sincero.

As quatro raparigas com disfarces. Eurídice, uma fada. Calisto, um cavaleiro. Perséfone, um anjo. Psique, uma princesa.

Sinto um ardor no peito. Mas por que porra me dói o coração? São só fotografias. É evidente que Psique sempre foi boa com fotografias; é a mais fotogénica de toda a sua família bastante fotogénica. Não há motivo para que aquela vaga emoção farpada me achesse perante a evidência fotogrífica da sua infância feliz. Por certo não deveria piorar pelo facto de Deméter ter as ditas fotografias em proeminente exposição, ainda que numa parte da *penthouse* onde apenas a família vai.

— Eros?

Sacudo-me.

— Está tudo bem.

— Está? — Psique une as sobrancelhas, com uma expressão preocupada a demorar-se nos olhos esverdeados. — O que se passa?

— Não se passa nada. — Devia ser a verdade. Desencanto o meu sorriso charmoso, mas Psique franze ainda mais o sobrolho como reação. Certo. Sabe que estou a mentir e não se deixa enganar por um sorriso falso. — Não se devia passar nada. Não é relevante.

— Tens a certeza?

— Tenho.

Olha para mim durante mais um momento, mas acaba por anuir.

— Está bem, vamos despachar-nos. — Vira-se e continua pelo corredor, deixando-me a segui-la.

Lanço um derradeiro olhar demorado às fotografias e depois deixo-as para trás. Talvez não devesse ser uma novidade tão grande que Psique e as irmãs tenham tido uma boa infância, mas estamos em Olimpo. Eu cresci com jogos de poder e aprendi a mentir mais ou menos quando aprendi a andar. O mesmo se passa com Helena, Perseu e os seus irmãos. Aqueles de nós que têm a sorte e o azar de nascer na política de Olimpo desde tenra idade se encontraram numa situação de «nada ou afoga-te».

A minha mãe, em particular, não tolerava passos em falso.

Não é de espantar que a bondade surja de forma tão natural a Psique; teve-a em abundância enquanto estava a crescer.

Para em frente da terceira porta, arrancando-me aos meus pensamentos. A expectativa revolve-se dentro de mim. Esta breve visita já foi um tesouro de informações sobre esta mulher. O seu quarto será o principal olhar atrás da cortina. Psique abre a porta e entra no quarto, deixando-me segui-la.

Está... uma confusão.



Fico à porta e registo as pilhas de roupa dobradas em cima de todas as superfícies disponíveis. Há um toucador antigo com inúmeros frascos e tubos de maquilhagem e produtos dermatológicos e cuidados capilares.

— Dormes num *closet*.

— Isto é um quarto.

— É? Não vejo cama em parte nenhuma. Só vejo roupa.

— Cala-te. — Segue um pequeno trilho de chão desimpedido até se embrenhar mais no quarto. — Tenho um sistema.

— Sugiro fortemente que arranjes outro, porque eu não consigo viver assim. — Só de pensar em toda aquela tralha, com ou sem sistema, quase me dá urticária. Eu esperava que este quarto tivesse mais a vibração atraente e acolhedora que permeia toda a *penthouse*. Isto é pura desarrumação. Entro um pouco de lado no quarto e toco na pilha de roupa equilibrada precariamente sobre o que deduzo ser uma cadeira. — Vou casar com um monstro do caos.

— Então, acho que somos os dois monstros.

— Que giro. — Resisto ao impulso de continuar a tocar no monte de roupa e foco-me nela. — Mas ambos sabemos que isso não é verdade.

— Sim, sim, és o monstro maior e pior aqui na sala. Continua sem distrações. — Ela desaparece por outra porta e regressa com uma mala gigantesca. Outra viagem transpondo a porta e traz consigo uma série de malas que parecem equipamento de luzes. Essas coisas, atira-as para as minhas mãos. — Segura aqui, por favor.

— Já vi fotografias do teu quarto. Não parece assim. — Apesar das minhas provocações, a cama está arrumada... mas não é a que eu vi em imagens.

— Ah. Pois. — Deixa cair a mala em cima da cama e começa a tirar coisas dos montes de roupa e a metê-las dentro da mala. — Uso o quarto da Perséfone. Ela é uma espécie de maníaca das

arrumações e tem uma boa estética em curso lá. Além disso, nunca fez publicações de fotografias do interior da nossa casa, mesmo antes de se mudar para a cidade inferior.

Fico a ver mais três vestidos aterrarem em cima da mala, o tecido colorido caído para fora, até perder a paciência.

— Mas que porra. — Não sou maníaco das limpezas, como ela diz. Gosto de ter as minhas merdas em ordem porque isso me simplifica a vida, mas não ando propriamente com um gerador de etiquetas, nem a ter um chique sempre que alguma coisa muda de sítio. Dito isto, o seu completo desprezo por tudo o que lembre a ordem está a provocar um tique no meu olho direito. Pouso o equipamento de luzes junto à porta e avanço cuidadosamente para a cama, e começo a dobrar.

— O que estás a fazer?

— Ignora-me e continua a fazer a mala.

É um bocado estranho estar a mexer em roupa de mulher. É uma experiência sensorial completamente diferente da que tenho com as minhas coisas, e a maior parte das peças resiste à dobragem normal, portanto, tenho de recorrer a um enrolar estratégico para as colocar nalguma espécie de ordem. Tento com muita força não pensar em Psique a usar nenhuma das peças, especialmente o vestido de seda que me desliza nas mãos enquanto me debato para o subjugar. Ficaria ótimo no meu chão depois de eu lho ter tirado pelos ombros e...

*Foca-te.*

A mala está meio feita quando ela me dirige um olhar demorado.

— Só tenho mais umas coisas. Pega no equipamento e encontramo-nos ao fundo das escadas.

— Boa tentativa. Não.

— Eros, vou agora começar a remexer as gavetas de roupa interior. Dá-me um pouco de espaço.

Começo a argumentar, mas paro quando me ocorre outra coisa.

— Um vestido de noiva.

— O quê?

— Precisas de um vestido de noiva.

Psique franze o sobrolho, mas depois pragueja.

— Preciso de um vestido de noiva. *Merda*. Isto nunca vai funcionar. Não há tempo. — Continua, as palavras atropelando-se umas às outras enquanto ela entra numa espiral. — Oh, meus deuses, ninguém vai acreditar que estamos mesmo a fazer isto sem essa peça tão importante.

Agarro-a pelos ombros.

— Psique, olha para mim.

— Se calhar devia começar a escavar a minha sepultura, porque...

Não penso nas implicações das minhas ações. Beijo-a e pronto. Ela fica tensa, mas depois derrete junto a mim antes que eu me consiga afastar, levando imediatamente as mãos ao meu cabelo e pressionando o corpo contra o meu. Agora é o momento de parar, de recalibrar esta conversa à procura de uma solução. Acalmei o pânico dela com o meu gesto, por isso consegui o que me propus fazer. Só precisamos de quebrar o beijo...

Ainda não estou preparado para deixar o sabor de Psique. É doce como o raio na minha língua. Outra advertência de que é diferente de toda a gente que já conheci. Astuta e tão cuidadosa com a imagem pública, mas, sob tudo isso, é suave, engraçada e doce.

Um homem bom faria qualquer coisa para preservar o suave cerne desta mulher. Lutaria contra os dragões e inimigos dela para criar um mundo onde ela poderia baixar a guarda e viver alegremente sem a armadura. Haveria de a tirar da porra de Olimpo, de lhe prometer segurança sem ganhos egoístas para si, de a pôr num pedestal e de adorar o seu altar diariamente.

Mas eu não sou um homem bom.

Sou a porra de um monstro.

Quero Psique para mim. Um desejo que foi acendido naquela primeira noite e que se descontrolou nas últimas vinte e quatro horas. Não me importa que mereça alguém doce como ela. Quero-a acorrentada a mim e hei de estrefegar a garganta a quem julgar que ma pode tirar.

Seguro-lhe o maxilar com as mãos em concha e inclino-lhe um pouco a cabeça para trás, aprofundando o beijo. Reclamando-a deste pequeno jeito. Marcando-a como minha, mesmo que sejamos as únicas duas pessoas que sabem. Solta um pequeno gemido que vai diretamente para a minha pila. Seria fácilimo encaminhá-la até à cama e continuar a beijá-la até esquecermos todas as razões por que isto é uma péssima ideia.

Só que não estamos na *penthouse*, com uma porta trancada entre nós e o resto do mundo. Não posso seduzir Psique para que me deixe fazer-lhe tudo o que quero, porque é uma questão de tempo até sermos interrompidos, e *isso* será uma garantia de que nunca mais lhe toco.

Inaceitável. Nada me irá afastar desta mulher... nem sequer os meus impulsos egoístas.

Com relutância, levanto a cabeça. Ela pestaneja, olhando-me com os grandes olhos esverdeados, os lábios ainda mais carnudos devido ao nosso beijo. Quase basta para que eu a saboreie de novo, mas a razão escolhe esse momento para ganhar controlo. Faço uma inspiração irregular.

— Diz-me as tuas medidas.

Ela pestaneja de novo.

— O quê?

A pura satisfação que me atravessa ao dar-me conta de que tive efeito sobre ela, tal como ela teve sobre mim, é preocupante. Mais uma prova de como estou descontrolado neste momento. Afasto o pensamento e tento concentrar-me no aqui e agora.

— As tuas medidas. Preciso delas.

Psique passa a língua pelos lábios, de olhar ainda distraído.

— Hum, já falámos sobre isto. Não é...

— As mas medidas, Psique. — Prendo as mãos ao lado do seu corpo para lhe segurar as ancas. — A menos que queiras que eu próprio te tire as medidas. Vais ter de te despir, claro.

Ela recua um grande passo, quebrando o nosso contacto.

— Não vai ser preciso. — Debita uma série de números que decoro prontamente. Psique fez-se vermelho e os seus olhos não encontram os meus. — É tudo?

— É. — Pego no equipamento de iluminação. — Espero por ti no carro.

— Obrigada.

Virar costas e afastar-me dela exige de mim um esforço maior do que eu podia ter imaginado. Regresso à sala de jantar e apanho o elevador para baixo. Embora esteja meio à espera de ver Calisto aparecer, não deparo com ninguém quando sigo a passo largo até ao meu carro e meto o equipamento no porta-bagagens. Há espaço para a mala dela e pouco mais, mas havemos de conseguir. Após um breve debate com os meus botões, decido que fazer o telefonema do carro é melhor do que ficar especado na rua à espera de Psique. Não há tantos transeuntes aqui como em volta da minha casa, mas atraio olhares, mesmo assim. É só uma questão de tempo até alguém tirar uma fotografia, publicá-la e depois aparecerem os *paparazzi*. A última coisa de que eu preciso é de alguém a ouvir esta conversa.

Já para não referir que os vidros escuros me escondem de quem possa passar por aqui e me dão uma boa vista da entrada do prédio de Deméter.

Faço deslizar o dedo pelos meus contactos até encontrar Helena Cássio, filha do último Zeus, irmã do atual. Tinha de lhe telefonar na mesma, portanto mato dois coelhos de uma cajadada só. Não me faz esperar muito tempo até atender.

— Desde quando é que namoras com alguém suficientemente a sério para ser oficial na Internet?

Claro que ela viu a fotografia. Por esta altura, já quase toda a gente de Olimpo viu a fotografia; é esse o intuito. Inspiro em silêncio e ganho balanço para a primeira de muitas atuações.

— A Psique é especial.

— Ahã. Não me interpretes mal; todas as mulheres Dimitriou são personagens e, se há alguém que te possa dar a volta à cabeça é uma personalidade forte, mas isso não altera o facto de que se fôssemos *amigos*, ter-me-ias contado que andavas com alguém.

Não está propriamente errada. Eu sei que a minha mãe esperava que eu acabasse por casar ou com ela ou com a sua irmã, mas nunca fomos mais do que amigos. E nós *somos* amigos, ou o mais perto disso que é possível a pessoas como nós.

— Achei que não irias aprovar.

— Mentiroso. — Não parece chateada, apenas divertida. — Isto cheira a esturro. Tudo bem. Não tens de me contar os pormenores. Deduzo que me estejas a telefonar porque precisas de alguma coisa.

— Magoas-me, Helena.

Ela ri-se.

— Para isso, seria preciso teres um coração para magoar.

Apanhou-me. Olho de relance para a entrada do prédio de Psique. Não tenho coração, mas a minha futura noiva tem. A minha tarefa agora é assegurar que permanece em segurança dentro do seu peito. Helena ajudar-me-á, mesmo que não saiba a história toda. Deixo cair a máscara encantadora, estranhamente grato por me ver livre das tretas. Posso manter esta encenação indefinidamente, mas há um certo alívio em poder ser eu próprio. Há tão poucas pessoas com quem me é permitida essa liberdade.

— Preciso de dois favores.

— São teus, mas quero um em troca.

Respondo, contrariado:

— Ainda nem sequer ouviste quais são.

— Não preciso de ouvir. Estou entediada. Depois de a Eris ter criado alvoroço ao entornar vinho tinto em cima da Deméter e da Afrodite na última festa, o Perseu pôs-nos todas em confinamento para não trazermos mais vergonha ao nome da nossa família... Como se isso fosse sequer possível, depois do espalhafatoso do nosso pai. — Faz um som trocista. — Preciso de uma distração e seja o que for que tenhas em mãos vai ser bom.

— E quanto ao teu favor?

— Resolvo mais tarde. Diz-me só de que precisas.

Fazer favores em aberto não é propriamente o meu estilo, mas duvido grandemente de que a Helena decida usar isto contra mim. Além disso, se ela estivesse em dificuldades, eu podia pôr-me com tretas durante um bocado, mas ambos sabemos que a ajudaria.

— Preciso do contacto daquela estilista da cidade inferior a quem gostas de recorrer. A que deixa a minha mãe danada.

— A Juliette. Tudo bem. Envio-te o número dela por mensagem. — O meu telemóvel apita passado um segundo, com a mensagem em questão. — Isso foi uma seca. Qual é a segunda coisa?

É melhor não me pôr com rodeios.

— Preciso de que tu e a Eris sejam minhas testemunhas no meu casamento. Hoje à noite.

Fica em silêncio durante tanto tempo que tenho de resistir ao impulso de verificar se a chamada caiu. Não caiu. Helena precisa apenas de tempo para processar aquilo. Quando inspira, por fim, demoradamente, preparo-me. Ela não desilude.

— Eros, digo isto com todo o amor do meu coração murcho, mas *tu perdeste a porra da cabeça?* Namorar com ela é uma coisa. *Casar* com ela? A tua mãe vai ter um ataque. Meus deuses, o meu irmão também vai ter um ataque. E provavelmente Deméter. Vais arrasar três dos Treze de uma assentada. É brilhante na sua

implacabilidade, mas o extremo da imprudência, e tu não és imprudente.

Habitualmente, não, mas nada é habitual nesta situação.

— Vens ou não?

— Vou. — Nem sequer hesita. — Não sei o que estas a planear, mas vou. E a Eris também.

Não me dou ao trabalho de lhe pedir que confirme. Se há coisa que Eris garantidamente faz é aparecer quando lhe cheira a caos. O meu casamento com Psique é o expoente máximo de semear o caos.

— Vamos casar hoje à noite, em minha casa, às sete.

— Lá estaremos.

— Helena... Obrigado. Por apareceres. Por não fazeres muitas perguntas incómodas. Por tudo.

— É uma grande tristeza que estejas até um pouco surpreendido por eu o fazer, mas não te posso propriamente culpar por isso. Afinal de contas, isto é Olimpo — responde, impaciente.

— Pois.

As regras aqui são diferentes, pelo menos para os círculos em que nos movimentamos. Ter uma pessoa em quem se confia o suficiente para se lhe pedir um favor é a coisa mais valiosa do mundo... e mais ou menos tão rara como o Tosão de Ouro da lenda.

Desligamos depressa depois disso e eu olho de relance para o relógio e depois para a porta da rua do prédio de Psique. Ela está a pastelar, mas tenho mais um telefonema a fazer antes de ir atrás dela. Este é ainda mais rápido. Aparentemente, Helena enviou uma mensagem de texto a Juliette logo depois de me enviar uma a mim, por isso a estilista está à espera do meu telefonema.

Explico aquilo de que preciso e digo-lhe as medidas de Psique. Ela fica a murmurar para si própria durante, uns minutos e consigo ouvi-la passar os cabides do outro lado da linha.



— Tenho várias peças que podem servir. Mas vai ter de vir ter comigo. Estou-me a marimbar para quem é a sua mãe... para ser perfeitamente sincera, é um ponto contra si... ou para se a noiva é minha cliente ocasional. Não vou atravessar o rio até à cidade alta.

Praguejo em silêncio, mas devia ter esperado isto. A minha mãe ajudou a afastar Juliette da cidade alta. Não me lembro porquê, apenas que se . tratou de um dos raros casos em que ela tratou pessoalmente das coisas, em vez de me mandar fazê-lo por ela. Não que isso importe. As vinganças de Afrodite podem ser tão mesquinhas como são de grande alcance. Na melhor das hipóteses, a estilista ou se recusou a trabalhar com ela ou vestiu melhor uma rival do que Afrodite para algum evento.

Mas, também, isto pode ser uma espécie de bênção disfarçada. Psique fica infinitamente mais segura na cidade inferior do que está, neste momento, na cidade alta. De lá, vamos diretamente para minha casa, casamos e tiramos-lhe o alvo das costas, de uma vez por todas.

Injeto o máximo de charme possível na voz.

— Quando podemos aparecer?

— Dê-me uma hora, para eu fazer uns ajustes, depois preciso de mais uma para assegurar que, seja qual for o que ela escolha, lhe assenta como deve ser. — Dá-me o endereço. — Prepare-se para pagar por me alterar os planos do dia.

— Com certeza.

Ela desliga justamente no momento em que eu avisto Psique a trazer duas malas pela porta. Saio do carro e vou a correr para junto dela.

— Pouca bagagem, estou a ver.

— Tu é que estás decidido a que eu vá viver contigo. Isto é metade, à justa, do que eu preciso para sobreviver. — Segue-me até ao carro e fica a ver-me forçar uma mala no porta-bagagens e a outra no banco traseiro. — Temos de ir embora. A Perséfone

enviou-me uma mensagem para me informar que o almoço com a nossa mãe está terminado.

Seguro a porta aberta para ela, ignorando a expressão estranha que ela me lança, depois caminho em volta até ao lugar do condutor.

— Liga-lhe de volta.

— À Perséfone? Porquê?

— Precisamos de um convite para a cidade inferior, e é já.

## Capítulo 12

### Psique

Não sei como Eros conseguiu a informação de Juliette, mas passada uma hora seguimos de carro para uma das três pontes de Olimpo para irmos ter com ela. Cada uma das pontes tem um estilo particular, e a Ponte do Cipreste remete para as nossas raízes gregas. É ladeada por colunas altas que, à luz do final da manhã, dão a impressão de fazermos a travessia para outro mundo.

Estalam-me os ouvidos quando cruzamos o rio Estige, mas o desconforto não vai além disso, graças ao convite de Perséfone. Sem convite, não é impossível a ida da cidade alta para a cidade inferior, mas é significativamente mais desconfortável. Pelo menos, é o que todos dizem. Eu própria nunca o tentei. Nas poucas vezes que visitei a minha irmã na sua nova casa, fui bem recebida.

Hoje não nos dirigimos a essa casa. Eros leva-nos para sul ao longo do rio, até à zona de armazéns da cidade inferior. É quase igual à da cidade alta — cada quarteirão é populado por armazéns enormes, as ruas têm pouco movimento pedonal. É estranha a determinação da cidade alta em fingir que a cidade inferior é efetivamente inferior, quando, na realidade, não é assim tão diferente. Pelo menos, à superfície.

Na realidade, são diferentes até à medula.

Eu sei que a minha irmã adora este lugar, mas eu não compreendo esta margem do rio. Com certeza, as pessoas aqui não são tão transparentes como Perséfone faz crer, pois não? Como vivem a vida sem a defesa de uma imagem pública? Causa perplexidade. Mas também, calculo que sigam as dicas de Hades. É um governante muito diferente de todos os outros que foram Zeus.

Eros circunda o quarteirão enorme e estaciona em frente a um armazém que parece indistinguível dos restantes dessa área. Reconheço contudo a tabuleta subtil por cima da porta. *Juliette's*.

Ele vira-se para olhar para mim.

— Traz tudo de que precisares. Não olhes a despesas.

— Eros... — Talvez ele não se dê conta de como são caras as peças de Juliette feitas à medida, mas eu não sou suficientemente mercenária para aceitar a oferta dele.

— Estou a falar a sério. — Desliga o motor. — A imagem é importante, lembra-te disso.

Certo. A nossa imagem. A *minha* imagem. É com isso que ele se preocupa. Não é um homem embeijado, com um cartão de crédito ilimitado, a querer mimar a companheira. Isto tem tudo que ver com o plano.

— Claro que importa. — Saio do carro antes de podermos continuar com a conversa. Ele tem razão; não posso perder o fio à meada.

Sendo que a meada é a minha vida.

O armazém de Juliette pode parecer-se com todos os outros por fora, mas, no interior, é um mundo completamente diferente. Logo depois da porta há uma salinha de espera com uma série de cadeiras e material de leitura. O resto do espaço divide-se ao meio. A primeira metade para varões e mais varões de roupa, disposta por estilo, tamanho e cor. A parte de trás é o seu espaço de trabalho, e só um louco tenta ir vê-lo sem convite.

Ela deve ter estado a observar-nos, porque aparece imediatamente, percorrendo o espaço entre dois varões como se fosse uma passarela. Se ela fosse outra pessoa, eu diria que está a dar espetáculo, mas é Juliette. Começou a sua carreira como modelo e, embora tenha passado para o lado do estilismo, continua naturalmente ciente do que a rodeia e a apresentar os seus melhores ângulos de forma subconsciente.

Não que ela tenha algum ângulo mau. É uma mulher negra alta, de maçãs do rosto salientes a ponto de cortar e um ar focado que fala de como chegou ao topo no seu ramo. O seu olhar encontra o meu e ela sorri.

— Parabéns pelo noivado.

Consigo retribuir o sorriso, que quase me parece natural no rosto.

— Obrigada. E obrigada por trabalhar connosco tão em cima da hora.

— Absolutamente. — Juliette faz um gesto indicando os provadores na parede do fundo. — Tenho umas opções escolhidas que julgo poderem servir.

Se ela diz que servem, confio nela. Esta mulher é uma verdadeira mestre no que toca a corte, tecido e estilo. Há uma razão para eu ter atualmente algumas peças suas na minha mala, embora ela seja tão cara que eu tento racionar as minhas compras para ocasiões especiais. Se há ocasião especial é um casamento, parece-me.

— Obrigada — repito.

— Você. — Olha Eros com uma expressão sombria. — Vá sentar-se lá fora à espera. Não o quero por aqui a distrair-me. — Não há lugar para cedências na voz de Juliette. Nem no seu rosto, em que ela mal disfarça que não gosta de Eros. Quando ele se afasta, obediente, os passos a ecoarem no grande espaço, ela vira-se para mim. — Não me compete fazer perguntas, mas espero que saiba o que está a fazer.

Também espero o mesmo. Contudo, confidenciar com alguém, sobretudo uma quase desconhecida, está fora de questão. Em vez disso, lanço-lhe um sorriso radioso.

— Sei.

Juliette olha-me demoradamente e, por fim, anui.

— Vamos lá.

Manda-me para a zona dos provadores com seis vestidos. Demoro dez minutos a eliminar quatro da categoria de possíveis. Todos assentam perfeitamente, mas não parecem adequados à imagem que eu planeio projetar. Muitas pessoas passam anos a

sonhar com o casamento e, quando eu era pequena, não era diferente.

Quando nos mudámos para a cidade, pus esses sonhos de lado. Ah, sempre tive esperança de acabar casada um dia, mas, a cada ano que passava, a realidade da nossa situação acentuava-se. As únicas pessoas em quem posso confiar em Olimpo são as minhas irmãs. Até a minha mãe tem os seus próprios desígnios e, na maior parte das vezes, pede desculpa em vez de permissão quando nos envolve nos seus esquemas.

Parte de mim sempre sonhou em subir ao altar ao encontro do meu companheiro, em organizar um casamento pequeno, mas de bom gosto, com os nossos amigos chegados e familiares, um casamento que nada tivesse que ver com a imprensa, os meios de comunicação ou o juízo dos outros. Um casamento à *minha* escolha, e não organizado para fins políticos, como quer a minha mãe.

Esse sonho agora desfez-se em cinzas.

Estudo os restantes dois vestidos. Um é o que eu teria escolhido para esse casamento de sonho. Trata-se de um vestido branco justo, estilo sereia, com uma renda requintada e contas no corpete, nas ancas e nas coxas, antes de alargar em camadas de tule que criam um pequeno comboio.

O outro é num tom *bordeaux* intenso, deslumbrante de cortar o fôlego. Tem um corpete em coração que tem um efeito impressionante no meu peito. O tecido repuxa na minha anca direita numa explosão de rosas prateadas, as flores parecem ser arrastadas com um rasto de pétalas prateadas na saia rodada. As mangas minúsculas criam um estilo ombros descaídos e parecem mais concebidas para exhibir os meus ombros e colo do que para os tapar. Uns pontos prateados criam um V na parte superior do corpete, terminando assim o estilo.

É ousado e nada tradicional, e embora não tenha o tom certo de vermelho, faz-me sentir como se tivesse mergulhado em sangue.

Em suma, é perfeito.

— Juliette.

Ela entra na zona dos provadores e ergue as sobrancelhas.

— Não foi a minha primeira escolha quando reuni estas opções, mas é de parar o trânsito.

Miro-me ao espelho. O tom da minha pele permite-me usar uma grande variedade de paletas, mas geralmente fico-me por tons neutros mais subtis, pontilhados de cor. Um estilo que não grita por atenção, mas que também não se esconde. Ninguém pode olhar para mim com este vestido e ver outra coisa que não uma afirmação forte.

*Toma, Afrodite.*

— Levo este.

Juliette anuiu.

— Dê-me uns instantes. — Anda à minha volta, a puxar o vestido nalguns pontos, e sobe um pouco a bainha. — Termino isto dentro de meia hora, mais ou menos. Quer esperar?

Não é boa ideia uma pessoa demorar-se na cidade inferior. Perséfone pode estar disposta a deixar-nos estar aqui, mas Hades não gosta de Eros e existe sempre o risco de ele passar por cima da minha irmã e revogar o convite.

— Vou pedir à minha irmã que mo traga hoje à noite.

— Por mim, tudo bem. — Juliette põe mais um alfinete e anui.

— Pronto, terminei. Já não preciso de si.

Sorrio.

— Obrigada pela urgência neste trabalho.

— Não me agradeça. Tal como disse ao Eros, tenciono cobrar a alteração dos meus planos. Triplicar os meus honorários habituais parece justo. A quantia é bem surpreendente. Não posso crer que Eros tenha concordado com isso. Eu nem sequer preciso realmente de um vestido de noiva para este casamento, só que temos de o

fazer parecer real. Mas ele escusava de pagar a uma das melhores estilistas de Olimpo para que isso acontecesse.

— É justo, sem dúvida.

— E antes que me esqueça. — Tira alguma coisa do bolso. Trata-se de uma amostra de tecido, dá mesma cor do vestido. — Para o caso de precisar de arranjar uma palete a condizer.

— Obrigada. — Que pormenor tão insignificante, mas em que eu não tinha de facto pensado no meio deste turbilhão. — Fico muito grata.

Visto-me depressa e depois percorro o corredor de roupa até à sala de espera, situada perto da entrada. Eros está sentado num dos cadeirões, a fulminar o telemóvel com o olhar. Olha para cima quando me aproximo, os olhos azuis duros.

— Devias mesmo restringir as pessoas autorizadas a comentar as tuas merdas. Esta gente é tóxica como a porra e tem demasiado tempo livre.

Quase dou um passo em falso. Não sou ingénua ao ponto de partir do princípio de que ele está a expressar uma preocupação verdadeira. O mais provável, a julgar pelos comentários que geralmente vejo nas minhas publicações, é ele estar a projetar. Somos uma unidade, pelo menos por enquanto, portanto, um insulto contra mim é um insulto contra ele. Esforço-me por sorrir.

— Eu disse-te para não leres os comentários.

Começa a andar ao mesmo ritmo que eu, ao meu lado, avançando apenas para me abrir a porta. Envio uma mensagem de texto rápida a Perséfone, a confirmar que não se importa de me levar o vestido no *ferry*, e ela confirma. Feito isso, voltamos a cruzar o rio. Não é minha intenção suspirar de alívio quando atravessamos o rio Estige, mas Eros lança-me um olhar estranho quando o faço.

Sinto embaraço.

— Eu sei que é só parte de viver em Olimpo, mas o rio Estige sempre me arrepiou.



— Não és a única. É uma espécie de barreira, uma advertência de como estamos isolados do resto do mundo. Seria desconcertante para qualquer pessoa que o encontrasse. — Estende o braço por cima da consola no meio e pousa a mão na minha coxa. Fico a olhar para ela, à espera de algum tipo de explicação, mas Eros continua a conduzir, de olhos postos na estrada.

Ah. Bem. Aquela coisa toda de «ficarmos confortáveis a tocarmo-nos». Não posso negar que estou a falhar terrivelmente nesse objetivo. Nem sequer se trata de ter medo de que ele me faça mal. Eu sei que é capaz disso, claro, mas não é esse o problema.

O verdadeiro problema é que, sempre que ele me toca, parece que me ligou a um cabo elétrico. Posso ser uma grande atriz quando a situação assim o requer, mas ainda não consegui agir com naturalidade uma única vez que tenhamos estabelecido contacto. É algo que os *sítes* de mexericos apanhariam sem hesitação — alguns por maldade, outros por curiosidade. Nenhuma dessas coisas é boa para nós.

Ou talvez eu esteja à procura de uma desculpa para aceitar uma coisa que seguramente não devia querer.

Devagar, hesitante, pouso a minha mão na de Eros. É como se a palma dele me chamuscasse através das calças de ganga, como se os seus dedos deixassem impressões na minha pele, embora ele não me esteja a agarrar. Sinto-me dolorosamente ciente de que está a poucos centímetros do cimo das minhas coxas, e é só isso que posso fazer para não apertar as pernas uma contra a outra. Nunca fui afetada desta maneira por uma pessoa. Não sei se é o perigo que me intensifica o desejo, ou o simples facto de eu não dever querer este homem, seja ou não quase meu marido.

— Estás tão tensa que praticamente vibras para fora do assento.

O comentário atinge-me.

— Estou a dar o meu melhor.

O seu tom de voz é suave. As palavras, não.

— O teu melhor não chega. Temos meras horas para fazer com que isto funcione. Por mais agradável que seja beijar-te de cada vez que comesças a entrar numa espiral, tens de ser capaz de lidar com o meu toque.

Uma sensação de calor desabrocha no meu rosto, mas não sei se é vergonha ou desejo.

— Tenho noção disso.

Eros vira para o seu quartoirão e depois de novo para o estacionamento subterrâneo.

— A oferta continua de pé.

Não é preciso pedir esclarecimentos. Só existe uma oferta em cima da mesa neste momento, e eu não devo mesmo aceitá-la. Olho para o modo como a sua mão se apresenta na minha coxa. Uma palma larga, dedos grossos, unhas perfeitamente tratadas. É tão bonita como o resto da sua pessoa, mas tem calos nas palmas. Um pequeno indicador externo de que ele não é inteiramente como parece ser.

O calor que se espalha na minha cara é agora mais forte, mais grave. Parece que Eros sugou todo o ar do carro e nem sequer fez nada. A única vez que me senti tão desconcertada foi quando andei de mão dada com Jenny Lee no sétimo ano. Quente e pegajosa, desesperadamente a querer não fazer nada que cessasse aquele contacto. Não correu bem para mim naquela altura; reuni toda a minha coragem e inclinei-me para a beijar, mas fiquei a saber que ela me dava a mão como amiga.

Eros não quer ser meu amigo, mas a sensação de andar na corda bamba por cima de um ninho de crocodilos é idêntica. Um movimento em falso e a humilhação será o menor dos meus males.

Ele estaciona e sai do carro. Deixa-me agarrar uma mala, mas leva a outra, assim como o equipamento de iluminação. Tem uma expressão estranha no rosto, mas não o conheço suficientemente bem para identificar se se trata apenas de uma expressão distante predefinida ou se alguma coisa o incomoda de facto. Tranca a porta

da *penthouse* atrás de nós e leva-me pelo corredor até uma das portas por que passámos ontem à noite.

Abre para um quarto de visitas perfeitamente agradável, decorado em tons frescos de cinzento. Uma cama de casal extra ocupa uma das paredes e há duas portas do lado oposto do quarto, que dão para uma divisão de *closet* de tamanho decente e uma casa de banho apenas ligeiramente mais pequena do que a principal. E, claro está, existe um espelho gigantesco entre as portas, a refletir a nossa imagem.

Eros pousa as minhas coisas em cima da cama e eu vou logo atrás dele. Vira-se para mim.

— Podes ficar com o quarto das visitas.

O alívio faz-me cambalear. Uma coisa foi dormir ao seu lado ontem à noite, mas mal consigo abarcar a ideia de o fazer todas as noites.

— Graças aos deuses.

Os lábios de Eros curvam-se, mas não se trata de um bom sorriso.

— Não me interpretes mal. Podes pôr as tuas cenas no quarto das visitas. Podes atafulhá-lo quanto quiseses, mas que fiquem confinadas aqui. Essa é a única coisa que fica no quarto das visitas.

O meu alívio extingue-se como um balão esvaziado. Apetece-me gritar-lhe, e é precisamente por isso que não posso fazê-lo. Só prova que não estou preparada para levar isto até ao fim. Caraças. Eu *tenho* de fazer isto a cem por cento. Julguei que podia seguir por atalhos, mas o dia de hoje provou que essa tarefa é impossível. Só existe uma solução.

Olho para o meu telefone. É quase uma hora.

— A que horas chega o joalheiro?

— Às duas.

— Então há imenso tempo. — Saio do quarto das visitas e atravesso o corredor até ao quarto principal. Estou dolorosamente

ciente de que Eros segue no encalço dos meus passos e, quando olho por cima do ombro, deparo com o olhar dele no meu rabo. Estranhamento, isso dá-me a confiança de que preciso para despir a camisa pela cabeça.

— Vamos lá fazer isto.

Ele detém-se.

— Vou precisar que elabores melhor.

Começo a desabotoar as minhas calças de ganga. Isto seria menos constrangedor se ele também se estivesse a despir, em vez de me olhar como se me tivesse nascido uma segunda cabeça.

— Estavas certo e eu errada. Temos de fazer isto doa a quem doer, e tem de ser agora. Portamos, vamos lá trocar orgasmos e acabar com isto, para podermos convencer as pessoas de que somos um casal a sério.

## Capítulo 13

### Eros

Não sei o que mudou durante a viagem de volta a minha casa, mas agora compreendo o que Psique estava a ruminar em silêncio. Despe as calças de ganga, deixando apenas um par de cuecas de renda e um sutiã cor de pele. Vê-la deixa-me sem fôlego. Ela não tem o acabamento Photoshop que tantas pessoas de Olimpo procuram; tem curvas, estrias espalhadas e um rabo a que quero dar uma dentada. Caraças me lixem, isto está mesmo a acontecer.

Embora...

Pigarreio, concentrando-me em manter a minha posição e não cair em cima dela como a porra de um animal.

— Ainda hoje de manhã disseste que não era necessário.

— Eu sei. — Encolhe os ombros e enrola um caracol escuro no dedo.

— Olha, a verdade é que eu não separo lá muito bem o sexo e as emoções. A última coisa que eu quero é um envolvimento emocional contigo. Faria de uma situação que já é complicada, mais complicada ainda, e nenhum de nós precisa disso.

Não há razão para que isto seja uma ferroada. Nenhuma, mesmo. Isto é um mero acordo negocial, embora ela não tenha entrado nele de forma voluntária. É mais do que razoável que ela não se queira envolver emocionalmente comigo.

É isso e o facto de eu ser a porra de um monstro.

Dou um passo para o interior do quarto e fecho devagar a porta atrás de mim.

— O que é que propões?

— Uma coisa de uma só vez. — Estende o braço para trás, para o colchete do sutiã, e hesita. — Prova de fogo e isso tudo.

— Asseguro-te que vai saber melhor do que uma prova de fogo.  
— Dirijo-me a ela devagar. Já sei que uma vez só não me bastará... nem por sombras. Mas ela não me vai agradecer de eu lhe dizer isso. Psique também sente a química. Se não sentisse, não derreteria de cada vez que a beijo. Por falar nisso... — Os beijos ficam em cima da mesa, para o futuro.

Abre a boca, como se quisesse discutir, mas acaba por encolher os ombros.

— Tens razão. Já foste fotografado múltiplas vezes com a língua na garganta de alguém, por isso vão esperar que me faças o mesmo.

Estas palavras fazem-me abrandar um pouco.

— Com que intensidade acompanhaste os mexericos sobre mim antes disto?

— Com a mesma intensidade com que acompanho mexericos sobre todas as pessoas de Olimpo que um dia se possam vir a tornar uma ameaça.

Não é bem uma resposta, mas temos imenso tempo para eu aprofundar a questão mais tarde. Não há razão para crer que ela passou as últimas duas semanas a embrenhar-se profundamente na minha pessoa e na minha história e a esquadrihar os *sítes* de mexericos à procura de migalhas sobre mim, da mesma maneira que eu fiz sobre ela. Neste momento, tenho uma Psique quase nua especada em frente à minha cama. Só um louco deixaria passar esta oportunidade. Encurto a distância que nos separa com dois grandes passos, parando mesmo antes de lhe tocar. Desta vez, ela não se encolhe. Desaperta simplesmente o sutiã e deixa-o cair ao chão.

Permito-me olhar primeiro. Psique é um bom vinho e, à semelhança de qualquer bom vinho, o meu plano é apreciá-la por fases. É linda como o raio — linda o bastante para deixar Afrodite com ciúmes, que não é algo que aconteça todos os dias. Afasto esse pensamento antes que dê cabo da minha disposição. Em vez disso, concentro-me na mulher que tenho à minha frente. Está

perfeitamente imóvel e deixa-me observar tudo o que quero, como se fosse uma coisa que eu conseguisse concretizar na hora que temos disponível.

*Noutra altura*, prometo a mim mesmo. Noutra altura, quando tivermos mais horas disponíveis, convenço-a a ficar assim de pé à minha frente e a deixar-me olhar para ela o tempo que eu quiser.

Passo os dedos pela massa de cabelo escuro de Psique, penteando-o para trás para sair do caminho. Sustém a respiração quando deslizo o polegar pela elevação do seu ombro e ela estremece um pouco.

— Não temos muito tempo.

— Temos o tempo de que precisamos — murmuro, continuando o meu caminho pelo braço dela abaixo, até ao pulso. Tem uma pele suave como o raio, quero seguir aquele trilho com a boca. Em vez disso, levanto-lhe a mão e pouso-a no meu ombro. Depois, repito o processo com o outro braço e a outra mão dela.

— Eros. — Tem a voz entrecortada. — Para de me provocar e *toca-me*. Noutro dia...

Mas hoje não é outro dia. Pode haver inúmeras maneiras de como eu gostava de desempenhar uma sedução a Psique Dimitriou, mas a verdade é que temos um limite de tempo e tenho de agir em concordância com isso. Tomo-lhe os seios nas mãos em concha, quase gemendo com o modo como transbordam das minhas palmas. Os seus mamilos são de um bonito rosa escuro e eu já não me consigo negar mais. Debruço-me e capto um deles com a boca.

Ela geme e depois leva as mãos ao meu cabelo. Duvido que Psique alguma vez o admita, mas acho que gosta dos meus caracóis. É certo como a porra que gosta de os usar como suporte para as mãos à primeira oportunidade.

Mudo para o outro mamilo e brinco com ela até a ter a tremer e a arquear as costas para ir ao encontro da minha boca. Psique sabe ao raio de um sonho. E cheira como a porra de uma bolacha. Colo o nariz à sua pele e inalo.

— Cheiras tão bem que te quero comer.

— Mas que canibal. — Está demasiado ofegante para fazer o comentário com a secura que obviamente queria. — É o meu creme. É...

Levanto os olhos para ela.

— Psique.

Ela mordisca o lábio inferior.

— Sim?

— Estou-me a cagar para o tipo de creme que usas. —  
Incentivo-a a dar o último passo para a cama e oriento-a a baixar-se de costas. Devagar. Tenho de me mexer devagar, porque, se soltar as minhas rédeas, vou entrar nela em dois segundos e não é isso que eu quero. Nunca tenho problemas de controlo. Nunca. Todas as seduçãoes que alguma vez encenei são uma dança cuidadosamente coreografada entre mim e o meu par — ou pares. Nunca caio em cima delas como uma besta com intenções de violentar.

Uma besta que sinto agora a uivar dentro de mim.

Com efeito, corro perigo de falhar agora, quando mais importa.

É por isso que me ponho de joelhos ao lado da cama, em vez de me juntar a ela lá em cima. Assim é melhor. Mais seguro.  
Independentemente do que ela disse antes, não é minha intenção que isto seja uma vez sem exemplo. Psique faz um som de surpresa, mas eu ignoro-o, concentrado em puxar suavemente as cuecas pelas pernas dela. As suas pernas tremem, como se ela não tivesse certeza de se queria fechá-las ou abri-las. Não importa.  
Consigo vê-la perfeitamente desta maneira, a ratinha a reluzir, num convite que não tenho intenção nenhuma de rejeitar.

— Agora vou beijar-te.

— Preferia que fôssemos direito ao assunto.

Quase me rio. Podia rir se não estivesse a morrer para a saborear.

— Mudei de ideias.



Psique puxa-me o cabelo.

— Vem cá.

— Não vamos fazer sexo agora.

Não posso confiar em mim para fazer isto com ela, assim, agora. Tenho as mãos a tremer e é a única coisa que posso fazer para me conter. Ela merece flores, romance e mais orgasmos do que consegue contar. Não merece ser atirada para o colchão e violentada por uma porra de uma besta.

Não sei se sou capaz de lhe dar o que ela merece.

Não, isso é mentira. Já sei que estou destinado a falhar, se for esse o meu objetivo. Todos os indícios apontam para que eu e Psique vivamos em mundos completamente diferentes. Até nisto. *Especialmente* nisto. Ela diz que tem dificuldade em separar o sexo das emoções. Eu não me consigo lembrar de nenhuma vez em que o sexo me tenha feito sentir outra coisa além de prazer físico.

Vou dar cabo disto tudo.

— Eros, por favor.

— Psique. — Colo a testa ao seu estômago macio e exalo, a tremer. — Deixa-me fazer-te sentir bem por um bocadinho. Por favor.

— Se é o que queres, acho que... — As suas palavras transformam-se num gemido gutural quando me inclino e passo a língua plana pelo seu sexo.

*Foda-se.* Ela sabe ainda melhor aqui do que nos outros sítios. Faço deslizar as mãos pelas suas pernas acima e agarro-lhe as coxas, abrindo-as mais. Mais. Preciso de muito mais...

Arrasto-me para trás do precipício a tempo de agarrar o telefone. Psique levanta-se sobre os cotovelos e olha para baixo do seu corpo, para mim. Será que gosta tanto da vista ali de cima como eu gosto da de aqui de baixo? É difícil dizer. Franze o sobrolho.

— O que estás a fazer?

— A pôr um alarme.

Ela pestaneja.

— Porquê?

— Porque me vou distrair a comer-te e não quero fazer o joalheiro esperar.

Mais uns daqueles bateres de pestanas morosos e chocados.

— Eros, o joalheiro só vem daqui a quarenta minutos.

— Eu sei. — Praguejo baixinho. — Não dá tempo nenhum.

Portanto, não há mais tempo para falar. Quero senti-la a vir-se para a minha cara toda e quero-o já. Psique é teimosa, por isso quero tornar isto tão bom que ela se esqueça da razão para lhe ter posto um limite. Pelo menos, o plano é esse.

Qualquer *plano* vai para as urtigas da segunda vez que a saboreio. Fica tensa, mas depois parece entregar-se à sensação. Entre respirações, as suas pernas descaem abrindo-se e ela tem outra vez as mãos no meu cabelo. Entrega-se a mim. Confia em mim para a fazer sentir-se bem. É estonteante ter a Psique inteira à minha disposição.

Observo-a atentamente enquanto dou trabalho à língua, explorando-a devagar para perceber aquilo de que gosta. Não guarda para si aquilo de que gosta, o que é uma delícia descobrir. Não tem problema em puxar-me o cabelo para me conduzir ao clítoris, nem em gemer ou lamuriar quando aplico um golpe lento e vertical com a parte plana da língua. Continuo, preparando-a para um orgasmo que a faz tremer e quase me arrancar o cabelo. Desfruto da pontada, da clara perda de controlo.

Mantenho os olhos postos no seu corpo corado, enquanto desço para a salpicar de beijos leves e mordidelas de amor na parte interna das coxas. Está completamente descontraída neste momento, mas ainda me sobra tempo e não tenho qualquer interesse em parar antes de soar o alarme. Torno a subir pelas pernas dela, intensificando o meu toque, depois levanto a cabeça para lhe poder abrir o sexo com os dedos.

Está tão molhada que tenho de apertar a corrente do meu autodomínio. Quero entrar, quero-o tanto que tremo mais do que ela quando se veio para a minha cara toda. Tenho a pila dolorosamente tesa e não me sinto nem remotamente envergonhado por ter uma manchinha molhada na parte da frente das calças, do pré-orgasmo. Claro que tenho. Esta mulher mexe com todos os meus nervos. Seria tão fácil estender o braço e desapertar as calças, apertar a pila e bater uma punheta.

É uma pena não confiar em mim próprio o suficiente para o fazer, por mais alívio que me trouxesse. Tenho de deixar as calças vestidas. Não há exceções.

Passo a língua pelos lábios, saboreando-a aí, e empurro dois dedos para dentro do sexo dela. Ela arqueja e arqueia as costas e eu quase tenho ali mesmo um orgasmo, pela maneira como ela se aperta à volta dos meus dedos. E depois já não importa, porque se está a vir outra vez, deixando-me os dedos leitosos de tal maneira que eu era capaz de matar para ela me deixar a pila assim leitosa.

*Em breve.*

O alarme soa muito antes de eu estar preparado para parar, mas consigo levantar a cabeça. Rastejo pelo seu corpo acima e apanho-lhe a boca. Ela prende-se a mim enquanto a beijo e, por um instante, pondero ignorar o alarme para poder seguir em frente com isto.

*Não. Caraças, não.* Temos um plano; temos de o seguir. Muita coisa depende de nós conseguirmos fazer isto para agora deixarmos que a luxúria nos leve a melhor antes de dizermos os nossos votos. É com relutância que quebro o beijo.

Psique faz um som de protesto e tenta puxar-me para si.

— Mais.

— O joalheiro.

Ela fica muito quieta. É espantoso vê-la recompor-se, pondo de parte o desejo e centrando-se no objetivo final. O seu corpo fica tenso, depois relaxa. As suas mãos no meu cabelo afrouxam. Não é

bem capaz de eliminar a expressão de pálpebras pesadas que tem no olhar, mas consegue suavizar um pouco a expressão. Devagar, oh, tão devagar, retira os dedos do meu cabelo.

— Certo. O joalheiro. Precisamos de alianças para a cerimónia.

— Tem a voz apenas um pouco entrecortada. Recuperou tão depressa, muito mais do que eu consigo.

— Sim.

Passa a língua pelos lábios.

— Então, se calhar, devias sair de cima de mim.

Só então me dou conta de que continuo a pressioná-la no colchão. Ela embala-me entre as suas coxas, os calcanhares presos ao fundo das minhas costas.

— Se queres que eu saia de cima de ti, provavelmente devias soltar-me. Gosto da maneira como ela cora. Gosto muito.

Continua a ser preciso um grande autodomínio para me afastar dela, e depois só piora porque consigo vê-la de novo. Se uma Psique normal é uma tentação a que nunca vou ser capaz de resistir, uma Psique saciada de prazer é como injetar a droga mais viciante do planeta. Quero-a de novo, logo que seja possível, o máximo de vezes que conseguirmos antes de os nossos corpos se esgotarem.

Recoo um passo, depois outro.

— Vou mudar de roupa.

— Boa ideia — diz ela debilmente, o olhar fixo na minha braguilha. — É melhor ir vestir-me.

— Sim.

Ficamos a olhar-nos durante um longo momento, com a tensão a acumular-se em algo que é quase visível. Parece que me prendeu um íman às entranhas ou, mais precisamente, à pila, e continua a puxar-me na sua direção, mesmo agora. Separamo-nos na mesma altura, comigo a dirigir-me ao *closet* e Psique a disparar porta fora em direção ao quarto das visitas.

Só quando visto roupa lavada e me recomponho é que consigo admitir a verdade. Ela pode não querer envolver-se, mas é claro como o raio que eu já me envolvi. Nunca estive tão perto de perder o controlo com ninguém com quem estive antes. Mas, também, ela já provou, vezes sem conta, no pouco tempo que estivemos juntos, que Psique Dimitriou é diferente de toda a gente de Olimpo. Não é de admirar que a minha mãe quisesse extinguir a sua luz brilhante. Ela é inteligente, astuta e boa de mais para um homem como eu.

Não quero saber.

Depois desta noite, vai ser minha a sério.

## Capítulo 14

### Psique

Depois de dois orgasmos arrasadores, em rápida sucessão, o resto do dia passa depressa de mais, as horas somem-se enquanto eu e Eros pomos tudo em ordem, até ser hora de nos prepararmos para a cerimónia.

Para a cerimónia do meu casamento.

Perséfone chega com o meu vestido e o seu marido fulminante. Hades é bastante atraente — um homem branco alto, de cabelo escuro, olhos escuros e uma barba muito gira —, mas parece que a única pessoa a quem ele sorri é a minha irmã, e a sua onda «não me fodam o juízo» é quanto basta para afastar toda a gente. Adora loucamente a Perséfone e isso é o suficiente para mim. Não tem de ser um ursinho de peluche fofinho, desde que ela seja feliz. E ela é, é mesmo.

É uma pena eu não ter o mesmo destino à minha frente, com o meu próprio homem-monstro.

Eros desapareceu, disse qualquer coisa sobre ir tratar de uns pormenores de última hora. Prometeu-me que Afrodite continua recolhida no seu fim de semana no *spa* — até telefonou à assistente dela para confirmar —, mas não consigo deixar de me preocupar com a possibilidade de ela aparecer a tempo de pôr um ponto final nesta charada toda. Mas confio em Eros, pelo menos nisto. Quando Afrodite for verificar as redes sociais depois do fim de semana fora, haverá consequências, que cairão sobre os ombros de Eros. Não posso deixar de sentir... de me sentir mal por ele.

A minha mãe não vai ficar nada feliz quando souber deste casamento à pressa. Posso não conhecer os pormenores dos planos que ela tem para mim, mas não incluem um casamento com Eros. Isso de certeza. Nem ela poderá lutar contra isso quando estivermos ligados legalmente. Mas quando ela ultrapassar a sua

raiva? Vai examinar os ângulos para perceber como pode virar a situação para a beneficiar.

À superfície, as nossas mães não são assim tão diferentes. Ambas são poderosas e ambiciosas e implacáveis ao extremo.

A diferença?

A minha mãe pode tentar deslocar-me como se eu fosse um peão no xadrez que é Olimpo, mas, na verdade, ela ama-me. Não vai deixar que o amor se ponha no caminho do poder, mas também não estaria à espera de que eu aparecesse numa festa depois de ter sofrido golpes, nem ficaria furiosa por eu estar atrasada.

E houve aquela expressão de choque no rosto de Eros quando estudou as minhas fotografias e as das minhas irmãs na *penthouse*. É possível que eu esteja completamente enganada e a fazer projeções, mas ele quase parecia embasbacado por estarmos tão felizes naquelas fotografias. A minha infância não foi perfeita — Deméter é uma mãe difícil, mesmo nas mais ideais condições —, mas eu tinha as minhas irmãs e nós *fomos* felizes grande parte do tempo. Não se tratava de algo fingido naquelas fotografias.

Como terá sido crescer com uma mãe que só o via como uma ferramenta a ser explorada e nada mais?

Caio em mim. Estou a fazer projeções. Tenho de estar. Por mais que eu odeie Afrodite, com certeza não estou a ver o filme todo. Ela deve amar o filho, embora lhe exija aquelas coisas horríveis.

Certo?

— Psique? Não temos muito tempo.

Afasto as preocupações teimosas e concentro-me na minha irmã.

— Tens razão. Vamos lá começar isto.

Deixamos Hades na sala de jantar, a estudar o lugar como se fosse um general a olhar para o campo de batalha, e retiramo-nos para o quarto das visitas para eu me arranjar. Perséfone mantém a conversa ligeira, enquanto me prende o cabelo ao alto num estilo

artístico e eu me maquilha, mas, quando chega a altura de pegar no vestido, ela hesita.

— Eu sei que já te perguntei isto, mas tens a certeza?

Não. Nem sequer um bocadinho. Não tinha a certeza antes desta tarde, mas agora que a boca de Eros esteve por todo o meu corpo, sinto-me abalada até aos ossos.

— Tenho.

A minha irmã está impaciente:

— Eu sabia que não devia ter perguntado.

— Olha, não vamos atirar pedras. Foi só há uns meses que juntaste os trapinhos com um homem que todos achavam ser uma lenda e recusaste a minha ajuda.

Levanta o queixo.

— Isso foi diferente.

— Talvez, mas eu confiava que soubesses o que estavas a fazer. Prometeste que me davas o mesmo benefício da dúvida.

Por um segundo, acho que ela pode continuar a discutir, mas acaba por suspirar.

— Não gosto nada de que as coisas tenham dado esta reviravolta.

— É difícil deixar que as pessoas de quem gostamos corram riscos.

Dirige-me um sorriso agridoce.

— Desde quando é que ficaste tão inteligente?

— Tenho duas lindas irmãs mais velhas como modelos. — Sinto um aperto na garganta e tenho de me virar, senão vou chorar e dar cabo da maquilhagem. Pode não ser o casamento dos meus sonhos, mas vou assegurar-me de que é credível. Deixo cair o robe e entro para o vestido, virando-me para que a minha irmã mo aperte nas costas.



— Este vestido é mesmo lindo. Não é o que eu esperava que escolheesses, mas é perfeito. — Aperta-me o vestido depressa, a voz espessa. — Pareces uma deusa.

— Talvez uma ninfa.

Ela ri-se.

— Fazes sempre isso. Se hoje é o teu casamento, vai acreditar que pareces uma deusa, que raios.

Não vale a pena discutir. A verdade é que eu estou *mesmo* bonita e que escolhi *mesmo* este vestido com a intenção de provocar um efeito. É muito tarde para mudar de ideias em relação a isto, tal como é muito tarde para mudar de ideias em relação ao próprio casamento.

— Tens razão. Pareço uma deusa.

— Ora aí tens. — Desvia o olhar. — Há mais uma coisa.

Soam alarmes na minha cabeça. Perséfone pode não ser tão direta como Calisto, mas é mais do que capaz de fazer finca-pé. Para agora estar a emanar culpa... isto não vai ser bom.

— O que fizeste?

— Não te zangues comigo.

— Perséfone — digo devagar, agarrando-me à paciência com as duas mãos. — Não posso prometer que não me vou zangar até me contares o que fizeste.

— Eu, hum, talvez tenha referido este evento ao almoço.

Ao almoço.

Com *a nossa mãe*.

— Diz-me que não o fizeste.

Tem outra vez aquela expressão no rosto, a expressão teimosa que diz que eu nunca hei de vencer esta discussão.

— Se há alguém que compreende manobras políticas é a nossa mãe. Dá-lhe o benefício da dúvida.

Fito-a. Fito-a o tempo suficiente para Perséfone ter a graça de corar e mostrar-se culpada.

— Dar-lhe o benefício da dúvida? — repito. — Que grande frase, vinda de ti. Tu sabes o que ela fez, numa tentativa de te retirar das mãos do Hades. Achas mesmo que será menos implacável no que toca a mim?

— Isso foi uma situação diferente.

— Estás sempre a dizer isso. Continuo sem acreditar. — Começo a esticar o braço para torcer o cabelo, mas paro antes de estabelecer contacto. — Ela estava a tentar apresentar-me ao Zeus.

— *O quê?*

— Embora a mãe possa apreciar manobras políticas, ela tinha planos para mim. — Planos a que eu não me opunha inteiramente, embora não estivesse entusiasmada com eles. — Aos olhos dela, o Eros será uma despromoção. — As palavras são um pouco como uma traição, mas isso não faz sentido. Se eu não fosse obrigada a escolher entre a morte e o casamento com este homem, nunca teria consentido em ter a sua aliança no meu dedo.

Certo?

— Psique, eu...

Somos interrompidas por alguém a bater à porta, e não faz mal. Lanço-lhe um derradeiro olhar fulminante e viro-me nessa direção.

— Sim?

— Precisamos de falar.

Eros.

Meus deuses, não gosto nada de que o meu coração acelere só de ouvir a voz dele. Dirijo-me à porta, ao mesmo tempo que digo a mim mesma para assentar bem os pés no chão.

— Dá azar ver a noiva antes do casamento.

— Nenhum de nós é supersticioso. — Baixa a voz. — Abre a porta, Psique.

Ignoro o desagrado da minha irmã e abro a porta. Por um momento, só consigo ficar ali, especada como uma tola. Ele está de *smoking*, que lhe ilumina a pele dourada e o cabelo louro.

Quero arrancar-lho com os dentes.

Mas que raio, de onde veio esse pensamento?

Fico tão chocada comigo mesma que não fico tensa quando ele entra no quarto e me cinge a cintura com os braços.

— Estás divina.

— Tu também. — A minha voz soa distante e estranha, mas esforço-me tanto por agarrá-lo com leveza e não lhe amarrotar o tecido da camisa.

— O que se passa?

Sorri para Perséfone. Mesmo sabendo que se trata de teatro, não posso deixar de me sentir atraída pela sua expressão enternecedora.

— Será que posso ter um momento a sós com a minha mulher?

— Ela ainda não é tua mulher.

Eros fita a minha irmã por um momento.

— És protetora em relação a ela. Eu percebo, mas...

— *Percebes?* — Perséfone levanta-se. Nunca se pareceu tanto com uma rainha como neste momento. Mais como a nossa mãe. — Não tens irmãos, Eros. Nem sequer tenho a certeza de se terás amigos. Compreendes mesmo o que é gostar tanto de alguém que se deita fogo à cidade se essa pessoa estiver a sofrer?

— Basta. — Olham os dois para mim e é tudo o que eu posso fazer para manter a voz firme. A minha irmã não está errada ao ser protetora em relação a mim, mas, se isto fosse uma relação a sério, eu *nunca* a deixaria falar assim com o meu companheiro. — Basta — repito.

— Só te quero feliz.

— Então apoia-me nisto.

Perséfone hesita durante tanto tempo que eu penso que talvez vá continuar a discutir, mas aperta-me por fim o ombro e passa por nós, para sair do quarto.

Eros solta-me mal a porta é fechada e, mesmo então, parece relutante em fazê-lo. Acaba por deixar cair por terra a encenação do noivo feliz.

— A tua irmã não gosta de mim.

— Estás mesmo surpreendido?

— Não. — Abana a cabeça e torna a focar-se. — Reservei uma sala lá em baixo. Geralmente é usada para... bem, sinceramente não sei para que é usada, mas é nossa para a cerimónia de casamento.

— Está bem. — Era escusado dar um pontapé no rabo da minha irmã para me dizer isto. — E que mais?

— A minha mãe telefonou. — Diz isto com tanta neutralidade que quase julgo ter percebido mal.

Recuo um passo com brusquidão.

— O quê? Julguei que tinhas dito que ela ainda estava no *spa*.

— Ao que parece, alguma alma bem-intencionada conseguiu chegar à fala com ela. Está muito longe para poder impedir o casamento, mas sabe. — Faz um trejeito com a boca. — Deixou uma mensagem de voz colorida.

— Deixa-me ouvir.

Ele abana a cabeça.

— Não é preciso.

— Não quero saber se é preciso ou não, Eros. Ou somos inteiramente companheiros nesta charada ou não e não faz sentido casarmo-nos. — Obrigó-me a suster o seu olhar. — Deixa-me ouvir a mensagem de voz.

Durante um longo momento, julgo que ele vai continuar a contra-argumentar, mas acaba por suspirar e sacar do telemóvel.

— Não é simpática.

Pego no telefone e procuro o *voicemail*. Tenho as mãos a tremer quando primo o A voz de Afrodite impregna imediatamente a sala. Por uma vez na vida, não é docemente venenosa. Está demasiado furiosa.

— Que parte do «Traz-me o coração dela» é que não percebeste, Eros? Porque é que estou a ouvir que te vais *casar* com essa mulher? — Inspira bruscamente. — Julguei que eras capaz de cumprir ordens simples, mas parece que até isso te ultrapassa. Deve ser isso, porque eu *sei* que não estás a tentar fazer de cavaleiro branco a salvar a sua donzela em perigo. Tu não és capaz disso.

Lanço um olhar rápido a Eros, mas ele tem o rosto fixo numa máscara inescrutável.

Ao telefone, a voz de Afrodite vibra de raiva.

— Eu estava disposta a fazer isto da maneira mais simpática, por respeito ao facto de evidentemente teres um fraquinho pela rapariga, mas cuspiste-me na cara. Ela vai pagar. O teu *bluff* de que vais casar com ela não tem graça e ela vai sofrer por isso. Antes que eu chegue ao fim, estará assustada, sozinha e em sofrimento, e será tudo culpa *tua*.

Sinto um aperto no peito. Não há ar que chegue na sala. Vou a marchar até à janela, com a intenção de me debater para a abrir, mas constato que não abre de todo.

— Mas que porra?

— Psique. — Eros recupera o telemóvel e depois toma-me as mãos, levando-as ao peito. — Não vou deixar que a minha mãe te faça mal.

Solto uma gargalhada brusca. Magoa-me a garganta — ou talvez seja só o aperto que nela sinto que não se dissipa.

— Acho que já temos mais do que estabelecido que não consegues controlar a tua mãe.

— Ela não te vai fazer mal — repete ele. — Prometo. Depois desta noite, será irrelevante. Estarás além do alcance dela.

Eu não devia acreditar nele. Estes anos todos a sobreviver nesta cidade impiedosa e nunca tive problemas em manter as minhas emoções sob controlo. A única altura em que baixo a guarda é quando estou na companhia das minhas irmãs e, mesmo então, não o faço completamente. Afinal, elas têm de lidar com as suas coisas. Fazemos turnos a apoiarmo-nos umas às outras quando a situação fica feia.

Confiar em alguém que esteja fora desse círculo minúsculo é impensável.

Eros não me está a prometer que vai impedir a mãe de me matar por ter um bom coração. Não seria benéfico para os nossos objetivos mútuos se ela conseguisse fazer alguma coisa que impedisse o casamento. Está decidido a casar comigo e não compreendo bem o seu raciocínio. Pelo menos, posso confiar que é aquilo que ele quer. Saber isso devia consolar-me, mas soa-me a falso.

— Eu acredito em ti. — Pigarreio. — Acho que é uma boa altura para te contar que a Perséfone contou à minha mãe do casamento e que ela *vai* estar presente.

Eros olha-me demoradamente, depois lança a cabeça para trás e solta uma gargalhada. Esse som surpreende-me tanto que dou um salto, mas ele está tão ocupado a rir a bandeiras despregadas que nem se apercebe. Até tem de cingir a própria cintura com o braço para se manter direito.

Cruzo os braços e fico à espera de que ele termine.

— Tira isso do teu sistema já, definitivamente.

Diga-se que não me faz esperar muito tempo. Endireita-se e abana a cabeça.

— Vamos ter de subir a parada para conseguirmos ficar um passo à frente das nossas mães. Isto deve ficar interessante.

— Interessante. É uma maneira de pôr as coisas.

Eros dirige-se à porta, mas detém-se antes de a abrir.

— Confia em mim.

— Nisto, confio.

É quase verdade. Não me posso dar ao luxo de depender de Eros, nem de partir do princípio de que os nossos objetivos são compatíveis. Mas posso confiar que ele está tão determinado a levar este casamento em frente como eu, seja a relação falsa ou não.

Lança-me um sorriso indolente, o calor imiscuindo-se nos seus olhos.

— Ah, e... Psique? Eu estava a falar a sério quando disse que estavas com um ar divino. Apetece-me comer-te toda. — Desliza porta fora antes que eu consiga formular uma resposta.

O que há para dizer?

Já comprovei que Eros é um mentiroso consumado e que é frio até ao tutano. Não importa o calor dos seus olhos quando olham para mim, nem quão inebriante é o seu sorriso. Não posso confiar nele.

Mas não me pareceu falso quando tive a sua boca na minha. Quando lhe tremeram as mãos ao agarrar-me as coxas e a sua voz se fez rouca e grave. Nesse momento, pareceu que ele me queria tanto como eu a ele. Mais, até, porque não parecia lutar contra a sua reação.

Uma mentira. Tem de ser uma mentira. Tínhamos de arrancar o penso, por isso, foi o que fizemos. Se continuo a desejá-lo, há uma conclusão lógica para isso. Adrenalina e feromonas. Uma reação física é normal nestas condições pouco normais. Só isso.

Já quase consegui convencer-me a mim própria de que é verdade quando entro no elevador para descer até à sala que Eros reivindicou para o evento. Perséfone está ao meu lado, a fazer aquela sua cena radiante e solar que faz sempre que temos de lidar com os Treze. Eu tento fechar-me em copas, empurrar bem fundo e

fechar a sete chaves tudo o que é importante para mim, para que nada que aconteça esta noite me possa ferir.

Tento... e fracasso.

Como posso fechar tudo a sete chaves quando, neste momento, sou um nervo gigantesco exposto? Eu sei que tenho de fazer isto, mas as expectativas acerca do casamento que sempre quis chocam com a realidade deste momento e é muito mais doloroso do que eu estava à espera. É muito semelhante ao luto.

As portas do elevador deslizam sem ruído ao abrir, revelando um corredor comprido que cheira a dinheiro, tendo seguido a mesma via minimalista para que se inclina a *penthouse* de Eros. Os chãos de cimento polido brilham à luz forte e as paredes estão pintadas de cinzento-escuro. Podia dar a sensação de se estar a andar numa prisão cara, se não fossem os espelhos.

Forram o corredor de ambos os lados, alongando-se quase do chão ao teto de dois metros e oitenta. As molduras são em ferro forjado e prata brilhante, e tenho a ideia quase histórica de que, se encostasse a mão a um deles, cederia e eu acabaria num mundo completamente distinto.

O que se passa com este edifício e com os espelhos?

A meio do corredor, abre-se uma porta e a minha mãe sai. Tem um vestido elegante que lhe cobre o corpo esbelto desde o pescoço até aos pulsos e aos tornozelos, e a prata e a estrutura do corpete e das ancas dão a impressão de uma armadura. Enrolou o cabelo escuro, tão igual ao meu, do rosto para trás e a sua maquilhagem está, como sempre, imaculada.

Preciso de todos os bocadinhos de coragem que tenho para caminhar ao lado da minha irmã até ficarmos à frente de Deméter. Ela estuda-me da cabeça aos pés e de novo para cima.

— Se querias causar impressão, foste bem-sucedida com esse vestido.

Perséfone aperta-me a mão.



— Encontramo-nos lá dentro. — Desliza porta fora, deixando-me sozinha a enfrentar Deméter. *Cobarde*. Mas a verdade é que eu ia sempre enfrentar a minha mãe sozinha nisto. Escolhi este caminho, fui *obrigada* a escolher este caminho porque não fui suficientemente boa para passar a perna a Afrodite.

Desta vez.

— Mãe...

Levanta uma mão e abana a cabeça.

— Temos uma conversa à nossa espera, mas aqui não. Estás decidida a casar com o Eros?

Sou perpassada por algo semelhante a alívio. Diga-se o que se disser de Deméter, não é pessoa de desperdiçar mais-valias. O meu casamento com Eros dá-lhe acesso direto a Afrodite, ou melhor, uma maneira direta de picar e sabotar a outra. Pode ter aprendido a lição sobre vender as filhas em casamento sem elas saberem — e é um *pode* muito grande —, mas se uma de nós é suficientemente tola para tropeçar num casamento com uma pessoa poderosa, dificilmente ela irá impedi-la.

— Sim, estou decidida.

— Então, vamos lá. — Dá meia-volta para ficar de frente para a porta e estica o cotovelo. — Raios me partam se alguma filha minha há de seguir sozinha até ao altar.

Não falamos no meu pai — em nenhum dos nossos pais. Três casamentos que resultaram em quatro filhas, e todos os nossos pais desapareceram da face da Terra num intervalo de semanas depois do divórcio. Ou, melhor, desapareceram de Olimpo. Não fossem as contas bastante ativas dos ex-maridos nas redes sociais, a minha mãe podia ter reputação de viúva negra. Assim, eu e as minhas irmãs estamos bastante convictas de que ela pagou aos nossos pais e tratou de que saíssem de Olimpo.

Acho que lhe podia pôr as culpas de não ter uma figura paterna, mas a verdade é que a minha mãe nunca opta pelo chicote quando pode usar uma cenoura. O meu pai escolheu aceitar o dinheiro dela,

sair de Olimpo e nunca olhar para trás. Porque haveria eu de chorar a perda de um homem tão egoísta da minha vida?

Portanto, sim, é completamente adequado que seja a minha mãe a levar-me ao altar e a entregar-me ao meu marido.

Faço deslizar a mão no braço curvado da minha mãe.

— Obrigada, mãe.

— És minha filha, Psique. Mais do que as outras, és parecida comigo. Confio que tenhas uma razão para fazer isto. — Lança-me um olhar severo. — Devias ter-me contado. Podíamos ter negociado termos mais favoráveis.

Apesar de tudo, resfolego uma gargalhada.

— Talvez no meu próximo casamento.

— Linda menina.

Nunca esperei casar-me. Não que eu tenha problemas com a monogamia, embora no passado só tenha brincado com a ideia. Uma coisa relativamente permanente, como um casamento, é mais do que uma mera relação. É mais do que sexo, mais do que levar alguém para o nosso espaço e perceber como partilhá-lo. É uma parceria. Uma aliança.

Contudo, estando eu em frente do altar, com Hermes a balançar sobre os dedos dos pés, no seu fato prateado de três peças, parece-me a porra da coisa certa.

Recuso-me a examinar demasiado atentamente a sensação. Em vez disso, concentro-me na porta que se abre e em Psique, que a transpõe. Na expressão do seu rosto, quando observa aquilo que passei as últimas horas a organizar.

A sala não é grande, o que é uma mais-valia para este evento. Há dois bancos corridos de cada lado do corredor central, cada um deles encimado por um ramalhete de rosas vermelho-vivo, amarradas por uma fita prateada brilhante, uma combinação perfeita com o vestido dela, graças à amostra fornecida por Juliette. O corredor propriamente dito é de um vermelho intenso, no mesmo

tom. Enquanto estou a olhar, Helena encaminha-se para Psique para lhe entregar outro ramalhete, maior, com o mesmo arranjo.

A expressão de choque no rosto de Psique intensifica-se quando olha em redor da sala. Vejo-a registar o facto de toda a gente usar alguma variação de vermelho, preto e prateado. Até Hades, embora pareça não ter mais nada a não ser fatos inteiramente pretos. Um fotógrafo que contratei esgueira-se pela sala e o estalido da máquina fotográfica é o único som que existe durante um longo momento.

Depois a música sobe de volume, uma variação da marcha nupcial que quase soa a canto fúnebre. Pelo sorrisinho dela, considera-a tão adequada quanto eu. É quase como uma piada privada só entre nós.

Psique dá o primeiro passo em direção ao altar — a mim — e o seu olhar encontra o meu. O seu sorriso abre-se mais e, embora eu diga a mim mesmo que é só para inglês ver, não consigo evitar o calor que desabrocha no meu peito. Eu sei que não é isto que ela quer. Se for como Helena e Eris, tem planos para o casamento desde que era pequena e não estou propriamente à espera de que esses planos incluam casar com o filho da inimiga da mãe, em frente a uma assistência de cinco pessoas.

Não posso mudar isso, mas o mínimo que posso fazer é dar-lhe este presente. Algo que valha uma fotografia. Este casamento pode não ser uma boa memória, mas, pelo menos, a publicidade no seu rescaldo não a vai envergonhar.

Ela e Deméter percorrem o seu caminho até ao altar e param a alguns passos. Hermes pigarreia, com um ar deliciado por toda aquela experiência.

— Quem dá a mão desta mulher em casamento?

— Dou eu. — Deméter avança e pousa a mão de Psique na minha.

Sorri docemente, como que encantada por aqui estar, mas as suas palavras em voz baixa pingam veneno. — Se fizeres alguma

coisa que cause qualquer espécie de dano à minha filha, estripo-te e dou-te de comer aos meus porcos.

Já ouvi rumores sobre Deméter e os seus porcos, mas nunca consegui comprová-los.

— Vou ter isso em consideração.

— Assegura-te disso. — Beija a Psique no rosto e depois vai sentar-se ao lado de Perséfone na fila da frente.

Estamos diante do altar e a única coisa que consigo fazer é olhar fixamente para Psique. Esta mulher, esta criatura feroz e brilhante, será minha de verdade no instante em que lhe enfiar a aliança no dedo, no momento em que ambos dissermos «sim». A única intenção disto foi manter Psique entre os vivos, mas em determinado momento das últimas doze horas, tornou-se outra coisa completamente diferente. Vou manter esta mulher em segurança.

Porra, vou ficar com ela e pronto.

Assim que ouço Hermes, mal consigo repetir as palavras certas para fazer isto. Tremem-me as mãos quando enfio o diamante gigantesco no anelar de Psique. Estou desgraçado.

Pela parte que toca à minha recém-esposa, não parece ter o mesmo problema. A sua voz é perfeitamente regular quando repete os mesmos votos. Os seus dedos são frios na minha pele quando enfia o anel no meu dedo. Sorri para mim com doçura e fico surpreendido por querer tanto que seja real.

— Pode beijar a noiva.

Não hesito. Avanço, encurtando a distância que nos separa, e seguro-lhe no rosto com as mãos em concha. Se eu fosse um homem melhor, nunca tocaria nesta mulher com mãos que cometeram tal violência, mas sou egoísta até ao âmago. Beijo-a, preenchendo esse momento com tanta promessa que ela derrete encostada a mim.

Alguém — julgo que Eris — aclara a garganta e eu consigo levantar a cabeça, embora não deixe cair as mãos. Sorrio para Psique.

— Ei.

— Ei — murmura.

— Conseguimos.

Ela envolve os meus pulsos com as suas mãos e aperta-mos um pouco.

— Ainda não terminámos.

Com isto em mente, entrelaço os dedos nos dela e damos meia-volta para enfrentar a sala. Helena e Eris têm expressões cuidadosas estampadas no rosto, como se ainda não conseguissem acreditar que isto aconteceu. Estou à espera de o ouvir de ambas mais tarde, quando tiverem mais tempo. Deméter tem uma cara de pau excelente, mas já a vi usar o mesmo sorriso sereno antes de sistematicamente cortar as pernas aos seus rivais. Hades tem um olhar fulminante, mas parece ter sempre. Perséfone está radiante, mas não me passa despercebida a promessa de violência nos seus olhos esverdeados.

Este casamento vai libertar toda a espécie de caos.

Estranhamente, mal posso esperar.

Hermes faz um som de felicidade.

— Apresento-vos agora o senhor Eros Ambrósia e a senhora Psique Dimitriou.

Deméter põe-se em pé e atravessa o espaço na nossa direção.

— Parabéns. — Pega-me nas mãos, enterrando as unhas na minha pele apesar da sua expressão feliz. — Bem-vindo à família.

Era este o plano, mas não consigo evitar um arrepio de desconforto. Já não há volta a dar. Só podemos viver com as consequências.

— Obrigado.

— Os jantares de família são ao domingo. Sem exceção. Até para a semana. — Dá um beijo rápido na bochecha de Psique. — Depois falamos.

— Com certeza. — A minha mulher não parece minimamente abalada.

*Mulher.*

*Minha.*

Envolvo essa possessividade que surge dentro de mim em correntes de prata e enterro-a bem fundo. Não há espaço para sentir isto aqui, neste momento. Atrás de nós, Hermes solta uma risadinha que me põe os pelos da nuca em pé.

— Agora é que foi. A Afrodite vai ficar tão *fula da vida*. — Dá-me um toque no ombro quando se põe à minha volta e rasga um sorriso para Psique. — Boa sorte. Espero que sobrevivias até ao primeiro aniversário. Deixei-te um presente na cozinha. Aproveita! — Segue pelo corredor central aos saltinhos, deslocando-se com a alegria saltitante de uma criança, apesar do facto de ser pelo menos da minha idade, se não mais velha.

Seguem-se Perséfone e Hades, embora ele fique alguns passos atrás fulminando-me com o olhar, enquanto ela dá um abraço à irmã.

— Telefona, se precisares de alguma coisa. — Perséfone olha para mim. — Se fizeres merda com a minha irmã, os porcos da minha mãe serão a menor das tuas preocupações.

Ficamos a vê-los abandonar a sala e eu rio.

— Que família encantadora, a tua.

— Tens sorte por a Calisto não ter aparecido. Provavelmente ter-te-ia batido na cabeça com o instrumento que tivesse mais à mão.

Olho-a de relance.

— Toda a gente em Olimpo acha que vocês são umas raparigas tão simpáticas.

— Toda a gente em Olimpo vê o que quer ver. — Estreita os olhos quando Helena e Eris se aproximam. — A propósito.

Ambas as mulheres têm as feições da família Cásio. Maços do rosto salientes. Narizes aquilinos, lábios carnudos. Helena tem uma

estrutura um pouco mais franzina do que Eris e o seu cabelo é de um castanho mais claro, com reflexos ruivos, mas ninguém olharia para as duas sem achar que eram aparentadas. Eris é linda, mas Helena é... Não há palavras para o que Helena é. Tem o tipo de beleza sem mácula que faz ajoelharem-se cidades e envia exércitos inteiros para a guerra. Ela não empola isso — quando muito, minimiza-o —, mas não deixa de dominar a atenção de qualquer sala onde entre.

Eris ergue uma sobrancelha com expressão sombria.

— Parabéns, acho. Se bem que, com a Afrodite notoriamente ausente, não gosto das hipóteses que tens de viver um período de lua de mel feliz. Ela vai intrometer-se à primeira oportunidade que tenha, e joga sujo. — Faz um sorriso malévolo. — Quanto tempo lhes dás, Helena?

Helena bate no ombro da irmã, de sorriso tenso.

— Podes pelo menos guardar a conversa fatalista para o dia a seguir ao casamento?

— Que graça é que isso teria? As coisas estão finalmente a ficar *interessantes*.

Abro a boca, mas Psique antecipa-se. Encosta-se a mim e sorri para as duas irmãs Cásio.

— Estão a subestimar o Eros, se acham que a Afrodite leva a melhor sobre ele.

Erin abre a boca, mas Helena dá-lhe uma cotovelada e fulmina-a com o olhar.

— Já chega. — Dirige um sorriso mais luminoso a Psique.

— Não chegámos a conhecer-nos e eu gostava que isso acontecesse. Vou dar uma festa na próxima sexta-feira. Deviam vir os dois.

— Uma festa. — Sinto Psique ficar tensa, mas não o mostra. Mesmo assim, não consigo evitar apertá-la um pouco contra mim quando digo: — Fiquei com a impressão de que *tu estás* em prisão domiciliária.

— E, no entanto, aqui estou eu, sem sinal da minha casa. — O sorriso de Helena adquire um toque maldoso e os seus olhos âmbar iluminam-se.

— O meu irmão está a ficar um bocado altivo e poderoso de mais desde que se tornou Zeus. É verdade que somos parentes, mas não lhe pertenco. Se eu quiser convidar um grupo de amigos de tamanho razoável para uma leve farra, então vou fazê-lo.

Erin ri-se, com esse som a prometer todos os tipos de problemas.

— Se isso o chatear, tanto melhor.

— Escusas de fingir que estás acima de fazer exatamente isso!  
— Helena dá uma cotovelada à irmã. — Ele também te disse para te portares bem e *tu* passaste o dia inteiro ontem a beber com o Dioniso.

— Eu gosto do Dioniso. — Erin encolhe os ombros. — Ele sabe divertir-se, deixa estar as mãozinhas quietas e tem os amigos mais sexy que existem. É só vantagens.

Por mais que eu geralmente goste das discussões entre elas, estou pronto para dar por terminada esta parte do evento.

— Encontramo-nos na sexta-feira.

— Ótimo. — Helena enfia o braço no de Erin e leva a irmã pelo corredor fora até à porta.

Agora só resta o fotógrafo.

Psique sorri para ele, sangrando assim do seu corpo uma parte da tensão. Aqui, está no seu elemento.

— Agradeço muito a sua presença. Gostava de ter umas fotografias encenadas, para adicionar às que já tirou.

Ele sorri.

— Com certeza.

Distraio-me um pouco enquanto eles discutem opções. Demoram dez minutos a decidir-se por quatro fotografias e depois mais meia hora a conseguir as imagens com que tanto Psique como



o fotógrafo ficam satisfeitos. Ele ergue os olhos da máquina fotográfica.

— Estão fantásticas. Consigo limpá-las e enviar-lhas até amanhã.

— Obrigada. — Já estou a mirar a saída. Com que rapidez consigo tirar a minha recém-mulher daqui?

Psique pousa a mão no braço dele.

— Não seria incorreto usar este momento para seu benefício próprio, Claude. — Inclina-se, sorrindo docemente. — Se for vender uma destas fotografias, que seja a do altar, por favor.

Ele fica um pouco encabulado.

— Eu não... nunca...

— Nós sabemos como funciona Olimpo. — Dá-lhe uma palmadinha no ombro. É um toque leve, mas ele balouça sem firmeza como se tivesse sido um gancho de direita. — Certifique-se apenas de que é *aquela* imagem, se não vou ficar muito aborrecida consigo.

— Sim, senhora — sussurra.

— Já pode ir.

Ficamos a vê-lo praticamente disparar sala fora. Mal espero que a porta se feche para começar a rir.

— És aterradora.

— Oh, não digas isso.

— A sério. Encaixas bem com a tua mãe maléfica e as tuas irmãs violentas.

Psique bate-me no ombro.

— Eu não sou aterradora. E não vamos atirar pedras, quando foi a tua mãe que fez de mim um raio de um *alvo*.

Cinjo-lhe os ombros com o braço. Não porque esteja alguém a olhar; simplesmente porque quero. Esta conversa fácil entre nós

sabe bem depois da tensão de juntar todas as peças para o casamento.

— Podes dizer-me com sinceridade que a tua mãe nunca mandou matar ninguém?

— Eu...

— *Sinceramente*, Psique.

Ela fulmina-me com o olhar.

— Por confirmar.

— Exatamente. Tens de ser pelo menos um bocadinho monstro para sobreviver e vingar em Olimpo. É assim a triplicar para os próprios membros dos Treze.

— Não estás enganado, mas é irritante na mesma. — Lança um olhar demorado à porta. A nata da cidade gosta de fingir que somos mais cultos ou refinados do que toda a gente do mundo, mas a verdade é o oposto disso. Quer dizer, olha para nós. Acabámos de nos casar para que a tua mãe pare de me tentar matar.

Não há muito a dizer. Ela tem razão.

— Eu sei.

— Portanto, sim, talvez tenhamos de ser todos um bocado monstros para sobreviver nesta cidade. — Os olhos dela ensombrecem, um olhar carregado a puxar-lhe os lábios. — Talvez até mais do que um bocado, para ser completamente sincera.

— Não é vergonha. — Passo o polegar pelo seu ombro nu. Meus deuses, porque é ela tão macia? Dez anos em Olimpo e continua a ter a maior parte do coração intacta. Consegue chorar as pequenas partes de si que sacrificou para poder vingar, mas a cidade não a deitou abaixo a ponto de mal se reconhecer a si própria. Invejo-lhe isso. Talvez me reste alguma alma, porque não me consigo impedir de escorraçar a pena estampada nas suas feições. — Tu não és, sabes?

— Não sou o quê?

— Um monstro. — Sorrio um pouco. — Eu saberia, sendo eu próprio um. Moves-te entre nós, mas não és nada como nós.

Ela estreita os olhos.

— Não sei se isso é um elogio ou um insulto.

— É um elogio. É preciso ser-se especial para se viver entre monstros sem se tornar um. — Estamos a virar para profundezas conversacionais que não sei como navegar. Preciso de nos levar de volta a terrenos mais seguros. — Tens fome?

Ela hesita, mas acaba por dizer.

— Tenho. Estava demasiado nervosa para comer antes.

Verdade seja dita, também eu. Parece um disparate ficar nervoso antes de um casamento verdadeiro para uma relação falsa, mas nada nesta situação é como o esperado. Não devia querer tanto a minha nova mulher que praticamente tremo por causa do controlo para não a beijar de novo.

Ou, quando muito, não devia ser perpassado por outra coisa que não luxúria quando penso nela. É certo como a porra que não devia querer colocar-me entre ela e qualquer coisa que conferisse uma expressão de tristeza aos seus lindos olhos esverdeados.

Aclaro a garganta.

— Vamos voltar à *penthouse*. Estou razoavelmente seguro de que ninguém se mete connosco hoje à noite, portanto, o melhor é aproveitarmos.

Psique deixa que eu a conduza até à porta e pelo corredor até ao elevador.

— Não se devem meter connosco de todo, agora que somos casados.

Só queria falar sobre isto mais tarde, especialmente depois de ter acabado de tentar tranquilizá-la, mas Psique é demasiado sábia para não reparar numa constrangedora mudança de assunto. Já conheço esta mulher suficientemente bem para saber que não me

vai deixar distraí-la. Prefere que o jogo seja aberto, com toda a verdade, para podermos lidar com isso em concordância.

Continua a ser um grande esforço responder honestamente.

— Este casamento significa que a minha mãe não vai ser capaz de dar seguimento às ameaças à tua vida. Não a vai impedir de tentar assassinar-te a reputação.

Psique desenha-se um sorriso indolente.

— Ela que faça o seu pior. Sou mais do que capaz de a aguentar nesse campo.

Espero que tenha razão.

## Capítulo 16

### Psique

O dia de hoje foi cheio de extremos emocionais. Sinto-me um milhão de estilhaços disparados no ar, não necessariamente no bom sentido. Desde aqueles quarenta minutos na cama de Eros até entrar na sala que ele atenciosamente organizou em algo semelhante a um casamento real. Combinou as cores com o meu vestido, por amor dos deuses. Esse tipo de atenção aos pormenores pode ser apenas para podermos vender isto completamente a todos na cidade, mas não posso deixar de pensar que ele o fez em parte por mim.

Sou uma parva.

Ir daí até ele mencionar de forma casual que é provável que a mãe continue com a sua vingança, pelo menos no que toca à minha reputação...

Chicotada é dizer pouco.

Claro que eu esperava isto. Falámos sobre o assunto, pelo menos de passagem. Mas uma pequena parte de mim tinha esperança de que Afrodite se desviasse deste caminho quando casássemos. Sei que não devo acreditar numa fantasia dessas, mas a esperança é a última a morrer. Parece muito ingénuo partir do princípio de que, frustrada, Afrodite continuaria com a sua vida, concentrando-se noutra potencial vítima.

Ingénuo e egoísta.

Pelo menos se ela estiver concentrada em mim, Eros não terá de fazer mal a outras pessoas. Agora que a parte pior da ameaça está eliminada, consigo lidar com Afrodite. Espero eu. No campo da opinião pública, sou quase tão capaz como ela. Tenho de acreditar nisso. Estou tão *cansada* como o raio.

Não sou capaz de falar enquanto não nos metemos na segurança da *penthouse* de Eros.

— Acho que foi uma ingenuidade da minha parte pensar que isto bastaria para a dissuadir.

Ele mantém o braço à minha volta enquanto nos dirigimos para a cozinha. Está uma garrafa em cima da bancada e eu pego nela, sobretudo para dar alguma coisa que fazer às mãos. Tem uma bonita fita prateada atada à volta do gargalo, com uma etiqueta que diz simplesmente *De Hermes*.

Examino o rótulo.

— Ela tem gostos caros.

Eros estende o braço à minha volta e vira a etiqueta. No verso, pode ler-se: *Roubei isto da garrafeira da cave do Hades. Portanto, na verdade, é de mim, do Hades e da Perséfone*.

Isto arranca-me dos lábios uma pequena gargalhada cansada.

— A Hermes é uma ameaça.

— É a encarnação da neutralidade caótica. Mas é bastante fixe.

— Eros tira-me a garrafa das mãos e volta a colocá-la na bancada.

— Não vou deixar que ninguém te faça mal, Psique.

— Essa é boa, vinda de ti, uma pessoa que tinha intenções de me fazer mal há vinte e quatro horas. — Talvez seja justo, talvez não, mas não quero saber, em qualquer dos casos. Os acontecimentos dos últimos dois dias vêm rapidamente ao meu encontro. Muita coisa aconteceu em tão pouco tempo. — Se sempre foi este o plano, não é mau. Um golpe por casar com a filha da Deméter. O golpe final por matá-la.

— Para com isso. — Pega-me nas mãos, o seu toque leve mas inevitável. — Olha para mim.

Não quero. Sei que Eros mente muito bem quando está motivado. Não posso confiar numa única palavra, olhar ou gesto. Mas quando levanto os olhos para ele, tem um ar terrivelmente sério.

— Psique, pode ser que a minha mãe ainda esteja furiosa, mas as nossas razões para nos casarmos continuam a ser as mesmas. Ela pode cuspir o seu veneno e tentar fazer as suas manipulações, mas não te pode fazer mal. Não vou deixar que *ninguém* te faça mal. Agora és minha e eu protejo aquilo que é meu.

— Que patriarcal da tua parte. — Não tenho nada de acreditar nele. Nada mesmo. Lá por sermos casados, isso não quer dizer que ele seja outra coisa que não um inimigo. Ele ia *matar-me*. Tento agarrar-me a essa verdade, mas está sempre a chocar com outras.

Que zangado estava com os comentários negativos nas minhas redes sociais.

A sua insistência para que eu tivesse um vestido de casamento de que me orgulhasse.

O facto de ele ter levado a amostra para organizar o casamento inteiro, convidados e tudo, em torno da paleta de cores que escolhi.

Tantas coisas pequenas e atenciosas. Coisas que um inimigo não faria, mesmo que estivesse a tentar bajular a sua vítima. Agora está a dizer-me que se vai colocar entre mim e qualquer ameaça à minha segurança e... acredito nele.

Ele abana a cabeça.

— Estou-me a cagar se é patriarcal ou não. É a verdade. Comigo, estás a salvo. Prometo.

Não é minha intenção tocar-lhe. Tocar Eros é literalmente uma má escolha, mas as minhas mãos encontram na mesma o seu caminho no interior do seu casaco de *smoking*. O tecido cinzento-escuro da sua camisa é mais macio do que eu esperava, mas não é isso que me faz tremer as pernas. O que me faz tremer as pernas são as curvas e os sulcos dos seus músculos por baixo. Estava em tronco nu ontem à noite na cama comigo, mas as circunstâncias impossibilitaram que eu apreciasse a vista sem restrições.

Agora posso apreciá-la. Afinal de contas, é a minha noite de núpcias. — Eros.

Ele mantém-se perfeitamente imóvel, observando-me atentamente.

— Sim?

— Eu disse só uma vez. — Os meus dedos encontram os botões ao centro do seu peito. — E se essa vez não acabar com o nascer do sol?

Os seus olhos lampejam, mas não faz menção de me tocar, como de repente anseio que faça.

— Não quero que haja mal-entendidos entre nós, Psique. Precisas de alguma coisa? Usa as palavras e sê explícita.

Eu já devia saber que ele não me iria facilitar a vida. Até agora, nada foi fácil; porque haveria isto de ser? Passo a língua pelos lábios e esforço-me por fazer um tom de voz neutro.

— Gostava muito de fazer sexo contigo esta noite.

O seu sorriso indolente faz brotar no meu estômago algo mais violento do que um nervoso miudinho.

— Com uma condição.

— Não estou interessada em regatear.

— E, no entanto, aqui estamos nós: a regatear. — O sorriso dele rasga-se mais e fico espantada ao dar-me conta de que é um bocadinho torto. A mínima imperfeição que, de certa forma, o torna ainda mais atraente, algo que eu julgava impossível. Encosta-se muito ao de leve ao meu toque. — Esta noite fazemos sexo e, em troca, durante o tempo que formos casados, dás-me oportunidade de te seduzir como deve ser.

— Não. — A palavra sai disparada por entre os meus lábios antes que eu a consiga reprimir. — Já te disse porque é que isso é impossível.

— Psique. — Praticamente ronrona o meu nome e eu tenho de me debater com um arrepio. Como pode este homem fazer tanto com uma palavra? — Nunca te irei pressionar para fazer uma coisa que não queiras.



*Perigo. Dragões à vista.*

A ideia de ser seduzida por Eros é quase inebriante ao ponto de eu mandar a cautela às urtigas. Quase. Inspiro uma respiração entrecortada.

— Só se eu fosse tola concordaria com uma coisa dessas e é ridículo pedires-me isso. Toda a gente sabe que não ficas com uma companheira mais tempo do que o necessário para saciares a curiosidade. A única razão para me queres tanto é eu ter-te dito que não.

Se continuarmos por esta via, ele vai acabar por se entediar comigo. Eu conheço-me o suficiente para reconhecer que vou ficar muito magoada quando ele foder até ficar saciado e decidir que já não está interessado em continuar com a sedução.

— É? — Aproxima-se com um passo vagaroso e eu nada faço para o deter. Eros passa as pontas dos dedos pelas costas das minhas mãos. — Parece que toda a gente sabe imenso sobre nós, tudo projeções e mentiras cuidadosamente escondidas. *Toda a gente* sabe que sou alérgico à monogamia. Tal como toda a gente sabe que és uma doce influenciadora que não levanta ondas... nem tem pinga de maldade no corpo.

O argumento tem o efeito que ele desejou. Os mexericos olimpianos podem ser um acontecimento de elites, mas a maior parte dos envolvidos entra no jogo e molda a sua imagem conforme necessário. Claro que Eros faz o mesmo; já o admitiu. Então, porque é tão chocante *isto* não ser verdade?

— Nunca te vi em dois eventos com o mesmo par.

— As razões são minhas e os meus pares passados não têm nada que ver connosco. Tu sabes isso, mas estás a ser teimosa.

Perscruto o seu rosto e a compreensão desponha em mim.

— A Afrodite é uma criatura ciumenta. Não haveria de gostar de partilhar a vossa aliança com ninguém, especialmente com uma parceira romântica.

— Menina esperta. — Os seus lábios curvam-se num sorriso amargo. — Não preciso de me preocupar com isso contigo, dado que a minha mãe já te odeia e és mais do que capaz de lidar com os avanços dela.

Diz isto de forma tão confiante, como se fosse a verdade e não um desejo que se pede. Sou boa no que faço. Sei isso. Tenho dez anos de experiência e sai-me naturalmente. Mas há tanto da minha força que reside no facto de as pessoas me subestimarem. Até as minhas irmãs o fazem; as vezes esquecem-se de que jogo os mesmos jogos que elas. Se eu lhes dissesse que estava a enfrentar Afrodite, ficariam aterrorizadas por mim.

Eros acredita simplesmente que eu consigo ficar na minha. Não existe hesitação, riem dúvida. A sua confiança é mais inebriante do que qualquer álcool. Faz-me sentir ousada, imprudente e selvagem, mais do que a conta.

E é exatamente por isso que tenho de restringir o sexo entre nós.

— Eros, por favor — sussurro. Se ele é capaz de me fazer sentir tão descentrada num único dia, se dormirmos umas semanas lado a lado, se dormirmos *juntos*, vou ficar metida num problema sério.

— Foste tu que abriste as negociações. — Continua a tocar-me ao de leve, passando o dedo pelos meus pulsos. — Mas, para ser sincero, tens-me na palma da mão. Quero-te tanto que vou aceitar o que propões.

É uma péssima ideia, dar-lhe luz verde para que tente seduzir-me, especialmente quando já recuou. Se eu fosse esperta, lucrava com isto, alcançava o prazer esta noite e voltava a manter uma distância cuidadosa entre nós amanhã.

*Não sei o que quero.*

*Mentirosa.*

Ignoro a voz sensata no meu íntimo. O amanhã é um problema do Futuro Eu. Neste momento, sinto uma vibração na pele, estou dividida, por tantas emoções, em mil e um sentidos diferentes. Só

quero sentir, esquecer, deixar de existir durante um bocadinho. Todos os meus problemas, todos os planos e conspirações, continuarão lá amanhã. Os meus olhos encontram os dele.

— Negócio fechado. Durante o tempo que formos casados, podes tentar seduzir-me.

Ele expira devagar, como se me desse oportunidade de mudar de ideias. Quando fico ali especada a olhar para ele, resmunga:

— Obrigado, porra. — Agarra-me na mão e leva-me pelo corredor até ao quarto principal. — Adoro este vestido. Mas se não me disseres como é que to dispo nos próximos trinta segundos, vou esfarrapá-lo.

Rio de choque e prazer.

— Cordões nas costas. Por favor, não esfarrapes o meu vestido de noiva.

Faz outro daqueles deliciosos sons de resmungo e gira-me para eu ficar de frente para o toucador em frente da cama. Para ficar de frente para o espelho gigantesco, de moldura dourada, pendurado acima do toucador. Fito-o, mal reconhecendo a mulher ali refletida. Parece uma desconhecida, com um vestido de cerimónia vermelho-vivo e as bochechas coradas de desejo. Fico a ver Eros vir pôr-se atrás de mim: a sua expressão, uma máscara de concentração e impaciência, enquanto desaperta delicadamente os cordões e o vestido afrouxa e solta-se do meu corpo. Eu devia ajudar, mas não consigo deixar de olhar para a imagem que formamos.

— Mas que porra, parece aquelas bonecas russas de encaixar. — Eros passa as mãos pelo corpete, conduzindo o meu vestido pelas ancas, até ao chão. Vai uma vez mais aos cordões, se bem que estes requerem um pouco mais de finura, porque Perséfone é sádica e apertou-os muito bem.

— Podias deixar isso ficar — digo, arquejando. Os pequenos movimentos bruscos quando me desaperta os cordões são uma estranha espécie de preliminares que eu não esperava, mas

também nunca tive um parceiro que me tirasse de dentro de um corpete.

— Nem pensar. Quero ter acesso a tudo em ti.

A última fileira de cordões cede e arranca o corpete do meu corpo. Ouço-o cair no chão atrás de nós.

Fico petrificada, a agarrar o toucador com tanta força que dói. Viu-me nua há poucas horas, mas não consigo evitar a pontada de insegurança que sinto. Os corpetes podem parecer um sonho, mas deixam marcas de pressão na pele do meu estômago. Não é bem a imagem sexy que eu escolheria para esta noite.

Eros encontra o meu olhar no espelho. A fome nua no seu rosto põe de parte as poucas dúvidas que eu tenho. Este homem não tem razão para me mentir, não nesta matéria. O que significa que me quer com o mesmo desespero com que eu o quero a ele.

*Quer seduzir-me como deve ser.*

— Olha para ti — murmura, fechando a distância entre nós para pressionar o corpo às minhas costas. — Porra, tu és linda.

Aguardo que ele fique quase feroz, como aconteceu antes. Mas, ao que parece, o meu recém-marido não está com disposição para pressas, apesar da sua determinação em despir-me o vestido de noiva. Mergulha as mãos no meu cabelo, retirando os ganchos que Perséfone colocou no sítio, um a um. Parece que são mil e ele procura cada um metodicamente, deixando-os cair no toucador ao nosso lado. Mal me toca, os dedos movendo-se cuidadosamente pelo meu cabelo, pressionando de vez em quando os nós apertados na minha nuca, mas parece-me que me deitou gasolina e acendeu um fósforo.

Não consigo parar de tremer. Quero estender o braço para ele, mas também não quero que esta lenta sedução pare. E é uma sedução, embora duvide que ele a classificasse dessa forma. Abro os olhos, sem saber bem quando os fechei, e encontro uma expressão de total concentração na cara dele. Toda a formidável

atenção de Eros está centrada no meu rosto. Essa percepção é um dos momentos mais inebriantes da minha vida.

Este homem é meu.

Talvez não de verdade, talvez não para sempre, mas por enquanto.

Quando o meu cabelo se solta e me cai pelas costas em ondas grandes, Eros tira-o do caminho e deposita um beijo no meu pescoço. Arrasta a boca pelo alto dos meus ombros, olhando-me ao espelho. De certa forma, isto parece-me mais íntimo do que antes, quando passou a boca por todo o meu corpo. Eu *vejo* tudo. O meu corpo. A minha necessidade. O seu desejo flagrante a arder o suficiente para nos incinerar a ambos.

Os seus dentes roçam a pele sensível, mas, oh, tem tanto cuidado para não me marcar. Consigo perceber, mesmo estando arrebatada com a experiência. E esse cuidado, essa consideração, torna este momento mais inebriante ainda.

— Tira as calças — digo, arquejando.

— Ainda não.

A frustração espicaça mais o meu desejo.

— Por favor, Eros. Preciso de ti.

— Ainda não — repete. Segura grosseiramente os meus seios com as mãos em concha e, não fosse eu tão avisada, julgaria que lhe tremem. Seguramente que não. Seguramente, Eros Ambrósia não é tão afetado por *mim* a ponto de perder a mestria no jogo. Não importa que a expressão do seu rosto seja de pura reverência. Mas depois dá cabo dos meus pressupostos com as palavras que diz a seguir: — Se eu tirar as calças, vou entrar em ti e, se eu entrar em ti, isto acaba depressa. Não me apresses.

O meu corpo arde, fervoroso e carente. Arqueio as costas, pressionando os seios com maior firmeza contra o seu toque. Não posso duvidar das palavras dele, quando já me disse verdades duras e outras suaves. Não tem motivo para me mentir agora.

Afinal, está a conseguir exatamente o que quer — o que queremos os dois.

Passo as mãos, a medo, pelos seus braços acima, demorando-me nas linhas rijas dos músculos. Fazemos um belo quadro. Eu, nua e macia. Ele, vestido e todo ele força mal controlada.

— Toca-me.

— Estou a tocar-te. — Nunca lhe tinha ouvido a voz tão grave, rouca e tensa. — Ou queres dizer tocar-te assim? — Mexe-se, pondo a mão em concha na minha garganta e deslizando a outra para me tocar com a palma no sexo. Nunca na vida senti assim ser de outra pessoa. Nunca *pareci* tanto ser de alguém.

Não, não sinto que sou dele. Sinto-me *possuída*.

Inclino-me um pouco para a frente, só para sentir a força da sua palma no meu pescoço, só para que ele dobre os dedos na minha pele sensível.

Eros sustém o meu olhar enquanto me aparta os lábios e enterra dois dedos grossos em mim, uma penetração lenta e completa. Começo a fechar os olhos, incapaz de suportar ser exposta desta maneira, mas ele faz um som forte.

— Não. Não te escondas de mim. Esta noite, não. Assim, não.

Não consigo lidar com o puro ardor no seu olhar, por isso concentro-me na sua mão entre as minhas coxas. É tão bom ver como sentir. Fode-me com os dedos indolentes, dedilhando a minha carência cada vez mais forte.

— Olha só para ti — murmura. — Porra, és perfeita.

Se qualquer outro parceiro dissesse estas palavras — e disseram — eu atribuiria o facto ao calor do momento. Eu sei que sou atraente, mas a minha beleza não inspira a reverência que este tipo de elogio acarreta.

Só que...

As palavras de Eros soam sinceras. Ele *parece* sincero. Continua a usar toques lentos no meu sexo, enquanto a mão livre se

movimenta pelo meu corpo, como se não me pudesse tocar o suficiente. Coloca primeiro a mão em concha num seio e depois noutro, descendo no meu estômago, e aperta-me a anca enquanto produz um rugido.

— *Perfeita*, porra. — Tira devagar os dedos de dentro de mim e começa aos círculos no meu clítoris. — Tão inteligente e ambiciosa, e escondes-te atrás desta cara bonita. Alguma vez baixas a guarda, bela rapariga?

— Eros, por favor. — Não sei o que estou a pedir. Que ele pare, que nunca pare, que me faça ter um orgasmo sem dizer palavras que parecem fustigar-me até à alma.

— É resposta quanto baste. — Eros mordisca-me o ombro, fazendo-me sobressaltar, e torna a enfiar dois dedos dentro de mim. — Liberta-te, Psique. Quero sentir o teu sexo apertado nos meus dedos quando te vieres. — Faz pressão com a base da mão no meu clítoris, cada esfregadela exatamente onde mais preciso.

Não aguento mais sessenta segundos.

Venho-me em espasmos, o grito mal me saindo de entre os lábios antes que a boca dele venha para a minha, devorando o som enquanto dedilha cada vez mais alto o meu prazer. Onda após onda. Meus deuses, é de mais e insuficiente e, se eu fosse capaz de pensar como deve ser, estaria aterrorizada com a perspectiva de nunca conseguir quanto baste. Os meus joelhos cedem; ele não perde um instante. Eros conduz-me de novo à cama, colocando-me suficientemente para trás na cama para se poder ajoelhar entre as minhas coxas apartadas.

A maneira como este homem olha para mim.

Se eu fosse mais inteligente, arranjava maneira de fugir dele. O ardor nos olhos de Eros é algo semelhante a uma obsessão, e ser o único foco deste homem é perigoso, de uma maneira com que não estou preparada para lidar. Sou forte. Tive de ser, para poder sobreviver tanto tempo incólume, na maior parte.

Nem de perto sou forte o bastante para vencer uma guerra de vontades com Eros, se ele decidir que me quer despedaçar.



## Capítulo 17

### Eros

Tenho as mãos a tremer. Tenho a porra do copo todo a tremer. Ver Psique quebrar por mim, *senti-la* apertadinha entre os meus dedos ao ter o orgasmo, saber que confia em mim para me deixar conduzir isto... Faz-me querer cair em cima dela como uma fera voraz. Mergulhar nela até não existir mais nada a não ser a nossa foda, crua e dura.

Ela merece mais do que isso.

Não dou grande crédito ao casamento e tudo o que envolve, mas Psique é do género que dá. Mesmo que eu não a tivesse obrigado com esta situação, podia não ter tido um casamento por amor. Isso quase não existe em Olimpo, especialmente entre os Treze e respetivas famílias. É significativamente mais comum casar por dinheiro, poder e prestígio. O amor não entra na equação.

Mesmo assim, sou eu a razão para ela ter perdido as poucas hipóteses que tinha de amor. O mínimo que posso fazer é assegurar que tem uma noite de núpcias memorável.

Passo as mãos pelas suas pernas e estômago roliço. Tê-la nua e toda aberta à minha frente é tão inebriante agora como foi esta tarde. É tão sexy, sim, mas estou sempre a voltar à confiança que deposita em mim. Não a mereço... mas, estranhamente, *quero* merecê-la.

— Eros. — Fica meio sentada e estende o braço para mim. — Vem cá.

— Ainda não.

Ainda não despi as calças. Não posso arriscar. A julgar pelo desejo que lateja no meu corpo, centrado na pila e nos tomates, não vou aguentar uma vez que esteja dentro dela. Quero que se venha

outra vez, quero senti-la estilhaçar nas minhas mãos, na minha língua, mais umas vezes antes de chegarmos lá.

Quero prendê-la a mim o mais possível, tê-la a ansiar tanto pelo que lhe posso dar como eu desejo dar-lho. A única maneira de o conseguir é dando-lhe tanto prazer hoje à noite que ela se vire para mim quando se sentir outra vez carente.

Se eu fizer as coisas à minha maneira, ela ficará num estado de carência constante.

Deixo que me puxe para que eu a beije de novo. Beijar Psique não é um sacrifício. Ela não aceita passivamente o que eu lhe dou. Vem ao meu encontro em todos os momentos, brandindo a língua como faz com as palavras. Um jogo de dar e receber e de puro prazer. Eu gosto de beijar. Sempre gostei. Mas beijar esta mulher quase podia ser o principal acontecimento.

Ou podia ser, se eu não a tivesse nua e a contorcer-se debaixo de mim.

Deslizo pelo seu corpo, pressionando os seus grandes seios a juntarem-se para lhe poder provocar um mamilo e depois o outro, passando de um para o outro até ela gemer e arquear as costas, oferecendo-se para mais do que uma prova. Só então passo mais para baixo, a lambar e morder as curvas dos seus seios até ao estômago. Fica ligeiramente tensa, mas eu não aceito nada disto. Dou a esta parte dela o mesmo tratamento completo que lhe dou aos seios. Cada curva, sulco, refego. Fui sincero em tudo o que disse; ela é perfeita e eu não me mantereis afastado de nenhum centímetro dela.

Quando chego finalmente ao sexo, as suas coxas caem para os lados. Já não está a tentar conduzir-me nem a apressar nenhum momento. Deixa-me fazer o que eu quero e eu adoro, porra. A sua confiança é tão inebriante como o seu sabor. Psique está molhada e praticamente a pingar e não perco tempo em deslizar a língua pelo sexo acima até ao clítoris.

Meus deuses, esta mulher.

As suas mãos encontram o meu cabelo à segunda lambidela e ela puxa-me para que eu me concentre no clítoris. É com satisfação que aceito a orientação, especialmente quando as suas ancas se erguem para irem ao encontro da minha língua. Ela geme e esfrega-se toda na minha boca e eu tenho de obrigar as minhas ancas a imobilizarem-se para evitar foder o colchão até me vir nas calças.

É a segunda vez hoje.

Eu podia rir, se conseguisse respirar além da necessidade que lateja no meu sangue. Psique despiu-me de toda a minha arte, de toda a minha finura. A única coisa que importa é dar-lhe prazer até ela não aguentar mais. Nem sequer o *meu* prazer é superior a isso.

Quando ela se vem, é com o som mais doce que alguma vez ouvi. Arqueia as costas, entreabre os lábios e...

— *Eros*.

*Mas que merda.*

O monstro que existe dentro de mim atira-se contra a jaula, fazendo chocalhar todo o meu ser. Ela gritou o *meu nome* quando teve o orgasmo. Não devia causar uma sensação tão profunda, mas não há como negar o surto de posse que faz parar todos os pensamentos na minha cabeça, exceto a necessidade de entrar nela e fazê-lo agora. Tenho de colar a testa ao estômago dela e concentrar-me durante uns instantes na respiração.

É hora.

Obrigo-me a soltá-la e a sair da cama. Ela olha-me com olhos turvos de prazer, o seu desejo a ganhar intensidade quando sacudo as calças para fora e tiro um preservativo da gaveta da mesinha de cabeceira. Volto à cama a gatinhar e retomo a posição entre as coxas dela. É uma luta pensar além do impulso primário de marcar a minha presença em todos os centímetros do seu corpo, mas consigo. Por um triz.

— Sê minha, Psique. — As palavras são erradas; significam de mais, revelam de mais.

Felizmente, ela parece não reparar. Já está a anuir.

— Não quero esperar mais.

— Ótimo.

Rasgo o invólucro do preservativo e desenrolo-o no meu sexo. Devagar, oh, tão devagar, posiciono-me em cima dela e conduzo a pila até à sua entrada. Ela levanta as ancas, acolhendo-me enquanto me tento lembrar porque é que tenho de fazer isto devagar.

*Que se foda.*

Entro nela com movimentos breves e implacáveis. Tenho a respiração tão entrecortada como a sua. Julgo que estou a gemer, mas não consigo dizer ao certo por causa do fluxo que sinto nos ouvidos quando finalmente, *finalmente*, me enterro nela até ao fundo. Ela sabe melhor ainda do que eu podia ter sonhado. Como se tivesse sido feita só para mim. Já fui longe de mais para me preocupar com o perigo de pensar assim. Não consigo evitar forçar um pouco, observando-lhe o rosto enquanto o faço.

Morde o lábio inferior. Um claro convite, sem dúvida. Fico mais do que contente por aceitar, inclino-me e reclamo a boca dela como reclamo o seu corpo.

Ela pode não ver as coisas dessa maneira, mas eu não consigo evitar o que sinto. É um problema meu. Trato disso depois.

Tenho todas as intenções de ir devagar, mas ela enterra as unhas no meu rabo, instando-me a avançar, e o pouco controlo que tenho desaparece. Deslizo os braços por baixo dela para lhe agarrar os ombros e conseguir uma alavancagem melhor e fodo-a com investidas grandes e intensas. Já fui longe de mais. Não consigo parar, não consigo abrandar. Mesmo que eu quisesse, ela impele-me com uma ferocidade que põe a minha própria ferocidade em destaque.

— És tão boa, Psique. — Invisto com força, adorando os seus gemidos em resposta. — Tão apertadinha e toda molhada, feita mesmo para mim.

— Eros. — Arqueja e ofega, continuando a tentar impelir-me. — Mais. Com mais força.

Desisto de fazer outra coisa que não o que ela me exige. Fodo-a com força suficiente para que o toque brutal da carne com carne encha o ar, pontuado por palavras que não consigo reter.

— Mais uma vez, linda menina. Quero sentir-te a vires-te na minha pila. Sabe bem, não sabe?

— Tão bem. — Geme e leva as unhas às minhas costas, cravando-as com tanta força que amanhã vou ter as marcas. Sou fustigado por uma satisfação feroz. Não há volta a dar aqui, tal como não há volta a dar na aliança que lhe pus no dedo nem na que ela pôs no meu. Independentemente do que acontecer, amanhã não se fingirá que isto foi tudo um sonho. Temos os pés firmemente assentes no chão da realidade.

Ajusto o meu ângulo, no sentido de lhe dar ao clítoris a fricção de que ela precisa para lá chegar antes de mim. Ela ajuda-me com satisfação, pressionando os calcanhares contra o colchão para se esfregar no meu osso pélvico. Psique fica frenética.

— Eros, por favor. Por favor, por favor, por favor.

— Não te preocupes. — Arrasto a boca pelo seu ombro. — Não vou parar.

Não paro. Continuo com aquele ângulo cuidadoso, o movimento intenso, até ela se desfazer. Quero que dure. Quero mesmo. Mas é tão bom, porra.

Ela aperta-se à volta da minha pila e é tarde de mais. Mergulho nela quando me venho e encho o preservativo.

Baixo os olhos para esta mulher, a minha *mulher*. É sempre linda, mas, neste momento, parece uma deusa, com o cabelo caído à sua volta, os olhos semicerrados de prazer, as ancas empoladas dos meus beijos. Não sou fotógrafo, não como é a Perséfone, mas era capaz de dar o braço direito para tirar uma fotografia dela neste momento, para me acompanhar sempre.

— Eros.

Se eu lhe disser o que estava a pensar agora mesmo, ela passa-se. Já é nervosa como a porra quando está ao pé de mim, e com razões para isso. Esta mulher um dia mostrou-me a sua bondade e eu essencialmente segui-a até casa como um felino e obriguei-a a casar comigo.

— Não te mexas — consigo finalmente dizer.

— Acho que nem consigo.

Estas palavras arrancam-me uma gargalhada. Tenho as pernas a tremer bastante quando saio de cima dela e vou a cambalear até à casa de banho, deitar fora o preservativo. Quando regresso, encontro-a exatamente como a deixei. Sou, uma vez mais, atingido pelo desejo intenso de ficar com ela para sempre. Quero mais do que uma fotografia para me lembrar desta noite. Quero *mais*.

Quero que isto seja mais do que uma única noite.

Com isso em mente, pego num punhado de preservativos e atiro-os para o lado dela, na cama. Psique olha para eles e depois para mim, de sobrancelhas arqueadas.

— Temos aqui alguém ambicioso.

— O sol ainda não nasceu.

O sorriso que ela me lança contém uma multiplicidade de coisas.

— Não, o sol ainda não nasceu. — Espreguiça-se. — Mas gostava de ter a oportunidade de tomar um duche, para limpar o pior do casamento, antes de fazermos seja o que for.

Ofereço-lhe a minha mão e algo feroz em mim canta vitória quando ela pousa a mão na minha. Uma coisa tão pequena, deixar que eu a ajude a pôr-se em pé, mas parece-me mais significativo do que isso. Dá a sensação de termos começado alguma coisa importante. É o cúmulo da loucura deixar que eu acredite nisto. Psique pode gostar da minha maneira de foder, mas não gosta de mim.

Mas também não me odeia. É uma pessoa boa de mais para me deixar tocar-lhe assim se me odiasse realmente. Trata-se de um parapeito minúsculo onde eu me apoiar a desejar mais, mas já estive em situações impossíveis e saí por cima.

Mantenho a mão dela presa na minha e conduzo-a à casa de banho. Não discute quando ponho a água a correr, nem quando a sigo para o jato. Por um instante, permanece no seu olhar uma certa cautela.

— Se tu visses a maneira como olhas para mim. Não compreendo.

— O que há para compreender? — Não consigo trancar a minha expressão neste momento. Trata-se de uma competência que domino desde que me lembro, fechar-me dos outros e não oferecer nada que não queira oferecer. Mas aqui e agora, sou um livro aberto, caso ela mostre propensão para me ler.

Psique fita-me demoradamente, cora e põe-se debaixo do duche. Estou simultaneamente desiludido e grato por este indulto. Há coisas que é melhor deixar por dizer, sobretudo quando não tenho a certeza de como me sinto, quando estou no limiar do controlo.

Mas ela está aqui no meu chuveiro e eu sou humano.

Tiro o champô da mão dela.

— Deixa, que eu faço.

— Não é preciso, Eros.

— Não tem nada que ver com necessidade, eu quero.

Acabámos de fazer sexo. Eu devia estar saciado, ainda que temporariamente. Em vez disso, a minha carência parece mais forte. Deito champô nas mãos e começo a massajá-lo na extensão pesada do seu cabelo. Ela fica tensa por um instante, mas quando parece compreender que não tenho intenções de me apressar, suspira e relaxa, encostada a mim.

Pode ser que ela não compreenda o significado disto, mas para mim é impossível não compreender. A dada altura, ela parou de se

bater comigo. Esta mulher nunca se há de submeter, haverá sempre de olhar para uma situação de mil e um ângulos diferentes, mas, neste momento, está satisfeita por me deixar cuidar dela.

Ela... confia em mim.

Não devia. Não tem quaisquer provas que sustentem isto. E, no entanto, aqui estamos. Dá a sensação de ser um presente, que seguramente não mereço, mas que aceito na mesma. Acabamos o duche relativamente depressa e Psique faz-me esperar até secar o cabelo, mas acabamos juntos no quarto. Ela olha para a cama.

— Não temos de...

— Psique. — Espero que ela olhe para mim para continuar. — Eu quero-te. O sol ainda não nasceu. *Tu* queres mais?

É difícil dizer na sombra do quarto, mas acho que ela fica corada.

— Não devia.

— Não perguntei o que achas que *devias* fazer. Perguntei o que queres fazer.

Ela expira devagar.

— Sim, Eros. Quero mais de ti.

*Obrigado, porra.* Puxo-a para os meus braços e afasto-lhe o cabelo do rosto.

— Estás a ver, não foi assim tão difícil. Vamos continuar. — Beijo-a antes que tenha oportunidade de sair com uma tirada qualquer espertinha.

Esta noite. Temos esta noite. Podemos preocupar-nos com o amanhã quando nascer o sol.



## Capítulo 18

### Psique

Acordo com ondas de sensações. O cheiro telúrico de Eros na minha pele. O seu calor nas minhas costas, o seu braço, um peso reconfortante na minha cintura, os lençóis e o edredão luxuosos da cama a envolver-nos para afastar o frio. O doce dorido do meu corpo devido a tudo o que fizemos ontem à noite.

Não quero abrir os olhos. Se os abrir, isto termina, e eu não estou preparada para voltar ao campo de batalha. Mais tarde, hei de preocupar-me mais com a minha hesitação, provavelmente irei amaldiçoar-me sete vezes pelo momento de fraqueza depois da cerimónia. Mais uma coisa a acrescentar à conta do Futuro Eu. Um hábito terrível a que me estou a habituar.

O braço de Eros cinge-me com mais força e a sua mão abre-se para me pressionar o ponto logo abaixo dos seios.

— Bom dia.

Agora acabaram os fingimentos. Estamos os dois acordados. É hora de levantar e conversar sobre os nossos próximos passos.

Só que não o faço.

Em vez disso, arqueio um pouco as costas, pressionando o rabo contra a sua pila dura.

— Bom dia.

A sua expiração árdua põe-me os pelos da nuca em pé.

— O sol já raiou.

Maldito seja por insistir em apartar a cortina e iluminar esta situação. Seria assim tão difícil ignorar o feixe de madrugada que aparece na janela? Suspiro.

— Então, acho que também devíamos raiar.

— Lá estás tu, a usar essa palavra. *Dever*. — A sua mão desliza pelo meu estômago, até à anca. Não é bem um convite. Mas também não é um *não* convite.

— Pareces cansada, Psique.

Franzo o sobrolho para a parede cinzenta em frente da cama.

— Obrigada. É o que todas as noivas querem ouvir no dia a seguir ao casamento.

O seu riso baixinho faz com que me debata para não arquear de novo as costas contra ele. Eros deposita um beijo ao de leve no meu ombro.

— Parece-me um raio de uma pena sairmos da cama antes de ser precisa Já estou numa encosta escorregadia no que toca a este homem. Primeiro, cedi antes da cerimónia ao sexo oral, do melhor que já tive. Depois, tivemos definitivamente demasiado sexo *depois* da cerimónia. Se puxarmos de novo os limites, não sei se serei capaz de me aguentar da próxima vez que ele decidir que está com vontade de me seduzir.

Se o fogo lento que cresce no meu sangue é indicativo de alguma coisa, ele não precisa de fazer grande coisa para me ter à beira da súplica. Quase não está a fazer nada *agora*. Aclaro a garganta.

— Isso é má ideia.

— É? — Eros não tira a mão, não mexe de todo o corpo para mim. O seu tom de voz é seco, até podia estar a perguntar como está o tempo.

— Psique, estou *esfomeado*. Deixa-me saborear um pouco. Só isso.

Achei este homem perigoso quando ele tinha a minha morte nos seus olhos azuis frios? Virou-se o feitico contra o feiticeiro. Ele é mil vezes mais mortal quando me sussurra ordinarices ao ouvido. Ponho-me a morder o lábio inferior.

— Dizes «só isso», mas ambos sabemos que isso não é verdade.

Eros move-se mais para trás e eu mal tenho hipótese de chorar a perda do seu toque antes que ele me empurre o ombro, fazendo-me deitar de costas. Pestanejo para ele. Parece... preocupado? O seu olhar desvia-se para o meu rosto.

— O que é que estás a dizer? Julguei que estávamos em sintonia, ontem. Disseste-me explicitamente o que querias. — Ele hesita. — Estás a dizer que não querias?

Apesar dos meus esforços para me manter calma, não consigo evitar reagir à sua evidente aflição.

— Claro que não é isso que eu estou a dizer. Quantas vezes me vim ontem? De certeza que tens o couro cabeludo dorido da força com que te puxei o cabelo quando te montei a boca. Eu queria-o, Eros. Não é isso que estou a tentar dizer.

Eros pestaneja como se eu tivesse acabado de lhe bater no nariz com um jornal.

— Então, qual é o problema?

A minha frustração rebenta como uma bolha de sabão. Estava ali, depois sumia-se num instante.

— O *problema* é que a noite passada devia ser um ato isolado.

Ele recupera depressa, embora continue a ter uma certa surpresa no rosto.

— Acabámos de falar disto. «Devia» é...

— Não te ponhas a brincar com as palavras, Eros. — Posso não estar de facto zangada com ele, mas a frustração crava fundo as suas garras em mim. Claro que ele não vê problema nenhum em distorcer as nossas palavras para ficar na cama o máximo de tempo possível. Para ele, trata-se simplesmente de prazer com uma pessoa que deseja. Quem me dera também funcionar assim.

— A noite passada foi um ato isolado — consigo dizer por fim. — Estávamos os dois debaixo de uma quantidade de stresse extrema

e é natural querermos libertar um pouco.

— Psique. — Diz o meu nome devagar, os olhos estreitando. — Podes racionalizar quase tudo com esse teu grande cérebro, mas *não* tentes incluir-me nessas ginásticas mentais. Fodi-te ontem à noite pela mesma razão que te comi o sexo durante quase uma hora ontem à tarde: porque queria. Stresse, feromonas ou seja qual for a desculpa que estás prestes a cuspir-me à cara não têm nada que ver com isso.

Agora é a minha vez de pestanejar.

— Claro que têm alguma coisa que ver com isso, a par da proximidade. É biologia. De outro modo, já nos teríamos sentido atraídos um pelo outro antes.

Eros baixa a cabeça até os nossos narizes quase se tocarem.

— Podes dizer com sinceridade que nunca te sentiste atraída por mim antes do dia de ontem? — Não fica à espera de que eu gagueje uma resposta. — Nem uma vez em dez anos de frequentarmos as mesmas festas? Nem sequer quando estávamos a sair da casa de banho e eu tinha as mãos à tua volta na noite em que fomos fotografados?

É mesmo difícil discutir com Eros estando ele tão perto. E tão certo.

— Hum.

— Porque *eu* senti-me atraído por *ti*.

Portanto, eu não tinha imaginado aquele breve fulgor nos olhos dele. Não sei se isso me consola ou aterroriza. A minha cuidadosa parede de lógica está a desmoronar em meu redor.

— Estava a falar a sério; não sou capaz de separar emoção de sexo. Talvez uma vez sim, mas, se continuarmos a fazer isto, vais magoar-me, mesmo que não seja essa a tua intenção.

— E se não magoasse?

Meus deuses, porque é que ele ainda está a discutir? Já provou que embora não seja propriamente um modelo de virtude, *tem*

alguma espécie de consciência. Eros não é cruel. Pode não querer saber de mim, mas não pode planejar proteger-me da sua mãe e depois dar meia-volta e brandir uma faca emocional contra mim.

— Isto é um casamento de conveniência. *Tu* arranjaste-o.

Eros suspira por fim.

— Tens razão.

Eu sei que tenho razão. Então, porque é que sinto um levíssimo aperto no peito quando ele concorda?

— Eu sei que tenho. É que eu... — Concordou comigo. Porque é que ainda estou a discutir?

Eros não se mexe, não tenta pressionar para ganhar vantagem. De certeza que sabe que bastaria um beijo para eu me derreter nas suas mãos, não é assim? É um homem inteligente; deve saber. Mas fica simplesmente a observar-me, à minha espera, como esperou ontem à noite.

Ontem à noite, eu podia dizer aos meus botões as mesmas coisas que acabei de lhe dizer. Foi uma decisão que teve como base uma situação de stresse. Precisávamos de libertar um bocado de energia. Independentemente da promessa que fiz, não tinha qualquer intenção de continuar a dormir com Eros.

Tudo se resume a isso. *Intenção*. Se eu deixei que os limites se distorcessem hoje de manhã, o que nos impede de continuarmos a fazê-lo? Somos os dois excelentes mentirosos; se adicionarmos o sexo à mistura, sou capaz de começar a acreditar na ficção que urdimos para Olimpo.

Restringir o sexo à noite de núpcias é a única maneira inteligente de manter o meu coração intacto.

— É má ideia — sussurro.

— É? Não sei se é. — Afasta uma madeixa de cabelo do meu rosto. — Eu sei que ontem à noite disse que queria uma oportunidade para te seduzir como deve ser, mas a verdade é que não te vou pressionar. Eu quero-te, Psique. Se alinhares com esta ideia, por mim passava os próximos três dias nesta cama.

Faço uma inspiração irregular.

— Isso é imenso sexo.

— Mal daria para me aliviar. — Tem um sorriso algo agridoce. — Tenho bem a noção de que não sou grande partido. Não há razão nenhuma para uma mulher como tu querer ter uma ligação maior a mim do que tu já tens e eu respeito isso.

Aquela horrível sensação da noite passada, de ter o coração a derreter, regressa, desta vez com juro. Estou tão atarefada a proteger o meu coração que nunca me julguei capaz de magoar Eros. Nem um bocadinho. Perscruto o seu rosto, mas, por uma vez na vida, ele não tem a máscara posta. Faz-me um sorriso torto, ainda a tentar deixar-me à vontade.

— Não posso prometer que a minha veia virtuosa vá permanecer, especialmente se continuares assim sexy como a porra, mas esta manhã estás livre de qualquer tentativa de sedução. — Começa a sentar-se.

Agarro-lhe no braço, a minha mão movendo-se quase por vontade própria. Fico a olhar para onde os meus dedos se dobram à volta do bíceps dele.

— Espera.

— Estás a matar-me, bela rapariga. — Expira tremulamente. — Estou a tentar agir corretamente contigo.

— Eu sei. — Apesar disso, não consigo bem libertar-me dele. A minha necessidade de me preservar debate-se com o desejo e algo como empatia. Eu quero-o. Ele quer-me. Posso não ser capaz de assegurar a cuidadosa fronteira entre nós se continuarmos a fazer isto, mas as minhas razões para dizer não esvaem-se como a maré a recuar. — Eros.

Ele parece nem respirar.

— Sim?

— Acusavas-me de ser horivelmente instável se eu mudasse de ideias?

O seu sorriso indolente é um outro tipo de preliminar.

— Eu diria que gosto de ti quando és instável.

Não percebo este homem. Antes deste casamento, ele podia ter praticamente quem quisesse de Olimpo. Porque é que olha para *mim* como se eu tivesse acabado de lhe entregar o seu presente preferido na manhã de Natal? É tão tentador acreditar que ele me quer tão desesperadamente, mas permitir-me acreditar nisso é um erro. Desejo e amor não são a mesma coisa, mas o meu cérebro pode confundir os dois, especialmente no que toca a este homem.

No entanto, não há tempo para pensar nisso, com ele a passar as mãos pelo meu corpo abaixo, levando consigo a roupa da cama. Começo a fechar os olhos, desesperada, desesperada por reclamar parte da distância que furiosamente se encurta entre nós, mas ele mordisca-me a coxa enquanto faz pressão para me afastar as coxas.

— Não te feches para mim.

— Pedes demasiado.

— Eu sei. — Não parece minimamente arrependido. Os olhos de Eros aqueceram quando olhou para o meu corpo. A maneira como ele me bebe visualmente é algo a que creio nunca me hei de habituar. Mostra-se tão contido o resto do tempo, mas, no instante em que fico nua, é como se uma fera me olhasse através daqueles olhos azuis.

Mergulha a cabeça e depois põe a boca no meu sexo. É diferente de ontem à tarde, altura em que ele era um homem com uma missão, perfeitamente focado no meu prazer, mas sem perder tempo a fazer-me vir com toda a força. Até vi estrelas.

Não há nada desse furor agora.

É quase preguiçoso a lambe-me. É como a versão sexo oral de um *brunch*, como se ele planeasse demorar-se e divertir-se, e eu não sei o que sentir em relação a isso. Tive uma série de parceiros, com uma série de sentimentos em relação ao sexo oral, que iam desde um quadrado para pôr uma cruzinha e passar às coisas boas

até uma espécie de competição estranha para provar quantas vezes conseguiam fazer-me vir. Acho que nunca estive com ninguém que parece adorá-lo por si, pelo prazer que lhe dá a *e/e*.

Não tinha ideia nenhuma de que isso tornaria toda a experiência muito mais escaldante.

Eros detém-se sobre todos os centímetros do meu sexo, parecendo saborear a exploração. Trata-se de uma provocação lenta, um dedilhar indolente de prazer que aumenta a cada lambidela e que depois cresce de novo sempre que ele faz aquele pequeno som rosnado contra mim, as mãos apertando as minhas coxas, como se estivesse fora de si de carência. Finalmente, *finalmente* começa a subir até ao meu clítoris e esfrega a parte plana da língua sobre mim em pequenos movimentos.

Eu grito, arqueando as costas.

— Mais. Por favor, Eros. Mais.

A sua gargalhada grosseira quase me faz vir ali mesmo. Sou capaz de enfrentar este homem em qualquer outro campo, mas no quarto sou terrivelmente superada. Porque não me parece um jogo, quando a sua língua brinca com o meu clítoris. Parece apenas prazer, como duas pessoas a perseguir o mesmo objetivo, com a mesma intensidade. Como posso não me esquecer de que ele é o inimigo, quando é a única coisa que posso fazer para não o agarrar e lhe montar a cara até me vir em cima dele?

*Ele não é o inimigo.*

Esse pensamento devia consolar-me. Em vez disso, tornou Eros ainda mais perigoso. Não consigo arrepender-me de dizer sim. Talvez me arrependa mais tarde, mas agora isto parece-me bom de mais para eu parar.

— Não te contenhas.

Abro os olhos, sem saber bem quando os fechei, e levanto a cabeça para olhar para ele, ao fundo do meu corpo.

— O quê?



Eros acena com a cabeça para onde as minhas mãos agarram em punho os lençóis, e um estranho sorrisinho puxa-lhe os lábios para cima.

— Tu sabes que as queres no meu cabelo.

Quero. Quero mesmo. E é precisamente por isso que não devia, que devia manter uma parte de mim reservada.

Não é uma batalha que eu vá ganhar. Nem sequer é uma batalha que eu *queira* ganhar. Entrego-me a ele com um grito, voltando a cair no colchão e enterrando as mãos nos caracóis dele. O cabelo deste homem devia ser ilegal. É de uma suavidade incrível e tem o tamanho certo para ser agarrado obscenamente. As minhas pernas abrem-se mais sem que eu tenha qualquer intenção de que isso aconteça, e o som grave que Eros faz é quase tão recompensador como a sua língua deslizando para dentro de mim.

Isto está mesmo a acontecer?

Será que estou, à luz suave da manhã, nua na cama com Eros Ambrósia, e a esfregar o sexo na boca dele enquanto ele me fode com a língua?

Não há espaço para dúvidas, para recriminações. Mais tarde, preocupo-me com ter mudado as coisas entre nós, com ter distorcido limites que tinham desesperadamente de permanecer claros. Neste momento, estou a dançar no limite, tenho o corpo tenso, com o orgasmo a pesar sobre mim. Tão perto...

Eros mexe-se e depois pressiona os dedos dentro de mim. O choque da penetração, combinado com a maneira como mexe no meu clítoris, faz-me avançar para o limite. Grito, as mãos espasmódicas no cabelo dele, mas o prazer não para. Continua, a sua boca e as mãos gerando outra onda antes mesmo de a primeira se dissipar.

*Oh, meus deuses.*

— Eros. — Puxo-lhe o cabelo, mas bem podia puxar a lua do céu. — Eros, espera.

Ele mal levanta a boca o suficiente para dizer.

— Mais um.

— Não consigo. — *Não devia.*

Ele abranda, mas não retira os dedos. Tem toda a metade inferior da cara molhada do meu desejo e, enquanto observo, passa a língua pelos lábios.

— Mal foi uma prova. Ainda não terminei. — Investe devagar dentro de mim, penetrando-me, possuindo-me. — Deixa-me saciar-me, Psique. Podes voltar a odiar-me depois.

*Eu não te odeio. Embora devesse.*

— Está bem — sussurro. Nem pareço eu. Não me *sinto* eu. Por certo, alguém se apossou do meu corpo: uma criatura lasciva e imprudente que só se interessa pelo prazer e que se lixem as consequências.

Mesmo que, em última análise, seja eu a pagar o preço.

Perco a noção do tempo. Dos meus medos. De tudo, menos de nós os dois nesta cama, Eros ali em baixo no meu corpo, como se nunca precisasse de respirar, arrancando-me orgasmo atrás de orgasmo.

Acaba por abrandar. Ou abrando eu. Não sei bem. Só sei que tremo tanto que é como se estivesse a aguentar os exercícios físicos do campo de treino de Calisto. Eros também não está muito composto. Sobe com beijos pelo meu corpo e põe a boca na minha, fazendo-me acelerar apesar da intensa onda de exaustão que o último orgasmo me trouxe.

Talvez eu não esteja assim tão cansada, afinal.

Empurro os ombros dele e, por um instante, acho que ele vai ignorar a minha exigência inconfessa. Ergue-se por fim e olha-me.

— O que foi?

*O que foi?*

Acabo de me estilhaçar meia dúzia de vezes e é essa a primeira coisa que ele me diz?

Quase me rio. Talvez me risse, se conseguisse inspirar.

— É a minha vez. — Empurro-lhe de novo os ombros.

— Não. — Franze o sobrolho. Se não tivesse a respiração tão entrecortada como a minha, eu diria que ele não tinha sido afetado. Mas não há como ignorar a pila dura pressionada contra mim, mesmo que ele não dê mostras de tentar fazer alguma coisa com ela. Eros abana a cabeça, como se tentasse desanuviar os pensamentos. — Não tens de fazer isso.

O meu coração dá um salto quase doloroso. Eros é sempre o faz-tudo, aquele que toma as coisas nas suas mãos e trata delas. É um papel que adotou claramente em todos os aspetos da sua vida. Mas agora olha para mim com esta expressão estranhamente vulnerável nos olhos azuis, quase confuso perante a ideia de que talvez eu também queira cuidar dele.

Passo a língua pelos lábios.

— Eu quero. Para de ser teimoso e deixa-me chupar-te a pila.  
— Faço de novo pressão no seu ombro e, desta vez, ele deixa-me empurrá-lo para se deitar de costas.

— Com uma oferta tão doce, como é que eu posso resistir? — São as palavras certas. O tom está perto disso. Mas a maneira como ele me fica a ver ajoelhar-me entre as suas coxas...

Agora não existe distância entre nós. Deixou de existir.

Se eu não tiver cuidado, vai acontecer aquilo que eu mais temo. Vou começar a acreditar na bela mentira desta coisa entre nós, e não na verdade crua.

*Preocupa-te com isso depois.*

Puxo o cabelo para trás e fecho o punho à volta da pila dele. É comprida e tem uma curva deliciosa que eu apreciei ao *extremo* na noite passada. Além disso, está tão dura que praticamente lateja.

— Pobrezinho — murmuro. — Parece que isto dói.

— Pode-se dizer que sim. — Não se mexe, mas fica com os tendões do pescoço salientes.

— Não te preocupes. Eu cuido de ti. — A minha primeira prova deixa-me estonteada. Não, deixa-me ébria. Será que é isto que ele sente quando vai ali abaixo no meu corpo? Não admira que hoje de manhã estivesse *esfomeado*.

Lambo a pila de Eros de cima para baixo, saboreando cada centímetro. Saboreando ainda mais a sua reação. Cada músculo do seu corpo parece esculpido na pedra, como se estivesse a fazer um esforço para se imobilizar completamente, para se submeter à minha boca e não controlar a interação. Senti-me assim tão poderosa é sexy de cortar a respiração.

Mas não quero que ele se reprima. Mais tarde, talvez — quando a realidade se instalar e trazer consigo arrependimento e uma determinação para proteger o meu frágil centro emocional —, mas agora não. Até onde me deixará empurrá-lo antes de estilhaçar o seu controlo?

Só há uma maneira de descobrir.

## Capítulo 19

### Eros

Esta mulher vai matar-me. Estou a tentar com uma força danada respeitar os limites que ela estabeleceu, para fazer este jogo devagar até conseguir seduzi-la como ela merece e provar-lhe que não tem nada a recear de mim, e Psique ali, com a língua na minha pila, os olhos esverdeados num desafio que preciso de tudo o que tenho para não aceitar.

Para uma mulher que diz que só sentimos desejo um pelo outro como efeito secundário de stresse, sem dúvida que me olha como se me quisesse chupar todo e foder-me até nenhum de nós conseguir andar direito.

Outra vez.

Não envolvo o cabelo dela no meu punho como quero. Não consigo confiar em mim próprio neste momento.

— Estás a jogar um jogo perigoso.

— Já deixámos isso esclarecido em múltiplos níveis.

Faz-me um sorriso indolente e arrasta a cabeça da pila sobre os lábios carnudos. O mais leve dos toques, que me faz esforçar-me para não me vir ali mesmo.

— Psique. — Não consigo tirar o tom de aviso da minha voz. Também não consigo eliminar o grunhido.

A sua única reação é entreabrir os lábios e engolir-me. Meus deuses, eu posso estar destinado ao Tártaro, mas o puro prazer deste momento faz com que quase valha a pena. O que importa o que traz o Além quando estou a ser mimado com este pedaço de perfeição neste momento?

Psique não me deixa mergulhar no momento. Solta-me e passa a língua pelo ponto sensível na cabeça da minha pila. Observa-me

tão atentamente que não consigo sacudir a sensação de que está a *tentar* provocar-me.

Eu quero-a. Foda-se, estou a aproveitar o meu tempo com ela mais do que podia ter sonhado. Ela desafia-me a todo o momento e eu não tinha previsto quanto haveria de ansiar por isso.

Mas prometi.

— Ou me chupas a pila como deve ser ou vou fazer uma coisa de que ambos nos arrependemos.

— Isso seria uma pena. — Sustenta o meu olhar quando passa a língua pelo meu sexo, como se lambesse o cone de um gelado a derreter, — Seria uma pena tão grande se perdesse o controlo.

Não sabe o que está a pedir.

Não sei se resisto a dar-lho, apesar disso.

Os meus movimentos são lentos, dando-lhe muito tempo para reagir, e aperto o punho na longa extensão do cabelo dela.

— Última oportunidade.

Passa a ponta da língua pelos meus tomates e eu perco a cabeça. Arrasto-a pelo meu corpo acima. Muito rude. Rude de mais, foda-se. Mas Psique não parece importar-se. Atira-se praticamente à minha boca, beijando-me sem nada daquela provocação que exibiu durante o broche.

Viro-me na cama, deitando-a a ela de costas, e invisto. Há uma parte negra de mim que quer aceitar o convite das suas ancas erguidas, as coxas apartadas para me receber. Seria a coisa mais natural do mundo deslizar agora para dentro dela, fodê-la sem ter nada entre nós.

*Para.*

Consigo afrouxar o desejo, mas só ligeiramente.

— Não te mexas.

— Então é melhor despachares-te. — Faz deslizar uma mão entre os nossos corpos e fecha um punho à volta da minha pila. — Estou carente.

Fico paralisado de choque. Mantenho-me imóvel enquanto ela esfrega o sexo na minha pila. Esta mulher está a desafiar a minha capacidade de controlo.

— Psique.

Ela estremece.

— Gosto mesmo quando dizes assim o meu nome.

— Não haverias de gostar, se reconhecesses o seu significado.

— Baixo-me para ela, deixando o peso do meu corpo prendê-la e impedir que algum de nós faça algo imperdoavelmente imprudente. Meus deuses, sabe tão bem estar com ela. A arquear as costas, em esforço e a contorcer-se contra mim. Tenho de fechar os olhos para me concentrar. — Se tu soubesses o que eu quero...

— Diz-me. — A carência pura na sua voz destrói o meu controlo. Sinto-o quebrar, fio a fio. As palavras que ela diz a seguir pioram ainda mais as coisas. — Diz-me que estás a patinar como eu. Diz-me que não estou sozinha aqui no fundo.

Não posso negar o veio de medo na voz dela, não me consigo impedir de querer apaziguá-lo, mesmo que isso signifique que a assusto de outras maneiras. Praguejo.

— Quero foder-te sem nada. — Que raio, mas o que é que eu estou a dizer? É de mais, tão intenso. Não que isso importe. Não posso parar, porra. — Quero amarrar-te à minha cama e servir-me de todos os pedacinhos de ti como *me* apetecer. Provocar-te e foder-te e fazer-te vir até saberes exatamente a quem pertences.

Ela inala ruidosamente.

— Eu pertenço a mim própria.

Eu sei. É, em parte, por isso que me atrai de forma tão implacável. Trata-se apenas de uma entre muitas peças do *puzzle* que se juntam e formam esta mulher de quem eu não me canso.

— Não me pediste a verdade. Pediste-me que dissesse o que quero.

Ela vira a cabeça para o meu pescoço e beija-me a garganta.

— Vai buscar um preservativo, Eros.

Um preservativo. Certo. Porque não posso, em circunstâncias nenhuma, fodê-la sem nada. Não assim, sem antes uma conversa muito clara. Uma conversa que nunca tive, que nunca precisei de ter.

Mas que porra é que se passa comigo?

*Estou a patinar tanto como ela. Estou no fundo, ao seu lado.*

Custa-me mais do que deveria afastar-me o suficiente para tirar os preservativos da gaveta de cima da mesinha de cabeceira. Para parar de lhe tocar o tempo suficiente para rasgar o invólucro do preservativo e o colocar.

Psique não espera por mim. Agarra-me a pila, que conduz até à sua entrada. Debato-me para ficar quieto, para a deixar conduzir isto, e o esforço deixa-me a tremer. Psique, a sacaninha, sabe-o. Fica agarrada a mim, a enfiar vezes sem conta a cabeça da minha pila no sexo, mas sem nunca me deixar entrar mais do que dois ou três centímetros.

— Provocadora — digo, num grunhido.

Respira tão arduamente como eu, a tremer tanto como eu. Os seus olhos esverdeados contêm um desafio que sinto na alma.

— Faz qualquer coisa.

As minhas correntes rebentam.

Volto a ajoelhar-me e agarro-lhe os pulsos, passando-os para uma das minhas mãos e empurrando-os para uma posição acima da sua cabeça. Ela faz pressão contra o meu punho como se não se conseguisse conter e entreabre os lábios num gemido.

— Sim, assim.

Estou a lutar numa batalha perdida. Quero esta mulher desesperadamente de mais para fazer isto como deve ser. Na verdade, não consegui manter o controlo suficiente para a seduzir como ela merece. Só a quero foder e foder e foder até a minha



presença ficar tatuada em todos os centímetros do seu corpo.  
Instalo-me entre as suas pernas.

— Queres-me à bruta, Psique? Que te foda como um monstro danado? Ela treme mais.

— *Quero.*

Encaixo a pila na entrada dela. Está encharcada e pronta para mim, mas continuo a ter de abrandar para me enfiar todo nela. Só quando estou bem instalado lá dentro dela consigo continuar a falar.

— Acho que és uma mentirosa.

— O quê? — Tenta libertar as mãos, mas não vou nisso. Se me agarrar o rabo como fez ontem à noite, cravando nele as unhas, isto acaba depressa de mais.

Mordisco-lhe o lóbulo da orelha.

— Podes pertencer a ti própria, mas eu acho que aquela partezinha ordinária que há em ti que quer que eu te foda tão à bruta também quer que te reclame como minha. — Deslizo devagar para fora dela e depois volto a entrar, provocador. — Acho que queres que eu lembre a esta rata de quem ela é.

— É temporário. — Pode estar a tentar ser assertiva, mas sai-lhe quase como uma pergunta.

— Temporário ou não, tu és minha, Psique. — Uso o punho que lhe segura os pulsos para me alavancar um pouco, pressionando-os com força contra o colchão. — Queres ver como é que eu fodo alguém que me pertence?

— Quero — geme.

Não volto a perguntar. Enlaço-lhe a coxa com um braço e abro-a mais para mim. E depois prendo-a e fodo-a. Sem finura. Sem sedução. É puro instinto animal, o desejo de reclamar posse, de a fazer minha de uma maneira que nunca fiz com ninguém. Nem uma vez.

Liberto-lhe um dos pulsos.

— Toca no clítoris. Faz-te vir.

— Já estou a meio caminho. — Mas faz exatamente o que eu mando, deslizando a mão pelo estômago suave até circular o clítoris.

Abrando apenas o suficiente para me poder ver a entrar e sair dela, testemunhando este reclamar de posse da maneira mais arcaica. Talvez me venha a arrepender disto mais tarde e queira voltar atrás. Mas, neste momento, a única coisa que desejo é sentir o sexo de Psique apertadinho na minha pila quando ela se vem.

Não me faz esperar muito tempo.

Arqueia as costas e quase desprende o meu punho da sua mão quando tem um orgasmo. Não quebro o ritmo. Caio sobre ela, em cio, enquanto despejo de dentro de mim palavras imperdoáveis. A precisar de lhe dar segurança com o meu corpo de uma maneira que nunca me permitirá fazer apenas com as minhas palavras.

— Estás a sentir isto, Psique? Sou eu quem te faz sentir assim. Vou fazê-lo de novo sempre que precisares de mim. Outra vez e outra e mais outra. — *Para sempre.*

Pelo menos guardo a última parte para mim. Por pouco.

Venho-me em espasmos, roçando-me nela enquanto derramo o leite do prazer até à última gota. É bom de mais. É bom de mais com esta mulher. Nunca foi assim com mais ninguém — homem, mulher, não binário. Tive parceiros com fartura e sempre foi divertido e mutuamente satisfatório. Nunca tive dificuldade em manter a rédea curta.

O sexo é ótimo. Sempre *foi* ótimo. Mas, com Psique, parece que o eixo do meu mundo mudou. Não gosto disso. Se eu fosse mais esperto, cancelava esta coisa toda e mandava esta mulher para fora de Olimpo. O Tritão sabe como fazer isso. Deve-me uns favores e eu teria de trazer todos eles à baila para marcar uma passagem. Não se trata de um pedido fácil, mas é a melhor maneira de assegurar a segurança de Psique e afastá-la de mim o mais possível.

Se ela ficar aqui, fica comigo. Não sou capaz de afastar a sensação de que lhe vou esmagar o bom coração de uma maneira de que ela nunca há de recuperar.

Mas, quando se espreguiça ao meu lado e faz um pequeno som de contentamento, eu já sei que não vou mandá-la embora. Sou egoísta de mais.

Psique é minha.

Só que ainda não o sabe.

Consigo afastar-me dela o tempo suficiente para me livrar do preservativo. Faço-o depressa, porque só vou sair desta cama quando for absolutamente necessário. Felizmente, fodi-a quase até a deixar em coma. Ela vira-se devagar para me encarar quando volto a subir para a cama.

— Tenho uma pergunta.

Muito bem, ela não está em estado de coma. Mal consigo resistir ao impulso de a beijar e descarrilar, seja qual for a pergunta. A verdade é que eu quero saber.

— Sim?

O seu olhar desce pelo meu peito até ela o arrastar de novo até ao meu rosto.

— É sempre assim contigo?

Descontraio, deitado ao lado dela.

— É sempre assim?

Sei exatamente o que ela está a perguntar, mas quero ouvi-la dizê-lo, dar voz a algo que mal estou pronto a admitir a mim próprio.

*Estamos juntos a patinar e bem lá no fundo.*

— Não te armes em recatado, Eros. Não te fica bem. — Faz um trejeito com os lábios, que só serve para me lembrar o que eles estavam a fazer não há muito tempo. — Isto. O sexo. É sempre assim contigo?

— Preciso que sejas mais específica.

— Não precisas nada. Estás só à cata de elogios. — Estende o braço como se não conseguisse conter-se e puxa-me um caracol. Finalmente, diz: — É sempre assim tão intenso? Tão... avassalador?

*Não. Nunca é assim.*

— Estás a dizer que o sexo não era assim para ti antes?

Desvia o olhar e eu permito que assim seja. Também me sinto de súbito vulnerável como o raio. Psique abana a cabeça.

— Não, não é assim com as outras pessoas. Não tem sido mau, nem nada disso, só diferente.

Uma parte de mim quer esquivar-se a admitir que o mesmo se passa comigo, mas a parte maior quer usar este conhecimento para ficarmos ainda mais chegados. Levo um dedo ao queixo dela, orientando-lhe o rosto para mim.

— Também não foi assim para mim.

— Não me mintas.

— Não minto. Prometo. Mentimos às outras pessoas, mas não um ao outro. Daqui para a frente, não. — Hesito, mas a vulnerabilidade patente no olhar dela puxa a verdade. — Eu seduzo, Psique. Na verdade, sou bastante bom quando tenho disposição para tal. Nunca perco o controlo a ponto de ser *avassalador*. Só contigo.

— Oh.

Esboço um falso sobrolho franzido.

— Oh? Não tens mais nada para dizer?

Passa o dedo pelo meu braço acima, depois abaixo.

— Eros?

— Sim?

— Ainda não saímos da cama.

Rasgo um sorriso e deito-a de costas no colchão.

— Não saímos mesmo, porra.

## Capítulo 20

### Psique

Nunca fui uma mulher imprudente. Fiz de tudo para assegurar que conseguia antecipar todos os desfechos, que podia estar vários passos à frente de quaisquer rivais. Na qualidade de filha de Deméter, o descuido tem consequências, portanto evitei-o.

Até agora.

Passar o dia na cama com Eros é um erro. Eu *sei* que é um erro, mas sempre que considero a hipótese de me levantar e enfrentar o resto do mundo, ele beija-me ou toca-me ou, meus deuses, *olha* simplesmente para mim. E lá vamos nós outra vez, debruçados um sobre o outro num frenesim de luxúria e carência. Se fosse só isso, talvez eu me pudesse convencer . de que não me desviei do caminho a ponto de não poder voltar atrás, que não conduzi este plano até um abismo. Só que passámos várias horas a dormir, aninhados um no outro como se fôssemos recém-casados de verdade, e não estivéssemos a fingir apenas com uma finalidade em vista.

Quando já não consigo ignorar os roncos que o meu estômago produz, já a tarde vai no fim. Afasto-o de mim e praticamente lanço-me da cama.

— Preciso de comer. Preciso de *tomar um duche*.

— Vou contigo.

— Não! — Recuo um passo, num estado de pânico crescente por querer tanto que ele venha comigo. Preciso de distância, e já. — Dá-me uns momentos, está bem?

Eros observa-me atentamente e é doloroso vê-lo subir de novo a guarda. Nem me tinha apercebido de que ele a baixara um pouquinho a páginas tantas durante o dia. Antes que eu possa

mudar de ideias, já voltou a ser o homem frio e calculista que soube que ele era até aqui.

— Demora o tempo que precisares. Vou preparar alguma coisa para comer.

— Está bem.

Mal espero que ele ponha um par de calças de ganga e saia do quarto antes de pegar no telefone e ir à pressa para a casa de banho. Parece disparatado trancar a porta, mas, neste momento, faço qualquer coisa para me sentir mais centrada. Abro a torneira e fico a olhar-me no espelho.

Tenho um ar desalinhado.

Tenho a pele vermelha da barba no pescoço e no peito e, na verdade, no corpo todo. É provável que as marcas vermelhas dos dedos de Eros a fazer pressão nas minhas ancas e coxas se tornem mais tarde nódoas negras. A memória sensorial ameaça assoberbar-me e eu tremo. É justamente por isto que eu não devia ter dormido com ele. Em vez de pensar no nosso próximo passo e em como contrapor as mentiras que Afrodite decidiu fabricar, estou a pensar em como me soube bem quando deslizou a mão entre as minhas pernas e...

*Meus deuses.*

Agarro o telefone com força, mas a quem devo telefonar? A Calisto? Vai descompor-me à primeira oportunidade. A Perséfone? Já deixou bem claro o que pensa deste casamento, não vai ser empática por eu de repente repensar tudo isto. Já para nem falar no que aconteceria se ela descobrisse qual era a outra opção...

Não, não posso ligar-lhe. Não posso ligar a ninguém.

Inspiro fundo e pouso o telemóvel na bancada. Não é a primeira vez que a vida em Olimpo me deixa arrasada. Já tenho as ferramentas de que preciso para me firmar bem. Espero eu.

Apesar da minha promessa de ser rápida — para não falar na hora relativamente tardia —, tomo um duche decentemente

demorado e depois recomponho-me, pedaço a pedaço. Cabelo seco e esticado. Maquilhagem subtil mas imaculada. Entro no quarto das visitas e tiro um par de *leggings*, meias de lã e a minha camisola largueirona preferida. Descontraída, mas pronta para a fotografia. É quanto basta. Tem de ser.

Obrigo-me a arranjar tempo para encenar uma fotografia ao poente evanescente, filtrado pelas janelas gigantescas de Eros. Não alcança os meus padrões habituais e preciso de dez fotografias para acertar no sorriso suave e feliz que procuro, mas serve até eu conseguir criar mais conteúdos de manhã. Digito uma legenda alegre e lamechas enquanto percorro o corredor.

Vou encontrar Eros na cozinha, a bebericar de um copo de vinho e a olhar pela janela. Olha-me de relance quando entro, mas a sua expressão vazia permanece inalterável.

— Amanhã, vamos sair. Quanto mais tempo ficarmos fechados na *penthouse*, mais oportunidades damos à minha mãe de criar uma narrativa que não queremos.

Sou perpassada por uma sensação de alívio e de algo parecido com desilusão. Estou em terreno conhecido; aquilo em que sou boa é em manipular *paparazzi*. Se nos focarmos nisso, não tenho de pensar no facto de querer mesmo acabar com a distância que nos separa e beijar Eros.

Prendo uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Posso trepar pelas paredes a tentar antever a perspetiva que a mãe dele adotará, mas, no fim de contas, a nossa melhor defesa é mantermo-nos fiéis ao nosso plano original.

— Queres a experiência estonteante de recém-casados ou a perfeita, de pose?

— Qual é a diferença?

— Estonteante significa que visitamos os jardins exteriores do bairro universitário e nos abraçamos enquanto seguimos pelos trilhos e a seguir vamos a um dos barzinhos para ficarmos com um

grãozinho na asa e fingirmos que somos as únicas pessoas na sala. Perfeita e de pose a jantar no Dríade.

Ergue as sobrancelhas.

— Até eu tenho dificuldade em ir ao Dríade em cima da hora.

— Espanta-me que consigas sequer entrar. O Pã odeia a Afrodite e tenho a certeza que isso se estende a ti também.

O sorriso indolente de Eros afeta-me ainda mais do que das primeiras vezes que o vi. Agora sei que ele tem exatamente a mesma expressão quando está a planear as coisas deliciosas que quer fazer ao meu corpo. Reprimo um arrepio. Ele vê — claro que vê — e o seu sorriso abre-se mais.

— Eu e o Pã temos um acordo.

Estas palavras arrancam-me uma gargalhada de surpresa.

— Não me digas que também o seduziste.

— Psique. — Meus deuses, sempre que ele diz o meu nome, é como um convite para eu fazer alguma coisa de que por certo me arrependerei. — Magoa-me a tua insistência em que eu ando por Olimpo deixando atrás de mim um rasto de amantes.

— Estou enganada?

Ele solta uma risadinha e baixa um pouco a cabeça. É horivelmente encantador.

— Depende a quem perguntares.

Isto é mau. Preciso de me focar no plano, e não em como Eros é atraente, mesmo quando é modesto.

— E se eu perguntar ao Pã?

— Ele iria que foi *ele* que me seduziu a *mim*.

Pois claro. Pã tem uma reputação ainda pior do que Eros de espalhar os seus encantos em grande escala. Abano a cabeça, divertida, contra a minha própria vontade.

— Voltando à minha pergunta original; estonteante ou pose?



— Estonteante. — Deixa cair o sorriso, mas um pouco dele permanece nos seus olhos. — Isto é um caso amoroso e, se parecermos demasiado ensaiados, as pessoas vão duvidar de que seja real e dar oportunidade à minha mãe de se aproveitar da dúvida delas. O facto de nenhum de nós fazer normalmente coisas patetas e estonteantes vai ajudar a vender a história.

— Concorde.

Cruza os braços ao peito.

— Então, porquê dar-me sequer opção? Porque não apresentar simplesmente o plano?

Não sou capaz de sustentar o olhar dele.

— Tu também estás metido nisto. É importante estarmos em sintonia.

— Claro. — Encolhe os ombros. — Mas já determinámos que isto é domínio teu, mais do que meu.

— Mesmo assim.

Eros baixa os braços e dirige-se a mim. A única coisa que posso fazer é firmar bem os pés e não fugir dele. Pelo menos é o que digo a mim própria ao vê-lo aproximar-se. O certo é que não vou reter a respiração, à espera de ver o que ele vai fazer a seguir. Ele inclina-se até os nossos rostos estarem ao mesmo nível.

— Que disparate o meu. Julguei que fosse por estares a duvidar dos teus instintos, mas não és assim tão ridícula.

Sinto um calor na pele que não tem nada que ver com desejo.

— Desculpa?

— Estás a duvidar de ti mesma. Para com isso.

Endireito a coluna e fulmino-o com o olhar.

— Não sabes o que estás a dizer. Não estou a duvidar de mim própria.

— Mentirosa. — Diz isto quase com ternura. Eros dá meia-volta antes que eu consiga formular uma resposta. — A comida está pronta.

Fico a vê-lo tirar do forno uma caçarola que cheira maravilhosamente, sem saber ao certo se quero deixar passar isto ou não.

— Não me conheces..

— Estás sempre a dizer isso. — Tira às colheradas porções generosas para dois pratos e passa-me um. — Creio que já determinámos que sei o suficiente.

Sigo-o, contornando uma esquina, até uma pequena zona de jantar formal. É tão minimalista como o resto da casa: janelas gigantescas, uma mesa quadrada de mármore e aço e uma parede nua, com a exceção de um grande espelho com moldura preta e branca. Ele pousa o prato e sai da sala, reaparecendo passados momentos com o seu copo de vinho e um outro, que pousa à minha frente. É estranhíssimo sentar-me nesta sala à frente de Eros. É como se estivéssemos a comer num museu, ou assim.

— Tens a certeza de que moras aqui?

Dirige-me um olhar.

— Nem toda a gente deixa atrás de si um rasto de tralha como prova da sua ocupação.

Fico tensa, mas não há juízo de valor nesta frase; é uma mera afirmação.

— Não sou uma pessoa desarrumada.

— Eu disse tralha, não disse caos. É diferente. — Fica a olhar para o seu prato. — Além disso, vivo aqui sozinho. Não há uma família para imprimir a sua presença em todas as divisões, como em casa da tua mãe.

— Estás sempre a trazer isso à baila. Porquê? — Preparo-me para defender a minha família. É verdade que nem sempre nos damos bem, mas raios me partam se vou deixar que alguém diga mal de nós. Mesmo o Eros. Especialmente o Eros.

Mas ele surpreende-me.

— Parece um verdadeiro lar. É... uma novidade.

— Novidade — repito. — Como pode ser uma novidade? Tens só, o quê? Vinte e oito anos?

— Dizes isso como se não soubesses.

Coro um pouco, porque claro que sei a idade dele. Podemos não nos ter *conhecido* antes, mas tenho pelo menos um conhecimento básico de todas as pessoas chegadas aos diversos membros dos Treze.

— Não vives sozinho há *tanto* tempo que tenhas esquecido a tua casa de infância.

Brinca com o garfo.

— Sabes quem é a minha mãe. Achas mesmo que a minha casa de infância foi, sequer de longe, calorosa como a tua?

— Bem, não pode ser tão calorosa se for concebida como este lugar.

— Que mal tem este lugar?

Estalo os dedos para o espelho atrás de mim.

— Porquê estes espelhos todos? Compreendo, em teoria, a sua presença no átrio como algo artístico, e até no quarto, como cena depravada, mas estão *em todo o lado*.

— Ah. — Fica a olhar para o prato durante um longo momento. — Em grande medida, deixei a pessoa encarregada da decoração de interiores fazer o seu trabalho. Foi mais fácil assim e eu não tenho propriamente opiniões fortes sobre a matéria.

O decorador de interior foi alguém contratado por Afrodite. Apostava um bom dinheiro. Hesito, tentando analisar como prosseguir sem parecer uma idiota chapada.

— Eros, esta casa é tua. Tens autorização de deixar nela a tua marca.

— Tenho? — Retorce os lábios. — Acho que isso depende a quem perguntas.

Abro a boca para continuar a debater a questão, mas o meu cérebro alcança a língua antes de eu fazer figura de parva. É mais do que evidente de quem ele está a falar. Mesmo assim...

— Eu sei que a Afrodite não é muito boa mãe, mas...

Lança-me um sorriso destituído do seu habitual encanto.

— Não há «mas» nenhum nessa frase, Psique. Ainda bem que crescestes num lugar que parece casa e que a Deméter preservou essa sensação, mesmo que as coisas se tenham alterado quando se mudaram para aqui. Só que não é essa a minha experiência. — Recomeça a comer, como se o assunto estivesse fechado.

Acho que está.

Gozei com esta *penthouse* na minha primeira noite aqui. *Continuei* a picá-lo com as suas escolhas em matéria de *design* partindo do princípio de que, pelo menos nisso, ele seria tão lugar-comum como finge ser. O *playboy* milionário com mais dinheiro do que gosto, que confunde o minimalismo com o pico do estilo. Quanto menos alma, melhor.

Só que sempre que fala da casa da minha mãe, há no seu tom um veio de algo quase como... anseio.

Olho de novo em redor da sala de jantar, com a cabeça à roda.

— Opões-te a que eu faça umas alterações? — Levanto a mão quando ele ergue as sobrancelhas. — Nada demasiado intenso. Só umas quantas coisas para pôr também um pouco da minha marca neste espaço. — Sinceramente, não me importo com o número de espelhos, mas precisam de alguma coisa que os suavize.

O sorriso que Eros me oferece faz-me palpar o coração no peito.

— Gostava muito.

— Ótimo — digo baixinho. Trata-se de uma coisa pequena, mas parece muito grande. Grande de mais para eu a olhar de perto. Em vez disso, concentro-me na minha refeição.

Como devagar. A comida é boa, mas é o silêncio que me consola. Não é tenso. Tenho a estranha sensação de que Eros ficaria perfeitamente satisfeito ocupando o mesmo espaço durante horas sem falar, caso não tivesse nada para dizer. Podia fingir ser o *playboy* bonito, mas não dá à língua simplesmente para se ouvir a si próprio a falar.

Sempre gostei de silêncio. Acho que se deve ao facto de viver com três irmãs e uma mãe que são faladoras. Falam quando estão felizes, tristes, zangadas ou até entediadas. Ninguém da minha família se contentaria com comer uma refeição sem preencher o espaço com alguma espécie de comentário contínuo. Há um consolo nisso, mas quando o meu nível de stresse atinge um certo ponto, torna-se mais uma coisa a pesar em mim. Gosto de que Eros não tenha o mesmo impulso. Faz com que eu sinta este espaço quase como seguro.

Um sentimento que quase de certeza não me posso dar ao luxo de ter.

Provo o vinho com um beberico apressado. Já que Eros estava com uma disposição de partilha antes, há algo que eu quero desesperadamente saber. Agora parece-me uma altura tão boa como qualquer outra para perguntar.

— Gostava de te fazer uma pergunta.

— Vou ponderar se respondo.

É justo. Engulo com força.

— Porque é que fazes isso? As coisas todas que a tua mãe exige. Não é a primeira vez que ela pede a cabeça de alguém.

— O coração.

Bato as pestanas.

— O quê?

— Não pediu a tua cabeça. Pediu o teu coração. — Dá mais uma dentada na comida sem olhar para mim.

Sei, de alguma forma, que ele não está a falar em termos figurativos. Essa ideia quase me faz rir, mas lá consigo manter o som histérico dentro de mim.

— A tua mãe é mesmo uma cabra.

— Telhados de vidro, Psique.

Começo a discutir, mas a verdade é que Deméter é tão ambiciosa e dada a esquemas como Afrodite. Não tenho dúvidas de que, com a motivação certa, Afrodite deixaria metade de Olimpo morrer de fome, e a minha mãe é responsável pelo desaparecimento misterioso de vários indivíduos. Pode não haver cadáveres nem investigações de homicídios, mas eu tenho a certeza de que ela está por trás deles. Simplesmente, Deméter cuida mais do que Afrodite de assegurar que não se consegue seguir o rasto dos seus pecados até si. Ergo o copo de vinho.

— É justo. Mas isso não é resposta.

Ele encolhe os ombros.

— Começou de maneira bastante fácil. Ela queria que eu destruísse o Apolo anterior. Acho que, na altura, eu tinha dezassete anos.

O choque quase me faz cair o copo.

— Foste *tu*?

— Fui. — Diz isto sem qualquer presunção ou orgulho. Uma mera constatação. — Não montei propriamente a coisa, mas andava na escola com a Dafne. — Os seus olhos ensombrecem. — Ela estava numa situação má e sabia que ninguém acreditaria na sua palavra contra a do Apolo, a não ser que houvesse provas.

Na altura, eu não estava em Olimpo, mas conheço bem a história. Por alguma razão, o Apolo antigo chateou Afrodite e logo foram enviadas anonimamente, para todos os *sítes* de mexericos, fotografias dele com uma rapariga menor de idade, Dafne. Explícitas apenas o suficiente para que ninguém pudesse questionar o que estava a acontecer, mas Dafne estava de *lingerie*.

— Essas fotografias já existiam antes disso? Ou dois adolescentes conspiraram para as encenar?

— Sim. — Não olha para mim. — Ela sacou-as do telemóvel do Apolo quando decidimos um rumo a seguir. Não foi o ideal, mas afastou-o dela e a minha mãe ficou contente por ver o Apolo castigado.

Olimpo tem poucas linhagens, especialmente no que toca aos Treze, mas Dafne é prima de Artemisa e *isso* provocou uma tempestade como Olimpo nunca tinha visto. Ela exigiu a cabeça dele e, como Zeus não estava disposto a ir tão longe, Artemisa incitou Atena, Hefesto, Posídon e, sem surpresa, Afrodite. Com esses cinco, até Zeus teve de fazer alguma coisa. Não matou Apolo, mas juntou-se aos restantes Treze para destituir Apolo do seu título.

Duas semanas mais tarde, o seu cadáver foi encontrado no rio Estige. A opinião corrente é que a responsável foi Artemisa, mas quaisquer provas que pudessem existir foram levadas pela água e o assassino nunca foi encontrado. Não que alguém procurasse muito por respostas.

Olho para Eros.

— Foste tu que tiveste a ideia de enviar aquelas fotografias?  
Aos *dezassete* anos?

Outro daqueles encolheres de ombros que significa tudo e nada.

— Tal como eu disse, era a única maneira.

A única maneira de servir o castigo de Afrodite.

A única maneira de ajudar Dafne a fugir da sua situação.

— Mas...

Ele suspira.

— Mas o quê?

— Como é que passaste de *ajudar* pessoas como a Dafne a matá-las?

— Da mesma maneira que se coze uma rã. — Pestanejo e ele esclarece. — Um bocadinho de cada vez. A primeira pessoa que matei foi um homem que ameaçou a minha mãe. — Fita o garfo como se contivesse em si todos os mistérios do universo. — Em retrospectiva, ele era mesmo uma ameaça. Acho que era um antigo amante, mas acabou por persegui-la e a coisa entrou numa escalada, a ponto de ela se sentir legitimamente com medo. Ela e o Ares não se dão bem, por isso ele não lhe proporcionou segurança. De modo que entrei eu.

Não faço notar que Afrodite é mais do que capaz de contratar a sua própria segurança. Eros é inteligente. Ele sabe isso.

— Que idade tinhas?

— Dezanove anos.

Sinto uma dor no peito por ele, tanto por agora como pelo rapaz que era então.

— Lamento.

— Não lamentos. — Encolhe os ombros, mas está demasiado rígido para ser convincente. — Quando me dei conta de que as pessoas que *ameaçavam* a minha mãe não eram de facto ameaças, a minha alma estava demasiado manchada para voltar atrás. O único caminho era em frente. — Não sei o que é que a minha cara está a fazer, mas ele abana a cabeça. — Não tenhas pena de mim, Psique. Não perdi pitada de sono por causa das coisas que fiz, quer tenha sido a inocentes quer não. Sou tão monstro como ela.

Eu sei isso. Sei, a sério. Mas não consigo evitar odiá-la ainda mais por assediar o filho para ser o seu capanga pessoal. Ele diz que começou aos dezassete anos, mas eu sei que não foi assim. Para o levar ao ponto em que ele se dispõe a interceder por ela, teria começado muito antes.

— És filho dela. Continua a ser errado usar-te desta maneira.

— Estamos em Olimpo. Há mais mal do que bem. É assim que as coisas são.



Compreendo que ele tem razão, mas isso não impede o surto de ressentimento. Nenhum de nós escolheu os seus papéis. Ele fez coisas imperdoáveis a pedido da sua mãe. Podia ser uma criança quando começou, mas já não é. Podia ter parado a qualquer altura.

*Parou por mim.*

Salto para cima desse pensamento, antes que me tire dos eixos. É demasiado tentador, demasiado sedutor. Eros já admitiu ter as suas razões para me dar a opção de casamento em lugar da morte. Sim, ele deseja-me, mas isso não chega para se opor à mãe. Não pode ser.

O melhor é não pensar muito nisso.

Brinco com a comida no prato. Ele esforça-se tanto para nos afastar, para me recordar que é um ser humano terrível e eu sou... Nem sei muito bem. Boa? A ideia é risível. Fiz escolhas difíceis desde que cheguei de Olimpo, e fiz coisas mesquinhas, egoístas e claramente más.

Mais... não quero que Eros se sinta à parte. Não matei ninguém, mas isso não significa que eu seja um anjo.

— Podes não me pôr na lista dos monstros, mas não sou completamente irrepreensível.

Ele sorri, como se estivesse a fazer-me a vontade.

— Ah, sim?

Apresso-me a continuar, antes que mude de ideias.

— Lembras-te de quando foi publicada no MuseWatch a história com o áudio do Ares a disparatar que os filhos do Zeus eram todos uns falhados?

A surpresa no rosto de Eros faz com que a confissão valha a pena. Recosta-se na cadeira, com um sorriso rasgado, os olhos azuis iluminados de admiração.

— Foste tu? Sempre me perguntei. Julguei que talvez tivesse sido a Helena... Era o tipo de coisa dela... Mas ela disse de todas as maneiras imagináveis que não tinha nada que ver com isso. Só esse

áudio foi responsável por criar uma desavença na aliança entre Zeus e Ares de que eles nunca recuperaram.

Eu sei. Oxalá eu pudesse dizer que era um dos meus objetivos quando concebi o meu plano, mas a verdade é bem menos ambiciosa.

— Ele não deixava a Eurídice em paz. Andava atrás dela nas festas do Zeus e encurralava-a a cada oportunidade que tinha. Nunca ninguém intervinha, nem sequer a minha mãe. Só falava de como uma aliança com Ares seria útil para a nossa família. — As palavras deixam-me um mau sabor na boca. Adoro a minha mãe, mas ela às vezes consegue ser imperdoavelmente obstinada. — Um casamento com o Ares teria matado a Eurídice. Provavelmente não no sentido literal, mas aquilo que faz dela quem *ela* é teria murchado e morrido. Não é como o resto das minhas irmãs; é frágil. Eu queria dar-lhe espaço para preservar isso durante o maior tempo possível.

A expressão dele torna-se sóbria.

— Não sei se lhe fizeste um favor, nesse sentido.

A tristeza pesa sobre mim.

— Começamos todas agora a dar-nos conta disso. — Todos temos de crescer e enfrentar por fim a realidade de Olimpo, e eu não posso deixar de me perguntar se não deveríamos ter arrancado o véu dos olhos da minha irmã mais cedo. Talvez ela não se tivesse apaixonado por Orfeu e ficado de coração despedaçado. Talvez o tivesse visto como ele é: um artista instável eternamente à procura da sua musa. Ela pode ter servido esse propósito durante algum tempo, mas nunca haveria de ser uma coisa permanente. — Todos acabamos por aprender essa lição.

— Uns antes dos outros. — Eros inclina o copo de vinho, ficando a ver o líquido vermelho mudar de posição no seu confinamento. — Nunca deste um passo em falso.

Quase me rio.

— Dei imensos. Mesmo com os avisos da minha mãe, julguei que, de certeza, Olimpo não poderia ser tão cruel como ela dizia. Enganei-me. — Há tanto a abarcar nesta palavra. *Enganei-me*.

Toda a gente foi tão incrivelmente *simpática* a princípio. Ah, não os outros filhos dos Treze — deixaram um amplo espaço entre eles e eu e as minhas irmãs —, mas os que se encontram um pouco mais longe da cadeira do poder. Tão simpáticos. Tão amigáveis. Tão doentiamente doces. Pelo menos até ouvir os meus chamados *amigos* a conversar sobre o repúdio que lhes causava a minha pessoa, o meu corpo, a minha aparência, os meus modos saloios. Julgavam que eu seria mais como Helena ou Perseu, ou os Outros filhos populares dos Treze. Eu era uma perda de tempo e de espaço.

Depois disso, deixei de tentar fazer amigos. Foi a primeira vez que me dei conta de que a minha mãe podia ter razão na maneira como lidava com as pessoas fora da família. Não era para se confiar em ninguém. Em vez disso, inseriam-se numa de duas categorias: potencial inimigo ou potencial aliado.

Nesta cidade, as lições magoam sempre e os anos decorrentes não fizeram grande coisa para suavizar essa dor. Eu espero mesmo que esta situação com Eros não seja outra lição difícil que estou destinada a aprender pelo sofrimento.

## Capítulo 21

### Eros

Está um frio de rachar. Sou uma criatura do verão. Prefiro os dias quentes e preguiçosos em que o sol reina no céu até ser bem de noite, toda a gente deslocando-se pela cidade com o mínimo de roupa possível e um ar que não me fere o rosto. Se tivesse escolha, teria preferido quase qualquer outra atividade que não percorrer os jardins exteriores no bairro das universidades.

Ainda assim.

Não posso deixar de apreciar que Psique tem um raio de uma aparência mesmo *boa* com as *leggings* de forro polar, a camisola de malha largueirona, as botas e um autêntico blusão acolchoado. Juntando a isso um gorro de malha a condizer com a camisola, está verdadeiramente adorável. Faz-me querer arrastá-la de novo para minha casa — nossa casa — e despir-lhe a roupa toda, camada a camada.

Ela encosta-se ao meu braço e sorri para mim, como se eu fosse a sua pessoa preferida no mundo inteiro e, por um instante, esqueço que isto é a fingir.

O estalido de uma máquina fotográfica algures relembra-me isso mesma. Dirijo-lhe um sorriso caloroso e é tão fácil convencer-me de que as suas faces rosadas são uma reação a mim, e não ao ar gelado.

— Não podíamos ter escolhido um lugar mais quente para exhibir a nossa paixão estonteante?

O seu sorriso não falha nada. Ela inclina-se para mim e baixa o tom de voz igualando o meu.

— É mais fácil fingir cá fora que não nos apercebemos de que estamos a ser seguidos. — Psique ri-se. — Além disso, gosto dos jardins no inverno.

Olho à nossa volta. Alguma Atena do passado decidiu que o bairro universitário estava mesmo a precisar de um jardim exterior gigantesco, onde os estudantes e os professores passassem tempo. Existe uma grande estufa do outro lado do parque, mas Psique parece decidida a percorrer todos os caminhos, exceto aquele que nos conduz até lá.

— Não percebo. Não há nada para ver. Está tudo morto.

— Eros. — Bate-me ao de leve no braço com a mão livre. — Isso é tão copo meio vazio da tua parte. O jardim não está morto. Está adormecido.

Observo o que parecem ser paus despidos do lado esquerdo do caminho de seixos.

— A mim, parece-me morto.

— Para uma pessoa que ocasionalmente distribui a morte, seria de esperar que conseguisses identificá-la melhor. — Diz isto de maneira tão casual, como se não se desse conta das farpas agarradas a cada palavra.

É como deve ser. Sou um assassino e ela precisa de se lembrar disso.

— Psique.

— É uma advertência. — Não olha para mim. Está a olhar para os paus como se eles encerrassem em si os segredos do Universo. — Nada dura para sempre. Nem a hibernação no inverno, nem as belas flores do verão. Há estações para tudo.

Não é preciso muito para perceber que ela não está a falar do jardim. Está a falar de si própria. Faço deslizar o braço na sua cintura, aninhando-a no meu flanco. Podemos estar a fingir para os *paparazzi* mal escondidos que nos seguem, mas a verdade é que gosto de lhe tocar. Por mais que eu gostasse de ficar na segurança da nossa *penthouse* a continuar a trabalhar no sentido de a seduzir para que voltasse a despir as cuecas, não vou perder esta oportunidade de mergulhar mais fundo neste enigma que é Psique.

— As tuas irmãs parecem ter alguma espécie de finalidade no que toca a Olimpo.

— Ah, sim?

Damos meia-volta quase como se fossemos um só e continuamos a percorrer o caminho, embrenhando-nos mais profundamente no jardim *adormecido*.

— A Calisto queimava a cidade sé ninguém a impedisse. Com ou sem lições duras a aprender, a Eurídice quer amor. Julguei que a Perséfone fugiria de Olimpo.

— As circunstâncias mudaram.

Circunstâncias. Uma maneira estranha de dizer que essencialmente Deméter vendeu Perséfone em casamento ao velho Zeus, fazendo a filha fugir pelo rio Estige até aos braços de Hades. A tensão na voz de Psique impede-me, contudo, de o dizer. Tudo bem. Não quero falar das irmãs dela. Quero falar dela.

— Tu és a que eu nunca consegui perceber.

— Sou?

Dou-lhe um pequeno aperto.

— Sabes muito bem que sim. Se eu fosse outro, acharia que és a Deméter 2.0. Fazes as coisas de uma maneira muito diferente da tua mãe, mas a astúcia e a cuidadosa manipulação da imagem são as mesmas. — Ela fica tensa, mas eu não a solto. — Não era uma crítica. É um disparate achar que a honestidade te trará outra coisa a não ser uma facada nas costas quando lidas com os Treze e os seus círculos mais chegados.

— Se calhar, sou exatamente o que pareço ser. — A sua voz é impregnada de um pouco de amargura. — Uma influenciadora *socialite* à caça de um marido rico e poderoso. Se calhar, vieste mesmo cair nas *minhas* mãos.

Rio-me. Não consigo evitar.

— Se isso for verdade, és ainda melhor atriz do que eu pensava.

— Obrigada. — Ela vira-se nos meus braços, ainda a sorrir para mim como se eu tivesse o seu coração nas minhas mãos. — É hora de uma operação fotográfica, marido.

*Marido.*

Ah, gosto disso. Gosto demasiado disso.

Aperto-lhe as ancas, puxando-a para mim o mais que é possível com todas as camadas de roupa que temos entre nós. A nossa respiração assombra o ar entre nós, mas, pela primeira vez desde que saímos do carro, não sinto frio. Como posso sentir, com Psique tão perto?

Não há qualquer artifício na avidez com que lhe tomo a boca. Não estou a fingir que a quero. Psique pode ser muito boa atriz, mas o pequeno arrepio e a maneira como se derrete contra mim também não é fingimento. Agora conheço os sons, o toque e a aparência dela quando se vem. Não está a fingir o seu desejo, tal como eu não estou.

Enlaça-me o pescoço com os braços e passa os dedos pela zona sensível da minha nuca, ao mesmo tempo que abre a boca para me deixar entrar.

Psique sabe aos reбуçados *Fireball* que tinha no carro, canela e especiarias, e é sexy de mais. Perco-me na investida da sua língua contra a minha, na maneira como encaixa tão perfeitamente em mim.

É ela a interromper o beijo, recostando-se apenas o suficiente para soltar um risinho surpreendentemente feliz.

— Meus deuses, Eros. Não me podes beijar assim em público. Vais meter-nos em sarilhos.

Verdade? Não verdade?

Não tenho a certeza. Nem posso ter, quando estou a meio segundo de a arrastar para a estufa para arranjar um canto privado para a fazer vir, uma, duas ou três vezes. Mas não, não posso fazer isso. Temos observadores, e os *paparazzi* de Olimpo são implacáveis. Por mais estonteados que supostamente estejamos

neste momento, não vou deixar que cheguem ao público fotografias de mim com a minha mão a descer pelas *leggings* de Psique.

Colo a testa à dela, tentando controlar o meu corpo.

— *Eu* vou meter-nos num sarilho?

— Vais. — O sorriso dela suaviza um pouco. — Obviamente, sou uma espectadora inocente.

A questão é essa. Ela não está inteiramente errada. Geralmente, não perco tempo com culpa, mas deve ser isso esta estranha sensação de facada que sinto de lado, como se alguém tivesse deslizado uma adaga entre as minhas costelas. Psique tinha um plano seu antes de a minha mãe ter decidido castigá-la, levada ao limite por um simples ato de bondade que Psique *me* mostrou. Nunca fiz parte do plano dela. Se estou a desfrutar dos benefícios deste casamento montado à pressa — e estou —, isso não muda o facto de não ser um plano *dela*.

— Desculpa. — Não tenho intenção de dizer esta palavra, mas é *sincera*. Talvez pela primeira vez na vida. — Por tudo isto.

— Sabes, eu quase acredito em ti. — Enfia o braço no meu e vira-nos para o caminho. — Agora é irrelevante. Vamos tirar o máximo partido desta situação.

Caminhamos em silêncio durante uns minutos. É confortável quanto baste, e um olhar para o rosto de Psique faz-me pensar que ela está perdida em pensamentos e longe daqui. Não me importo. Duvido que ela se dê conta do significado, mas eu dou.

Ela confia em mim.

Deixo que esse conhecimento me percorra, me encoraje. Fiz pouco para conquistar a confiança desta mulher. Sim, não a matei, mas isso é o mínimo que uma pessoa devia fazer — e nem sequer posso fingir que tomei a decisão por bondade da minha alma. Foi tão egoísta como tudo o resto que fiz. Eu queria-a e esta situação de merda proporcionou-me uma maneira de ficar com ela.

Tudo porque ela me demonstrou a mínima sugestão de bondade.



Poderia rir, não tivesse o peito apertado como tudo. É patético eu estar tão faminto de alguma emoção mais suave que, no segundo em que me aparece alguém com mãos delicadas, em vez de palavras acutilantes, estou disposto a ir ao Mundo Subterrâneo e voltar para a conservar na minha vida. Se fosse só aquela primeira noite, talvez eu tivesse conseguido resistir aos meus impulsos mais negros de embrulhar Psique e a levar ao ombro até minha casa, como um dragão com o seu tesouro, mas depois ela apareceu para aquele encontro com a intenção de me ajudar de novo. Como poderia eu deixar a minha mãe extinguir uma luz tão cativante?

Não mereço a confiança de Psique. Com qualquer outra pessoa, isso seria uma mera ferramenta de alavancagem contra eles, se alguma vez surgisse a situação. Mas com esta mulher?

Quero merecer essa confiança.

Talvez uma boa maneira de começar fosse oferecer um pouco da minha em troca.

Da próxima vez que o caminho se ramifica, viro-nos de novo para o meu carro.

— Vamos aquecer e tomar uma bebida.

— Eu estava a pensar...

O desafio de a interromper é maior do que eu tinha imaginado.

— Gostava de te levar a um sítio.

Ela pestaneja.

— Ah. Está bem.

Não há razão para o nervoso miudinho que sinto no estômago. Não é que os meus lugares habituais sejam segredo, mas nunca antes quis realmente partilhá-los com outra pessoa. Em Olimpo, serei sempre reconhecido como a mais afiada das armas de Afrodite. Mas, em alguns raros lugares, veem-me como Eros. Apenas... Eros.

Mesmo tendo a noção de que Psique há de sempre ver primeiro em mim o perigo, uma parte de mim quer que ela veja o resto. O

homem, por mais fodido que ele esteja. Ela faz-me sentir... humano... como há muito não me sentia. Talvez como nunca me tenha sentido.

Quero que ela me veja também só como Eros. Mesmo que essa ideia me aterrorize a um nível com que não estou preparado para lidar. Como pôde não se afastar quando vê além da *persona* intocável, quando vê a dura realidade por baixo? Os estilhaços, mantenho-os escondidos, não vão eles ser usados contra mim.

Quando regressamos ao meu carro, abro-lhe a porta e dou a volta até ao lado do condutor. Aproximam-se três fotógrafos, que já nem tentam fingir ser outra coisa que não *paparazzi*. Investem e eu sou um parvalhão mesquinho, porque quase levo dois comigo quando afasto o carro do passeio.

Psique resfolega.

— Se conseguíssemos evitar ser presos, seria o ideal.

— Se eu fosse simpático com eles, saberiam que se passa alguma coisa.

Os seus olhos esverdeados iluminam-se de malícia.

— Deuses nos livrem.

— Agora já comesças a perceber.

Sigo sinuosamente por entre as ruas, dirigindo-me para sul, até ao bairro dos teatros. Trata-se de uns quarteirões contendo um trio de teatros que fazem meia dúzia de produções por temporada. Às apresentações ao vivo, posso ir vê-las, ou não; mas os atores de Olimpo estão-se a marimbar, de uma maneira que é difícil encontrar deste lado do rio. A única coisa que os preocupa é a *sua* hierarquia de poder, e desde que Atena e Apolo continuem a pagar-lhes bem, não querem saber dos restantes Treze.

A minha mãe, em particular, não gosta muito desta zona. Gosta de teatro e arrastou-me para infindáveis produções ao longo dos anos, numa tentativa de me impregnar de *cultura*, mas isso começa e acaba com os próprios espetáculos. Ela nunca se demora e, como

tal, esta área sempre foi uma espécie de refúgio para mim. Nunca tenho de me preocupar com a hipótese de esbarrar com ela quando aqui estou. Estaciono no parque minúsculo atrás do Bacantes e desligo o motor.

Psique espreita pela janela.

— Que escolha interessante.

— Já aqui estiveste?

Ela anuiu com a cabeça.

— Tenho bilhetes da temporada para o teatro, mas geralmente tomamos as bebidas a seguir mais perto de casa.

As mulheres Dimitriou alternam o seu tempo de saídas entre o bairro da mãe e os quarteirões em redor da Torre de Dodona, de modo que faz sentido que escolham lugares com que estão mais familiarizadas para beber.

Saio do carro, mas desta vez ela não espera por mim para lhe abrir a porta e vai ter comigo. Existe ainda uma pequena ruga entre as suas sobrancelhas escuras.

— Acho que a imprensa não passa aqui muito tempo.

— Pois não. — Pego-lhe na mão. — Mas a gente do teatro é famosa pelos mexericos, por isso há de fazer o trabalho por nós.

Os olhos dela iluminam-se.

— Estou a ver. Que inteligente.

— Eu vivo para agradar.

Contornamos o edifício e eu abrando de propósito, ficando a ver Psique absorver o exterior do Bacantes. Aqui, no bairro dos teatros, não valorizam tanto uma aparência imaculada como fazem na cidade alta. Preferem *caráter*, e o Bacantes tem-no aos molhos. O exterior gasto tem ar de aqui estar não se sabe há quanto tempo, mas o edifício só tem vinte anos e teve esta pintura desbotada desde o início.

Seguro a porta a Psique e sigo-a até ao calor do bar. Ela livra-se imediatamente do casaco e eu, depois de fazer o mesmo, encosto a

mão ao fundo das suas costas e conduzo-a pelas mesas apinhadas até ao pequeno reservado no canto dos fundos. Ainda bem que está aberto, porque tem o melhor lugar para apreciar tudo o que o Bacantes tem para oferecer.

Ela deixa que eu a conduza para dentro do reservado e a siga, de olhos esbugalhados postos na parede.

— Uau.

— O proprietário é colecionador.

Recosto-me e fico a ver Psique contemplar os objetos que apinham as paredes. Cartazes novos e brilhantes de produções atuais encontram-se lado a lado com outros descolorados de há décadas. Um parapeito estreito circunda a sala, com mostruários de vidro cheios de adereços e peças de roupa, cada um laboriosamente etiquetado com o nome da respetiva produção e o ano. Os sons fracos de uma qualquer banda sonora que não conheço tocam em pano de fundo.

Eu devia ficar calado a deixá-la processar, mas não consigo evitar falar.

— Está cheio quanto baste agora, mas havias de o ver depois dos espetáculos à noite. Os atores e atrizes e o pessoal do palco entram, metade ainda com alguma espécie de maquilhagem de palco, e é o desvario. A energia que trazem é diferente de tudo o que eu já vi. Os espetáculos são bons, creio, mas ver o rescaldo assemelha-se a magia.

Ela desvia finalmente o olhar de um vestido branco particularmente intrincado e olha para mim.

— Gostava de vir aqui um dia ver isso.

— E viremos! — É uma promessa pequena, facilmente concedida, mas isso não muda o facto de *parecer* profunda.

— Este lugar é importante para ti.

Claro que ela haveria logo de apanhar isso. É inteligente de mais para não ler entre as linhas e eu escolhi intencionalmente este lugar para poder partilhá-lo com ela. Puxo-lhe o gorro e deixo-o cair na

nossa pilha de casacos, do outro lado do reservado. Tem o cabelo um pouco frisado, mas eu gosto.

— Sim, é importante para mim.

— Obrigada por me trazeres aqui. — Sorri um pouco e alisa o cabelo.

— Obrigada por partilhares isto comigo.

Sinto um aperto no peito, mas não consigo desviar os olhos do seu sorriso feliz.

— Partilhaste os jardins comigo. Significam alguma coisa para ti, não é? Uma espécie de refugio.

— Não sei se lhe chamaria refugio... — Suspira. — Não, isso é mentira. Desculpa, é o hábito. — Psique abana a cabeça, com ar pesaroso.

— Sim, os jardins são especiais para mim. Não é segredo que vou lá de tempos a tempos, mas a razão por que o faço é por me lembrarem um pouco da vida antes de me mudar para a cidade. Não é nada como a quinta, claro, mas ver as .coisas a crescer acalma-me.

A sensação no meu peito torna-se mais intensa, até eu mal conseguir respirar.

— Também é isso que este lugar é para mim. Aqui, ninguém quer saber quem sou nem quem é a minha mãe. Permite-me descontraír, o máximo que é possível uma pessoa descontraír em Olimpo.

Psique começa a dizer alguma coisa, mas é interrompida quando a empregada do bar, uma latina alta cujo cabelo escuro é mesclado de prata, se dirige para nós com um sorriso.

— O que desejam?

Peço o meu vinho tinto preferido e Psique pede um *bourbon*. Vê as minhas sobrancelhas erguidas e cora.

— É a bebida de inverno perfeita.

— Não discuto isso. — Sei que não se deve tirar conclusões baseadas em pedidos de bebidas, mas não posso deixar de me sentir surpreendido. Pelo que vi, Psique parece não festejar, mas quando bebe *de facto*, é um tipo muito específico de *cocktail*. — Geralmente não bebes *bourbon*.

— Correção: geralmente, não bebo *bourbon* em público. — Faz um sorriso ligeiramente agriçoce. — Faz parte da cena da imagem. A Psique pública gosta de sumos de fruta e de vinho, dependendo da altura do dia.

Abano a cabeça.

— O planeamento que fizeste em relação à tua imagem pública é impressionante. Digo isto como elogio.

— Obrigada. — Encolhe os ombros. — Foi preciso. Tu, de entre todos, compreendes como uma boa *persona* pública pode ser uma armadura eficaz.

— Sim. — Olho para a sala. O instinto diz-me para deixar ficar as coisas por aí, mas avanço. Não a trouxe aqui para agora me fechar. — Quando nos odeiam, é mais fácil fingir que odeiam a versão pública, em vez de nós.

— Sim, exatamente.

Olho-a de relance.

— Estás disposta a deixar essa *persona* escorregar um pouco quando estás comigo.

— É uma ocasião especial. — Sorri devagar. — E faço uma boa maquia em patrocínios de várias empresas vinícolas. Não há de fazer mal acrescentar alguns patrocínios de uísque se e quando formos fotografados aqui.

Está a conduzir-nos intencionalmente para um terreno mais segura. Agradar-me. Neste momento, sinto o chão líquido como a porra. Procuro algo para dizer que não nos faça descarrilar outra vez.

— Os patrocínios vinícolas não são os únicos que tens.

Rasga mais o seu sorriso.

— Pois não, não são.

Provavelmente, mais uma razão para a minha mãe ter feito mira a Psique. Tem um sucesso tremendo naquilo que faz, mais até do que Afrodite. E Psique não tem uma equipa de pessoas pagas exclusivamente para que tenha uma boa aparência.

A empregada de bar chega com as nossas bebidas e deixa uma ementa de aperitivos antes de partir de novo, fazendo a ronda pelo punhado de mesas ocupadas. Há dois grupos de pessoas, e tentam arduamente fingir que não nos observam atentamente, mas continuam a juntar as cabeças e a murmurar enquanto lançam olhares furtivos na nossa direção. Não há dúvida de que haverá fotografias nossas a agraciar as redes sociais não tarda muito.

Fico a ver Psique bebericar o seu *bourbon* e estremecer, mais ruborizada. Um calor reativo vibra através de mim.

— O *bourbon* fica-te bem.

— Eros. — Inclina-se para mim, com uma expressão tão feliz como são secas as suas palavras. — Não precisas de dizer coisas dessas. Ninguém te ouve.

Baixo a cabeça até os meus lábios quase lhe tocarem na orelha.

— Não as digo por me importar quem ouve. Digo-as porque são verdade.

— Eros, por favor.

Recosto-me para encontrar os seus olhos. A conversa desta manhã desenrola-se na minha cabeça. Estávamos os dois bem descontrolados, bem inquietos com a intensidade que as coisas adquiriram tão depressa. O jogo inteligente seria abrandar, dar espaço um ao outro para firmar as nossas defesas.

Que se foda.

— Alguma vez foste seduzida, Psique? Verdadeiramente seduzida?

Ela passa a língua pelos lábios.

— Depende da tua definição.

— É um não.

Ela faz uma careta.

— Muito bem. Não.

Faço um sorriso indolente para ela e desfruto da maneira como ela estremece em reação.

— Estás prestes a ser.



## Capítulo 22

### Psique

Eros é um perigo de mil e uma maneiras diferentes, mas nunca tanto como quando sorri para mim como faz agora. Como se partilhássemos segredos, como se partilhássemos *intimidade*. É difícil lembrar-me de que isto é tudo a fingir. Sim, o desejo que existe entre nós é real, mas é só mais uma ferramenta para vender a nossa história. É um efeito secundário, não o principal objetivo.

Alguma vez fui seduzida?

Apetece-me rir na cara dele. Olimpo haveria de me arrasar se eu me deixasse seduzir de outro modo que não em segredo. O resto do mundo pode ter abandonado as visões arcaicas que ligavam o valor de uma mulher à virgindade, mas Olimpo, não. Pelo menos, não na cidade alta. Depois da minha desastrosa primeira experiência de namoro, todos os outros foram em segredo. Uma destruição mutuamente garantida, pelo menos com as minhas parceiras do sexo feminino. Quando se passa tanto tempo em encontros às escondidas, não há muito espaço para sedução.

A ideia de deixar que Eros me seduza parece assemelhar-se um pouco ao que deve ser saltar de um avião. Pode terminar com uma aterragem na mesma linha... ou um abraço arrasador da gravidade. Não posso arriscar.

Bebo um gole grande de *bourbon* e tenho de me virar e afastar de Eros para tossir, quando o fogo me queima a garganta e os pulmões.

— Oh, deuses.

— Eles não têm nada que ver com isso. — A voz dele mantém o tom baixo, aquele que usa quando está dentro de mim. — Psique, olha para mim.

Sou fustigada por algo desconfortável, como desespero. Agarro o primeiro tópico em que consigo pensar e que seguramente me distrai do feitiço que este homem urde à minha volta com a sua mera presença.

— Espanta-me que a tua mãe ainda não tenha dado o primeiro passo. O sorriso dele não esmorece, mas desapareceu o calor dos seus olhos. Enrola uma madeixa de cabelo meu à volta do dedo, mantendo a cabeça perto da minha.

— Vou ver o que consigo descobrir hoje à noite, depois de irmos para casa. É impossível ela não ter posto já alguma coisa em ação; só ainda não vimos manifestações disso.

*Casa.*

Ora aí está um pensamento aterrorizador. A casa da minha mãe sempre foi *casa* para mim. Quando concordei com este casamento, nunca me ocorreu que podia começar a considerar a *penthouse* de Eros também como casa. Já para não falar que começaria a acontecer tão depressa.

*Concentra-te em tudo menos nisso.*

— Deves ter algumas teorias sobre os planos dela. Ajudaste-a antes com este tipo de coisa.

Tenho de me recordar por que razão não posso, em nenhuma circunstância, ficar caída por este homem. Por mais que goste do que fazemos na cama. Por mais que comece a apreciar o seu sentido de humor e inteligência sarcásticos. Por mais atraída que me sinta pelos sinais de vulnerabilidade que ele me demonstra, nas alturas mais inesperadas. Quando muito, essas características fazem dele uma ameaça ainda maior, porque corro o perigo de me esquecer do caminho que nos trouxe a este lugar.

Ele suspira.

— Desconfio que primeiro ela vai tentar arrancar-te da minha vida. Haverá alguma espécie de rumores para minarem a história de amor que estamos a construir, para sugerir que tens segundas intenções. O que, claro está, me faz fazer figura de parvo, mas

calculo que ela esteja tão furiosa que nem se importe. — Não sei que expressão faz a minha cara, mas ele suspira de novo e elabora: — Ela pode ser um monstro temperamental, mas é inteligente. Sabe que eu não teria ido tão longe a menos que quisesse... a menos que *te* quisesse. Tentará primeiro envenenar a nossa relação, para que eu te dê um chuto no rabo por vontade própria. A minha mãe não tem grande coração, mas na magra fatia que ainda existe, preocupa-se comigo.

*Tens a certeza?*

Não dou voz à pergunta. É desnecessariamente cruel, ele já experimentou o bastante disso sem o meu contributo. Um progenitor que goste do filho não o usa como capanga. Eros não chegou por artes mágicas à sua especialidade; alguém teve de o ensinar. Apostava um bom dinheiro em como Afrodite facilitou o processo. Não sei se começou muito cedo, mas se aos dezassete anos ele destruía vidas por ela, começou quando era jovem. Quando ainda era impressionável e estava sob os cuidados dela. Que espécie de progenitor alimenta mais a própria ambição do que o bem-estar mental e emocional do filho?

Tenho a minha resposta, não tenho?

O tipo de progenitor que Afrodite é.

Investigar a infância de Eros para dismantelar a pouca fé que ele tem na mãe não está nos meus planos. Não mudará nada na nossa situação atual... e não me consigo libertar da suspeita de que o magoará. Em vez disso, concentro-me num ângulo diferente.

— Tenho o meu próprio dinheiro. Que outra razão poderia eu ter para seduzir a tua doce e inocente pessoa para casar comigo?

— Vingança é aquela em que é mais fácil acreditar, mais ainda se escapar a palavra de que a mãe o ordenou.

— A poderosa Deméter a mandar a filha para a cama do filho da inimiga, com o intuito de fazer mal a Afrodite. — É um bocado rebuscado, mas se a história for suficientemente cativante, Afrodite pode interessar-se. Em teoria. Ergo as sobancelhas. — Quem é

que vai acreditar que *tu*, querido *playboy* de Olimpo, te enamoraste de tal forma de *mim* que mandaste a cautela às urtigas e me puseste uma aliança no dedo?

Conheço os meus pontos fortes, mas Olimpo assenta em fachadas brilhantes. Veem o que querem ver, especialmente se isso reforça as suas crenças sobre a aparência do poder e da beleza.

Prende-me o queixo ao de leve, inclinando-me o rosto para encontrar o dele.

— Não sei, Psique. Neste momento, sinto-me bastante enamorado, porra. *Verdade?*

*Falsidade?*

Não sei dizer e isso assusta-me. Quase tanto como me assusta o meu desejo de que seja real.

— Estás a fazer um excelente trabalho a vender o nosso romance — consigo dizer por fim.

Ele passa o polegar pela minha maçã do rosto.

— Dei-te a minha palavra. Ninguém te fará mal enquanto fores minha. Nem sequer à tua reputação.

Um disparate focar-me nessa qualificação. Não acabei de lhe dizer, esta manhã, que não pertenço a ninguém, a não ser a mim mesma?

— Eu não te pertenço.

— Essa aliança no teu dedo diz uma coisa diferente.

Quase me tinha esquecido da aliança. Não, é mentira. Senti a sua presença como se pesasse muito mais do que seria possível pesar. Sempre que se move na minha pele, sempre que o diamante capta a luz, sou recordada daquilo que fizemos.

A aliança não é nada comparada com o lindo rosto de Eros. Não consigo desviar o olhar.

— Por essa ordem de ideias, a aliança no dedo faz com que sejas meu.

— Sim. — Soa satisfeito de mais. — Sou teu, Psique. O que me vais fazer?

A resposta inteligente seria ignorar a pergunta dele. Relembra-lo de que, na verdade, não vamos voltar juntos para a cama à nossa primeira oportunidade. Que este casamento existe exclusivamente por eu ter a minha vida por um fio e por mais nenhuma razão. É difícil recordar isso aqui, na intimidade deste reservado, num barzinho a que Eros me levou por gostar do sítio. Por se sentir em segurança aqui.

— Trazes aqui todos os teus amantes? — Lanço as palavras como se de um dardo se tratassem, desesperada por colocar algum tipo de espaço entre nós, mesmo que seja emotivo.

Ele não recua.

— Não trago aqui ninguém. Não nesses termos. Às vezes, a Helena ou a Hermes vêm beber um copo comigo, e o Perseu costumava andar a reboque de mim quando éramos mais novos, mas, tal como eu disse antes, isto é um... — Eros desvia finalmente o olhar, perscrutando a sala com uma expressão estranha no rosto. — Isto é um lugar seguro. O mais seguro que se consegue em Olimpo.

Sigo o olhar dele, com a culpa a fechar as mãos pegajosas à volta do meu pescoço. Avisto três telemóveis apontados na nossa direção.

— Desculpa.

— Porquê?

— Nunca te vi seres fotografado aqui, e agora estás a ser e é por estares comigo.

Os lábios dele curvam-se um pouco.

— Eu sabia que isso ia acontecer quando escolhi este sítio. Não tens nada por que pedir desculpa.

Em vez de diminuir, a minha culpa torna-se mais forte.

— Com certeza não tens assim tantos lugares seguros nesta cidade para que te possas dar ao luxo de perder um.

O seu pequeno sorriso desaparece. Perscruta o meu rosto.

— Estás preocupada? *Comigo?*

— Estou. — Não consigo desviar os olhos, não consigo quebrar a crescente intimidade deste momento. Julguei que sabia o que está aqui a acontecer, mas agora já não tenho a certeza. — Eu sei como é extenuante nunca baixar a guarda, e só um lugar muito especial o permite fora de casa. Não devias ter sacrificado isso. Não por isto. Não por mim.

Segura o meu maxilar com as mãos em concha e passa o polegar pela maçã do meu rosto.

— *Estás* mesmo preocupada comigo.

Não compreendo porque é que ele *não* está. Posso contar pelos dedos de uma mão os espaços públicos onde é seguro eu ser o meu verdadeiro «eu» — e continuar com a maior parte dos dedos livres. Perder um desses espaços seria arrasador a vários níveis.

— Desculpa. Se eu me tivesse dado conta de...

— Psique. — Passa a mão para o ponto em que o meu pescoço se une ao ombro. Trata-se de um toque leve, mas possessivo na mesma. — Estar aqui não me destrói essa possibilidade. Não tens nada de que te sentir culpada.

Como pode ele não compreender as implicações? Molho os lábios, tentando pensar em como explicar isto.

— No instante em que aquelas imagens aparecerem, vais dar à cidade alta uma coisa que ela adora acima de tudo o resto: novidade. As pessoas virão em bando a este bar, a maior parte delas com a esperança de terem uma oportunidade de interagir contigo ou com o teu círculo mais chegado. Vai tornar-se o novo lugar da moda, o que significa que a natureza fundamental deste lugar irá mudar. — Já vi isto acontecer antes. Já fui a *causa* de isso acontecer antes.

Ele encolhe os ombros.

— Não vai durar para sempre e dará ao Bacantes um incremento de dinheiro durante esse tempo. Dentro de uns meses, quando se derem conta de que não me sento nesse reservado como um tigre numa jaula, passam à próxima grande coisa que surgir. — Aproxima-se mais de mim, olhando-me ainda como se eu o tivesse divertido. — Essa linha temporal será comprimida se formos vistos a frequentar outro lugar.

— Mas...

— Da próxima vez que aqui estivermos depois disso, ninguém nos vai prestar atenção. — Antecipa o meu argumento. — Não sou a única pessoa que vê este lugar como um espaço seguro. Os atores e o pessoal do teatro não vão gostar de ter essa gente toda a fazer-se de turista e não tornarão a partilhar fotografias. Quando muito, fazer isto torna o lugar mais seguro a longo prazo.

Deixo-me ser varrida pela lógica, deixo que me tranquilize. Na verdade, faz todo o sentido quando ele põe as coisas nesses termos. Devagar, oh, tão devagar, a culpa esmorece.

— Estou a ver.

— Agrada-me que estejas preocupada comigo.

Estou metida num sarilho. Se eu não quisesse saber deste homem, não queria saber que um dos seus espaços de segurança estivesse comprometido. É esperado que ele seja o inimigo, portanto, devia ser uma coisa *boa*, não algo em relação ao qual se sinta culpa. Começo a retrair-me, mas ele aperta-me mais, muito ligeiramente. Engulo com força, tentando dizer a mim mesma que a rapidez do meu pulso é medo, mas eu sei a verdade. É desejo. Meus deuses, parece que tudo o que Eros faz contribui para escalar o meu desejo por ele. Claro que isto também o faria.

Passo a língua pelos lábios, dolorosamente ciente de como ele segue o movimento. Tenho de pôr distância entre nós e tenho de o fazer já. Se ele não me deixar fazê-lo fisicamente, então terei de usar as minhas palavras.

— Não estou preocupada contigo. Não quero saber de ti para nada.

— Mentirosa. — Inclina-se até os seus lábios roçarem nos meus. — Agora dá um beijo como deve ser ao teu marido. Como não queres saber de mim para nada, não deve ser problema manteres o controlo.

*Oh, que sacana.*

O desafio perpassa-me rugindo, afogando a vozinha que sussurra que esta ideia é ainda mais desavisada do que casar com Eros. Agarro-lhe a camisa e puxo-o pelo resto do caminho até mim, selando os nossos lábios. Não há delicadeza, não há um roçar leve da sua boca na minha. O beijo é um campo de batalha. Ele procura conquistar e eu recuso vergar. Dar e receber e receber e receber. O ruído da sala esmorece sob a vibração do meu corpo. O próprio espaço parece desaparecer. Só existe Eros e o sabor do vinho na sua língua e a sensação do seu corpo pressionado contra o meu. Não chega. Nem de perto.

Um pigarrear faz-me sobressaltar para trás. Pelo calor do meu rosto, devo estar bem encarnada, mas o desejo ruborizado esvai-se quando me dou conta de quem está especada à nossa mesa.

Afrodite.

Tem uma aparência imaculada como sempre, o cabelo louro lustroso e caído numa onda perfeita em redor dos seus ombros, a maquilhagem discreta mas especializada. Sorri para nós, uma curva dos lábios vermelho-vivos que não alcança os olhos azuis. Tem graça como nunca me dei conta de como os olhos frios de Eros se parecem com os dela. A única diferença é que os de Afrodite nunca são calorosos.

O que está ela a fazer *aqui*?

E porquê vir ela própria? Não pode propriamente fazer-se de inocente se vai aparecer e montar toda uma produção.

Eros afasta-se de mim e eu tenho a estranha sensação de que se está a libertar para se mexer, caso seja necessário. Pega-me,



contudo, na mão, entrelaçando os dedos nos meus por baixo da mesa.

— Mãe.

— Filho. — O sorriso dela rasga-se mais, qual predador cheirando a presa. — Tens evitado os meus telefonemas.

— Casei-me ontem. Acho que posso ser perdoado. Tu, de entre todos, sabes como o casamento tem a capacidade de dominar a vida de uma pessoa.

— Hum. — Inclina-se para a frente e percorre-me com um olhar crítico. — Não percebo mesmo porque é que a escolheste a *e/a*. Literalmente qualquer outra filha Dimitriou seria melhor, até a feroz. Ela é... — Solta um riso grave e gutural. — Bem, olha só para ela.

O insulto nem chega a entrar em mim. Tenho lidado com variações deste insulto desde que chegámos a Olimpo. Não encaixo na sua definição rigorosa do que é uma beleza aceitável, e há muitos nos núcleos duros dos Treze que jogam baixo e atacam as minhas curvas sempre que interagimos. Posso contar pelos dedos de uma mão as pessoas cujas opiniões efetivamente me interessam, e é certo como a porra que Afrodite não figura entre elas.

Eros, contudo, fica tenso e o seu tom torna-se manifestamente frígido.

— Está na hora de ires embora, mãe.

— Só depois de dizer o que tenho a dizer. — Pega no copo de vinho dele e bebe um gole ocioso.

Escapa-se-me uma gargalha, apesar dos meus melhores esforços. Ela é mesmo pouco imaginativa, não é? Quando franze o sobrolho para mim, sinto-me impelido a explicar, quando mais não seja para ver a expressão no rosto dela.

— Porque não levantas a saia e fazes chichi no pé dele? Consegues o mesmo com isso.

— És mesmo bruta, não és?

— Prefiro honesta.

— *Honestamente*, não quero saber o que preferes. — Pousa o copo com um tinido, que é justamente o instante em que me dou conta de que temos a atenção completa de toda a gente da sala. Maravilha.

Mantenho o sorriso no lugar, embora seja um desafio. Não quero sorrir a esta mulher. Quero atirar-lhe o meu *bourbon* à cara e acender um fósforo. A pura força dos meus pensamentos violentos quase faz descarrilar a minha concentração. Não sou pessoa de deixar as emoções levarem a melhor sobre mim, mas também nunca estive sentada a uma mesa com uma pessoa à frente que quer, literalmente, o meu coração numa bandeja.

*O sangue iria condizer com o seu batom.*

Afrodite olha para Eros, que continua tão tenso que é como se tivesse sido esculpido na pedra. Ela suspira.

— Calculo que todos os filhos tenham de passar por uma fase de rebeldia. Simplesmente, chegaste tarde à tua.

— Não faças isso.

Ela ignora-o.

— De vez em quando, o papel de uma mãe é salvar os filhos de si próprios. — Afrodite alisa o vestido. — Tenho limpado as porcarias do Eros desde que ele era pequeno. Isto não é diferente.

As porcarias do Eros. Como se ele tivesse decidido, por vontade própria, avançar por entre o esterco, em vez de ser empurrado para lá pela única pessoa nesta maldita cidade que o devia proteger. Agora vai fazê-lo de novo e fingir que lhe está a fazer um favor, e não a seguir o seu próprio plano egoísta.

Uma fúria como nunca conheci ruge dentro de mim.

— Afrodite. — Não levanto a voz, mas nem tenho de o fazer.

Ela para e olha para mim. Não a faço esperar muito tempo.

— É um erro ignorar os desejos do teu filho. Tentar destruir a minha reputação irá manchar também a dele.

— Não faças ameaças que não podes cumprir, minha menina. Estás a nadar com peixe graúdo. — O sorriso dela abre-se mais. — Devias preocupar-te com mais do que a *reputação* do meu filho. Um homem viúvo inspira todo o tipo de compaixão, especialmente se foi levado por uma galdéria arrivista.

*Viúvo.*

A minha máscara cai.

— Mas somos casados.

— Não vejo o que isso tenha que ver com nada. — Devia o olhar entre mim e ele e desata a rir. — Oh, crianças simples e doces. Acharam mesmo que essa farsa de cerimónia bastaria para mudar o destino dos dois? Pouco mais é do que uma lomba na estrada. Aproveita o meu filho enquanto podes, Psique. Este erro será corrigido em breve. — Dá meia-volta e sai do bar a passo largo, com todos os olhares a segui-la.

*Porra.*

Eros expira devagar.

— Raios *partam*. — Fica tenso. — Temos de sair daqui. Agora mesmo.

Mantenho o meu sorriso no lugar porque voltámos a ser o centro da atenção de todos.

— Ainda não podemos ir embora.

— Psique.

— Somos um casal feliz. — Falo devagar, ainda a sorrir. — A tua mãe pode não aprovar, mas não é a ela que estamos a tentar conquistar.

— *Conquistar?* Quem quer saber de conquistar alguém? Ela acabou de dizer...

Inspira, e depois outra vez. Passada uma pequena eternidade, quando tenho a certeza de que o perdi, os seus ombros relaxam e ele recosta-se no reservado ao meu lado. Não suspiro de alívio, mas

estou perto disso. Eros levanta os nossos dedos entrelaçados para me beijar os nós dos dedos.

— Vou manter-te em segurança — murmura ele contra a minha pele.

Os deuses que me ajudem, mas quase acredito. Julguei sentir medo quando me sentei em frente a Eros naquela espelunca de barzinho enquanto ele me ameaçava de forma casual. Não é nada como o que sinto agora. A Afrodite não para. Talvez eu seja a criança simples e doce que ela me acusou de ser por estar legitimamente chocada. Eu estava pronta para avançar e me bater pela minha reputação.

Não julguei que ela seguisse em frente com o seu plano para me *matar*.

— O casamento devia alterar as coisas.

— Julguei que sim. — As palavras são ditas em voz baixa e tensa. — Julguei que bastaria para a deter. Não importa. Vamos encontrar uma maneira de seguir em frente. Agora tens-me a *mim* e raios me partam se vou deixar que alguém te toque com um dedo.

Quero acreditar nele. Quero-o tão desesperadamente que isso me abala. Por causa desse desespero, obrigo-me a dizer:

— Nunca me contaste o que ganhas com isto. — Como ele se limita a olhar para mim, faço um gesto vago com a mão livre. — Com o casamento, o engodo.

— Eu diria que é evidente. — Roça de novo os lábios nos nós dos meus dedos. — O que eu ganho és *tu*.

## Capítulo 23

### Eros

Bebemos mais uma rodada antes de eu pagar a conta e levar Psique para casa. Ela não deixa a sua *persona* pública escapar nem um instante, mas eu vejo o esforço que faz. Tudo por causa da minha mãe. Eu sabia que ela acabaria por tentar fazer alguma coisa, mas nem sequer eu esperava *isto*. Continua com intenção de prosseguir com o plano original. Não sei se foi o meu casamento com Psique que a levou longe de mais, mas não há maneira de a convencer a sair da beira do precipício. Tenciona atirar-se e arrastar-nos com ela.

Psique não diz nada até fecharmos a porta da *penthouse* atrás de nós.

— Julguei que o casamento ia funcionar.

— Também eu.

— Achaste? — Nem parece ela. — Ou isto fazia parte do plano? Ameaçar-me, humilhar a minha mãe ao casar comigo, e depois matar-me?

Isto faz-me parar logo.

— Tu não acreditas nisso.

— Eu não sei em acreditar. — Psique arrasta as mãos pelo cabelo. — Mas acho que tens razão. Se querias ser viúvo, a Afrodite não teria motivo para nos fazer uma emboscada. — Olha de relance para mim, a expressão suavizando. — Desculpa. Estou tão embrulhada na minha cabeça que nem te perguntei como te estás a aguentar.

Sinto um nó na garganta, mas consigo respirar através dele.

— Não te preocupes comigo. Não sou eu que estou a ser ameaçado neste momento.

— A tua mãe acabou de passar por cima de ti, como se fosses uma criança. Não deve ser uma sensação boa.

Não é. Não é nada boa, porra. Mas a verdade é que eu não tenho ilusões acerca do papel que desempenho na vida da minha mãe. Sempre a apoiar as suas ambições, as suas necessidades e os seus caprichos. Pode tolerar um recuo ocasional da minha parte, mas sou uma ferramenta que ela agarra e usa como bem lhe apetece.

Suspiro.

— Em última análise, a minha mãe é uma criatura simples. Enche-me de elogios e recompensas quando faço exatamente o que ela quer e castiga-me quando saio da linha. Fui contra ela quando me casei contigo, portanto, castigo será.

À superfície, creio que é assim que a maior parte dos pais se comporta. Sinceramente, não faço ideia. Parece tudo insidioso com a porra com a minha mãe.

— Isso é terrível, Eros.

Deixo-me ser varrido pela preocupação dela. Sabe bem, muito melhor do que eu mereço.

— Não te preocupes comigo, Psique. Vamos arranjar uma maneira de ultrapassar isto.

Por um instante, julgo que ela vai continuar a argumentar, a escarafunchar, mas acaba por anuir.

— Temos de falar dos próximos passos.

— Ainda não. — Pego-lhe na mão. Gosto tanto de lhe tocar, e nem sequer de uma maneira que se limite ao sexo. Continua a ser um pouco desconcertante poder fazê-lo sempre que quero. Esta intimidade casual pode ser uma coisa pequena, mas é uma experiência que nunca tive antes. Mais, tocar-lhe acalma-me de uma maneira com a qual não estou preparado para lidar. — Quero mostrar-te uma coisa.

— Eros. — Psique solta um suspiro exasperado. — Não creio que mostrares-me agora a pila vá resolver os nossos problemas.

— Ahaha, muito engraçadinha. — Conduzo-a até à porta trancada em frente da minha sala segura e puxo-a para que fique à minha frente. — Presta muita atenção e decora isto. — Digito o código devagar. — Repete-mo.

Psique obedece, sem falha.

— O que é isto?

Em vez de responder com palavras, empurro a porta, que se abre, e insto-a a entrar à minha frente. Não a deixo avançar muito e torno a virá-la para a porta.

— A porta é reforçada. Pode levar tiros sem furar, pelo menos durante o tempo que o Ares demora a aparecer. O mesmo se passa com as paredes.

Ela esbugalha os olhos.

— Isso é muito reforço.

— É uma sala segura. Se estiveres sozinha em casa por alguma razão e ficares assustada, vem para aqui. Tenho vários telefones descartáveis carregados, por isso podes ligar a pedir ajuda. — Gesticulo para a caixa vermelho-viva junto da porta. — Isto chama as forças do Ares.

Quando muito, os olhos dela ficam mais esbugalhados ainda.

— Não a polícia?

— A polícia é para os civis.

É lógico, contudo, que ela ligasse, por definição, à polícia numa situação destas. Os atuais Ares e Deméter não se dão bem, por isso é claro que ela não confiará a segurança da sua família ao exército privado dele, mesmo que seja esse o seu papel oficial. A maior parte dos Treze contrata algum tipo de segurança privada para si e respetiva família, mas não podemos confiar no pessoal de Afrodite, por razões óbvias. Não, tem de ser Ares.

Abana a cabeça.

— É justo, acho eu. — Psique vira-se e olha para o trio de monitores dispostos à volta da minha cadeira e para os arquivos. —

Isto não é só uma sala segura.

— Não, não é só uma sala segura.

Olha para mim.

— Estás a depositar em mim uma fé imerecida ao dares-me acesso a tudo isto.

Encolho os ombros, com uma indiferença que não sinto.

— Prometi que te mantinha em segurança. Essa promessa estende-se a quando não estás na minha presença. Este é um dos sítios mais seguros que existem nesta margem do rio Estige. Nem sequer a Hermes consegue entrar.

Ela olha para a sala com renovado apreço.

— Isso é que é segurança. Eu juro que aquela mulher é um bocado fantasma e consegue passar pelos respiradouros.

— Nada assim tão emocionante. É simplesmente uma excelente ladra e *hacker*.

Era-o muito antes de se tornar Hermes, mas essa parte não é do conhecimento público. Na verdade, não se sabe publicamente muita coisa sobre ela. Ela prefere assim.

— Falas como se ela fosse uma amiga.

— Ela... é. Ou o mais perto disso que se arranja nesta cidade.

O sorriso de Psique é agri-doce.

— Olimpo é um poço de qualidades.

— É casa.

— Sim, acho que sim. — Pressiona os lábios, como se não soubesse bem o que dizer. — Obrigada por me mostrares isto. Prometo que vou tentar não abusar.

Estas palavras arrancam-me uma gargalhada.

— Fico grato pelos teus esforços de contenção.

Voltamos ao corredor e faço-a inserir o código vezes suficientes até ter a certeza de que consegue fazê-lo sob pressão. Faremos isto



dentro de dois dias, como garantia, mas é o mínimo dos mínimos que posso realizar neste momento. Pouco contribui para combater o meu desespero ao pensar na faca da minha mãe apontada na direção de Psique. Prometi que este casamento iria mudar as coisas e, afinal, não mudou nada.

Afrodite fez de mim um mentiroso.

Acabamos por tirar algum tempo para mudar para roupa mais confortável antes de nos retirarmos para a sala de jantar para falarmos de estratégia. Por mais que eu não queira a noção de «organização» de Psique a alastrar por todo o quarto principal, sinto em parte um intenso desagrado com o facto de termos *doseis*, separados. Não sei que porra é essa. Tal como ela salientou antes, muitos casais têm *quartos* separados e nós não temos propriamente nada que lembre uma relação tradicional.

Ainda.

Psique senta-se do outro lado do sofá e eu permito esse espaço, mas estendo o braço para lhe agarrar os pés, que levanto e pouso na minha coxa. O sobrolho dela transforma-se em surpresa quando pego num pé e começo a massajá-lo.

— Oh, deuses, o que estás a fazer?

— Aquelas botas de salto alto eram sexy, mas parecem desconfortáveis.

— São desconfortáveis, mas é assim a vida de uma influenciadora. — Derrete no sofá até estar quase de cara para baixo. — Não consigo pensar quando estás a fazer isso.

Enterro o polegar no arco do pé dela, provocando a emissão de um gemido que está perto como o raio de ser sexual.

— Claro que consegues. Precisamos de arranjar um novo plano. Ela produz mais um pequeno som lamentoso.

— Pausa.

Fico quieto.

— O quê? Pausa? De que é que estás a falar?

— Só... pausa. — Saca do telefone com uma expressão de pura concentração no rosto. — Podes inclinar um bocadinho a cabeça para a esquerda, para apanhares a luz. Sim, é isso.

Divertido, deixo que ela me arranje como se eu fosse um boneco de tamanho humano e tire uma fotografia. Vira o telemóvel para mim sem que eu lhe tenha pedido que me mostre. É... mesmo boa. Tenho um ar descontraído e feliz, refastelado no sofá com os pés da minha mulher no colo. — És mesmo boa nisto.

— Faço isto há tempo bastante; tenho de ser. — Começa a digitar no telefone.

Só vou ter toda a sua atenção depois de ela postar a fotografia, por isso instalo-me à espera. Não demora muito. Suspira e pousa o telemóvel de lado, dando-me toda a sua atenção.

— O plano...

— Eu não estava a falar da cena de influenciadora de redes sociais, se bem que és boa nisso. Estava a falar das fotografias. Alguma vez usas uma máquina fotográfica a sério?

— Nem por isso. — Psique encolhe os ombros. — Quer dizer, há sessões fotográficas e cenas assim, mas, nos dias que correm, consegue-se muita coisa com uma câmara de telemóvel. Além disso, é uma espécie de desafio engraçado tirar as fotografias que quero só com o telefone.

— Podes considerar-me impressionado.

E estou. Parece que a única coisa que eu trago a este mundo é fealdade. Morte e sofrimento. Isso nunca antes me incomodou de facto. Olimpo pode parecer lindo à superfície, mas a beleza fica toda à superfície. Quando se escava um pouco, só se encontra podridão.

Se bem que essa regra não parece aplicar-se à mulher que tem os pés no meu colo. Psique traz alguma beleza e positividade ao espaço que ocupa. Todas as legendas das suas fotografias são animadoras, mesmo aquelas em que ela admite estar a debater-se com alguma coisa. Quando começou a levantar ondas em Olimpo, achei que fosse uma treta, mas quanto mais tempo estou com ela,

mais me dou conta de como é genuína como a porra. Ah, tem a sua máscara, e mente tão bem como eu, mas o veio de bondade, o desejo de trazer luz ao mundo em vez de trevas? Isso é real.

— Eros. — Diz o meu nome calorosamente, quase com indulgência.

— Desculpa, o que estavas a dizer?

Psique abana a cabeça.

— Foca-te, por favor. Isto é importante.

Ela tem razão. Não me posso dar ao luxo de ser distraído, nem por *e/a*. Realmente, focar-me em qualquer outra coisa que não esta conversa é uma manobra de diversão. Agora que o meu plano para manter Psique em segurança — para a manter comigo — se revelou um fracasso, só há mesmo uma resposta.

— Eu consigo fazer-te sair de Olimpo.

Ela fica paralisada.

— Isso é quase impossível.

— Depende de quem conheces. O Posídon é zeloso das regras, mas nem toda a sua gente o é. Com um suborno suficientemente alto, o Tritão faz sair pessoas clandestinamente. Se deixares Olimpo, ficas a salvo da minha mãe.

Psique fita-me durante um longo momento.

— Mas tu não. Se achas que eu devia sair de Olimpo, então tu também devias.

— A minha mãe não *me* quer matar. — Eu devia deixar as coisas ficarem por aqui, mas já confiei a esta mulher bocadinhos de informação sobre mim. Porque não mais um? — O exílio já foi, mais do que uma vez, o castigo de eleição de Afrodite, e fui eu quem o decretou. Essas pessoas adorariam uma oportunidade para se vingarem. Se eu deixar a cidade contigo, isso vai pintar um tipo de alvo diferente nas tuas costas e eu não terei recursos para tentar proteger-te sequer como posso fazer aqui.

Não chega. Por mais que eu tente, nunca chego, porra. Não consigo manter Psique em segurança sem a mandar embora. Sou eu a razão para ela estar nesta situação arrasadora.

— Não.

Pestanejo.

— O quê?

Nunca a vi mais determinada.

— Não, eu não vou fugir de Olimpo. A minha vida é aqui. A minha *família* está aqui. Não vou deixar que aquela cabra... mesmo que seja tua mãe... me escorrace da cidade. Eu não vou a lado nenhum.

— Que raios. — Inspiro sonoramente. — Vou fazer tudo ao meu alcance para te proteger, mas posso falhar. Sou muito melhor a matar do que a fazer de guarda-costas. — Este último, nunca tive de o desempenhar, e nunca com a parada tão alta. — O dinheiro não é problema. Podíamos montar casa para ti. Não poderias ver a tua família, mas pelo menos estarias viva.

— Eros. — Diz o meu nome com tanta delicadeza. — Isso pode ser tudo verdade, mas se eu me for embora e deixar a Afrodite no poder, é provável que a próxima pessoa que ela marcar não tenha a sorte de ter os recursos que estão à minha disposição. Continuará a vitimizar pessoas com menos poder do que ela, só porque pode fazê-lo. Continuará a usar-te a ti para o fazer. — Os seus olhos esverdeados endurecem. — Não vou permitir que isso aconteça. Mereces melhor do que ser a arma dela, e as pessoas desta cidade merecem melhor do que andar com pezinhos de lã para evitarem chatear a Afrodite. Vamos arranjar uma maneira de a fazer parar. Juntos.

Envergonha-me o puro alívio que as palavras dela me trazem. Não me vai deixar. Ainda não. Porra, sou mesmo um parvalhão.

— Vamos ter de ajustar o plano.

— Sim. A começar por esta sexta-feira, quando formos à festa da Helena.

Isto obriga-me a uma pequena pausa.

— Julguei que faltarias, tendo em conta o que aconteceu esta noite.

— Eu quero faltar, mas aqui não se trata do que eu quero.

Mexe-se no sofá. Ocorre-me que podiam ser assim as nossas vidas se fôssemos pessoas diferentes, numa situação diferente. A descontrair na sala de jantar, ela a tirar fotografias espontâneas, a falarmos dos nossos dias...

Sou atingido com tanta força por uma sensação de anseio que me rouba o fôlego. Fecho os olhos e tento focar-me.

— Se ficares em Olimpo, será o cúmulo da loucura sair da *penthouse* mais do que o estritamente necessário. A minha mãe quer-te morta; não há razão nenhuma para lhe facilitar a vida.

— Terias ido, se eu não estivesse aqui?

Franzo o sobrolho. Por mais tentador que seja continuar a relembrar a Psique o perigo de seguir esta via, respondo com honestidade.

— Sim. Gosto da Helena. Ela e a Eris jogam de maneira diferente, mas faz parte de se nascer na família Cásio. Os eventos que organizam nunca são aborrecidos, especialmente quando um deles tenta provar alguma coisa a Perseu ou a Zeus.

Só que agora Perseu é Zeus. Que raios, um dia destes isso vai fazer clique como deve ser nos meus pensamentos e não vou precisar de estar sempre a relembrar-me disso.

— É exatamente esse o meu argumento. Agora estamos a lutar em duas frentes. — Ela abana o pé até eu pegar nele e recomeçar a massajá-lo. — Precisamos de arranjar uma maneira de lidar com esta ameaça renovada da tua mãe, e a única maneira de criar esse tempo é tendo Olimpo do nosso lado. O plano original continua a ter de estar em ação.

— Isso é imprudente.

— Não temos alternativa.

Concentro-me em passar o polegar pela planta do pé dela até ela soltar de novo aquele gemidinho sensual. Por mais tentador que seja abrigarmo-nos nesta *penthouse* no futuro próximo, vai demolir as nossas hipóteses de encenarmos a história de amor épica que supostamente estamos a vender. Mais do que isso, vi o que aconteceu da última vez que uma das filhas de Deméter foi separada da mãe. Ela não pode matar de fome toda a cidade alta por causa *disto*, mas tem muitas armas no seu arsenal.

E isso é na *melhor* das hipóteses.

Na pior, Deméter apercebe-se da razão para termos entrado neste casamento e vai diretamente atrás de Afrodite. Há gerações que não se dá uma verdadeira guerra entre membros dos Treze. Nem sequer entre os últimos Zeus e Hades, por mais que o conflito entre os dois tenha acabado com a morte de Hades. Foram Ares e Hefesto que guerrearam tantas décadas atrás e demoliram vários blocos da cidade alta no processo. Foi uma das poucas vezes na nossa história em que Zeus, Posídon e Hades se juntaram para apaziguar o conflito. Claro que Zeus executou tanto Ares como Hefesto de uma maneira particularmente abominável e pública.

*Esse Zeus manteve o título durante a maior parte da sua vida.*

Este é Zeus há uns meses.

Seja qual for o peso inerente ao título, não sei se Perseu o consegue manter caso um conflito entre Deméter e Afrodite entre numa espiral e se descontrole.

Não, Psique tem razão. Não temos escolha.

— Está bem, vamos à festa.

— Tenho uma pergunta.

— Está bem.

Ela enrola o cabelo no dedo.

— És amigo dos irmãos Cásio, não és? Porque não ir agora até junto de Zeus pedir-lhe que intervenha? Por mais poderosa que Afrodite seja, não tem o poder de *Zeus*.

Concentro-me em esfregar-lhe o pé de uma maneira que a faz gemer um pouco, enquanto formulo uma resposta.

— Eu e o Perseu... o Zeus... já não somos tão chegados como quando éramos pequenos, mas, mesmo que fôssemos, acho que ele não poderia ignorar o facto de as provas contra a minha mãe também me implicarem. Não pode castigar uma e poupar o outro, porque terá de justificar qualquer ação que tome contra outro dos Treze.

— Calculo que faça sentido. — Inclina a cabeça de lado. — Vamos poupar a ida a Zeus como último recurso.

Espero que nunca chegue a tal. Por mais que nos tenhamos afastado com os anos, Perseu já está a lidar com muita coisa, sem me ter a despejar os meus problemas no seu colo e à espera de que ele nos resolva. Vamos arranjar outra maneira de ultrapassar isto.

Entretanto...

— Eu também tenho uma pergunta.

— Sim?

— Porque é que tu e as tuas irmãs puseram tanto tempo e energia em manterem-se à parte de nós? Eu compreendo que *me* evitassem, ou a alguns dos outros, mas a Helena ter-vos-ia protegido debaixo da sua asa num instante.

— Achas? — Psique faz uma careta, mas acaba por expirar. — Admito que guardo ressentimentos no que toca aos filhos dos Treze. As minhas experiências não foram fantásticas.

Somos um grupo fechado. Dada a natureza dos Treze, o nosso número muda ocasionalmente, quando a pessoa que detém o título muda e traz consigo a família, mas existe um grupo central de pessoas que cresceram juntas. Mesmo assim...

— A Helena foi cruel contigo?

Posso acreditar nisso por parte da Eris, mas da Helena é mais difícil. Não é propriamente calorosa, mas é melhor pessoa do que a maioria.

— Não. — Psique diz isto de forma tão a contragosto que eu rio-me. O som é apenas parcialmente de alívio. Não gostava nada de ter de desancar a minha amiga por ela ter sido má para a minha mulher.

— Acho que gostarias da Helena, se lhe desses uma oportunidade.

Pouso-lhe o pé e pego no outro.

Ela fecha os olhos e parece entregar-se à massagem do pé.

— Eu gostaria da Helena, ou a versão pública da Psique gostaria da Helena?

— Ambas.

Ela expira e abre os olhos.

— Isto é importante para ti.

Surpreende-me que seja mesmo. Quero dizer que se trata de um mero jogo de números e que quanto mais pessoas tivermos do nosso lado, melhor estará a nossa posição, mas isso não é estritamente verdadeiro. Não há nada de simples nesta situação e, quanto mais tempo estivermos juntos, mais complicada se torna. Eu estava à espera de desejar Psique — desejei desde o início —, mas não esperava gostar dela, ou sentir-me tão possessivo que uma parte de mim queira envolvê-la nos meus braços e mantê-la afastada do mundo, enquanto a outra parte quer exhibi-la a qualquer oportunidade. É mais do que o facto de ela ser bonita e ter um fundo doce que nem Olimpo consegue macular. Eu *admiro-a*.

E é por isso que lhe digo a verdade.

— A Helena é o mais próximo de uma irmã que tenho. Mais do que qualquer outra pessoa de Olimpo, confio nela e ela confia em mim. Eu... — Hesito. — Gostava que lhe desses uma oportunidade.

— Não só por causa dos ganhos políticos?

Claro que sou transparente para ela. Faço-lhe um sorriso pesaroso.



— Não, não só por causa dos ganhos políticos, se bem que nunca seja mau ter um membro da família Cásio do meu lado.

Ela fica em silêncio durante vários minutos.

— Está bem. Eu dou-lhe uma oportunidade.

Isto parece-me mais significativo do que deveria, mas não consigo evitar sentir como certo que as nossas vidas comecem a encaixar. Ou talvez seja só o egoísta que há em mim a querer amarrar esta mulher a mim de todas as maneiras possíveis.

Psique aclara a garganta.

— Vamos começar com uma defesa em duas vertentes. A primeira coisa de que precisamos é de mais alianças. O Zeus está fora por enquanto, mas há muitas outras pessoas poderosas em Olimpo. Quantas mais tivermos do nosso lado, mais arriscado será para a Afrodite atacar.

— Posso praticamente garantir que a festa da Helena terá imensa gente poderosa, mesmo que sejam sobretudo os filhos dos Treze.

— Já é um princípio. — Psique anui. — A segunda vertente será ter o resto de Olimpo do nosso lado e a torcer por nós. Os *teasers* nas redes sociais puseram a bola a rolar, mas dar uma entrevista oficial ajudará a acelerar as coisas.

Foco-me nos pés dela demoradamente.

— Isso funciona como plano a curto prazo.

— O longo prazo terá de ser adaptável. — Ela fecha os olhos e a sua expressão torna-se cada vez mais descontraída. — A tua mãe não estaria a fazer *bluff* ao dizer que me queria morta, não?

Oxalá pudesse fazê-la crer que isso podia acontecer, mas não posso.

— Não. A Afrodite não faz *bluff*.

— Então, vamos ter de arranjar maneira de a obrigar a cancelar este ataque. É fácil, certo? — Ri-se de forma amarga. — Pelo menos, desta vez a minha mãe não está em fúria.

— Há essa questão. Eu já disse recentemente que ela é aterradora?

— Diz o roto ao nu.

Abro um sorriso, mas a expressão esmorece depressa.

— Havemos de arranjar uma maneira. A minha mãe não é propriamente uma pessoa racional, mas só é perigosa por causa do poder que tem. Se conseguirmos mais aliados e usarmos a boa vontade do público a nosso favor, pode ser que chegue. — Continua a ser improvável, mas existe uma possibilidade minúscula de ela cessar os ataques quando se der conta de que está em inferioridade numérica. Ou, pelo menos, de manter a coisa no domínio da reputação e não numa questão literal de vida ou morte.

— Depois, mantemo-nos fiéis a este plano e adaptamo-lo conforme for necessário, dependendo do que ela fizer. — Psique dá-me um sorriso cansado. — Vamos arranjar uma maneira, Eros. Estamos em perfeita sintonia no que toca a isto. Entre nós os dois, haveremos de arranjar uma solução.

A fé casual que ela deposita em mim é estonteante. Sinto um aperto no peito.

— Sim. Vamos. Prometo.

— Uhum.

Demoro vários minutos a perceber que Psique adormeceu. E vários mais passam antes de eu me obrigar a pousar o pé dela e levantar-me. Ela parece diferente a dormir, algo nela relaxa que eu não percebera que estava tenso. Não é que pareça mais nova, propriamente, mas pousou um fardo que carrega sempre consigo.

Tenho uma estranhíssima vontade de me oferecer para o carregar por ela.

Ainda é muito cedo para eu ir dormir, e ainda bem. Tenho de fazer um telefonema. Deixo Psique no sofá por agora e dirijo-me à sala segura. Amanhã, treino-a de novo com o código algumas vezes para garantir que está bem decorado. Não planeio deixá-la sem supervisão mais do que o estritamente necessário, mas já sei que

em breve ela vai ansiar por alguma independência. Não sei bem como vou tratar da segurança fora da *penthouse*; é um problema que fica para outro dia. Fecho devagar a porta e faço a última coisa que me apetece neste momento.

Telefone à minha mãe.

Estou meio à espera de que ela ignore o meu telefonema. O seu castigo preferido é isolar-me friamente, privando-me de qualquer tipo de contacto ou atenção. Quando eu era mais novo e ela me fazia isso, parecia-me sempre que me cortava até ao osso. Afrodite é tão grandiosa e, para uma criança — para o filho *dela* —, isso é mais verdadeiro ainda. Tê-la a afastar-se de mim...

Dou um abanão a mim mesmo. As táticas dela não funcionam tão bem como dantes. Pelo menos, desde que cresci o suficiente para me dar conta de que usa o seu amor e a sua atenção como chamariz e castigo. Mas há coisas que é impossível descartar, e eu não consigo inspirar até ao fundo até ela atender.

Não me faz esperar muito.

— Então agora decides que estás disponível para conversar? Eu devia bloquear o teu número.

— Não o farás. — É um esforço manter a neutralidade da minha voz. — Como vais então expressar o desapontamento que te causo?

Ela produz um som que lembra, suspeitosamente, um sibilo.

— Criança insolente.

— Tenho vinte e oito anos, mãe. — Arremesso o termo como se fosse uma arma. — Sou mais do que capaz de fazer as minhas escolhas, incluindo quem será a minha noiva.

— Não seria tua noiva se lhe tivesses arrancado o coração, como te pedi. Não sei porque te escusas, Eros. Não é que não tenhas feito isso, e pior, à Polifonte. Mataste-a mesmo à frente dos seus pais. Sabias que a mãe dela cometeu suicídio esta semana? É trágico.

Não estou preparado para a culpa que me invade.

— Isso é diferente. — As palavras são como mentiras na minha língua.

— Não é nada. Convenceste-te de que és como aquela tua preciosa mulher? — Ri-se. — Miúdo pateta. Não és nada como ela. Tu és como *eu*. Somos as únicas duas pessoas deste mundo que se compreendem uma à outra e tu arriskas isso por uma cabrazinha com um cabelo bonito. Quando aquela mulher perceber aquilo de que és capaz, vai-se afastar de ti. Será que não compreendes que estou a tentar *ajudar-te*?

Há pouquíssimas coisas de que gosto neste mundo. A maior parte do tempo, odeio que Afrodite figure entre elas. Já tenho idade e independência suficientes para compreender que ela está constantemente a tentar manipular-me emocionalmente. Isso é boa parte da razão por que arranquei sistematicamente os sentimentos mais moles da minha personalidade, removendo toda e qualquer possibilidade de tração. Julguei que essas partes do meu ser tivessem desaparecido para sempre, mas a presença de Psique desperta-as como que de um longo repouso.

De nada me servem agora. Só conseguirão dar à minha mãe um apoio que trabalhei tanto para erradicar.

— Mãe — digo devagar. — Se tu fizeres com que a minha mulher sofra algum dano, vais arrepender-te.

— Não tanto como tu te arrependerás deste casamento. — O tom dela torna-se tão frio como o meu. — Onde é que tinhas a cabeça, Eros? Eu mando-te eliminares a rapariga e tu *casas* com ela? Perdeste a cabeça?

— Os planos mudaram.

— Os meus, não.

Eu sei. Não sei porque estou a contactá-la agora, na esperança de conseguir um milagre e fazer Afrodite mudar de ideias. Mesmo assim... tenho de tentar. Reagir com medo só vai dar-lhe um alvo maior para onde apontar. Tenho de ser frio, mais do que nunca.

— Eu nunca peço nada. Estou a pedir-te isto. Deixa a Psique em paz. Ela fica tanto tempo em silêncio que o tolo que há mim começa a ousar ter esperança de que seja este o momento em que as coisas mudam. Que, por uma vez na vida, a minha mãe ponha as minhas necessidades acima dos seus desejos egoístas.

Eu devia saber que não, depois de uma vida inteira como filho dela. Afrodite diz:

— Vejo que ela te apanhou. É pena.

— Mãe.

— Não digas «mãe» com esse tom de voz. Comigo não vale a pena.

Sinto um aperto no peito, semelhante a pânico.

— Deixa-me ficar com ela e pôr isto para trás das costas e nunca mais te questiono. É isso que queres? Um pequeno capanga que deixe de se portar mal.

Ela inspira devagar e, quando torna a falar, parece quase calma.

— Tudo que eu faço, Eros, faço-o por amor. — Desliga antes que eu consiga formular uma resposta.

Fito o telemóvel.

— Porra. *Porra.*

Eu sabia que não ia fazer diferença. Eu *sabia*, mas tentei na mesma. Fecho os olhos, mas uma imagem imprime-se na parte interior das minhas pálpebras, do corpo de Psique dobrado e quebrado, os olhos esverdeados vazios de morte, aquilo que faz dela *ela* sumido para sempre. Pressiono a mão contra o peito, com força, tentando respirar por cima da dor que a imagem me traz. Não vou deixar que isso aconteça. Conheço todos os truques da minha mãe. Só tenho de a segurar até conseguirmos arranjar um plano que a neutralize para sempre.

*Eu sei como neutralizá-la. Foi ela que me ensinou.*

Não consigo fazê-lo. Julgava que já ultrapassara todos os limites, mas nem sequer eu sou capaz de matar a minha própria

mãe. Por mais malvada que seja. Nem sequer para manter Psique em segurança.

Deixo a sala segura com passos vagarosos que aumentam de ritmo à medida que me aproximo da sala de jantar. Psique só esteve fora da minha vista durante dez minutos. Está bem. Eu sei que está. Mas só volto a respirar sem dificuldade quando entro na sala e a encontro exatamente onde a deixei.

*Mas que raio é que se passa comigo?*

Aninho-a nos meus braços, ignorando os seus protestos sonolentos de que é muito pesada, e levo-a para o nosso quarto. Acabamos na cama, comigo a abraçá-la enquanto cai de novo no sono. Pressiono a mão ao cimo do seu peito, contando as suas lentas inspirações e expirações até os meus nervos finalmente assentarem o suficiente para que o sono me leve.

## Capítulo 24

### Psique

Helena Cásio vive no mesmo edifício que o resto da família de Zeus. Nunca lá estive. Geralmente, quando o antigo Zeus recebia pessoas, fazia-o na Torre de Dodona. O novo Zeus deu muitas festas desde que assumiu a posição, mas não podia ser mais evidente que está apenas a agir mecanicamente. Não deseja as luzes da ribalta como o falecido pai. Mesmo quando ainda se chamava Perseu, parecia mais focado na vertente profissional das coisas do que o pai. O período de quarenta dias de luto chegou e passou e as pessoas já sussurram sobre a aparente resistência dele a casar com alguém que preencha por fim o título de Hera. O último Zeus podia ser a personificação de um monstro, mas era encantador e carismático. Deixou um espaço muito grande para preencher.

Dos seus quatro filhos, o filho mais novo, Hércules, conseguiu fugir completamente de Olimpo. Perseu é agora o novo Zeus. E Helena e Eris são, como disse Eros, insulares. Nunca fizeram nada contra mim, que eu saiba, mas não tivemos contacto próximo que pudesse criar fricção.

Isso muda esta noite.

Esta noite, em que Eros quer que eu tente.

Será que tem noção do que me pede? Olho-o de relance, ao meu lado no elevador, perfeitamente composto num fato cinzento-claro e camisa creme, que contrasta com a sua pele dourada. Capta o meu olhar e aperta as nossas mãos dadas. Sim, desconfio de que sabe exatamente aquilo que me está a pedir.

Sobrevivi — e até vinguei — em Olimpo porque mantive a distância e não confiei em ninguém fora da minha família. Levei comigo as lições que aprendi no meu primeiro ano aqui e nunca olhei para trás.

Agora estou a nadar em águas mais profundas do que me seria confortável. Quando as portas do elevador se abrem, revelando um átrio cheio de classe com uma alcatifa cinzenta luxuriante e paredes azuis tranquilizadoras, tenho de reconhecer que não sou um tubarão. Sou arraia-miúda vestida com um disfarce.

Espero conseguir sobreviver a esta noite sem ser comida.

— Respira — murmura Eros.

*Certo. Respira. Relaxa. Faz um sorriso doce. Não deixes que cheirem a tua fraqueja.*

Tenho a certeza de que não é isso que ele tenciona dizer, mas levo-o a peito na mesma. Entre um passo e o seguinte, guardo todos os meus medos e inseguranças e escondo-os. Continuarão à minha espera no final da noite. Posso ignorá-los até regressar à *penthouse*, aquelas paredes fortes entre mim e o resto da cidade.

O corredor tem quatro portas e Eros conduz-me até à última. Mal bate à porta, que logo é aberta de par em par por uma Helena resplandecente. Literalmente. A sua pele visível está coberta de dourado — e há *imensa* pele visível em torno do minúsculo vestido do mesmo tom dourado —, e até o cabelo castanho-claro. Faz da sua beleza algo surreal, como se uma verdadeira deusa tivesse vindo à nossa presença, mas o guincho que dá ao ver-nos estilhaça essa ilusão.

— Estão aqui!

Balança para a ponta dos pés e dá um beijo na cara de Eros, e eu mal tenho tempo para processar o clarão quente de inveja antes de ela me agarrar a mão e puxar para a frente para me dar o mesmo tratamento.

— Estou tão contente por te ver.

Arrasta-me para o interior do apartamento, deixando Eros no nosso encalço.

Consigo ter vislumbres daquele lugar. Pessoas elegantes, vestidas com roupa de festa, deitadas em sofás igualmente elegantes na sala de jantar. Um esquema cromático que me faz



pensar num oceano tempestuoso: soalhos cinzentos, paredes azul-esverdeadas, imenso branco e mobília cor de areia. Está em completo desacordo com a mulher cintilante agarrada à minha mão.

Puxa-me para uma cozinha imaculada, com um bar completo montado na bancada.

— Escolhe o teu veneno.

Quase digo vinho tinto, quase recaio em alguma bebida doce que me fará doer os dentes. Mas prometi a Eros que ia tentar, por isso faço um ato de fé.

— *Bourbon*.

O sorriso que Helena me lança é tão estonteante como o seu corpo adornado de brilho.

— És a minha menina. Eu sabia que gostava de ti.

— Correção, Helena; a menina é *minha*.

Quase suspiro de alívio quando percebo que Eros se juntou a nós. Tem um estranho sorriso indulgente estampado no rosto e não consigo perceber se é ou não falso. Tal como não consigo perceber quanto do entusiasmo de Helena é mesmo seu. Perséfone faz uma cena de sol luminoso quando está em público, e este sorriso faz-me pensar um pouco nisso. Mas este é menos calor suave e mais relâmpago numa garrafa. Tenho a sensação de que ela pode explodir a qualquer momento num frenesim de energia tão capaz de causar danos como de entreter.

Helena descarta com um gesto da mão o comentário de Eros, ao mesmo tempo que pega numa garrafa de *bourbon* extraordinariamente cara.

— Ela pode usar a tua aliança... É linda, a propósito... Mas és praticamente um irmão para mim, o que faz dela uma pessoa da família. — Sorri, radiante, para mim. — Sempre quis ter uma irmã.

Pestanejo.

— Tu tens uma irmã. Está mesmo ali. — Aponto para Eris, que usa um vestido que mais parece uma mancha de tinta e tem a

cabeça encostada a uma mulher negra com um lindo — e minúsculo — vestido vermelho. Apercebo-me tardiamente de que também a conheço. Hermes apanha-me a olhar e acena-me alegremente.

Helena resfolega.

— A Eris não é uma irmã. É a personificação do caos.

Estas palavras arrancam-me uma gargalhada de surpresa.

— Também tenho uma dessas.

— A Calisto. — Diz o nome como se o estivesse a saborear. — Oxalá passasse mais por cá. Parece interessante. Todas vocês parecem. — Passa-me o *bourbon* e serve um copo de vinho tinto sem perguntar a Eros o que ele quer. Helena pressiona o copo contra a mão dele e contorna a bancada para ficar um pouco perto de mais. Eu levaria aquilo a peito, mas tenho a sensação de que ela é simplesmente assim com toda a gente. Olha-me de cima a baixo. — Estás esplêndida. Estás *sempre* esplêndida.

Olho-me de olhos baixos. Escolhi cuidadosamente o meu vestido para esta noite. Trata-se de um vestido cruzado verde intenso, que dá um ar excelente ao meu peito e maximiza as minhas curvas.

— Hum, obrigada.

— Ah, é evidente que não te estou a dizer nada que não saibas já, mas não deixa de ser bom ouvir, pois não? — Descarta isto com um gesto da mão. Alguém bate à porta antes que ela possa continuar. — Já volto. Diverte-te na festa! — E desaparece, deixando um rasto de brilho atrás de si.

Sinto que andei aos trambolhões num tornado e que acabei depositada algures num lugar completamente diferente de onde comecei. Não foi uma experiência completamente desagradável, mas foi o cúmulo da desorientação. Bebo um gole demasiado grande de *bourbon*, mas os meus nervos arriscam-se a levar a melhor sobre mim.

— Ela é sempre assim?

— Não. — Eros encolhe os ombros. — Quando dá .festas, excede-se.

É fácil ler nas entrelinhas. Tem uma *persona* pública, tal como nós. Pelo que observei, gosta de que as pessoas a subestimem; veem uma tonta bonita e feliz e não procuram o que está por baixo da superfície. Não me tinha dado conta de o nível de energia dela ser tão... alto.

— Estou a ver.

Eros aproxima-se mais e puxa-me para os seus braços. É natural, como se nos abraçássemos há muito mais do que uns quantos dias. Não fico tensa e consigo sorrir para ele, como se estivesse profundamente apaixonada. O calor do seu rosto nunca deixa de me desconcertar, mas consigo disfarçar a minha reação. Ele inclina-se para a frente para me falar ao ouvido.

— Uma ou duas horas, e depois as pessoas começam a sair para outras festas ou discotecas.

Sinceramente, não é pedir muito que eu represente este papel com ele durante umas horas. Esta festa pode estar cheia de pessoas que passei anos a evitar, mas Hermes é o único membro dos Treze à vista e, portanto, continua a ser melhor do que os eventos na Torre de Dodona para que a minha mãe insista em arrastar-me.

Viro-me nos braços de Eros. Ele não me larga; simplesmente, aninha-me contra o seu peito e pousa o queixo no cimo da minha cabeça. Não compreendo porque é que isto me é tão íntimo como o abraço, mas não vou quebrar a união só por ter o coração acelerado como se tivesse acabado de subir a correr um lance de escadas.

E depois a minha atenção recai sobre o homem que está do outro lado da sala de jantar e esqueço completamente Eros.

— O filho da mãe.

Os braços dele ficam tensos à volta do meu corpo, puxando-me um passo para trás quando eu me ia libertar.

— Não sabia que ia estar aqui.

Orfeu.

O parvalhão cujo egoísmo não só partiu o coração a Eurídice como colocou a vida dela literalmente em perigo. O namoro deles era sério antes daquela noite, e ela amava-o com todo o seu ser. O fim da relação atingiu-a com força, mas Orfeu não perdeu um instante nos meses seguintes. Sempre que eu o vejo, ele está nos cabeçalhos do MuseWatch com as suas festas e a ligar-se a uma sequência de pessoas lindas. A especulação atual é de que ele está a recuperar e a acalmar a dor de um coração partido, mas são tretas.

Se ele amasse mesmo Eurídice como fazia parecer, não a teria tramado. No mínimo, teria pedido *desculpa* pelo mal que causou.

Em vez disso, aqui está ele, com um fato de estilista, encostado à parede ao lado de uma mulher que reconheço. Cassandra. A julgar pelo sorriso no seu belo rosto, tem o encanto em plena ação. Eu posso odiá-lo, mas até eu tenho de admitir que é imenso charme. A mãe dele é uma modelo coreana que até põe Afrodite em segundo plano, e o pai é um homem de negócios sueco.

Pela parte que lhe toca, Cassandra parece entediada com toda a experiência. É mais ou menos da minha altura, com uma cascata de cabelo ruivo brilhante e uma boca generosa que baixa naturalmente um pouco nos cantos. E também tem reputação de não deixar que ninguém lhe faça o ninho atrás da orelha.

— Larga-me — digo baixinho.

— Psique...

Pouso o resto da bebida e viro-me para olhar Eros. Eu sei que isto é um erro, mas não quero saber — o que parece estar a tornar-se costume em mim nos dias que correm. O álcool já me está a agitar as ideias, alimentando a raiva que há muito se gera dentro de mim.

— A Eurídice quase *morreu*. Tu não estavas lá naquela noite. A Perséfone estava. O homem a persegui-la com uma faca. A única

razão por que ela se encontrava nessa posição foi o Orfeu a ter vendido ao Zeus. — Eros tem o seu ar cuidadosamente inexpressivo estampado no rosto. Detesto esse ar. Detesto que ele seja capaz de manter os olhos postos no seu objetivo, ao passo que eu estou pronta para me armar em Calisto e ir à procura de uma faca para ir esfaquear Orfeu. — Larga-me — repito.

Por um segundo, julgo que não o fará, mas acaba por me soltar o tempo suficiente para pousar um braço sobre o meu ombro. Entre dois bateres de pálpebras, o seu sorriso de *playboy* volta ao lugar.

— Vamos ter uma conversa.

Hesito.

— Conheces o Orfeu?

Dou-me conta de como a pergunta é ridícula mesmo enquanto a digo. Eles não se movem propriamente nos mesmos círculos, mas é impossível não terem interagido até agora. Apolo está na sua posição há anos, portanto o seu irmão Orfeu terá frequentado as mesmas festas que Eros e eu. Foi assim que ele e Eurídice se conheceram.

— Quanto baste.

Não sei que jogo está a jogar e quase me distrai da minha raiva. Quase. Deixo que Eros nos conduza até Orfeu, que está tão concentrado em Cassandra que só levanta os olhos quando já estamos ao seu lado.

Fica sem pinga de cor quando me vê, o que quase me faz rir. Ou faria, não estivesse eu tão ocupada a tentar não gritar. Eros aperta-me ligeiramente o ombro, com uma expressão ainda perfeitamente descontraída.

— Orfeu, conheces a minha mulher, não é assim? — Olha para mim de relance, todo ele *playboy* encantador. — Ele não andava com a minha irmã mais nova?

— *Mulher?* — O homem parece que vai ficar indisposto. — Não sabia que eram namorados.

— Namorados, não. Casados. — O tom de voz de Eros muda e fico com os pelos da nuca eriçados. — Creio que isso agora faz da Eurídice minha irmã, não é?

Orfeu cambaleia um pouco. Não sei dizer se está bêbedo ou apenas com medo de Eros. Se calhar, se eu fosse melhor pessoa não sentia esta emoção mesquinha por ele estar quase a fazer chichi nas calças, mas quero que sofra. Viro-me para Eros e pressiono a mão no peito dele.

— É exatamente assim. — Sorrio, deixando entrar na minha expressão um tom cortante. — Eu sei como és protetor em relação à família, querido.

— Pois sou. Sou mesmo, verdadeiramente. — Inclina-se um pouco para a frente, não propriamente na cara de Orfeu, mas a ameaça continua lá. — Eu ficaria extremamente incomodado se alguém fizesse, mal à doce Euridicezinha. Compreendes, não compreendes?

Cassandra ganha vida. Os seus olhos escuros, destacados com um *eyeliner* preto afiado ao ponto de cortar, estreitam-se.

— Estás a ameaçar o irmão mais novo do Apolo?

— E se estiver?

Os lábios dela curvam-se.

— Não sou eu quem te vai deter. — Afasta-se da parede e acena com descontracção na direção de Orfeu. — Boa sorte com isso.

— Espera...

Abano a cabeça, com a raiva ainda a passar por cima do meu autodomínio.

— Aprende a interpretar o ambiente que te rodeia. Não és bem-vindo aqui. Sai.

— A Helena convidou-me. — Até o seu esgar é atraente. Saber isto deixa-me, quando muito, ainda mais zangada.

Eros olha por cima do ombro.

— Helena.

Ela aparece ao nosso lado, como por magia. Eu estava meio à espera de que uma nuvem de brilho caísse em cascata do seu corpo e do seu vestido, mas fica tudo no sítio. Tem uma expressão cuidadosamente neutra no rosto.

— Há problema?

— O Orfeu ficou mais tempo do que aquele em que era bem-vindo.

— Ah, isso. — Ela ri-se, um alegre tinido. — Sai agora, Orfeu.

Ele endireita-se, mas se acha que é capaz de intimidar aqueles dois, é mais palerma do que eu julgava possível.

— O meu irmão vai saber disto.

— Vai? — Helena inclina a cabeça de lado. — E também vai saber que andaste atrás da Cassandra que nem um tarado que não compreende a palavra «não»? Porque, pessoalmente, acho que o Apolo teria *imenso* interesse em saber isso.

Ah. Então os rumores sobre Apolo e Cassandra são verdadeiros, pelo menos no que toca ao interesse dele por ela. Pelo que vi, ela dá-lhe tanta atenção como a Orfeu — ou seja, apenas o bastante para escapar à sua presença sempre que ele aparece. O facto de trabalharem juntos parece complicar ainda mais o problema.

Orfeu parece dar-se conta de que levaram a melhor sobre si e lança um olhar fulminante.

— Não me podem tratar assim.

— Meu querido. — A doçura do tom de Helena esconde um punhal pérfido. — Olha à volta da sala. Todos nós temos algum tipo de ligação aos Treze. Não és especial. Vai brincar com os teus fãs e não te dêes ao trabalho de aparecer em mais festas minhas. Será horrivelmente constrangedor pedir aos seguranças que te levem à porta.

Ele pragueja, mas vira-se e vai-se embora, com os olhos de todos os presentes postos em si. Só quando a porta se fecha atrás dele é que Helena sacode o cabelo do ombro.

— Meus deuses, é *tão* parvalhão. Porque é que o convidei mesmo?

— Porque disseste que é um parvalhão a quem gostavas de montar a cara — diz Eros brandamente.

— Ah. Isso. — Helena estala os dedos. — Certo. Esqueci-me. — Pede-me desculpa com um olhar que parece genuíno. — Obviamente, eu não lhe teria tocado enquanto ele esteve com a tua irmã, mas tenho um péssimo gosto em matéria de homens e um gosto acima de questionável no que toca a mulheres. Não há nada a fazer.

— Estou... a ver. — Não lhe levo a mal. Porque haveria ela de se preocupar com a saúde emocional de Eurídice? Não se conhecem e, nesta cidade, é cada um por si, especialmente com esta malta. Estampo um sorriso no rosto. — Sem ressentimentos.

— É giro, quando mentes. — O sorriso dela aguça-se. — Eu falei a sério. Para mim, ele está morto. Acabaram-se as festas, o sentar-me na cara dele. Nesta altura, és praticamente família e a família mantém-se junta, para o bem e para o mal.

Não posso confiar nela. Não posso confiar em ninguém nesta sala, incluindo Eros. Mas quando deixo Helena levar-me para a sala de jantar para dar início ao jogo das bebidas, dou por mim a desejar poder confiar.



## Capítulo 25

### Eros

A minha mulher está bêbeda. Excessivamente bêbeda. Encosta-se a mim enquanto tento enfiar-lhe o casaco. Psique é gira até com uma tosca, e a irritação que eu podia ter sentido se ela fosse outra pessoa não está em lado nenhum.

— Gosto dela.

Psique descansa o rosto no meu peito e sorri para Helena.

— Também gosto de ti.

Helena está descontraída pela primeira vez desde a nossa chegada. Toda a gente se foi embora, até Eris, e ela deixou que o seu alter-ego frenético se dissipasse.

— Podem dormir aqui, se quiserem.

Seria mais seguro, mas, infelizmente, tenho de pôr na balança o pequeno perigo de voltar à minha *penthouse* e a quantidade de danos que ficar poderia provocar. Lanço-lhe um olhar.

— E quando formos fotografados de manhã, a ir embora, vão passar a história de nos termos envolvido nalgum sórdido *ménage à trois* porque a chama já se extinguiu no nosso casamento, passada apenas uma semana. Ela encolhe os ombros.

— Se fosses outra pessoa e ela não estivesse tão enfrascada, eu considerava essa hipótese.

— Os teus elogios deixam muito a desejar. — Solto uma risadinha enquanto Psique se afasta de mim aos esses e tenho de enlaçar-lhe a cintura com o braço para a manter direita. — Mas não devias ter feitos jogos de bebida com a minha mulher.

— Ela parecia estar a divertir-se.

— Eu estava! — Psique cambaleia e eu tenho de dar dois passos para a contrabalançar.

E é justamente por essa altura que me apercebo de que Helena também não está propriamente sóbria. *Caraças*.

— Tranca a porta quando eu sair.

— Sim, Eros. — Ela rasga um sorriso. — O casamento fica-te bem. Pareces feliz. Devias ficar com ela.

É o que planeio fazer.

Não posso dizer isto em voz alta. Não aqui. Seguramente, não assim. — Até à vista.

Insto Psique a sair pela porta, com passo arrastado, faço uma pausa suficientemente longa para ouvir Helena trancar a porta com a trava, e depois encaminhamo-nos para o elevador. Quando estamos encerrados no interior, olho de relance para Psique:

— Estás maldisposta?

— Não. — Não consegue abrir completamente os olhos. — Só apatetada.

Vamos ver se continua assim quando entrarmos no carro, mas posso sempre abrir uma nesga do vidro e esperar que o ar frio da noite combata qualquer enjoo de movimento. Ajusto cuidadosamente a maneira como a agarro quando ela balança.

— Divertiste-te?

— Sim? — Abana a cabeça. — Meus deuses, estou bêbeda. Não me embebedo assim desde o meu vigésimo primeiro aniversário. E isso foi só porque a Perséfone e a Calisto me pregaram uma partida. — Franze o sobrolho. — Desculpa. Eu estava tão nervosa e depois a Helena foi tão exuberante que perdi a conta às bebidas.

— É uma coisa habitual nas festas da Helena.

Psique desembucha atabalhoadamente verdades, e uma parte de mim quer pressioná-la a dar informação. Não, não é informação. Não posso fingir que se trata de outra coisa que não o querer saber o que ela pensa de facto sobre mim. Descobrir se ela desliza, cada vez mais perto de se apaixonar por mim, tal como eu me lancei para

lá do ponto em que havia volta a dar, tudo enquanto estava distraído. Consigo resistir a um interrogatório, mas por pouco.

Sabe bem tê-la nos meus braços, doce e macia. Está ainda mais bonita. Estudo os nossos reflexos nas portas espelhadas do elevador. Ficamos...

bem juntos. Não só como ficam bem duas pessoas atraentes quando estão lado a lado. Psique pousa a cabeça no meu ombro e fecha os olhos. Como se fôssemos um casal a sério. Esta intimidade casual faz o meu peito doer com um anseio tão feroz que mal consigo respirar.

Se eu conseguir arranjar maneira de escaparmos à ameaça da minha mãe, se conseguirmos aprender a viver juntos... Podíamos ser nós, assim. Sempre.

Um casal a sério. A dor no meu peito intensifica-se. Eu quero isto, quero-o tanto que não consigo evitar puxar Psique para mim. Entre nós os dois, vamos arranjar uma maneira de seguir em frente. Já provámos que somos uma equipa extraordinária quando juntamos as cabeças.

A minha mãe não tem hipótese.

Depois, as portas do elevador abrem-se para um estacionamento interno e a minha inábil esperança esvai-se.

O prédio de Helena é muito semelhante ao meu no que toca a segurança. Há guardas posicionados tanto às entradas dos elevadores como à própria entrada do estacionamento. Quando chegámos, havia uma mulher no cubículo ao lado do elevador.

Agora está vazio.

Talvez haja uma explicação razoável para isto, mas não estou disposto a apostar a vida de Psique nisso. Mudo-a de posição, para que fique entre mim e o elevador, pensando depressa. O meu carro está três filas mais abaixo. Não consigo vê-lo daqui. É certo que não consigo alcançá-lo, fazer uma busca para assegurar que está em segurança e levar-nos daqui sem perder Psique de vista. Se ela estivesse mais sóbria, talvez, mas esse navio já zarpou.

Voltar a subir ao apartamento de Helena pode funcionar, mas é arriscado em vários sentidos. Ou lhe levo problemas, ou já aterrou na cama e não nos ouvirá nem que eu tente mandar a porta abaixo ao pontapé. Nenhuma das coisas é boa ideia.

Deixa-me apenas uma opção.

Obrigo Psique a entrar no cubículo do segurança. A porta está ligeiramente aberta, mais um sinal de que alguma coisa correu terrivelmente mal. Empurro-a para o interior e seguro-lhe o rosto com as mãos em concha.

— Psique, preciso que te ponhas sóbria e é já.

Ela bate as pestanas sobre aqueles grandes olhos e anui.

— Vou tentar.

É uma causa perdida, mas se eu conseguir que ela se concentre durante uns minutos, vai correr bem. Pego no telefone e ponho-lho nas mãos.

— Preciso que ligue para o gabinete da segurança e lhes digas que houve aqui uma falha. Não sabemos onde está o guarda. Consegues fazer isso?

— Sim?

Merda, não tenho a certeza, mas vai ter de servir. Largo-a e vou para a porta.

— Não abras esta porta a ninguém, a não ser eu. Compreendes? Nem a um guarda, nem ao chefe da segurança, nem sequer ao próprio Zeus.

— Eu não a abriria ao Zeus. Ele parece meio parvalhão.

Aceno com a cabeça.

— Sem dúvida, um parvalhão.

Então não há nada a fazer a não ser deixá-la aqui e esperar que corra tudo bem. Saio do cubículo e fecho a porta atrás de mim. Tranca-se automaticamente, um pequeno alívio. O vidro também é à prova de balas e a base é de cimento sólido, portanto, mesmo que

alguém chocasse com ele, provocaria mais danos no veículo do que no próprio cubículo. Ela está o mais segura que neste momento consigo.

Eu sabia que devia ter trazido uma arma. Raramente vou a algum lado sem uma, mas os anfitriões têm tendência a franzir o sobrolho a esse tipo de coisas. Tirando algumas exceções, as festas em Olimpo gostam de confinar a violência a palavras e jogos de poder. Os Treze e os seus núcleos duros gostam de fingir que são o cúmulo da classe; reservam o trabalho sujo para a sombra na parte mais escura da noite.

No entanto, *tenho* uma arma no carro.

Desloco-me devagar pelo corredor central do estacionamento, dando o meu melhor para manter Psique à vista. Ela está ao telefone, o seu rosto é uma máscara de ébria concentração, por isso espero que haja reforços em breve. Não posso propriamente confiar na segurança deste prédio, pelo menos no que toca à segurança dela, mas posso confiar que Helena os esfolia vivos se me acontecer alguma coisa. Eles sabem disso e não vão arriscar movimentos abertos contra mim e os meus.

Mas podem levar todo o tempo do mundo a chegar aqui, se a minha mãe os contactou.

O estacionamento interior está o mais bem iluminado que é possível, o que significa que está cheio de sombras. Todos os carros por que passo são extremamente caros e brilham à luz fraca. O único som que se ouve é o raspar dos meus sapatos no cimento.

É tão tentador assumir que estou a ser paranoico. É possível que o segurança tenha ido à casa de banho, ou assim, mas em todos os anos em que visito Helena, nunca vi aquele cubículo deserto. Não posso correr riscos com a vida de Psique.

Chego ao meu carro. Não parece ter sido mexido, mas olho em volta depois baixo-me para ligar a lanterna do telemóvel e verificar o chassis. Sinceramente, não acredito que a minha mãe esteja tão zangada que *me* faça mal, mas é suficientemente volúvel para eu

não poder tomar nada como garantido. Cinco minutos mais tarde, estou convencido de que ninguém mexeu no meu carro.

E é então que ouço o primeiro tiro. Mal é um sussurro de som, um pequeno assobio de bala a passar por um silenciador. Um estalar de vidro. Psique grita.

Num instante, estou de pé e em movimento. Dar uma corrida pelo espaço principal é tentador como a porra, mas pintaria em mim um alvo enorme. Se eu fosse o atirador, dispararia sobre mim e usaria isso para atrair Psique para fora do cubículo. A minha mãe pode não me querer morto, mas duvido de que ficasse furiosa com um ferimento na carne se isso removeesse a minha mulher da fotografia.

Baixo-me entre os carros, deslocando-me o mais depressa possível e mantendo-me agachado para evitar ser visto. Outro tiro. Um terceiro. Psique parou de gritar, mas o vidro não se estilhaçou. Continua em segurança.

O atirador fica visível quando chego ao fim da fila. É um tipo branco e baixo, com banais calças de ganga pretas, *T-shirt* preta e boné de beisebol preto. Olha em volta, sabendo obviamente que eu estou naquela área, e recuo bruscamente para a sombra entre dois carros. O homem arrasta-se num círculo lento enquanto recarrega a arma, antes de se virar para apontar ao cubículo. Prime o gatilho, alargando a teia de aranha estilhaçada no vidro mesmo em frente ao rosto de Psique.

A raiva e o medo fazem curto-circuito no meu cérebro. Deixo de pensar, deixo de me preocupar com os próximos passos. Invisto sobre ele.

Começa a virar-se, mas sou rápido de mais. Derrubo-o num ataque em voo que faz a arma escorregar para o chão. Não faz mal. Não preciso dela.

Não lhe dou oportunidade de me dar a volta. Simplesmente, esbarro com a cara dele no chão uma, duas, três vezes e depois ainda mais uma. O homem fica mole. Tenho as mãos a tremer. Por que porra é que me tremem as mãos? Ajoelho-me em cima das

costas dele, dividido entre o assegurar que nunca mais se levanta e o não querer mostrar exatamente como sou monstruoso enquanto ainda sinto Psique a observar-me. Saber do que sou capaz é uma coisa. Vê-lo é outra completamente diferente.

— Eros! — A sua voz é um pouco abafada pelo vidro, más não há como enganar que o medo está lá. Não quero olhar, nunca mais quero ver aquele medo dirigido novamente a *mim*. Por mais que o mereça — e mereço. Sou uma trapalhada de merda.

O som da porta do cubículo a abrir faz aquilo que mais nada pode fazer; põe-me em movimento. Saio de cima do homem e vou colocar-me entre ele e Psique.

Mas ela não está a olhar para ele. Cai nos meus braços e agarra-se a mim com uma força que me tira o fôlego.

— *Parvo*. Onde é que tinhas a cabeça? Ele podia ter-te matado. O choque faz-me ficar especado no lugar.

— Ele estava a disparar contra ti.

Psique bate com o punho no meu peito e olha-me com os olhos brilhantes.

— Nunca mais faças isso. Se ele te matasse, eu...

As portas do elevador abrem-se, interrompendo fosse o que fosse que ela estivesse prestes a dizer. Espalha-se pessoal da segurança pela área. As coisas acontecem depressa depois disso. Quando se dão conta de que se trata de um incidente entre membros do Treze, detêm o assassino e ficam à espera de que o pessoal de Ares chegue para resolver as coisas. Deixo os meus dados e apresso Psique a entrar no meu carro.

Ela afunda-se no assento, aninhando-se no meu casaco. Está rapidamente a ficar sóbria e não gosto nada de que pareça tão assustada, mas não estendo a mão por recear que se encolha de mim. Viro para a rua e dirijo-me ao meu prédio.

— Não vou deixar que nada te aconteça.

Ela agarra o meu casaco com tanta força que tem os nós dos dedos brancos.

— Escapou-te a parte em que eu estava preocupada contigo?

— Eu tinha as coisas sob controlo. — Como ela continua a parecer não estar convencida, tento elaborar mais. — Mesmo que não tivesse, a minha mãe não *me* quer morto.

— Basta uma bala, e não importa o que a Afrodite quer. — Fecha os olhos, mas abre-os imediatamente e desce um pouco o vidro da janela. — Não estou suficientemente sóbria para falar sobre isto. Desculpa.

— Não peças desculpa. — *Eu* é que peço, mas apenas por a minha mãe ter conseguido estragar aquilo que foi uma noite mesmo boa. Antes disto, estávamos a divertir-nos, tínhamos escavado uma minúscula saída naquilo que supostamente seria um espaço seguro. Psique conheceu alguma da minha gente, baixou um pouquinho a guarda e aquilo que recebeu pelo esforço foi um atentado contra a sua vida. — Esta cidade é uma porra de um veneno.

— Vai haver consequências pela noite de hoje. — Os seus olhos deslizam novamente para se fecharem e, desta vez, não os abre.

— Pois vai — digo baixinho.

O homicídio não é legal em Olimpo. Longe disso. Isso não impede os Treze de terem pessoas como eu a fazer-lhes o trabalho sujo na sombra, mas é uma coisa de que não se fala. Ao atacar Psique no prédio de Helena, quando saímos da festa de Helena, a minha mãe trouxe a nossa porcaria à luz do dia — ou trará, caso o ataque possa ser associado, ainda que remotamente, a ela. Neste momento, é esse o grande «se». Zeus vai envolver-se na questão porque a irmã está indiretamente envolvida. Ares vai começar uma investigação. Sem dúvida, Deméter e Perséfone vão aparecer à porta no instante em que souberem da notícia, o que significa que Hades também estará envolvido.

As coisas já estavam complicadas e ainda vão ficar mais.



Eu devia estar contente, mas não consigo livrar-me da sensação de que isto vai, de alguma maneira, explodir em cima de mim. A minha mãe, às vezes, é extremamente impulsiva, mas não é parva. Ter-se-á certificado de que nada disto é associado a ela — ou, pelo menos, não é diretamente associado *apenas* a ela.

Não, outra pessoa pagará o preço pelos acontecimentos desta noite. Tenho a certeza.

Pouco importa a eficácia com que Psique argumentou para vir à festa hoje à noite. Eu conhecia o risco, sabia que a minha mãe não pararia. Só que julguei, tolamente, que podia protegê-la. Não me ocorreu que Afrodite tivesse a ousadia de nos atacar no estacionamento do prédio da irmã de Zeus, e Psique podia ter ficado ferida como consequência da minha arrogância.

Fiz merda.

## Capítulo 26

### Psique

Acordo na cama com uma dor de cabeça lancinante. A última coisa que recordo da noite passada é ter perdido a batalha de tentar manter os olhos abertos no carro de Eros. O que significa que ele me levou para a cama. Outra vez. Solto um gemido e viro-me, encontrando uma garrafa de *Gatorade* e comprimidos *Tylenol* na mesinha de cabeceira. Não há bilhete, mas porque haveria? Eros é demasiado prático para tentar tornar este gesto romântico.

E, no entanto... *parece* romântico.

Está a cuidar de mim. Sem elã, sem gestos espalhafatosos. Um simples ato para ir ao encontro das minhas necessidades. É estranho e um pouco enervante e gosto muito mais do que devia.

Consigo sentar-me e tomar os comprimidos, depois faço um desvio até à casa de banho para escovar o sabor horrível que tenho na boca e tomo um duche rápido. Chegada a altura de me vestir e ir a procura de Eros, sinto-me meio humana.

Vou encontrá-lo na sala segura, embrenhado nuns dados que aparecem nos monitores de computador à sua frente. Olha de relance quando entro e o seu sorrisinho não me consegue distrair das olheiras que tem sob os olhos azuis. Paro.

— Dormiste, sequer?

— Não tive tempo. — Vira-se de novo para os monitores. — Já temos uma convocatória do Perseu... Zeus... mais para o fim da manhã. Eu sei que queríamos tê-lo em reserva como último recurso, mas isso são águas passadas e, sinceramente, se ele não me tivesse convocado, eu ter-lhe-ia telefonado para marcar uma reunião.

Porque Afrodite fez as coisas escalarem. Acho que uma parte de mim continuou a acreditar até agora que ela estava a fazer *bluff*.

Não está, o que significa que precisamos de armas maiores do que Eros ou eu podemos trazer para a luta. Inspiro devagar.

— Qual é o plano?

— Não há esperança de manter isto escondido. Mesmo que o assassino não fale, temos de contar a verdade, ou arriscamo-nos a que os Treze caiam todos em cima de nós, o que tornaria pública toda a nossa porcaria. Pelo menos Zeus tem motivação para encontrar uma solução entre quatro paredes.

O peso que sinto no peito manifesta-se no rosto dele.

— Ele não se vai pôr do nosso lado contra Afrodite. Ela faz parte dos Treze.

— Os Treze são regidos por leis específicas que os proíbem de se perseguirem e às respetivas famílias. É com isso que vamos jogar. — Eros suspira. — Se fosse o velho Zeus, concordava contigo, que é rebuscado. Mas mesmo que já não sejamos amigos, conheço o Perseu desde que éramos miúdos. Ele não vai deixar a minha mãe safar-se com isto.

— Talvez. Ou talvez decida que a estabilidade de Olimpo vale mais do que a nossa vida.

— Ele não vai deixar que ela te mate. Pode dizer-se muita coisa dele, mas o Perseu não é o seu pai. Confia em mim, mesmo que não confies nele. Ouçamos o que tem para dizer e, a partir daí, logo vemos. — Eros olha de relance para o relógio. — Temos de sair daqui a duas horas.

Não sei como pode estar tão calmo, quando uma coisa verdadeiramente desastrosa se avoluma dentro de mim. Tenho de pôr uma certa distância entre nós, para expelir parte desta sensação horrível que tenho dentro de mim. Quanto mais tempo aqui ficar, mais os acontecimentos da noite passada me varrem em ondas. O medo, quando aquele homem ergueu a arma e apontou para a minha cara, a terrível perceção de que o vidro não aguentaria para sempre... não foi nada, comparado com o terror que senti quando Eros apareceu e mandou o tipo ao chão.

Por natureza, enfrento verdades duras. Posso mentir à maior parte das pessoas nesta cidade, mas não consigo sobreviver se mentir a mim própria. Eu sei o que significa esse medo, mesmo que não esteja preparada para o admitir a mim mesma.

— Tenho de ir.

Ele tem um repente como se eu o tivesse golpeado.

— O quê? Não te podes ir embora.

— Não me vou embora. Vou sair. — Não estou a fazer sentido. Sei que não estou a fazer sentido, mas parece que não consigo evitá-lo. O pânico trepa pela minha garganta acima. Transponho a porta, a recuar. — É só que... eu não consigo.

— Espera, Psique. — Eros, o meu aterrador monstro de homem, parece efetivamente preocupado comigo, o que só piora o meu pânico. Quando foi que comecei a olhar para ele como homem e não como rival? É de mais. Sem dúvida, cedo de mais.

Continuo a recuar, e ele a seguir-me, ainda com um ar confuso e preocupado. Pelo menos, mantém a distância, mas está longe de ser suficiente para o meu estado de espírito.

— Fala comigo.

Abano a cabeça.

— Não consigo fazer isto.

Segue-me pelo corredor, mantendo uma cuidadosa distância entre nós, mesmo quando estende o braço para mim.

— Nós vamos arranjar uma maneira de ultrapassar isto. A gente dela não te vai tocar.

Mas não terão de o fazer, pois não? Solto um riso histérico. Afrodite não terá de me arrancar o coração, porque Eros já corre o perigo de completar essa missão. Não precisa de ter literalmente o meu coração nas mãos para me esmagar irremediavelmente. Já está perto de mais, é arrasador de mais, de mais, raios. Recuo até ao átrio, a divisão dos espelhos, e paro abruptamente quando

enfrento dezenas de reflexos de nós dois, projetadas de todas as Superfícies disponíveis.

— Eros, eu...

Move-se mais depressa do que eu esperava e agarra-me as mãos. Um toque leve, mas já sei que se puxar não serei capaz de me libertar.

— Por favor — sussurro.

— Fala comigo — repete ele. — Não consigo lutar contra aquilo que não veio.

Oh, deuses meus. Estou mesmo a apaixonar-me por este homem. Fecho os olhos e solta-se uma única lágrima. Não consigo controlar o que sinto — já mais do que provei isso —, mas pelo menos não tenho de lhe contar. Não sei como ele reagiria e, sinceramente, não suporto a ideia de ver frieza nos olhos de Eros em resposta.

Em vez disso, opto por uma verdade diferente.

— Estou assustada.

Eros tem um ar efetivamente sofrido.

— Lamento — acaba por dizer. — Eu devia estar à espera de que ela atacasse daquela maneira, mas não estava. Não se vai repetir. Tenho consciência de que não tens nenhuma razão para confiar em mim, por causa do que sou, mas...

— Por causa do que és — repito. O meu medo é de uma raiva feroz, a emoção é tão forte que todo o meu corpo treme. — E o que és, Eros?

Ele solta-me o pulso e recua um passo. Os espelhos que nos rodeiam mostram imagens nossas de todas as direções e há algo adequado nisso, mas estou demasiado concentrada no homem à minha frente para seguir este pensamento. Ele desvia o olhar, mas a sua atenção fica presa no reflexo do espelho mais próximo e ele faz uma careta.

— Tu sabes quem eu sou.

— Faz-me a vontade.

Curva os lábios, mas os seus olhos não estão felizes. Acena com a mão para o espelho à sua direita.

— Falhado.

O espelho à esquerda.

— Assassino.

O que está atrás de si.

— Monstro.

— Eros — sussurro.

Já falou muitas vezes de ser um monstro e, embora eu possa admitir que as suas ações passadas foram monstruosas, não gosto nada de que ele arque com as culpas todas e ignore as condições que o levaram a esse ponto. Não posso mudar a sua maneira de pensar. Nem sequer tenho a certeza de se devia tentar.

Mas, depois do que aconteceu naquele estacionamento, não consigo evitar querer fazê-lo.

— Não te podes ir embora. — O seu tom baixo combina com o meu. — Tenho a certeza de que, neste momento, não queres ver a minha cara, mas este é o único lugar de Olimpo onde sei que estás a salvo da minha mãe. Portanto... por favor. Por favor, não vás embora.

— Eros — repito. — Gostavas de saber o que vejo quando olho para ti?

Ele estremece. Este homem frio e arrogante *estremece* com a minha pergunta.

— Calculo que seja o mínimo que posso fazer, depois de tudo o que te fiz passar.

*Oh, Eros.*

Faço deslizar a minha mão na dele. Está tão tenso, vejo que se debate para não se afastar de mim, para se refugiar em algo semelhante a uma distância mais segura. Viro-nos aos dois para

enfrentarmos o espelho que está ao lado da porta da frente. Eros está a tentar fechar a sua expressão, mas continua a ter um ar sofrido quando inspiro profundamente.

— Vejo alguém leal.

A mão dele tem um espasmo na minha.

— Psique...

— Ainda não acabei. — Viro-nos um espelho para a direita. — Vejo alguém ambicioso.

— Não sei se isso é bem uma virtude — diz entre dentes.

Mas permite-me que eu nos oriente para olharmos o próximo espelho.

— Vejo alguém simultaneamente esperto e inteligente.

— São a mesma coisa.

— Não são nada.

Lança-me um olhar atormentado.

— Porque é que estás a fazer isto?

*Porque te amo.* Engulo em seco.

— Porque só te disseram o que é negativo em ti durante tanto tempo que é a única coisa em que acreditas. Todas as pessoas contêm um equilíbrio de bom e mau dentro de si. Até tu. *Sobretudo* tu.

— Psique... — Baixa os olhos para mim como se nunca me tivesse visto. — Eu não te mereço.

Aquele sentimento feroz dentro de mim torna-se mais forte.

— Acho que já deixámos claro que sou um ser humano com falhas, tal como tu.

— Não. Não como eu.

Vira-me para que eu enfrente os espelhos e vai para trás de mim. Ficamos bem assim, mesmo com o olhar dele um pouco desvairado e eu a tremer como varas verdes. Eu nunca nos teria

alinhado como casal que encaixasse, mas o nosso tempo juntos mais do que provou que estava enganada.

Eros enrola o meu cabelo num punho, sem que os seus olhos deixem os meus.

— Sabes o que vejo quando olho para ti?

Abro a boca para fazer uma piada, mas as palavras morrem antes de deixarem a minha língua. Passo a língua pelos lábios.

— Não sou eu que estou aqui em questão.

— Enganas-te, bela rapariga. Sempre foste tu que estiveste em questão. — Ele inspira e eu sinto os finos tremores do seu corpo, onde este faz pressão nas minhas costas. Eros fala tão baixinho que as palavras quase me passam despercebidas. — Vejo uma mulher que não mereço, mas tu fazes com que eu queira ser um homem melhor, para um dia poder merecer-te. Vejo uma *deusa*.

Viro-me nos braços dele. As palavras que prometi a mim mesma não dizer borbulham dentro de mim e eu faço a única coisa que me ocorre para as manter cá dentro. Beijo-o. No instante em que os meus lábios tocam os de Eros, é como se algo explodisse entre nós. Ele usa o facto de ter o meu cabelo preso no punho para inclinar a minha cabeça para trás e aprofundar o beijo. Eu nunca, mas nunca me hei de faltar de beijar Eros. Transforma isto numa forma de arte, uma ligação intoxicante que me sobe à cabeça.

Interrompe o beijo o tempo suficiente para dizer:

— Preciso de ti, mulher.

— Sim. — Agarro a bainha da sua camisa e puxo-lha por cima da cabeça. — Eu também preciso de ti.

— Já me tens. — Mas agarra-me as mãos, impedindo-me de lhe desapertar a parte da frente das calças. — Espera. Preservativo.

É a coisa racional e inteligente a considerar, mas, neste momento, não quero ser racional nem inteligente.

— Eu sei que dissemos que não tomaríamos esta decisão no calor do momento, mas não quero usar preservativo. — Hesito. — A



menos que tu queiras.

Faz-se sentir de novo aquele tremor nas suas mãos, que me envolvem os pulsos.

— Tens a certeza?

Não me importa que seja imprudente; já estou a anuir.

— Não quero que haja nada entre nós. Só te quero a ti.

Leva-me à letra. Eros reclama a minha boca enquanto se atarefa a despir-me as cuecas e o sutiã. As suas calças caem no chão um mero momento mais tarde, e depois o seu corpo nu encosta-se ao meu, o suave deslizar da sua pele na minha a subir-me à cabeça. Mergulho as mãos nos seus caracóis e puxo, trazendo-o para o chão sobre mim.

Só chego a desfrutar da sensação de ter o peso do seu corpo a pressionar-me contra o chão frio de mármore por um instante, após o que recua para se ajoelhar entre as minhas pernas abertas. A expressão do seu rosto... Não duvido, nem por um momento, de que me vê como a deusa que diz ver. A minha autoestima é bastante saudável, mas quando Eros olha para mim com tanta intensidade, sinto que podia caminhar sobre água.

Quero dar-lhe a mesma sensação. Começo a procurá-lo, mas ele abana a cabeça com força.

— Ainda não. Se me tocares agora, vou estar dentro de ti no próximo instante.

— Parece-me um plano.

Abana novamente a cabeça.

— Ainda não — repete. Eros desliza as mãos pelas minhas coxas, pressionando-as para abrirem bem, e continua o seu caminho até chegar ao meu sexo. Enfia dois dedos dentro de mim e pragueja. — Estás toda molhada, porra.

— É o que tu me fazes — digo, arquejando, e arqueio as costas enquanto ele torce o pulso para me passar os dedos no ponto G. — Mais!

— Já te dou mais. Dou-te tudo aquilo de que precisas. — Não acelera, contudo, e quando tento cravar os calcanhares no chão para subir as ancas, ele pousa a mão no meu baixo-ventre para me manter exatamente onde me quer. Sabe tão bem, e é ainda mais escaldante pela proximidade com que ele me observa.

Eros vira a cabeça.

— Olha.

Sigo o olhar dele até ao nosso reflexo no espelho. É sensual tê-lo ajoelhado sobre mim, a aumentar cada vez mais o meu prazer, mas olhar para a cena como se fosse outra pessoa a observar-nos? Quase entro em combustão ali mesmo. E depois Eros começa a fazer círculos no meu clítoris com o polegar e entro *mesmo*.

Quase nem me deixa acabar de me vir e já me está a conduzir de maneira que eu fique deitada de barriga para baixo e depois de gatas.

— Vejo que tens uma veia de exibicionista. — Passa a mão pela minha espinha e eu gemo em resposta. — Ou será de *voyeuse*?

— Ambas. — Levanto a cabeça para o ver passar para trás de mim, as mãos encontram as minhas ancas e impelem-me para a posição em que me quer. Não consigo recobrar o fôlego, mas não me importo. — Mas só contigo. Só assim. — Um espetáculo executado e assistido apenas por nós dois.

— Ótimo. — A palavra sai quase como um grunhido. — Não quero partilhar-te, bela rapariga.

— Também não te quero partilhar. — Nenhuma parte disto. E com ninguém.

Fecha os olhos por um momento.

— Última oportunidade, Psique. Tens a certeza?

Não é preciso perguntar a que se refere.

— Sem preservativo — confirmo.

Eros não volta a falar. Avança, conduzindo a pila para a entrada do meu sexo. Fico perfeitamente imóvel, de olhos fixos na

expressão atormentada do seu rosto quando se afunda dentro de mim, centímetro a centímetro.

— És tão lindo — murmuro.

Ele ri-se um pouco, um som engasgado.

— É só... — Faz uma inspiração arrastada. — Sinto que é a verdade, quando olhas assim para mim.

— E é a verdade.

Reclama as minhas ancas e começa a mover-se, deslizando para dentro e fora de mim com investidas suaves. Sabe tão bem que mal consigo manter os olhos abertos, e não conseguiria se não fosse o espetáculo que estamos a dar para uma assistência de dois. Eros põe a uso todos os músculos do seu impressionante corpo, todos eles com a intenção de me trazer a maior quantidade de prazer. Antes que eu consiga entrar completamente no ritmo das suas investidas, ele dobra-se para firmar uma mão no chão, ao lado da minha, e faz deslizar a outra pelo meu estômago abaixo para me afagar o clítoris.

— Menina ordinária — murmura contra a minha pele. — Queixas-te destes espelhos todos, como se não ficasses excitada por eu te foder à frente deles.

Gemo e arqueio as costas, fazendo um ângulo com as ancas para o receber ainda mais fundo.

— Acho... — Ganha velocidade e eu perco o fôlego. — Posso ser convencida... sobre os espelhos... a gostar deles.

— És uma dádiva, Psique Dimitriou. A porra de uma *dádiva*. — Beija-me o ombro, o pescoço, o ponto sensível atrás da minha orelha. Tudo isso enquanto continua com aqueles pequenos círculos arrasadores no meu clítoris, os movimentos igualmente arrasadores bem fundo dentro de mim.

Tento aguentar. Tento mesmo. Não quero que isto acabe, não quero que este momento perfeito se esvaia até à realidade e todos os problemas que esperam por nós.

O meu corpo tem uma ideia diferente.

Grito quando me venho com toda a força, apertando-o bem. Eros pragueja como se eu o tivesse surpreendido e acelera o ritmo, mergulhando em mim até as suas investidas se tornarem irregulares e ele me seguir para o precipício.

Ele abandona-se, meio em cima de mim. É pesado, mas eu gosto. Parece que ele continua a ancorar-me ao aqui e agora, mesmo enquanto reaprendemos a respirar.

Eros afasta-me o cabelo da cara.

— Magoei-te?

Os meus joelhos já doem em sintonia com o meu coração acelerado. É perfeito. Ergo-me o suficiente para o beijar.

— Obrigada.

Algo nele relaxa e o meu cérebro, drogado de prazer, apercebe-se de que ele estava de facto preocupado com a possibilidade de isto ter sido de mais. Estendo o braço antes de encontrar uma razão para não o fazer. Os meus dedos encontram o cabelo dele e o sorrisinho que ele me oferece faz disparar o meu coração. Passo a língua pelos lábios.

— Estava a falar a sério em relação aos espelhos. Convinceste-me de que são uma mais-valia.

— Eu sabia que ias acabar por reconsiderar. — Vira a cabeça e beija-me o pulso. Ficamos assim deitados durante um longo momento, até ele olhar finalmente para o relógio e fazer uma careta. — Já sentes as pernas? Precisamos de nos pôr a andar, se não queremos chegar tarde.

Isto arranca-me uma gargalhada.

— Que arrogante.

— É arrogância se for verdade?

Ainda estou a sorrir quando ele se põe em pé e me puxa para si.

— É. Mas não pares. Eu gosto.

## Capítulo 27

### Eros

Encontramo-nos com Zeus na Torre de Dodona.

É uma experiência um bocado alucinada. A última vez que aqui estive para uma reunião, foi com o último Zeus. Ando por cá há tempo suficiente para ter visto vários dos títulos dos Treze mudarem de umas pessoas para outras, mas uma parte de mim acreditava que aquele sacana ia viver para sempre. Sei que Perseu sentia o mesmo; ele tinha a certeza de que teria pelo menos mais uma década até Zeus nos fazer finalmente um favor a todos e bater as botas.

Ninguém esperava que ele desse uma queda da janela do seu escritório há uns meses.

Felizmente, o escritório onde reunimos com Perseu — Zeus — não é o mesmo. É aquele onde ele trabalha há anos, desde que tomou em mãos a maior parte das tarefas quotidianas da gestão da empresa do pai. Agora *sua*.

Olho de relance para Psique. Por mais inconventional que seja, fazer sexo à frente daqueles espelhos todos parece ter firmado o chão sob os seus pés. Perdeu a expressão desvairada do olhar e tem a sua *persona* pública bem no lugar. Calma, tranquila, composta. O único indício de nervos é o facto de a mão que agarra a minha ter os nós dos dedos brancos.

Não sou como ela. Sou merdoso a consolar. Nunca tive de o fazer antes, nunca tive de procurar as palavras certas para dizer. Porra, nunca quis fazê-lo. Ela deu-me há pouco um presente tal que não posso fazer mais nada a não ser tentar.

— Vai correr bem.

— Isso é o que vamos ver.

— O Perseu não é o Zeus.

Ela olha para mim.

— É essa a questão, Eros. O Perseu é o Zeus. Pode ter sido teu amigo até este momento, mas agora é essencialmente o rei de Olimpo. Isso muda uma pessoa.

Eu sei isso. Claro que sei. Mas uma parte de mim rebela-se na mesma. Nunca fui tão próximo de Perseu como sou de Helena ou até de Eris. Mesmo assim, *conheço-o*.

— Vamos entrar.

Abro-lhe a porta e fico a segurá-la enquanto ela entra à minha frente no escritório. É quase igual a todos os outros escritórios neste prédio. Aço, mármore, vidro e pouco mais. Perseu está sentado atrás da sua secretária maciça, os dedos espetados em frente da boca. Sempre foi um belo parvalhão e não me vai agradecer por eu dizer isto, mas tem mesmo os ares do pai. Corpo atlético, maxilar quadrado e forte, cabelo louro-dourado, os mesmos frios olhos azuis.

Indica com um gesto as cadeiras à frente da secretária, e eu espero que Psique se sente para depois ficar com a vazia. Perseu desvia os olhos entre mim e ela, até finalmente parar em mim.

— O meu pai morreu há dois meses. Não podiam resistir mais tempo para começarem com merdas?

— Já me conheces. Gosto de agitar as coisas. — Relaxo, recostado na cadeira, e dirijo-lhe um sorriso arrogante. — Mas, neste caso, se queres começar a apontar o dedo, podes começar a falar disso com a Afrodite.

— E, no entanto, aqui estou eu, a falar contigo. — Lança um olhar a Psique. — Imagino que não tivesses conhecimento de que eu e a tua mãe estávamos a negociar um casamento entre mim e ti, certo?

Surge um surto de choque no meu íntimo, rapidamente seguido de uma raiva suficientemente forte para incendiar esta porra de arranha-céus. Psique referira-se a isso numa das nossas primeiras conversas, mas eu não a tinha levado a sério. Com todos os

candidatos a atirarem-se a Perseu, ele tencionava avançar com a controversa escolha de uma das filhas de Deméter?

— Só podes estar a brincar.

Ele ignora-me, obviamente à espera de uma resposta. Psique levanta-se.

— Eu desconfiava de que estivesse em cima da mesa, mas a minha mãe não considerou adequado informar-me de que as coisas tinham chegado ao ponto de negociações.

— Calculei isso, mas ter conhecimento de um casamento iminente não impediu a tua irmã de correr para os braços de outro homem.

A sua voz torna-se gélida.

— Eu não sou a minha irmã, e não teria feito diferença a minha mãe estar a negociar ou não um casamento, porque eu estaria morta. Ou escapou-te a tentativa de homicídio contra mim ontem à noite?

— Cuidado com o tom de voz, Psique. — Ele recosta-se no assento. — Vou abrir o jogo com vocês. Não tenho provas de que a Afrodite esteja por trás desta tentativa. — Levanta uma mão antes que eu possa interromper. — Antes de me dizeres que ela te ordenou que matasses a Psique, lembra-te de que se mo admitires, partilharás o castigo com ela.

Fico tenso, com todo o cuidado para não olhar para a minha mulher. Perseu não tem papas na língua. Não estava à espera de que tivesse, mas, raios. A única coisa que Psique tem de fazer é dizer que eu ameacei a sua vida e removerá tanto Afrodite como eu de uma só vez. E depois casará com Perseu, casará com Zeus e tornar-se-á Hera.

Isso mudaria o jogo de uma maneira que nem eu nem a minha mãe poderíamos fazer nada. Eu não culparia Psique por essa decisão. Não quero, desesperadamente, que o faça, mas, mesmo assim, não culparia.

— Chamaste-nos aqui para nos dizeres que não podes fazer nada? — A voz dela manteve-se gelada. — Ou estás a planear ajudar?

— Chamei-os aqui para explicar a situação. A Deméter pode estar pronta para gritar pela cabeça da Afrodite, mas não foi a Afrodite quem insultou a minha família, e a posição de Zeus, repetidamente. A única razão por que não intervim até agora prende-se com o facto de as negociações para o casamento terem sido mantidas privadas.

Fico a olhar para ele. Mesmo com toda a política de Olimpo, julguei sinceramente que ele ficasse do nosso lado.

— Estamos, portanto, sozinhos.

Podia ser pior, mas não é propriamente a melhor das hipóteses.

— Até me conseguirem trazer provas de que a Afrodite está a violar as regras e a fazer mal a outros dos Treze e suas famílias, fico de mãos atadas. — Olha-me demoradamente. — Seria bem avisado da tua parte assegurares que *tu* não estás implicada nessas provas.

Psique responde com maus modos:

— Só tens as mãos atadas porque queres.

A expressão dele não muda.

— Sempre que é passado um título dos Treze, há um risco de instabilidade enquanto a nova pessoa se instala. Não só o título de Zeus passou para mim, como o Hades está agora em ação pela primeira vez em mais de trinta anos. Olimpo precisa de estabilidade neste momento, e substituir Afrodite não parece estabilidade.

Já para não referir que há vários títulos que podem ser lançados nos próximos anos. Ares, em particular, estará algures acima dos oitenta anos. Está agarrado ao título por um fio. Nos próximos anos, ou bate as botas ou será obrigado a ser despromovido, e substituir Ares é uma porra de um espetáculo tão grande, algo que não pode ser concretizado fácil ou rapidamente. Não quando é um torneio a decidir o vencedor.



Perseu tem razão. Não gosto nada de que tenha. Infelizmente, também está a apostar em algo com umas hipóteses muito merdosas.

— Podes não ter escolha quando a lidar com esta questão. A minha mãe não vai parar.

— Vou falar com ela.

Rio-me, um som amargo na minha língua.

— Boa sorte.

Psique tem uma expressão estranha no rosto.

— Se as negociações para o casamento não tivessem caído por terra, o que terias feito?

Não pestaneja.

— Ter-te-ia protegido e à tua família com todo o meu poder. Essa opção está agora ultrapassada. Mesmo que tu e o Eros se divorciassem amanhã, a cidade inteira acredita que sejam um casal por amor. Se casasses agora comigo, eu ficaria na fotografia como um vilão e não tenho qualquer interesse em desempenhar esse papel na atual conjuntura.

Não se pode dar a esse luxo. Perseu pode ser esperto e astuto, mas não tem o carisma que permitiu ao seu pai ter Olimpo na palma da mão. Tudo será mais difícil para ele, incluindo lidar com os membros veteranos dos Treze. Haverá competições por poder e influência, e irão pô-lo à prova para saberem até onde se podem esticar com ele. Não está numa posição invejável. Isso não me deixa mais inclinado a perdoá-lo por seguir a via mais fácil nesta matéria.

Penetra então em mim todo o significado das suas palavras. Ele teria protegido Psique e *a sua família*. O que significa que se ele casar com uma irmã dela, a protegerá. Lanço um olhar a Psique; tendo em conta os seus lábios comprimidos, ela compreende aquilo que ele está a sugerir. Põe-se em pé devagar.

— Não te aproximes das minhas irmãs.

— Diz isso à tua mãe.

Ela cerra os punhos e eu já estou a mexer-me, a levantar-me para me ir colocar entre ela e Perseu.

— Deixa. Temos coisas maiores com que nos preocupar.

— Não há nada mais importante do que a minha família, Eros. — Psique inclina-se de lado, atrás de mim, para o fulminar com o olhar. — Nós voltamos e traremos provas de que a Afrodite está por trás disto. envolver mais ninguém.

— Fico a aguardar ansiosamente.

Aperto a mão de Psique.

— Espera por mim lá fora.

É um testemunho da sua raiva o facto de não debater isto. Sai do escritório e fecha a porta devagarinho atrás de si. Viro-me para Perseu.

— Destruirias a Eurídice, e fazer da Calisto Dimitriou um dos Treze é um erro, seja lá como for que olhes para a questão.

Ele não se mexe.

— Se eu quisesse a tua opinião, tê-la-ia pedido.

— Perseu.

— Eros. — Oculta ameaça suficiente no meu nome para que eu pare redondo. — Chamo-me Zeus. Independentemente do afeto que antes sentia por ti, agora sou Zeus. Todas as decisões que tomo enquanto avanço não têm nada que ver com o que o Perseu quer e têm tudo que ver com o que o Zeus requer. Lembra-te disso.

Uma advertência que não me posso dar ao luxo de esquecer. Inspiro devagar.

— Vou ter isso em mente.

— Faz isso. — Os seus olhos endurecem. — Se voltares a trazer perigo à porta da minha irmã, eu próprio te mato, com ou sem lei.

— Também vou ter isso em mente. — Não há mais nada a dizer. — Vemo-nos por aí, Zeus. — Dou meia-volta e saio do escritório.

Psique ganha ritmo ao meu lado, quando nos dirigimos ao elevador. Nenhum de nós fala até estarmos no meu carro, a sair do estacionamento. Ela expira devagar.

— Podia ter corrido pior.

— Sabias das negociações para o casamento?

Não é minha intenção fazer esta pergunta. É certo como o raio que não tenciono deixar transpirar algo semelhante a ciúme.

— Não propriamente. Eu sabia que a minha mãe estava de olhos postos num possível casamento entre nós, mas, sinceramente, eu estava a fazer *bluff* antes. Não fazia ideia de que o Zeus estava sequer a considerar essa ideia. — Recosta-se no assento e vira-se para me enfrentar. — Se eu tivesse percebido que as ambições da minha mãe eram bem-vindas pelo Zeus, teria casado com ele e não contigo, e resolvia todos os meus problemas de uma vez.

— E entretanto tornavas-te Hera.

— E salvava as minhas irmãs de entretanto se tornarem Hera — corrige ela delicadamente. — Tu conheces o jogo, Eros. *Tu* jogas o jogo. Não tens oportunidade de te zangares depois do facto.

Ela tem razão. Eu sei que tem. Isso não me impede de querer estacionar este carro, enfiar-lhe a mão pela saia acima e fazê-la vir-se até se esquecer de que havia sequer uma possibilidade de casar com Zeus. Não é racional e é quase imperdoável na nossa atual situação. Preciso de me focar no futuro, em lidar com o próximo ataque da minha mãe, e não no que poderia ter acontecido se os ciúmes e a raiva de Afrodite não tivessem levado a melhor sobre ela. Não preciso de me pôr a imaginar o casamento da minha mulher com Zeus. E também é certo como a porra que não preciso de estar a pensar na noite de núpcias. Ele estará decidido a assegurar o seu herdeiro e uns quantos sobresselentes. Zeus é um dos três títulos — Zeus, Posídon e Hades — que são passados de pai para o filho mais velho.

A ideia de a barriga de Psique arredondar com uma gravidez...

Não, não me posso dar ao luxo de pensar em nada disso neste momento.

Faço um esforço para aligeirar o meu aperto no volante. Ela é minha, pelo menos por agora. Tenho de manter a minha promessa, para me assegurar de que está em segurança, o que significa concentrar-me nos próximos passos em vez de naquilo que podia ter acontecido.

— Para onde vamos?

— Temos uma entrevista. — Psique olha de relance para o telemóvel. — E depois vamos falar com a minha mãe.

Deméter.

Outra mulher poderosa e perigosa que adora usar as filhas como peões nos jogos de poder de Olimpo. Sim, tenho umas coisas a dizer a Deméter.

— Está bem.

— Eros. — Ela fica calada durante vários quarteirões, antes de executar aquilo que parece ser uma inspiração fortalecedora. — Não importa o que eu teria feito se a minha mãe alcançasse os seus objetivos. Isso não aconteceu. Casei contigo, não com o Zeus. Sou tua mulher, não dele. Estou empenhada em levar isto adiante, portanto para de pensar seja o que for que te passa pela cabeça neste momento. Precisamos do apoio do Zeus e estas circunstâncias já asseguraram que será quase impossível conseguir isso.

*Estou empenhada em levar isto adiante.*

Eu sei que ela está a falar do que é essencialmente a nossa fraude. O casamento durante o tempo que for preciso para mantê-la, e à sua família, a salvo da minha mãe. Não está a falar de «para sempre».

Mas, por um momento, queria mesmo que estivesse.

Não sou sonhador por natureza. Prefiro factos e realidade a uma versão fantástica do que poderia ser. O *facto* é que Psique só disse

«sim» no altar porque eu a obriguei. Não me escolheu; *nunca* me teria escolhido se tivesse liberdade.

Não importa. Não vou deixar que importe. Já decidi que vou ficar com ela e agora só nos resta construir o caminho que temos à nossa frente. Quero Psique na minha cama para sempre. Quero a possibilidade de anos estendendo-se entre nós, de novos esquemas e jogos e de manipular o público de Olimpo aos nossos caprichos.

Quero... filhos.

Esta ideia espanta-me. Não é algo em que eu tenha pensado muito.

O meu pai não está por cá — Afrodite não permite concorrência, mesmo na parentalidade — e a minha mãe não é propriamente um espécime perfeito de como educar bem uma criança. Até agora, sempre tomei como certo que a nossa linhagem terminaria comigo.

Agora já não.

Cubro a mão de Psique com a minha e aperto-a um pouco.

— Tenho a cabeça no lugar. Vamos ultrapassar isto.

E depois?

Depois, convenço-a de que o «para sempre» pode ser nosso.

## Capítulo 28

### Psique

A entrevista é uma boa distração. É tão *normal* no meio de uma situação que é tudo menos isso. Eros consegue recompor-se o suficiente para ser encantador, mas conheço-o demasiado bem para reconhecer que não está exatamente ele mesmo. Trata-se de uma constatação desconcertante, tanto por o que aconteceu com Zeus ter bastado para o abalar, como por eu ser capaz de ver os sinais.

Tal como combinado, Clio cinge-se aos temas que delineámos quando planeei isto. Trata-se, na sua maioria, de perguntas de fácil resposta sobre como nos conhecemos, e o casamento propriamente dito. Uma troca justa por ser a primeira a ter uma entrevista. Na maior parte do tempo, Olimpo preocupa-se menos com a história real do que com a volta que querem dar às coisas, mas Clio não é muito má, para jornalista. Conheço-a desde que conseguiu a sua promoção mais recente e ajudámo-nos mutuamente em inúmeras outras vezes ao longo dos anos.

É uma mulher negra cheia de curvas, com um estilo impecável. Hoje, está a usar umas calças largas cinzentas de pinças e uma blusa creme sem mangas, que faz maravilhas à sua silhueta. Se não estou enganada, reconheço o trabalho de Juliette. Parece que aceitou o meu conselho de tentar a estilista. Ótimo.

Clio pode estar atualmente no circuito de mexericos, mas é sedenta de histórias mais profundas do que a sua coluna pode dar. É também inteligente o bastante para se dar conta de que não pode ir atrás dessas histórias sem que os Treze se virem contra ela. Pelo menos, ainda não.

Isso não a impede de reunir toda e qualquer informação com que depare, à cata de uma pepita de ouro no meio de tanta lama. Espero ter uma hoje para ela.

Damos a coisa por concluída rapidamente e dou um beijo suave nos lábios de Eros.

— Importas-te de esperar lá fora por um momento?

Ele hesita, mas não há nada a discutir. Estamos no prédio da minha mãe e não existem janelas nesta sala de reuniões. Clio não é propriamente uma assassina; não teria muitas histórias se matasse as suas fontes e é demasiado ambiciosa para mandar o seu futuro ao ar pela possibilidade de Afrodite a proteger. Eros parece dar-se conta disso e acaba por anuir.

— Não demores, amor.

— Nem por sonhos.

Ficamos a vê-lo afastar-se e Clio assobia no instante em que a segunda porta se fecha.

— Escolha ousada, Psique.

— Nem imaginas. — Consigo não corar, mas por pouco. Clio não é uma amiga e provavelmente nunca será, mas estamos alinhadas em várias coisas. — Tenho uma dica para ti.

Ela inclina a cabeça de lado, as tranças pretas compridas deslizando por cima do ombro.

— E isso tem que ver com a verdadeira razão por que passaste de fugir do Eros como se fosse a peste para teres aquele diamante gigantesco no dedo?

— Não. — Não vou denunciar o nosso disfarce, nem sequer a Clio. Especialmente a Clio. — Isto tem que ver com uma vingança entre a Afrodite e a Deméter.

— Essa história é velha. — Clio descarta o tema com a mão. — Há anos que andam a apertar o pescoço uma à outra. Não há aí nada que valha a pena vasculhar.

— las ficar espantada.

Ergue as sobrancelhas.

— Muito bem, estou intrigada. Surpreende-me.

— A Afrodite está tão furiosa por o filho ter casado com uma filha da Deméter que ordenou um homicídio.

Clio pestaneja.

— Isso é uma afirmação e tanto. Tens provas?

Não que esteja com vontade de as partilhar. Não que cheguem. Faço um sorriso sarcástico.

— E desde quando é que as colunas de mexericos precisam de provas?

— É justo. — O seu olhar torna-se distante e já estou a ver o seu cérebro impressionante a tecer a trama. — Vou precisar de mais para poder publicar alguma coisa. A Afrodite é uma cabra e peras e não hesitará em deixar-me sem trabalho e em pôr-me um processo por difamação em cima. O boato, mesmo que venha de ti, não é suficiente para arriscar.

Foi o que eu pensei. Olho de relance para a porta.

— Houve distúrbios no prédio da Helena Cásio ontem à noite. A gente do Ares foi chamada e deteve o assassino. Ainda o têm.

Clio ri-se baixinho.

— Bem, com *isso* posso trabalhar. Não posso prometer trabalhar depressa, porque vou ter de verificar tudo, mas vou fazer umas perguntas. — Começa a pegar na mala. — Posso partir do princípio de que me ligas se houver mais *distúrbios* que possam estar relacionados com ela?

— Sim, desde que prometas que me dás um alerta antes de publicares a história.

— Combinado.

Apertamos as mãos a isso. Eros está à espera no corredor e dirigimo-nos ao elevador enquanto Clio sai pelas portas da frente, com uma expressão intensa no rosto. Eros olha-me de relance.

— Quererei eu saber do que falaram?



— Zeus quer as coisas abafadas, mas não acreditará na nossa palavra nem intervirá a não ser que o obriguemos a isso. Usar a Clio é uma maneira de conseguir isso.

— Não será suficiente. Os *sites* de mexericos estão sempre a publicar histórias escandalosas e já ninguém pestaneja. Ele vai descartar isso como ficção.

— Faria isso... se fosse a única coisa que fizéssemos. — Faço um sorriso, embora a última coisa que me apeteça neste momento seja sortir. — É aí que entra a fase número dois.

Abana a cabeça devagar.

— És verdadeiramente aterradora, esposa minha.

*Esposa.*

Não há motivo para me entusiasmar por ele me chamar assim. Este casamento pode ser real, mas não é *real*. Não importa que eu me tenha apaixonado por Eros; não me posso esquecer disso. Espero que as portas do elevador se fechem para me afastar dele, preciso de alguma distância.

— Só espero ser aterradora o bastante para levar isto adiante. A minha mãe deixa-me na sombra.

Se bem que, neste momento, tenho raiva suficiente para não me preocupar com a conversa que estamos prestes a ter.

Ela tentou vender-me a Zeus.

Nem sequer é com o potencial casamento que tenho problemas. Ela nem sequer *tentou* falar comigo sobre o assunto, não confiou que eu reconhecesse o valor daquele jogo. Passou, pura e simplesmente, por cima de mim.

— Vou atrás de ti. — Eros olha-me no reflexo do elevador, mas não faz nenhum gesto para encurtar a distância entre nós. Será que, mesmo agora, sente a atração? Eu sinto.

— Está bem. — Inspiro, endireito a coluna e marcho em direção à *penthouse* da minha mãe mal o elevador se abre.

Optei por não lhe enviar uma SMS a informá-la de que vínhamos, mas a minha mãe passa sempre os fins de tarde de sábado em casa, geralmente a preparar-se para algum evento. Já verifiquei a agenda dela e só sai daqui a uma hora.

Levanto a voz:

— Mãe!

Demora exatamente dois minutos a aparecer. Está tão composta como sempre, o cabelo escuro preso atrás, a maquilhagem imaculada, o vestido de cerimónia verde-escuro elegante e conferindo-lhe aquela vibração de Mãe-Terra cuidadosamente curada por ela para o público. Olha para Eros e abana a cabeça.

— Se queres conversar, ele pode esperar lá em baixo.

— Não tens a primazia, mãe. — Avanço. Avisto Calisto no corredor que conduz ao nosso quarto, mas não faz qualquer gesto no sentido de se juntar à conversa. Ainda bem que ela ouve isto; afinal, também a afeta a ela. — Quando é que me ias contar que tencionavas casar-me com o novo Zeus? Quando me fizesses uma emboscada no altar?

A minha mãe é boa de mais para mostrar surpresa, mas a pausa que faz diz muito.

— Ele contou-te.

— Estive com ele, sim.

O olhar dela aguça-se.

— Porquê?

— Já falamos do porquê. Responde à pergunta.

— Na verdade, ia falar contigo sobre isso esta semana. As negociações tinham chegado às últimas fases e eu tencionava sentar-me contigo a elucidar-te sobre as razões por que esta ligação é excelente. — Sustenta o meu olhar. — O Perseu não é o seu pai. Duvido que precisasses sequer de te ver livre dele. É tão chato que

és mais do que capaz de tratar dele. — Lança um olhar desdenhoso a Eros. — Ou terias sido, se não tivesses casado com este.

Eros tem a mesma expressão dura que tinha quando Zeus revelou os seus planos de casamento. Não consigo interpretá-la, de todo. É como se se tivesse transformado numa coluna de gelo. contei-lhe a verdade no carro, a caminho daqui; se a minha mãe me tivesse abordado com tais planos, eu teria avançado com eles. A leitura que ela faz de Perseu — ou Zeus — é a mesma que eu tenho. Pode ser o cúmulo do implacável, mas parece preocupar-se genuinamente com os irmãos, que é mais do que se podia dizer do velho Zeus. Não queria saber de ninguém, só de si. Perseu também não tem registos de violência no seu passado. Eu sei, porque andei à procura.

Mas isso não significa que eu queira que uma das minhas irmãs solteiras case com ele.

— Tira os planos de cima da mesa.

— Tu sabes que não é assim. — A mãe abana a cabeça. — Puseste-me entre a espada e a parede com as tuas ações.

Caraças, é disso que eu tenho medo. Olho por cima do ombro dela, mas Calisto desapareceu. Melhor assim. A última coisa de que precisamos é que ela perca a cabeça e atire este Zeus de uma janela, ou qualquer coisa igualmente fatalista. Nesse ponto, a sucessão passaria para Helena e, embora ela pareça ser fantástica, parece também tão *jovem*, em vários sentidos. Seria um desastre para Olimpo.

Quer se ame ou se odeie a cidade, continua a ser um facto que os Treze a governam suavemente. Todos têm os seus papéis, a sua fatiazinha do bolo. Se fossem pessoas normais, essas fatias bastariam, mas as pessoas normais não têm aspirações a constar entre os Treze. Não, qualquer um deles é ambicioso e bárbaro e está disposto a pisar os outros para subir mais alto. Se tivessem rédea solta, iriam para a guerra uns contra os outros dentro de um ano. Independentemente dos meus sentimentos pessoais no que

toca ao título de Zeus, a verdade é que faz falta uma personalidade formidável para manter os outros na linha.

Dentro de dez anos, Helena pode ser suficientemente forte. Agora não é.

Há dias em que eu gostava de ver esta cidade assolada pelo fogo, mas, em última análise, é aqui a minha casa. Se quero que as pessoas de Olimpo continuem relativamente seguras, como neste momento, isso significa que Perseu tem de se manter como Zeus. Sem acidentes convenientes. Sem planos abertamente homicidas. Não que eu estivesse realmente a considerar matá-lo...

Desde que fique afastado de Eurídice.

Calisto sabe tomar conta de si.

Agora não posso preocupar-me com nada disso. Preciso de me concentrar primeiro em sobreviver à ira de Afrodite. Para isso, preciso da minha mãe.

— Discutimos os planos para um potencial casamento mais tarde. Neste momento, há questões mais pertinentes.

— Estou a ver. — Suspira. — Entra. Ter esta conversa no átrio demonstra falta de classe.

Seguimo-la até à sala de jantar, Eros é uma nuvem de tempestade fulminante atrás de mim. A sua energia mudou nos poucos minutos em que aqui estamos. Ou muito me engano, ou ele passou de frio diretamente para uma raiva gélida. E tudo virado contra a minha mãe.

Com isso em mente, agarro-lhe na mão e puxo-o para que se sente ao meu lado no sofá. Não *creio* que ele lhe vá fazer mal, mas é mais do que capaz disso. Há alturas em que eu odeio a minha mãe, mas não deixa de ser minha e não quero que lhe façam mal.

Desconfio que esse sentimento contraditório é semelhante ao que ele sente por Afrodite.

A minha mãe afunda-se na cadeira à nossa frente e arranja a saia do vestido à sua volta, a imagem chapada de uma rainha à espera.

— Conta-me em que sarilho te meteste.

— Poder-se-ia dizer que *tu* a meteste. — A voz de Eros é dura.

Pouso a mão na coxa dele e conto à minha mãe. Tudo. Ah, deixo de fora o sexo, porque não é da conta dela, mas acompanho-a pela sequência de eventos dos últimos dias, que nos trouxeram até esta situação. Quando termino, a minha mãe parece um pouco pálida e absolutamente furiosa.

Parece fazer um esforço para libertar o aperto mortífero nos braços da cadeira.

— Eu mato-a.

— Não matas nada — interrompo antes que Eros possa fazê-lo.  
— Não a queremos morta.

— E a *ti*. — Vira os olhos esverdeados, tão parecidos com os meus, para ele. — Julgaste que as minhas ameaças tinham desmérito? Ameaçaste a minha filha. Tu...

— Mãe. — Injeto aço no meu tom de voz. — Basta. O Eros não me fez mal.

— Discordo. Fez-te mal com este casamento.

Deixo passar, porque não vou vencer esta discussão.

— Seja como for, está feito. Se tentares eliminar a Afrodite, levo aquilo que sei de ti, e que não é de desprezar, para a imprensa. Todos os negócios obscuros e os movimentos questionáveis. O estratagema que tentaste concretizar para trazer a Perséfone de volta à cidade alta. O trabalho de limpeza na morte do Zeus. Tudo.

Ela para finalmente de fulminar Eros com o olhar e dá-me toda a sua atenção.

— Estás a ameaçar-me a *mim* para manteres a segurança da mulher que te quer morta?

— Se é assim que queres ver as coisas.

— Porquê?

Porque amo o Eros e não o quero ver mal, mesmo que isso me ponha em perigo. Matar Afrodite vai fazer mal ao meu marido. Ele não precisa de mo dizer para que eu o reconheça.

Não digo isto. Mesmo que acreditassem em mim, os dois chamar-me-iam tola, por razões muito diferentes. A minha mãe nunca deixa que uma coisa mundana, como as emoções, se meta no caminho dos seus planos e ambições. E Eros? A única coisa que Eros me ofereceu foi segurança e sexo. Nada mais suave, nada *mais*.

— Porque estou a escolher o método da minha vingança. — Pelo menos, isto ela compreenderia.

Acaba por anuir.

— Não gosto, mas vou agir em conformidade com os teus desejos nesta matéria. — Aponta para Eros. — Com a ressalva de que se alguma coisa fizer mal à minha filha, deixo o teu legado em cinzas.

— Tomo nota.

— Gostava que organizassem uma reunião entre mim e o Posídon.

Eu própria o faria, mas posso contar pelos dedos de uma mão o número de vezes que o vi em eventos no ano passado e, mesmo antes, nunca socializava muito nas festas de Zeus. Se eu aparecer no estaleiro sem convite, duvido que consiga ganhar acesso a ele.

Já para não falar que é do conhecimento geral que Posídon abomina Eros, portanto, não haverá ajuda nessa frente.

Ela une as sobrancelhas.

— Posídon? Usarias melhor o teu tempo se te focasses no Hades ou no Zeus. O Posídon não gosta de jogos de poder.

Eu sei. É com isso que estou a contar. Mantém-se, na sua maior parte, fora das intrigas inatas dos Treze, mas o seu título é de legado e *ele carrega* o peso do poder que isso lhe traz. A minha mãe tem um acesso único a ele, porque trata de alimentar Olimpo.

Embora a maior parte da comida propriamente dita venha da terra que circunda a cidade, há certas coisas que, pura e simplesmente, não podem ser cultivadas ali. Posídon é responsável pelas importações e exportações, é um dos poucos que pode entrar e sair de Olimpo à sua vontade. Isso resulta numa relação de trabalho decente entre ele é a minha mãe.

Precisamos tanto de Posídon como de Hades do nosso lado antes de voltarmos a abordar Zeus.

— Por favor, mãe.

Ela acaba por anuir.

— Eu certifico-me de que assim é, embora não possa prometer que seja rápido. Este homem gosta de evitar as minhas chamadas, quando pode.

— Tenho a certeza absoluta de que és mais do que capaz de o encurralar.

— Claro que sou. — Levanta-se. — Agora tenho de acabar de me preparar para um evento. Sabem onde fica a porta. — Faz uma pausa. — Obrigada por me contares, Psique.

— Podes agradecer-me mandando às urtigas as negociações com o Zeus.

Faz-me um sorriso tenso e desaparece pelo corredor que vai dar ao quarto principal. Não suspiro propriamente de alívio quando a perco de vista, mas perco alguma combatividade. Viro-me para Eros.

— Eu...

— Falamos no carro. — Faz um gesto com o queixo para alguma coisa por cima do meu ombro e eu viro-me e deparo ali com Calisto.

Fico tensa, à espera de que ela ameace Eros, como parece fazer toda a gente na minha vida. Mas ela vira um olhar duro para mim.

— É verdade? A mãe continua a ter o olho na Hera para uma de nós? Engulo em seco.

— Sim, mas...

— Não me digas que ela há de recuar. Ambas sabemos que não é assim. Se essa situação com a Perséfone não bastou para a dissuadir, nada que digas ou faças o fará. — Estala os dedos para Eros. — Ele é um monstro, mas não é o Hades.

— Obrigado — diz ele entre dentes.

— Calisto, nós vamos solucionar isto.

O lábio dela curva-se, mas os seus olhos permanecem tão frios. Atravessa o espaço até junto de mim e agarra-me os ombros.

— Tu e a Perséfone tomam conta de nós há tempo de mais. Eu trato disto.

Sou invadida por verdadeiro medo.

— Não podes matá-lo.

— Eu sei. — Aperta-me os ombros e deixa cair as mãos.

— Mas...

— Preocupa-te contigo, Psique. Se a Afrodite te tocar com um dedo que seja, farei com que o que aconteceu ao antigo Zeus pareça uma morte suave. — Dá meia-volta e afasta-se.

Merda. Merda. *Merda.*

Isto é mau.

— Psique. — Eros espera que eu olhe para ele. — Não podes travar todas as batalhas ao mesmo tempo. Temos de estabelecer prioridades e, neste momento, temos coisas mais prementes com que nos preocupar do que com os potenciais planos de casamento da mãe para as irmãs. Podes ir atrás disto depois de tratarmos da Afrodite.

Ele tem razão. Eu sei que tem. Mas libertar o equivalente a anos de responsabilidade e preocupação é mais fácil dizer do que fazer. Sempre trabalhei com Perséfone no sentido de gerir a raiva de



Calisto, de proteger Eurídice do pior que Olimpo tem para oferecer. Pôr isso para trás das costas é aterrador de uma maneira completamente diferente do que lidar com Afrodite.

Mas eu deixo que Eros me conduza ao elevador e depois pelo átrio até à rua. Tenho de confiar que a minha irmã sabe o que está a fazer e que não está prestes a atirar-nos para águas ainda mais profundas.

Espero mesmo, mesmo, que Calisto prove que a confiança é bem fundamentada. Se não o fizer, vamos meter-nos em grandes sarilhos.

## Capítulo 29

### Eros

Levo Psique a casa. Não há mais nada a fazer esta noite e ela parece tão abalada como eu me sinto. Sinceramente, eu esperava que Zeus interviesse. Zeus é — *foi* — um amigo. Eu devia saber que isso não vale nada neste raio desta cidade.

No entanto, por alguma razão temos leis e toda a gente sabe o que aconteceu da última vez que um membro dos Treze se virou contra a mãe. O último Hades — e a sua mulher — foram assassinados, levando a trinta anos em que Olimpo partiu do princípio de que esse título tinha desaparecido completamente. É por causa dessas mortes que temos a lei contra matarmo-nos uns aos outros. A lei deve salvaguardar os títulos e respetivas famílias.

*Deve implicar que quem a viole leve com todo o peso dos outros Treze em cima.*

Em verdade, isso significaria que eu teria consequências pela parte que tomo nos esquemas da minha mãe, mas é um pequeno preço a pagar para assegurar que Psique fica em segurança.

É estranho como as minhas prioridades mudaram tanto em tão pouco tempo.

Olho de relance a minha mulher, que está a olhar pela janela com uma expressão contemplativa. Ou talvez não seja assim tão estranho. Sou um sacana egoísta. Importo-me com ela, portanto claro que não quero que lhe aconteça nada de mal. É tão simples e complicado quanto isso.

Quando subimos à minha *penthouse*, Psique abranda na entrada e fica a olhar durante muito tempo para a estátua.

— O meu plano pode não funcionar. Se o Zeus e os outros admitirem que a Afrodite fez isto, terão de lidar com a situação, e é muito mais fácil virar a cara.

Caminho atrás dela e passo os braços pela sua cintura, puxando-a delicadamente para trás, para repousar no meu peito.

— O Hades ajuda-te.

— Eu sei. A minha irmã vai assegurar-se de que assim é. — Suspira. — Mas, em última análise, o Hades é um homem. Mesmo com o envolvimento da minha mãe, são dois em treze. Não são hipóteses de vencedor, seja como for que se olhe para isto.

Ela tem razão. Fecho os olhos e inspiro o seu aroma a biscoito. Temos de fazer com que isto resulte. A minha mãe é inteligente, astuta e ambiciosa, mas quando põe os olhos em alguém, torna-se obcecada, a ponto de não ver mais nada. Ela *vai* recuar se conseguirmos ter suficientes membros dos Treze do nosso lado. Acredito nisso. *Tenho* de acreditar nisso. Mas...

— Se o nosso plano falhar, eu trato disso.

Independentemente dos meios necessários. Não quero. Porra, não quero que chegue a esse ponto, mas não vou deixar que ela faça mal a Psique. É esse o meu limite, aquele que não vou ultrapassar, não importa quem mais paga o preço. Mesmo que signifique que *eu* pago o preço.

Psique vira-se nas minhas mãos e agarra na minha camisa com os punhos fechados.

— Não, Eros. Não te vou deixar fazeres isso. Nem que a minha vida dependa disso.

Está a falar a sério. Tem a sinceridade estampada no rosto bonito. Meus deuses, esta mulher mata-me. Puxo-a mais para mim, como se a pressão do seu corpo contra o meu bastasse para banir os meus pensamentos negros. Não funciona. Claro que não funciona. Solto uma gargalhada amarga.

— Seja como for, fico a perder.

— De que estás a falar?

— Ainda não percebeste, Psique? Eu gosto de ti. Perder-te vai custar-me.

Ela abana a cabeça.

— Dizes isso por dizer.

— Não digo, não. — Inspiro devagar e pouso a testa na dela. — Quando estou contigo, sinto-me humano. *Sinto* e pronto. Sabes o que isso significa para uma pessoa como eu? Julguei que essas partes estivessem mortas e enterradas tão fundo que nunca voltariam a ver a luz do dia. Tive de as eliminar para continuar a fazer as coisas que me eram exigidas.

— Eros...

Mas eu ainda não acabei.

— Mesmo assim, não sei se sou realmente capaz de amar, pelo menos como uma pessoa normal. Não importa. Preocupo-me contigo e não há racionalização nenhuma que mude essa verdade. Por isso, não te dês ao trabalho de o fazer.

Ela solta um pequeno som que podia ser uma gargalhada — ou, possivelmente, um soluço.

— Nós somos um caos.

— Acho que isso é óbvio. — A minha mão sobe pelas costas dela. — Prometi que te mantinha em segurança e é isso que tenciono fazer.

— Então e tu?

Pestanejo.

— Como assim, então e eu?

Inclina-se para trás o suficiente para me olhar.

— Quem te mantém em segurança, Eros?

— Não percebo essa pergunta.

Faz outra vez aquele pequeno som. Agora que lhe vejo a cara, reconheço a gargalhada.

— Não, pois não? Estás tão disposto a arrancar o próprio coração para me manteres a salvo que nunca te ocorreu que eu sentisse o mesmo. — Puxa-me a camisa. — Não vou permitir que

carregues contigo o custo de fazer mal à tua própria mãe. Vamos arranjar outra maneira.

— Pode ser que não haja outra maneira. — Custa-me admitir isto. Esta situação seria tão mais simples se eu não tivesse mesmo coração para arrancar, se eu fosse destituído de sentimentos, como a minha mãe aspirava a fazer-me. — Não quero discutir. Estou só a constatar factos.

Os lábios de Psique curvam-se, mas os seus olhos continuam perturbados.

— Também eu. Não vou permitir que carregues esse fardo. Não por mim. Nem por mais ninguém. Vamos arranjar outra maneira.

Podemos andar assim às voltas mil e uma vezes, que isso não muda os factos. Aperto brevemente Psique.

— Devias comer.

Ela faz uma careta.

— Que mudança de assunto tão pouco subtil.

— Nada será decidido até amanhã, na melhor das hipóteses, e já saltaste pelo menos uma refeição hoje. — Algo a que eu devia ter prestado atenção, mas há tanta coisa a acontecer que tenho deslizes. Mesmo alguns a que não me posso dar ao luxo, como assegurar-me de que Psique está bem cuidada. Já provou que é entusiasta e incansável quanto a certificar-se de que cai de pé. É uma mais-valia, mas também significa que está a ignorar aquilo que aos seus olhos são necessidades menores enquanto se foca nas maiores. — Vamos lá.

Dou-lhe a mão, apreciando o modo como me permite fazê-lo. É mais fácil focar-me nesse ponto de contacto, na medição dos passos necessários que nos levam para a cozinha, do que voltar ao que ela disse antes.

Ela quer saber de mim.

Quer saber se estou mal, mesmo que pelas minhas próprias ações.

Não sei o que fazer com isso. Uma parte de mim quer cantar a minha vitória até aos céus, e o resto de mim fica a ruminar que merda terá ela querido dizer com aquilo. Não sou uma pessoa que precise de ser protegida. Sou a adaga no escuro, a ameaça pronta a erguer-se ao meu inimigo que se aproxima. Para que porra é que eu preciso de um escudo?

Só que é isso que Psique está a oferecer, à sua maneira. Talvez não um escudo; uma descrição melhor do que ela me está a oferecer é um lugar seguro para pousar. Ambas as ideias são-me tão estranhas como a de me surgirem asas nas costas e levantar voo.

— Sanduíche?

— Sim.

Começo a preparar uma para cada um de nós, enquanto ela me observa. Ocorre-me outra vez que é tão *fácil* estar com Psique. Mesmo quando nos estamos a provocar ou a foder até eu já não conseguir pensar com clareza, deslizamos para a vida um do outro quase sem deixar marcas. Trata-se de uma dádiva que nunca julguei esperar. Faz com que eu... queira coisas. Coisas que julguei ter a certeza de não serem para mim.

Como filhos.

— Estavas a falar a sério quando disseste que querias ter filhos, Psique?

Ela sobressalta-se.

— O quê?

Corto a sanduíche dela ao meio e faço deslizar o prato pela bancada até ela.

— É uma pergunta bastante simples.

— Eu... — Olha para o prato e depois para mim.

— Sim. Estava. Não era um mero estratagema para teres empatia por mim. Quero mesmo uma família.

Há um mês, teria expulsado da sala com uma gargalhada alguém que tivesse sugerido que eu podia querer o mesmo. Mas desde a nossa conversa com Zeus que não consigo tirar da cabeça a imagem desse tipo de futuro com Psique. Quero tudo. Não importa que ela mereça melhor do que eu. Nenhum outro companheiro estará pronto a incendiar a porra do mundo por ela como eu. Não sei se seria um bom pai — não é que eu tenha nada que se assemelhe a um modelo nessa área —, mas acho que nos podíamos desenrascar a ser pais. Juntos.

Sei que não devo dizer-lhe onde tenho a cabeça neste momento. Temos um obstáculo gigantesco a transpor antes de podermos falar de algo parecido com o futuro. E mesmo então, se conseguirmos remover com sucesso a ameaça que a minha mãe apresenta, isso também elimina o motivo para estarmos casados. Não vou conseguir fazê-la ficar; nem eu sou impiedoso ao ponto de a obrigar a um «para sempre» se ela quiser a liberdade.

Pensamentos desconfortáveis, desesperados.

Mas que porra é que eu vou fazer?

Acabamos de comer em silêncio. Que mais há a dizer? Quero, ao mesmo tempo, amarrá-la a mim para sempre e ficar quieto para evitar dizer alguma coisa que nenhum de nós consiga depois retirar. Admitir que se gosta é uma coisa. Contar-lhe a verdade que ribomba dentro de mim está fora de questão. Mal consigo admiti-la a mim mesmo.

*Eu amo-a.*

Experimento dizer as palavras quando lavamos os dentes, um pedaço de domesticidade que deve ser tão mundano para casais quotidianos, mas que quero encerrar para sempre na minha memória, porque também isto é insubstituível. Todos estes pequenos momentos com ela são novos e inéditos, e se alguma coisa lhe acontecer, ou se isto me rebentar na cara, terei de vender a porra da *penthouse* e ir-me embora, porque Psique conseguiu deixar a sua marca em todos os pedacinhos de espaço no curto período em que estamos juntos.

Nunca mais serei capaz de dormir na minha cama, a lembrar todo o prazer que lá demos um ao outro. Nunca conseguirei cozinhar na minha cozinha sem reviver cada palavra das conversas que lá tivemos. E o átrio? É para esquecer.

Ela nem sequer teve oportunidade de adicionar objetos ao espaço principal, como planeia fazer. Não vou conseguir viver aqui a pensar que mudanças teria ela feito se tivesse tempo. Vai matar-me.

— Eros.

Dou-me conta de que estive a fitar-me ao espelho tempo de mais e abano a cabeça.

— Não foi nada. Estou bem.

— Tens a certeza?

Não. Nem um pouco. Viro-me para ela. Seria tão simples beijá-la e descartar a necessidade de mais palavras esta noite. Sei que o corpo dela oferece salvação, que não consigo encontrar em mais lado nenhum. Mas já ultrapassámos o mero ato de foder, e julgo que ambos o sabemos.

— Psique.

Ela enrola o cabelo num dedo, as sobrancelhas unindo-se num sobrolho carregado.

— Sim?

— Eu... — Porra, porque é isto tão difícil? Pigarreio e tento de novo. — Preciso de ti esta noite.

A expressão dela suaviza.

— Está bem.

Isto quase me faz rir; e teria rido, se houvesse ar suficiente neste espaço para encher os meus pulmões.

— Não me vais perguntar para que preciso de ti antes de concordares?

— Não. — Faz um pequeno sorriso. — Porquê? Devia estar aterrorizada?



Se ela soubesse o que me vai na cabeça, a maneira como quero amarrá-la a mim de todas as maneiras possíveis, podia ficar. Esfrego as costas da mão pelo peito.

— Eu... quero abraçar-te esta noite.

Isso parece surpreendê-la.

— Abraçar-me? Estava tão convicta de que me ias propor alguma cena sexual marada.

— Talvez mais tarde. — Devia fazê-lo. Ela já admitiu que não é capaz de separar a ligação sexual da emocional, portanto seduzi-la é a maneira segura de assegurar que fica tão caída por mim como eu por ela.

Não é, contudo, aquilo de que eu preciso esta noite. Preciso do corpo dela junto do meu, a pressionar-me, enquanto eu estou deitado a medir a sua respiração constante. Só preciso de a abraçar, porra. Desvio o olhar, corando, apesar de contrafeito.

— Tudo bem. Esquece.

— Não. — A voz dela apaga-se. — Não, desculpa. Foi uma resposta parva. — Aproxima-se e passa os braços à minha volta. É criminosa, a perfeição com que Psique encaixa em mim. Como é que posso seguir em frente com a minha vida depois de saber que existe uma pessoa que é a outra metade do meu quebra-cabeças? Que raios, estou um caco, neste momento.

Ela aperta-me.

— Com ou sem roupa?

— Sem.

Psique ri-se um pouco.

— Está bem. Anda. — Solta-me e sai da casa de banho, deixando-me no seu encalço. Faço-o sem hesitar e, como consequência, sou mimado com a visão da minha mulher a despir-se enquanto caminha para a nossa cama. Lança-me um olhar por cima do ombro.

— Estavas a olhar para o meu rabo, não estavas?

— Podes culpar-me por isso? Tens um rabo excelente. — Grande e passível de ser mordido.

— Eu sei. — Desliza para dentro das cobertas e apressa-se a criar espaço para mim.

Dispo-me depressa e junto-me a ela. Os lençóis estão frios e Psique não perde tempo e cola-se a mim, pressionando o nariz no meu pescoço.

— Tens esta casa muito fria.

Instalo-me de costas, com ela atravessada até meio do meu peito. Isto. É disto que eu preciso. Sinto o coração dela nas minhas costelas, o sopro suave na minha pele. Um sinal de que está aqui, está a salvo e assim ficará toda a noite.

Enrosca as pernas nas minhas e aninha-se mais a mim.

— Eros?

— Sim? — Passo os dedos pelo cabelo dela, apreciando o peso dele na palma da minha mão.

— Eu estava a falar a sério. Não vou deixar que chegue ao ponto em que tens de fazer essa escolha: entre mim e a tua mãe. Há aqui uma solução. Só preciso de tempo para a descortinar.

Fecho os olhos, deixando o peso suave do corpo dela contra o meu embalar os meus pensamentos velozes até se imobilizarem.

— Se existe alguém que possa descobrir uma madeira de ultrapassar isto és tu.

— É só... confiares em mim, está bem?

— Eu confio. — E até é a verdade. Não temos tempo suficiente, nem espaço suficiente, para arranjarmos um plano melhor do que já temos, mas todo ele depende de Deméter nos conseguir uma reunião com Posídon. — Agora dorme.

— Vou dormir. — Aperta-me com força. — Vamos arranjar uma maneira juntos. Prometo.

Quando o sono se ergue e me envolve, quase acredito nela.

## Capítulo 30

### Psique

Quando a manhã volta a surgir, tenho algo parecido com um plano b. Não é um bom plano, e se eu o contar a Eros, ele pode fechar-me na sala de pânico e deitar fora a chave. De todas as coisas que nunca esperei deste casamento, o seu caráter protetor é o que mais me surpreende. Não é só no que toca à corrente situação com a sua mãe. Ele está constantemente... a cuidar de mim.

E também não é uma encenação.

Eros tem o que quer de mim, tudo o que deseja. Somos casados. Fazemos sexo. A julgar pela maneira como a história de Clio rebentou em múltiplos *sites* de mexericos esta manhã, estamos a conseguir convencer com êxito Olimpo de que a nossa história de amor é para sempre. Ele não tem nenhuma razão para me mentir, nem em palavras nem em ações.

O que significa que ele estava a falar a sério ontem à noite. Preocupa-se comigo. Não sou tola a ponto de acreditar que essa preocupação se traduz em amor, mas é mais do que eu podia ter sonhado. Quase basta para me dar esperança.

Primeiro, temos de sobreviver ao iminente confronto com Afrodite.

O meu telemóvel vibra na mesinha de cabeceira e eu posiciono-me de maneira a alcançá-lo sem remover Eros, que está enroscado em mim. Abraçou-me assim a noite toda, preso a mim como se achasse que eu iria sair sub-repticiamente da cama sob a cobertura da noite e nunca mais regressar.

Tendo em consideração que foi isso que a minha irmã conseguiu com Hades quando foi salvá-lo do último Zeus, Eros não está muito longe da verdade. Eu podia dizer-lhe que ele não tem

nada com que se preocupar nesse campo; tentar lidar com Afrodite em segredo vai retaliar mil vezes mais.

Manter as coisas debaixo do radar foi o que nos meteu em sarilhos logo para começar. É hora de trazer tudo à luz do dia.

Vejo o nome da minha irmã no ecrã do telemóvel e deslizo o dedo para atender a chamada.

— Ainda é cedo para ti, Perséfone.

— Cedo ou tarde. — Parece um pouco ofegante. — Porque é que o Hades está a receber chamadas tanto da mãe como de Zeus esta manhã?

Estão a agir depressa, o que não significa nada de bom. Eu tinha planeado telefonar a Perséfone hoje de manhã para a pôr a par de tudo, mas parece que devia tê-lo feito ontem à noite, se queria ser a primeira. Não me agrada que a nossa mãe já esteja de pé e com manipulações. O telefonema com Posídon não deve ter corrido bem. Suspiro.

— Houve alguns problemas.

— Mais problemas do que tu casares-te com o Eros sem uma palavra de aviso que fosse?

— Perséfone, eu achava que já tínhamos ultrapassado essa parte.

— Passou menos de uma semana. Não ultrapassámos.

Reviro os olhos, ao mesmo tempo frustrada e consolada pelo seu excesso de proteção. É a única coisa normal e expectável nesta situação.

— Se não fosse o Eros, teria sido o Zeus.

Ela fica em silêncio durante um longo momento.

— Diz-me que ela não fez isso. Outra vez, não.

— A mãe é muito determinada. Tu sabes isso. Está decidida a colocar uma de nós no papel da Hera.

Ela pragueja.

— Está bem, tratamos disso mais tarde. Neste momento, preciso de saber o que te aconteceu, uma vez que isso parece ser o assunto mais imediato.

— A Afrodite marcou-me como alvo a abater. — Sabe bem dizer isto em voz alta, é quase catártico.

— *O quê?*

— Sim. — Sinto Eros ficar um pouco tenso, um conhecimento mudo de que está acordado.

— O Zeus não vai interferir, a menos que tenhamos provas conclusivas, de modo que planeámos ter o apoio do Hades e do Posídon para o obrigar a agir. Nem a Afrodite consegue opor-se a esses três.

Ela fica em silêncio durante um instante.

— Não é um plano mau para este tipo de coisa, mas também não é realmente bom.

— Tenho noção disso.

Outra pausa.

— Tens alguma alternativa em mente.

A minha irmã conhece-me tão bem. Em circunstâncias normais, eu apreciaria a perceção dela sobre o que estou a considerar, mas estou dolorosamente ciente de Eros colado a mim, a ouvir tudo.

— Estamos decididos a tentar isto primeiro — digo por fim. Até é a verdade. Lá por eu achar que não vai funcionar, não significa que eu esteja certa. Quero desesperadamente estar errada.

— O Hades vai apoiar-te.

Isso faz-me sorrir.

— Não vais falar primeiro com ele?

— Não preciso. Primeiro, ele está aqui mesmo sentado, a ouvir tudo, qual marido abelhudo. E segundo, és cunhada dele e ele gosta de ti, portanto é evidente que vai fazer tudo que estiver ao seu alcance para garantir a tua segurança. Certo, Hades?

Ouço um assentimento profundo e murmurado em pano de fundo. Bem, essa parte está tratada. Não previ nada de diferente, mas surpreendeu-me bastante na última semana o facto de não poder ter nada como certo.

— Obrigada.

— Ele vai informar o Zeus, mas vocês têm de convencer o Posídon. Ele fica de fora deste tipo de coisas e seria necessário um incidente muito grande que o instigasse a envolver-se.

Estou muito ciente disso.

— A mãe que se preocupe com isso.

Ficamos as duas em silêncio por um momento, enquanto ponderamos de que forma poderia a nossa mãe incitar a cooperação deste homem. Estremeço.

— Tenho de fazer uns telefonemas.

— Fica bem. Estamos aqui, se precisares de nós.

Sinto a garganta embargada e tenho de engolir em seco para conseguir que as palavras saiam.

— Amo-te.

— Também te amo.

Atiro o telemóvel para o lado e viro-me nos braços de Eros para o olhar.

— Ouviste.

— Ouvi. — Puxa-me mais para si. Para um homem tão gélido, não há dúvida de que Eros gosta de me tocar. Quase tanto como eu gosto de que me toque. Pousa o queixo no topo da minha cabeça.

— Um já está, falta outro.

Deposito um beijo no seu peito, apreciando a proximidade. Parece que virámos uma esquina. Não sei o que o futuro tem para nós, se conseguirmos ultrapassar esta atual confusão, mas um estranho tipo de esperança aloja-se no meu peito. Eu amo-o. Ele

preocupa-se comigo, o que parece indicar que me poderia amar, dada a oportunidade.

— Eros?

— Sim?

É tentador guardar os pensamentos para mim, mas nunca fui boa a controlar a língua no que toca a este homem. Especialmente quando os sentimentos dele estão em jogo.

— Ontem à noite disseste que não sabias amar.

Fica tenso.

— E não sei.

— Enganas-te.

Eros solta uma gargalhada contida.

— Acho que podemos concordar os dois que sou material danificado.

— Para com isso. — Sento-me na cama. — Para de falar assim de ti. Eu não deixaria outra pessoa falar de ti de forma tão cruel, e raios me partam se te vou deixar a ti.

O choque estampado no rosto dele magoa-me o coração.

— É a verdade.

— Eros, tu amas a Helena.

Ele faz uma careta.

— Ela é como uma irmã para mim.

— Eu sei. — Faço pressão com a minha mão no centro do seu peito. — E tu ama-la como a uma irmã. Esse amor conta. Poder-se-ia dizer que até conta mais do que o amor romântico, porque não há sexo à mistura, a embrulhar tudo.

Ele abre a boca, hesita e acaba por cobrir a minha mão com a sua.

— É difícil argumentar contra isso.

— Porque eu tenho razão. — Inspiro fundo. — Se aquilo que nós temos chegará ou não a ser amor é coisa que nenhum de nós

pode controlar. — Mesmo que, para mim, seja tarde de mais, em qualquer dos casos. — Mas nunca duvides que és capaz.

Eros estuda demoradamente o meu rosto e depois o seu descontrai num sorriso.

— Eu não te mereço mesmo.

— Pois não. — Rio-me um pouco. — Mas não é pelas razões que disseste antes. Eu sou uma joia.

— Eu sei.

O momento demora-se entre nós, e aquelas palavrinhas inesquecíveis dançam na ponta da minha língua. *Eu amo-te*. Não posso dizê-las. Não agora, depois daquela conversa. Vai parecer que estou a manipulá-lo ou, pior, que espero que as retribua neste momento.

Desesperada por uma distração, aclaro a garganta.

— Estou a morrer de fome.

Isso põe-no em ação, tal como eu desconfiava que fosse acontecer.

— Então, vamos lá alimentar-te.

Uma hora mais tarde, já comemos e tomámos banho. Estamos a planear o resto do dia quando o meu telemóvel toca. Sustenho a respiração ao ver o nome da minha mãe.

— Estou?

— O Posídon está de fora. Lamento, Psique. Tentei tudo o que tenho, mas ele recusa-se a envolver-se no assunto.

A desilusão enfraquece-me os ossos das pernas. Mal consigo cair na cadeira, em vez de no chão.

— Estou a ver.

— É um jovem palerma e teimoso, que continua a achar que pode jogar à sua maneira, em vez de se afundar nas profundezas que os restantes de nós ocupam. Se me deres algum tempo...



— Obrigada, mas não vai ser preciso. — Tempo é coisa que não temos. Neste momento, Afrodite estará sem dúvida a ordenar o próximo ataque. Não é pessoa para aceitar a desilusão de ânimo leve e, aos seus olhos, eu já levei a melhor sobre ela por duas vezes. Não o permitirá uma terceira. — Eu trato disso.

— Psique... — Pela primeira vez desde que me lembro, a minha mãe parece insegura. — Deixa-me ajudar.

Palavras venenosas e horríveis ameaçam vir à superfície. *Eu não estaria nesta situação se Afrodite não te odiasse tanto. Nem sequer estaria em Olimpo se a tua ambição não fosse tão forte.* Não as digo. Em última análise, tenho quase tanta responsabilidade nesta situação como o resto dos agentes. Eu podia ter sido como Perséfone e tentado arranjar uma maneira de sair de Olimpo. Nunca foi esse o meu objetivo. Também entrei no jogo e agora preciso de o jogar melhor do que nunca.

Falhar é morrer.

Inspiro devagar.

— Tenho as coisas sob controlo. Telefono-te mais tarde. — Desligo e olho de relance, encontrando Eros a observar-me. — O Posídon não dará o seu apoio.

— Era improvável, mas eu tinha esperança de estar enganado. — Fica imóvel, como parece acontecer quando está a pensar intensamente, e o gelo imiscui-se nas suas feições. — Eu trato disso.

— Não, Eros. — As forças voltam a entrar no meu corpo, geradas pelo puro pânico. Avanço até junto dele e pego-lhe nas mãos. — Não, não podes fazer mal à tua mãe.

— Não quero fazer. — Parece estar a sofrer. — Mas ambos sabemos que ela não vai parar. — Eros abana devagar a cabeça. — Não há outra maneira. Estamos a ficar sem tempo.

Eu sei isso. Estou dolorosamente ciente dos segundos a passar.

— Por favor, Eros. — Deslizo as mãos pelo seu peito acima e seguro o seu rosto com as mãos em concha. Meus deuses, acho

que vou chorar. — Eu amo-te. — É um passo cruel, dizê-lo agora, sonso e manipulador como eu temia que fosse. Não quero saber. Direi pior para o impedir de fazer isto. Afinal de contas, é a verdade.

Julguei que ele antes estivesse imóvel; agora está praticamente petrificado.

— Diz isso outra vez.

— Eros, eu amo-te. — As palavras saem com tanta facilidade da minha língua Enterro os dedos nos seus caracóis dourados. — Eu amo-te.

Parece quase em agonia.

— Eu estava a falar a sério. Não o mereço.

— O amor pouco se importa que seja ou não merecido. Não é propriamente uma coisa condicional... Pelo menos, não deveria ser.

Coloca as mãos sobre as minhas ancas.

— Eu, em particular, não mereço ser amado por ti. — Eros solta o ar a tremer. — Mas quero lá saber. Já o disseste. Não podes voltar atrás.

Dou por mim a sorrir, embora pareça que o meu coração se parte.

— Não vás, por favor. Por favor, dá-me tempo para encontrar outra maneira. — Para pôr em ação as coisas que o salvarão disto.

Eros cobre as minhas mãos com as suas e levanta-as do seu cabelo. Beija-me uma palma, depois a outra.

— Prometi que te mantinha em segurança. É exatamente isso que vou fazer. — Liberta-me e recua um passo. — Vai à sala de pânico e fica lá até ao meu regresso. Não a abras a ninguém que não eu.

Estou a perdê-lo. Talvez o tenha perdido no instante em que Posídon se retirou de cena. Não sei, mas sinto Eros escapar-se-me por entre os dedos, embora esteja mesmo aqui à minha frente. Pode ser que se considere um monstro de verdade, mas, se isso fosse correto, não seria capaz de cuidar de mim como faz.

Se fizer mal à mãe, perderá o pouco que lhe resta da sua alma.  
Não posso deixá-lo fazer isso, não por mim.

— Eros, por favor.

Beija-me delicadamente. Parece uma despedida.

— A sala segura, Psique. Promete-me.

— Prometo — sussurro. É a primeira vez que lhe minto, desde que casámos.

Ele anui e liberta-me.

— Não demoro.

Fico ali de pé, de coração a afundar-se, a vê-lo pôr o casaco e os sapatos. O som da porta a abrir-se é obscenamente forte no silêncio da *penthouse*. Dou por mim a contar baixinho.

— Um... dois... três... — Aos vinte, obrigo-me a mexer-me.

O primeiro passo é o mais difícil. Estou a correr um risco. Não só com a minha vida, como também Eros pode nunca me perdoar o que eu estou prestes a fazer.

Não importa. Pagarei esse preço, e de bom grado, se isso se traduzir em poupá-lo de carregar o fardo de fazer mal a uma das poucas pessoas no mundo de quem gosta.

Procuro atabalhoadamente o telemóvel e quase o deixo cair com as pressas. Só há uma pessoa a quem posso ligar para conseguir isto, e trata-se de um jogo da mais elevada ordem. Respiro fundo e digito.

Quando Helena atende, soa como se tivesse acabado de acordar.

— Sim?

— Helena, preciso do número de telefone da Afrodite.

— Olá, Psique. Que bom falar contigo. Estou ótima, obrigada por perguntas.

Engulo a minha necessidade de gritar.

— Helena. — Falo devagar. — O Eros está metido em problemas e eu preciso do número da Afrodite. Não tenho tempo para explicar porquê.

Ela fica em silêncio.

— Eu gosto de ti, Psique, mas a Afrodite esfola-me viva se descobrir que te dei o contacto dela. Pede ao Eros.

— Helena! — A minha voz sobe a pique, apesar dos meus esforços para manter a calma. — O Eros vai matar a Afrodite.

— *O quê?* Não. Têm uma relação tóxica como a porra, mas ela é mãe dele.

— Eu sei, é por isso que preciso do número dela e já.

Outra pausa, desta vez mais breve. Finalmente, ela diz:

— Se isto for um estratagema que acabe por fazer mal ao Eros, esfarelo-te toda. Nem uma migalha da tua pessoa sobra quando eu acabar.

— Se eu fracassar no que estou prestes a fazer, tens todo o meu apoio para tentar isso. O número, Helena. Por favor.

Ela pragueja e desbobina o número. Desligo sem me despedir. O tempo é crucial, mas continuo a permitir-me uns segundos para inspirar e pôr a cabeça no lugar. Só tenho uma oportunidade de fazer isto; não me posso dar ao luxo de estragar tudo.

O meu coração está longe de bater normalmente quando digito o número de Afrodite. Melhor assim. Não vai acreditar em mim, se eu estiver muito calma. É suficientemente inteligente para sentir que há aqui mais do que parece à primeira vista, por isso, o meu trabalho é assegurar que ela se foca tanto na possibilidade de me apanhar que não se preocupa com uma armadilha. Ou, pelo menos, que é tão arrogante que julga que nenhuma armadilha da minha parte a poderia apanhar.

Quando ela responde, é fria como gelo.

— Fala Afrodite.

— Mudei de ideias. — Não preciso de fingir o tremor na minha voz. — Não quis nada disto e agora quero sair. Consegues fazer-me sair de Olimpo, não consegues?

Ela quase nem perde um instante.

— Psique? Que encantador receber um telefonema teu. Admito que estou surpreendida por me teres contactado.

Caraças, tenho de ser mais rápida. Inspiro ruidosamente.

— Quero sair. Tu queres que eu saia. É bom para as duas.

— E eu que julgava que o teu casamento com o meu filho era por amor. — As suas palavras pingam ácido.

— Sabes que não.

Afrodite ri-se.

— Sim, sei. O Eros é areia de mais para a tua camioneta, mas isso não importa nada. O que propões?

— Vai ter comigo a... Sei lá, aos jardins do bairro universitário? Se conseguires que eu parta clandestinamente no próximo carregamento que saia das docas, nunca mais me vês. — O tremor na minha voz fica mais forte. — Eu não quis isto. Não quero morrer.

— Claro que não, doçura. Ninguém quer morrer. — Fica em silêncio, enquanto parece ponderar a questão. — Eu tinha a impressão de que sair da cidade não estava nos teus planos.

— Não é propriamente fácil sair de Olimpo — digo bruscamente.

— Ahã, isso é verdade. — Outra pausa. — Eu tiro-te daqui. Vai ter comigo aos jardins hoje à noite.

— Não! — Dou-me conta que gritei de mais e praguejo em silêncio. — O Eros foi tratar de uma coisa. Tem de ser agora. Se eu não sair antes do regresso dele, vai manter-me aqui.

Afrodite suspira.

— Sim, o meu filho é bastante tenaz quando se decide a alguma coisa. Acho que posso mudar os meus planos para o dia. Encontramo-nos nos jardins dentro de uma hora.

O tempo mal chega para eu ir lá ter com um tempinho de sobra.  
Já estou a dirigir-me à porta e a enfiar o casaco.

— Está bem. Obrigada, Afrodite.

Consigo ouvir o sorriso malévolo na sua voz.

— De nada, querida. Afinal, as mães sabem sempre o que é melhor.

## Capítulo 31

### Eros

Não sei bem o que é suposto sentir-se quando se está a caminho de se ir ameaçar e possivelmente matar a própria mãe. Não sinto nada. Em vez disso, sou invadido por vislumbres de memórias que julguei há muito enterradas.

Aos oito anos, encontrei a minha mãe a chorar no sofá. Ela chorava e dizia-me que a cidade inteira estava atrás dela. Prometi-lhe que *eu* haveria sempre de a proteger.

Aos treze, era capaz de detalhar perfeitamente todos os inimigos da minha mãe, os que ela me dizia que a queriam morta. Debitava à minha mãe os seus pormenores pessoais e supostos pecados e ela sortia para mim como se eu fosse a sua pessoa preferida no mundo inteiro.

Aos dezassete, quando a minha mãe me pediu que lhe fizesse um favor, só uma coisinha. Foi tão fácil fazer as perguntas certas que conduziam à verdade sobre Apolo e Dafne. E depois ela derramou toda a sua atenção sobre mim, como o sol do estio.

Aos dezoito, a primeira vez que lhe disse que não ia fazer o que ela me pediu. A rapidez com que me privou da sua atenção, da própria presença. A implacabilidade com que me castigou ao retirar-se durante dias, semanas, até eu finalmente me vergar e fazer o que ela me pediu. A minha mãe pode ser um monstro, mas é a única família que tenho. Não fui suficientemente forte para aguentar o gelo a que me votou. Eu não tinha mais ninguém.

Aos vinte e um, quando percebi a lição que devia ter percebido anos antes: ela não me ama de facto. Duvido que seja até capaz disso. Vê-me como uma ferramenta útil em que pega e que pousa, conforme a situação o exija. Todos os momentos doces, as lágrimas, os sentimentos feridos, tudo isso armas que ela brandia contra mim. Compreender isso matou alguma coisa em mim, algo

que eu julgava que nunca haveria de recuperar; até conhecer Psique.

Depois disso, Afrodite recorreu a medidas mais fortes para me pôr na linha sempre que eu a rechaçava.

Mesmo com todos os anos de amor e ressentimento que descambaram em ódio, a verdade é que ela é a única constante na minha vida. Florete ou luz no escuro, esteve sempre lá. Nunca me ocorreu que um dia não haveria de estar.

Que um dia seria minha a mão que traria o seu fim.

Demoro quarenta minutos a chegar à casa dela. Embora a minha mãe passe a maior parte do tempo na área em torno da Torre de Dodona, vive nos arredores do bairro dos teatros. Nunca consegui descortinar se ela gosta realmente do teatro, ou se gosta apenas de ser mecenas e musa dos atores. Seja como for, foi o facto de ela me arrastar para as peças que acabou por me conduzir ao Bacantes.

Vive numa vivenda em banda, não num dos arranha-céus que abundam em Olimpo. Até tem um pequeno quintal cercado, e é assim que entro na propriedade, pelo portão que delimita o beco traseiro. Devia haver seguranças a vigiar o espaço — por insistência minha —, mas parece que os dispensou de novo. Ela detesta ter um séquito de gente armada e, portanto, manda-os embora sempre que tem oportunidade. Dantes, isso frustrava-me a um nível intraduzível.

Agora, funciona a meu favor.

Faço uma pausa no quintal. Na primavera, é uma explosão de cor e flores, tudo perfeitamente curado e pronto para as fotografias. Nunca percebi isso. Afrodite recebe convidados infinitos, mas raramente em sua casa. E também mal publica fotografias deste espaço. É quase como se toda esta beleza fosse só para ela, mas agora não posso pensar nisso.

Uso a minha chave para destrancar a porta das traseiras e entro sub-repticiamente, sem me fazer anunciar. É domingo, por isso ela devia estar em casa. Afrodite não pertence a nenhuma igreja e



gosta de domingos preguiçosos, em que não fica em exibição ao público.

Só que a casa parece estranhamente vazia.

Vagueio de divisão em divisão, detestando a cascata de memórias que cada uma me traz. Esta foi a casa da minha infância, e embora essa infância tenha sido muitas vezes destituída de doçura e segurança, nem tudo foi mau. Faço uma pausa à porta do meu antigo quarto. É uma relíquia do passado, está exatamente como o deixei quando saí aos dezoito anos, desesperado por me distanciar um pouco da minha mãe. Uma cama extragrande, lençóis com uma densidade de fios ridiculamente elevada, uma almofada a ocupar exatamente a enorme extensão do colchão.

Mesmo a contragosto, entro no quarto e olho em volta. Não há pósteres nas paredes, mas tenho dois quadros emoldurados que a minha mãe me ofereceu durante uma fase particularmente angustiada. O nome do artista é Morte, que na altura me pareceu particularmente adequado, e mostram grandes planos de mãos surradas e ensopadas de cor, dando a impressão de uma violência acabada de cometer.

A minha escrivaninha contém papéis e imagens espalhados, assim como outras tretas aleatórias que os adolescentes acumulam. Bilhetes da Helena. Antigos trabalhos da escola que nunca cheguei a deitar fora. Cadernos repletos de comentários e percepções adquiridas durante as minhas primeiras tentativas inexperientes de vigiar pessoas.

Abro o meu roupeiro e miro o cofre de armas metido lá dentro. Ora aí está uma coisa que aposto que a maior parte dos adolescentes acumula. Agacho-me e insiro o código, mais por força do hábito do que por outra coisa. Embora eu guarde várias armas e venenos na minha *penthouse*, usar o armazenamento que Afrodite guarda debaixo do seu teto é melhor para este cenário. A minha mãe não vai sentir nada; vai apenas ficar com sono e depois apagar-se.

Não posso pensar que se trata do mesmo veneno que tinha intenções de usar em Psique.

Há muitas coisas em que não posso pensar neste momento.

Abro o cofre e franzo o sobrolho.

— Mas que porra...?

Falta uma das armas. A minha mão fica a pairar sobre o espaço vazio. Estava aqui há duas semanas, quando Afrodite requereu a minha presença para jantar. Onde é que está agora, que porra?

Fico com os pelos da nuca em pé. Alguma coisa não está nada bem. Deixei que as minhas emoções levassem a melhor sobre mim e elas turvaram a única coisa em que eu *devia* estar a pensar. Ou melhor, a pergunta que devia estar a fazer.

Onde é que está Afrodite, porra?

O telemóvel vibra no meu bolso quando me ponho em pé. Tiro-o do bolso, vejo o nome de Helena e rejeito a chamada. Falo com ela mais tarde. Só que o meu telemóvel começa a vibrar antes de eu poder voltar a metê-lo no bolso. Outra vez Helena. Franzo o sobrolho e atendo.

— Estou ocupado.

— Eros, eu acho que a Psique está metida num problema. Ou talvez a tua mãe esteja. Sinceramente, não tenho a certeza, mas passa-se alguma coisa e tu precisas de saber.

A sensação de terror que pesa sobre mim só piora.

— Abranda e explica isso como deve ser.

Ela faz uma longa inspiração, como se tivesse estado a correr.

— Tipo, há uma hora, a Psique ligou-me e disse que precisava do número da Afrodite para te impedir de fazer uma coisa que depois não poderias desfazer. O que... julguei que ela ia... Meus deuses, nem sei o que pensei, mas o MuseWatch acabou de postar ter visto a Psique nos jardins universitários e a Afrodite a conduzir em direção ao bairro universitário, e parecia vestida para matar.

Lamento ter demorado tanto tempo para juntar dois e dois, mas creio que se vão encontrar, provavelmente em breve.

*Ela não o faria.*

Só que quando vejo mentalmente a expressão determinada no rosto da minha mulher, dou-me conta de que sem dúvida o faria.

— Deste o número da minha mãe à Psique.

— Não sabia o que fazer. A tua mãe é uma cabra, mas é tua mãe. Não podes... Não posso ficar aqui sentada e deixar que lhe aconteça alguma coisa. Vais arrepender-te para o resto da vida. — Porque a mãe de Helena está morta e não há como voltar atrás nisso. — Pensei que a Psique tivesse um plano, mas não me dei conta de que o plano dela seria confrontar a Afrodite diretamente.

— Não tinhas como sabê-lo.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Reprimo a resposta afiada de que já fez o suficiente. Helena não tem culpa de eu e Psique estarmos metidos nesta confusão. Fez apenas o que julgou que era melhor e não posso culpá-la por isso.

— Fica de olho no MuseWatch e avisa-me se houver atualizações.

— Vou fazer isso. — Hesita. — Eros, lamento imenso.

— Eu sei. — Desligo, pensando intensamente.

Se Psique foi vista nos jardins universitários e a minha mãe segue nessa direção, é aí que se vão encontrar. Terei uma oportunidade de controlar esta situação, e trazer mais pessoas vai acrescentar elementos incontrolláveis. Pondero as minhas opções. Se eu conduzir, serão acrescentados minutos para tentar encontrar um lugar de estacionamento, o que demora um tempo a que não me posso dar ao luxo.

Inspiro. Sem dúvida, a minha mãe vai a conduzir. Nunca teria ido de casa para lá a pé. Isso dá-me tempo.

Começo a correr.

À medida que os meus passos batem com força e engolem os quarteirões entre mim e os jardins, não consigo evitar a espiral frenética dos meus pensamentos. Porque faria Psique uma coisa destas? Porque *arriscaria* isto?

Só que... eu sei porquê, não sei?

O amor faz de nós parvos. Nunca me dei conta de que seria assim tão literal. Estamos os dois tão concentrados em salvarmo-nos um ao outro do sofrimento e dos danos que nos lançamos exatamente para essas coisas. Psique é astuta e tão inteligente que me faz trepar pelas paredes, mas a minha mãe é de uma estirpe completamente distinta. E tem uma arma. Eu nunca teria pensado que ela iria tão longe, ao ponto de sujar as mãos, mas Psique ultrapassou-a em todos os pontos. Quando Afrodite fica encurralada, não hesita em atacar.

Em atacar Psique.

Não posso perdê-la. Acabei de a encontrar, porra.

Estou ofegante e a suar quando chego aos jardins. Onde terá ido Psique? Recuo freneticamente na memória até onde percorremos os jardins. Foi há apenas uns dias? Parece que foi numa outra vida. Embrenhámo-nos pelos caminhos o suficiente para não podermos ser vistos da rua, até à parte do jardim que ela disse ser a sua preferida. Aposto que é aí que está.

Dói-me o corpo quando acelero o passo. Os meus sapatos não foram feitos para correr, mas mal sinto a dor. Especialmente quando dobro uma esquina e encontro Psique frente a frente com a minha mãe. Afrodite segura com as duas mãos a *minha* arma, com uma postura de porcaria, se bem que não pode propriamente falhar àquela distância. A minha mulher está quase tolhida contra aquela porra de galhos que me disse serem flores.

Obrigo-me a parar, a abrandar para evitar surpreender a minha mãe e fazê-la premir o gatilho, e levanto as mãos.

— Basta, mãe.

Ela não olha para mim.

— Dá meia-volta, Eros. Tenho isto perfeitamente controlado. — Tem a voz tão perfeitamente controlada que até podia estar a fazer comentários acerca do tempo.

— Não posso deixar que faças isto. — Não consigo pensar, não sei como fazer para assegurar que ela pousa a arma sem premir o gatilho. Só tenho pânico, e o pânico vai fazer com que Psique acabe morta. Aproximo-me um centímetro. — Vai para casa, Psique. Eu trato disto.

— Ela tem uma arma! — A voz dela treme e ela está meio agachada, os braços erguidos como se isso bastasse para fazer parar uma bala. E está em pânico e não há raio de coisa nenhuma que eu possa fazer. — Ela vai matar-me!

— Ela não te vai matar. Não vou deixar. — Espero desesperadamente não estar a mentir.

Dou mais um passo em frente, mas Afrodite abana a cabeça.

— Mais perto, não, se não primo o gatilho.

Estas palavras fazem-me parar logo, o coração aos pulos na garganta. Preciso de encontrar as palavras certas a dizer, mas o meu cérebro é pura estática. Não estou contudo suficientemente perto para me atirar à arma, por isso tenho de tentar.

— Arriscarias a fúria do Zeus por isto?

— Faria isso e mais do que isso. — Não desvia os olhos de Psique.

Mas não sou eu quem vai matar a filha da Deméter, Eros. És *tu*.

Faz-se luz quando a observo. O casaco velho que não a vejo usar há anos. As luvas de pele que irão remover qualquer vestígio de resíduos da arma se ela disparar — e as suas impressões digitais. O que significa que as únicas impressões digitais na arma registada em meu nome são minhas.

O medo, puro medo, cobre-me de gelo. Ela vai mesmo fazer isto. Não está a fazer *bluff*.

— Porque haveria eu de matar a minha mulher? Eu amo-a.

— Não me mintas. — O seu belo rosto contorce-se em algo horrível. — Tu não amas esta cabra. Não és capaz de amar. Ela devia estar morta, Eros. O seu coração na porra de uma bandeja. Mas que porra é que se passa contigo para te *casares* com ela?

Psique não está a chorar, mas parece quase.

— Porque haverias de querer matar-me? Nunca té fiz nada! — Está a tremer tanto que tem de apertar as mãos à frente do peito.

Afrodite vira um pouco o corpo para me manter na sua linha de visão enquanto fulmina a minha mulher com o olhar.

— A tua mãe já me fez muito. Precisa de descer uns níveis. Não é ela que vai escolher a próxima Hera. Sou *eu*.

Psique funga.

— Mas isso não tem nada que ver comigo.

— Tem tudo que ver contigo. — Inclina-se para baixo, cheia de desdém. — A Deméter acha mesmo que *tu* és suficientemente boa para te casares com o Zeus. Olha para ti. Não passas de uma gorda a brincar ao faz de conta.

— Eu não pedi isto!

— Acorda, rapariga. Ninguém pediu isto em Olimpo. — Ri-se, um som desvairado e desenfreado. — Não se nada com tubarões para depois se chorar por se ter sido comido. Tentaste jogar o jogo e perdeste. — Muda de postura, levantando a arma dois centímetros. — Agora vais pagar o preço.

— Já *chega*. — Começo a avançar, mas ela faz-me parar pondo o dedo no gatilho. Se ela estivesse a apontar para mim, eu não hesitaria. Arriscaria. Mas não vou arriscar a vida de Psique. — Não falas assim com ela. Não a atacas por ela ser melhor do que tu, mais bonita do que tu, tanto por dentro como por fora. Baixa a porra da arma, mãe.

— A nossa conversa acabou!

Psique suspira.

— Sim, acho que sim. Já tenho mais do que a conta. Tal como o resto de Olimpo. — Todo o tremor desapareceu da sua voz, o medo escondido como se nunca tivesse existido, deixando apenas no seu lugar uma calma fria e uma determinação de aço. Estende o braço para um leito de flores e extrai um telefone do espaço atrás de si. Segura-o junto ao rosto e, por um mero instante, há uma centelha de calma e ela faz um sorriso trémulo. — Portanto, estão a ver, não está tudo bem. Nada mesmo. A Afrodite quer matar-me e incriminar o meu marido.

Afrodite fica de queixo caído.

— Estás a fazer *streaming* ao vivo.

— Cem mil espectadores e mais a chegarem. Antes do fim do dia, toda a Olimpo te terá ouvido confessar que tentaste matar-me. — O sorriso trémulo de Psique aguça-se. — Os tubarões não são os únicos predadores dos oceanos, Afrodite.

Que caraças. Que *caraças*. Não vai dar para varrer isto para debaixo do tapete, não há como fingir que nunca aconteceu. Ela acabou de abrir caminho para uma mudança de poder no título de Afrodite sem derramamento de sangue; não há maneira nenhuma de a minha mãe conservar o título depois disto. O alívio deixa-me estonteado.

— Acabou. Não há volta a dar. Acabou finalmente.

— Só acaba quando eu disser! — Afrodite vira-se por completo para enfrentar Psique, e a sua expressão faz-se feia e detestável. — Se eu cair, tu caís comigo!

— Não! — Corro para a frente, mais depressa do que nunca. Ainda estou a correr, mas já sei que não serei suficientemente rápido. Há uma grande distância a separar-me de Afrodite e uma tão pequena entre o seu dedo e o gatilho.

Não conto com Psique.

Ela aparece, a agarrar os pulsos de Afrodite e a levantá-los para o céu quando a arma dispara. Pisa o pé da minha mãe e arranca-lhe

a arma das mãos, atirando-a na direção oposta. Afrodite pragueja, mas Psique atira-a ao chão. Tudo isto durou dois segundos.

Agarro em Psique e puxo-a para os meus braços. Sei que não foi atingida, mas não posso deixar de procurar ferimentos no seu corpo, apesar disso.

— Estás ferida?

— Estou bem. Estou salva. Estamos os dois.

— Porra. — Aponto para a minha mãe, que neste momento tenta sentar-se. — *Não* te mexas.

Ao longe, as sirenes soam. Psique cola a testa ao meu peito demoradamente e depois afasta-se.

— Agora, é hora do ato final.



## Capítulo 32

### Psique

Depois disto, as coisas acontecem depressa. O pessoal de Ares chega. Metade deles transporta Afrodite numa carrinha preta; a outra metade atua como nossa escolta até à Torre de Dodona, para irmos ao encontro de Zeus. Tenho das boas para lhe dizer.

Eros senta-se ao meu lado no banco de trás do carro. Não disse uma palavra desde que o pessoal de Ares chegou. Ele ficou perto de mim, mas não consigo interpretar a expressão do seu rosto. Mostra-se gelado comigo. Abro a boca, mas decido não falar antes que se me escape alguma palavra. Não estamos a sós e isto precisa de se desenrolar antes de podermos ter qualquer coisa parecida com uma conversa honesta.

Não sei se ele me vai perdoar por lhe ter mentido na cara e ter agido nas suas costas.

Chegamos à Torre de Dodona e somos escoltados até ao escritório de Zeus. Ele está à nossa espera quase na mesma posição em que estava durante o nosso último encontro. Ergue os olhos quando transpomos as portas, pousando o olhar nos soldados atrás de nós.

— Deixem-nos a sós.

Eles obedecem prontamente. Nunca tive grande desejo de ter poder pelo poder, mas a capacidade que ele tem de pronunciar ordens e de as pessoas lhe obedecerem de um salto é algo que seria útil. Especialmente neste momento.

Zeus esfrega as têmporas. Por um momento, quase parece cansado, mas isso passa e ele volta a ser o homem frio e implacável que sempre foi na minha presença.

— Quando eu disse que precisava de provas, não estava a dizer que queria que as mostrassem em *streaming* a meia Olimpo.

— Toda a Olimpo as terá visto por altura da hora de jantar. — Aperto as mãos à frente do corpo, na esperança de que ele não repare em como tremem. — Especialmente quando o MuseWatch lhes pegar, e ambos sabemos que o fará. Uma Afrodite homicida gera cabeçalhos suculentos.

— Ela será exilada. — Recosta-se, os olhos azuis frios. — Mas, também, era o que vocês queriam, não era?

É exatamente o que eu queria. Matar Afrodite, quer seja uma execução sancionada quer não, vai magoar Eros. Já carregou aos ombros mágoa suficiente para uma vida inteira. Sei que não o posso proteger disso para sempre, mas posso fazer isto.

— Sim, era o que eu queria.

Zeus vira a sua atenção para Eros.

— E tu. Há muitos crimes a pousar aos teus pés. Devia exilar-te também. Não são só os Treze que pagam o preço por violar uma das nossas leis mais sagradas; é também toda a gente que envolve na trama.

— Não! — grito antes de me poder deter.

Zeus abana devagar a cabeça.

— Eu tê-lo-ia feito. Contudo, a situação mudou.

A mudança é tão inesperada. Fito-o, inexpressiva. O que podia ter mudado que salvasse Eros da punição?

— Por ter sido mostrado em *streaming* ao vivo?

— Não. — Olha-me demoradamente. — Porque agora são família e, infelizmente, isso proporciona-te, e ao teu marido, uma certa indulgência. Como tal, não apresentarei queixa de nenhum dos dois. Este é, no entanto, o único aviso que vos faço. Se continuarem a fazer esquemas e a dificultarem-me a vida, farei de ambos exemplos.

*Família?* Franzo o sobrolho.

— De que estás a falar?

Ele inclina-se para a frente e prime um botão de telemóvel.

— Ela que entre.

Atrás de mim, a porta abre-se e ouço o som de passos que me são familiares. O horror mantém as plantas dos meus pés no lugar, mas não me salva da verdade quando a minha irmã mais velha me contorna e a Eros para se ir colocar junto ao ombro de Zeus. Calisto usa um vestido preto, e a total simplicidade do corte só serve para acentuar a sua beleza pura. Não toca em Zeus, deixando-se ficar a um cuidadoso passo de distância, mas não há como negar o que aconteceu.

Está ali escrito, no diamante gigantesco que ela tem no anelar.

— Não — murmuro.

Pela parte que lhe toca, Zeus não parece exageradamente ufano. Mostra-se apenas entediado com esta conversa.

— O noivado será anunciado dentro de uns dias. O casamento terá lugar nesta primavera. Em circunstâncias nenhuma farás o que quer que seja que o ponha em perigo, caso contrário *irei* exilar todos os membros da tua família. — O seu olhar passa para Eros.  
— Assim como o teu marido.

— Mas... — Engulo o meu protesto quando Calisto abana muito ligeiramente a cabeça. Quando ela disse que tratava do assunto, temi que tentasse assassinar Zeus, ou outra coisa igualmente violenta. Não pensei que concordasse em *casar* com ele. As suas palavras de ontem regressam até mim.

*Tu e a Perséfone tomam conta de nós há muito tempo. Eu trato disto.*

Tenho de respeitar a escolha dela; mesmo que não a entenda, conheço a Calisto bem de mais para acreditar que alguém a obrigou a tomar esta decisão, não se ela não o queria.

Aclaro a garganta.

— Bem-vindo à família, Zeus.

— Está melhor, mas estou à espera de sorrisos e palavras de felicidade quando anunciarmos oficialmente o noivado. Não serás

outra coisa que não efusiva e solidária. — Olha pela janela durante muito tempo e depois de novo para nós. — E assim concluímos. Não vos será permitido contactar a Afrodite até ela ser retirada da cidade. Haverá uma conferência de imprensa amanhã de manhã, a que *não* quero que vão.

— Vais urdir a história.

— Claro que vou urdir a história. — Abana a cabeça. — Vão para casa. Fiquem lá. Continuem a fazer olhinhos um ao outro durante pelo menos um mês. Não me importa o que façam depois disso, mas vão manter esta cronologia para evitar que as pessoas façam perguntas desconfortáveis. Estão a compreender-me?

— Sim — sussurro.

Zeus dirige aquele olhar frio a Eros.

— E tu?

— Alto e bom som.

— Ótimo. Agora saiam do meu escritório.

Não sei se teria argumentado mais. Eros não me dá hipótese. Vira-se para mim e, com uma mão ao fundo das minhas costas, conduz-me para fora da sala. Trata-se de um pequeno toque, mas não é menos dominante por isso. Não falamos enquanto o elevador vai para o rés do chão. Só então hesita.

— Estás a fim de ir a pé até nossa casa?

Nossa casa.

Ele diz isto de maneira tão livre, sem hesitações ou tropeções. Como se a *penthouse* pertencesse de facto aos dois e não apenas a ele. Como se este casamento fosse outra coisa que não uma fraude. Um mês. Um mês é tudo o que nos resta. Depois disso, não teremos motivo para continuar casados. Não teremos motivo, exceto o amor que ameaça rasgar um buraco no meu peito.

Eros disse à mãe que me amava. A mim, disse-me que gostava de mim. Mas passámos os dois tanto tempo a fingir sermos outras pessoas que já não sei o que é ou não real.

— Posso andar.

— Está bem. — Enfia o braço no meu e orienta-nos na direção do prédio dele.

Demora um quarteirão até os meus sentimentos levarem a melhor sobre mim.

— Eros...

— Aqui não.

Certo. Não na estrada, onde qualquer pessoa pode ouvir. Eu devia estar a sorrir para ele, como a recém-casada que sou, mas não consigo.

Desde que esteja em movimento, estou bem, mas no instante em que volto à *penthouse* de Eros e ele fecha a porta atrás de mim, os meus joelhos cedem.

Apanha-me antes que eu caia e bata no chão. Claro que sim. Eros pega em mim e leva-me para o quarto que se tornou nosso. Só então me senta na cama e se agacha diante de mim. O gelo continua presente nos seus olhos, mas a maneira como segura as minhas mãos é suave e doce.

— Respira, Psique.

— Estou a respirar. — Só que a minha voz está muito alta e filiforme. E não consigo deixar de tremer. — O que se passa comigo?

— Quebra de adrenalina. — Esfrega-me delicadamente as mãos. — Vai passar.

Claro que ele sabe. Tem estado em situações de perigo repetidas vezes. Eu só o fiz duas vezes, e a sensação que borbulhava dentro de mim depois da tentativa de homicídio no parque de estacionamento não foi nada comparada com isto.

Sinto a garganta embargada, mas tenho de deixar sair as palavras.

— Desculpa.

Ele franze o sobrolho.

— De que estás a falar?

— Desculpa. Disseste-me para ficar aqui, mas eu não podia. Não podia deixar que carregasses o fardo de lhe fazeres mal. É a tua mãe.

— É um monstro.

— Isso não signifique que não a ames.

Ele suspira e vem juntar-se a mim na cama.

— Não, não significa que não a ame, se é que lhe podes chamar isso. Eu... — Pragueja. — Estou furioso contigo, porra. Puseste-te em perigo. Não falaste comigo, porra. Julguei que ia aparecer lá e encontrar-te morta. Não posso... Psique, não me importa que fardos tenha de carregar; valem a pena se tu estiveres em segurança.

Estendo o braço, a medo, e enterro os dedos nos seus caracóis.

— Eu tinha as coisas sob controlo.

— Em retrospectiva, tenho noção disso, mas havia tantas variáveis. — Abana a cabeça e o gesto puxa um pouco os cabelos presos. — Estavas a fingir, não estavas? Que tinhas medo.

Estremeço ao pensar no momento em que estava agachada no chão, a olhar para o cano de uma arma.

— Só em parte. — Engulo com força. — Ela tinha de pensar que tinha vencido. É vaidosa de mais para não dizer todas as coisas feias em voz alta, e eu precisava disso em vídeo.

Eros fita-me.

— És aterradora. Sabias? Absolutamente aterradora.

— Não sei se isso é um elogio ou não.

— Nem eu. — Ele baixa-se e cola a testa à minha, um toque que acalma parte da tensão que sinto no peito. — Portanto: Falta um mês.

Assim do nada, está de volta.

— Foi o que disse o Zeus. Calculo que ele não queria ter nada que o distraia da narrativa que está a fabricar, e quando anunciar o noivado com a Calisto... — Interrompo-me. — Não acredito que ela fez isto.

— A sério? Eu acredito. — Retira cuidadosamente as mãos do meu cabelo e entrelaça os dedos nos meus. — A tua irmã vai ser a Hera.

— Parece que sim.

Mal consigo compreender como isso será. O último Zeus passou por três Heras durante o tempo que deteve o título. Reza a história que matou pelo menos duas, mas nunca foi acusado de nada. Como consequência, o título de Hera tornou-se vazio. Tecnicamente, continua a ter deveres e uma área para governar, como todos os Treze, mas as últimas três pessoas que o ocuparam ficaram na sombra de Zeus. Não sei o que a minha irmã vai fazer com o título, mas posso garantir que não será a esposa fácil e dócil que Zeus sem dúvida espera.

Mas não quero falar de Calisto.

Inspiro devagar e fito as nossas mãos entrelaçadas.

— Uma parte tão grande disto tem sido fingida. Desde o início que estamos a mentir ao público.

— Eu dou-te o divórcio.

Isto faz-me parar abruptamente. Levanto a cabeça e olho estupefacta para ele.

— O quê?

— O divórcio. — A noite invernosa lá fora é mais calorosa do que a voz de Eros. — Casaste comigo para ficares a salvo da minha mãe. Ela já não é uma ameaça e eu sei que tu não terias escolhido isto para ti. Quando o mês chegar ao fim, peço que façam os papéis para o divórcio. Podes ficar com o que quiseres. É mais do que merecido.

Tenho de retirar as mãos do corpo dele para evitar fazer alguma coisa de que me arrependa.

— Eros.

— Sim?

— Deixas-me terminar antes de ires a correr enterrar-te na tua própria espada para me salvars do grande e malvado tu?

Agora é a vez de ele pestanejar.

— Sou tão monstro como a minha mãe. É um facto empírico.

— O que disseste à tua mãe era sincero? Amas-me?

— Não vejo que isso importe.

Que homem este, deuses. Agarro-lhe na cara e baixo-a para a minha, quase suficientemente perto para nos beijarmos.

— Responde à pergunta.

A sua respiração forte é como um espectro nos meus lábios.

— Sim, era sincero. Eu amo-te. Mas isso não é uma boa razão para te manter acorrentada a mim. Sou um sacana egoísta e julguei que seria capaz de o fazer, mas não suporto a ideia de te ver presa. Nem sequer por mim.

Fecho os olhos. É isso ou começar a chorar em cima dele, o que ele irá interpretar mal.

— Podes ser um monstro, Eros, mas és o *meu* monstro. Também te amo. Não quero o raio do divórcio. Só te quero a ti.

Ele fica em silêncio durante tanto tempo que abro os olhos e dou por ele a fitar-me. Estende o braço e segura-me o maxilar com uma mão a tremer.

— Se estás a falar a sério...

— Estou a falar a sério.

— Vê se tens a certeza, Psique. Se estás mesmo a falar a sério. Não posso... Não tenho forças para te deixar partir duas vezes.

Viro a cabeça e beijo-lhe a palma da mão.



— Não tens nada de me deixar partir.

— Felizmente, porra. — Puxa-me para os seus braços e segura-me com força. Os mesmos tremores que lhe abalaram a mão percorrem-lhe o corpo todo.

Beijo-lhe o pescoço, o maxilar, o canto da boca.

— Estou aqui. Vou estar sempre.

E depois beijo-o como deve ser. Ele aperta-me com mais força, como se não conseguisse estar suficientemente perto de mim, e eu sinto o mesmo. As coisas podiam ter corrido tão mal hoje. Não correram, mas isso não muda a maneira como preciso deste homem. Já. Esta noite. Para sempre. Interrompo o beijo o suficiente para dizer:

— Eros.

Começou a mover-se, a pôr-se em pé e a arrancar a roupa.

— Preciso de ti.

— Sim.

Deixo-o puxar-me o vestido pela cabeça e atirá-lo para o lado. E depois está ali, entregando-me de novo ao colchão, as mãos movendo-se pelo meu corpo como que a assegurar-se de que estou inteira, de que estou aqui. Empurro-lhe os ombros e ele deixa-me que o faça rolar até estar deitado de costas, para me sentar sobre a sua cintura.

Deuses meus, a maneira como este homem olha para mim.

Agarra-me as ancas, devorando-me com aqueles olhos azuis ferozes. — Bastas tu para me fazeres querer entrar no mundo da fotografia. Estas palavras arrancam de mim uma gargalhada de surpresa.

— Eros, certamente não estás a sugerir tirar fotografias ordinárias de mim.

— É exatamente isso que estou a sugerir. — Segura-me os seios com as mãos em concha e inclina-se para os encher de beijos. — Só para nós. Só para nós, sempre.

Ocorre-me de novo que temos *tempo*. Podemos realizar todas as fantasias, explorar todas as subtilezas da coisa que irrompeu de vida entre nós. Rolo as ancas, esfregando-me no sexo dele.

— Com uma condição.

— Diz qual.

Rasgo um sorriso para ele, tão feliz que me sinto mesmo nas nuvens.

— Possui-me em frente de todos os espelhos desta casa, marido. Vamos lá dar-lhes bom uso.

Puxa-me para baixo num beijo arrasador.

— Isso vai demorar anos, mulher.

— Ótimo.

Ele sorri colado aos meus lábios.

— Linda menina. — Eros estende o braço entre os nossos corpos e eu levanto as ancas para ele poder introduzir a pila na minha entrada. Continuo a beijá-lo enquanto deslizo pelo sexo dele, conduzida pelas suas mãos nas minhas ancas.

Só quando ele está completamente instalado dentro de mim é que me sento e apoio as mãos no seu peito.

— Amo-te.

O seu sorriso é grande e feliz e isento de qualquer tipo de sombras.

— Diz isso outra vez.

Monto-o devagar, assegurando aos dois, com toque e prazer, que isto é real, que não vai a lado nenhum.

— Eu amo-te.

Eros desliza uma mão para pressionar o meu clítoris, de modo que cada toque torna o meu prazer mais tenso, mais escaldante.

— Outra vez.

— Outra vez? A sério? — gemo e acelero o ritmo.

— Nunca me hei de cansar de te ouvir dizer isso. — Ele aperta mais a minha anca, instando-me a mexer-me um pouco mais depressa, atrás do orgasmo que já sinto ganhar forma dentro de mim. — Também te amo, Psique. Tanto, porra.

Entre as suas palavras e o seu toque, perco-me. O meu orgasmo explode dentro de mim, arrancando um grito dos meus lábios.

— Amo-te!

Eros derruba-me na cama e depois entra em mim, cada vez mais depressa e com mais força, a sua expressão uma máscara de carência e amor. Envolve-me nos seus braços, segurando-me junto a si enquanto me penetra, em busca do seu prazer. Cravo as unhas no rabo dele, para o aproximar mais de mim, pois preciso tanto deste momento de ligação como ele. Quando se vem, enterra a cara no meu pescoço.

Prepara-se para deslizar para fora de mim, mas eu não vou nisso. Enrolo as pernas à volta da cintura dele e aperto-o bem.

— Ainda não. Ainda não estou preparada para te deixar ir.

— Nunca tens de me deixar ir. — Dá um beijo no meu pescoço e ergue-se um pouco para poder olhar para mim. Oferece-me um sorriso torto. — Olha para nós. A Bela e o Monstro. Felizes para sempre e tudo. Talvez os contos de fadas existam mesmo.

— És muito mais bonito do que o Monstro alguma vez foi.

Solta uma gargalhada brusca.

— E, no entanto, muito mais monstro do que ele poderia alguma vez ser.

— Não quero saber. Monstro, fera, homem, não me importa. És meu, Eros Ambrósia. — Inclino a cabeça e afloro um beijo nos seus lábios. — E eu sou tua.

## Epílogo

Eros

— Estás pronta?

— Quase.

Acabo de abotoar a camisa e verifico a minha aparência no reflexo do espelho. Estou bem. Melhor do que bem. Tenho um fato novo, um dos modelos de Juliette, e o corte é tão superior que vejo porque cobra aquilo que cobra. O roxo profundo devia ser ridículo, mas fica excelente. Ninguém diria, de olhar para mim, que o meu estômago é um caos de nervoso miudinho.

Psique encosta-se à porta. Está, como sempre, pronta para a fotografia, com um *top* às flores e uma saia cor-de-rosa forte em forma de sino, que lhe dá por baixo do joelho.

— Para de engonhar, ou vamos atrasar-nos.

— Podemos sempre faltar. — Dirijo-me a ela. — Eu podia despir-te essa saia gira e perder a noção do tempo.

— Eros. — Ela sorri, embora os seus olhos esverdeados estejam sérios. — Não tens razão para estar nervoso. É só um jantar em casa da minha mãe.

— É um jantar de domingo em casa da tua mãe, com a tua família toda.

É também o primeiro a que conseguimos ir desde que Afrodite foi para o exílio. Tal como Zeus temia, a minha mãe criou mais do que a conta de sarilhos na saída. Nomeou *Eris* sua herdeira, o que pôs toda a cidade alta em ondas consecutivas de burburinho. Eu nem sequer me dera conta de que Eris trabalhava para Afrodite, se bem que, aparentemente, o faz há anos. A sua nomeação significa que dois dos Treze são da família Cásio, que pôs toda a gente a especular sobre como isso afetará o equilíbrio de poder daqui para a frente.

Está claro que Eris não achou conveniente tranquilizar toda a gente. Desconfio de que se alimenta do caos.

Deméter tem estado ocupada a apagar fogos políticos e a andar à volta da nova Afrodite, cheia de cautela, a tentar perceber em que pé estão. E agora Ares está doente e não parece que vá recuperar...

Sim, tem havido umas merdas maradas em Olimpo.

É irónico que tenha sido o mês mais feliz da minha vida.

Enquanto sigo Psique do nosso quarto até à cozinha, com o intuito de ir buscar o vinho que comprei para levar para o jantar, há indícios dessa felicidade. A tacinha para as chaves que Psique comprou no mercado de inverno da cidade inferior, com o seu garboso esquema cromático de cor-de-rosa, amarelo e azul-petróleo. Os copos personalizados a condizer — um copo de *whisky* para ela e um copo de vinho para mim — no corredor, as palavras estilizadas neles gravadas, *Dela* e *Dele*. Ela diverte-se imenso a tirar fotografias de nós a bebermos por esses copos para as suas redes sociais.

A mesa da sala de jantar tem sempre flores frescas que parecem condizer com o que Psique está a usar quando as compra. Embora eu a provoque por ser vaidosa, adoro. Parece que ela deixa um pedacinho de si na *penthouse* quando sai.

Todas as divisões têm pequenas coisas que foram acrescentadas. Mais almofadas no nosso quarto. Uma manta de malha na sala de estar, juntamente com uma pilha de livros que, a julgar pelas lombadas quebradas, releu muitas vezes.

Paro em frente do meu objeto adicionado preferido. Psique revira os olhos, mas está toda sorridente.

— Sempre!

— Temos bom ar. É uma pena não o apreciar.

Na parede do átrio, há uma impressão grandiosa da fotografia do nosso casamento. É a minha preferida do conjunto, um dos nossos primeiros beijos já casados. Hermes fez-nos o favor e afastou-se para a foto, embora, na altura, eu não me tenha dado conta.

— És tão palerma. — Dá-me um encontrão com o ombro. — Vá lá, marido, não queremos chegar tarde.

Deslizo o braço na cintura dela enquanto nos encaminhamos do elevador em direção ao estacionamento. É tão *fácil* estar com Psique, ouvi-la contar ao pormenor os seus planos para defender uma nova estilista que Juliette recomendou e se especializa em números grandes, que me esqueço de ficar nervoso, até estarmos a estacionar à porta do prédio da sua mãe. Sinto um aperto no peito ao fitar a porta da frente.

— Quais são as minhas hipóteses se ela decidir envenenar-me?

Psique ergue as sobrancelhas.

— Podemos fingir que estás mesmo preocupado com isso, se quiseres. — Ela estende o braço para a consola no centro do carro e pega-me na mão. — Ou, então, podemos falar do verdadeiro problema.

— Não me digas que a Deméter não é capaz de envenenar uma pessoa.

— Nem sonharia dizer uma coisa dessas.

Lanço-lhe um olhar.

— Isso é para ser tranquilizador? Estás a gostar disto.

— Só um pouco — admite. — É tão raro ver-te nervoso.

— Psique.

— Eros. — Aperta-me a mão. — Eu amo-te. A minha mãe pode ter resistido à ideia, no início, mas conciliou-se com ela. Não será mais difícil do que o normal neste jantar, e o homicídio foi retirado da lista de possibilidades.

A família de Psique é importante para ela. A coisa *mais* importante. Ama-me, mas as irmãs são os seus alicerces. Até a mãe, por mais que choquem, tem um papel vital na sua vida. Se eu não conseguir estabelecer a paz com eles, uma verdadeira paz, isso pode tornar-se um problema no futuro. Pode fazer-lhe *mal*.

Engulo em seco.

— Vamos.

Larga-me o tempo suficiente para sair do carro, depois pede-me a mão quando nos encaminhamos para o edifício. Posso fingir que o faz simplesmente pela alegria de me tocar, mas é evidente que está a oferecer o seu apoio mudo. Fico grato.

Enfrentei inúmeras situações perigosas. Matei pessoas. Nadei com os piores predadores que Olimpo tem para oferecer sem pestanejar.

Claro que seria um jantar de família a deixar-me assim tão nervoso. Corro o risco de ficar maldisposto.

O apartamento de Deméter está idêntico ao que estava da última vez que lá fomos, uma das muitas viagens para transportar todo o guarda-roupa de Psique para nossa casa. O quarto das visitas já parece uma réplica perfeita do dela aqui, portanto contratei um empreiteiro para remodelar todo o espaço como *closet*. Trata-se de uma surpresa para o seu aniversário, no próximo mês. Uma vez que ela aprove o projeto, começamos as obras.

Aguardo que Psique lidere o caminho até à cozinha, onde consigo ouvir Deméter e Perséfone a falarem em voz baixa, mas ela dá uma guinada para longe da porta e leva-me escada acima. Praguejo quando fico com o dedo grande preso num degrau.

— Se querias uma rapidinha, podíamos tê-la feito no carro, em vez de na casa da tua mãe.

— Aha, muito engraçado. Quero mostrar-te uma coisa.

— É a tua...

— Eros — sibila ela, mas é evidente que está a tentar não rir. — Concentra-te.

— Eu diria que estou extraordinariamente concentrado neste momento.

A conversa faz diminuir parte da minha tensão. Seja o que for que o dia de hoje nos traga, *isto* é o mesmo. Deixo Psique arrastar-

me com ela, como se eu fosse o seu boneco preferido, até que ela para em frente da parede dos retratos.

— Olha.

*Isto* não é o mesmo de quando estive aqui pela primeira vez. Há duas novas adições. A primeira é uma fotografia de Hades e Perséfone com moldura preta. Ela usa um vestido de noiva branco que parece notoriamente tradicional. Até tem um véu a cobrir-lhe o cabelo louro. Claro que ele usa um fato preto, mas não tem a habitual expressão austera. Em vez disso, olha para a noiva com um sorriso indulgente no rosto. Ela olha-o, luminosa, praticamente a irradiar luz. É tão doce que me faz doer os dentes.

Psique puxa-me o braço.

— Sim, sim, a minha irmã está encantadora. *Esta*. — Aponta para a segunda adição.

Ali, ao lado da fotografia de Hades e Perséfone, está uma de mim e da Psique. Esta não é da cerimónia, mas das fotografias para que posámos depois dela. Seguro Psique junto a mim e tenho um braço à volta da sua cintura e a outra mão a erguer-lhe o queixo, com a óbvia intenção de a beijar. Ela parece suave, feliz e perfeita.

E eu?

Tenho amor nós olhos.

Não me escapa a importância de esta fotografia estar aqui, entre estas outras fotografias felizes das mulheres Dimitriou. É verdade que Deméter não me acolheu na família de braços abertos e palavras doces, mas, ao pendurar esta fotografia, a dar-me as boas-vindas à família.

Rio-me, com um nó na garganta.

— Ora, porra.

— O que foi?

Não sou bem capaz de pôr esta sensação estranha em palavras. Nunca tive uma família, pelo menos uma família em que todas as interações não fossem transacionais. Um gesto de boas-



vindas, ainda que tão pequeno, faz-me sentir estranho e constrangido, como se não soubesse o que fazer com as mãos.

— A tua mãe tem uma maneira acutilante de acolher uma pessoa na família.

— Tem, não tem? — Psique encosta-se ao meu braço. — Ei, tu.

— Sim?

— Eu amo-te.

Deposito um beijo rápido nos seus lábios rosados e brilhantes.

— Também te amo. Agora vamos lá cumprimentar a tua mãe como deve ser.

Vamos encontrar o clã Dimitriou inteiro na cozinha. E Hades, o que me surpreende como a porra. Ergue as sobrancelhas quando me vê, mas, tirando isso, parece satisfeito por ocupar um canto longe das mulheres que se deslocam à volta umas das outras, como uma máquina terrivelmente bem oleada. Psique aperta-me a mão pela última vez e vai juntar-se a elas harmoniosamente.

Eurídice está a mexer aquilo que parece ser molho de tomate, enquanto canta com Perséfone, que está a tirar pãezinhos quentes do forno. Deméter entorna *noodles* cozidos a vapor num escorredor, lava-os bem e contorna Perséfone para os ir deitar no molho. Calisto está a cortar legumes para a salada com uma rapidez que me faz revirar o estômago. Psique lava as mãos e começa a transferir os legumes cortados para a taça gigantesca, repleta de alface.

Recuo ligeiramente, até estar ao nível de Hades, em segurança do outro lado da bancada em forma de ilha de cozinha.

— São sempre assim? — murmuro.

— São.

Ninguém choca com ninguém. Ninguém hesita sequer. E conseguem fazê-lo com todos a falarem ao mesmo tempo. É esmagador, em extremo. Não só a competência perfeita; é o facto de eu sentir o amor delas umas pelas outras, em cada palavra, em cada movimento.

— Então é este o aspeto de uma família. — Não é minha intenção dizer as palavras em voz alta. É certo como a porra que não é minha intenção que Hades as ouça.

Resfolega, uma gargalhada seca.

— Pois, também me chocou como a porra, das primeiras vezes. Habitua-te. — Ele hesita. — Às vezes, até é agradável, especialmente quando deixam ajudar.

Ocorre-me que Hades é outra pessoa de Olimpo que não tinha muita experiência no que toca a família. Os pais morreram quando era pequeno. Olho de relance para ele.

— Que corajoso, entrar em cheio no tornado.

— Espera só até estares lá no meio.

Estranhamente, mal posso esperar.

Em dez minutos, as mulheres pedem-nos que levemos comida para a mesa. O jantar é um rodopio tão grande como os preparativos parecem ser. Psique e as irmãs falam todas umas por cima das outras, com Deméter a introduzir comentários secos a intervalos regulares. É caótico e bastante esmagador.

Mas Hades tem razão. É agradável.

Eu *sinto* o amor que têm umas pelas outras, mesmo quando Perséfone e Calisto começam a picar-se por causa de algum momento de injustiça entre irmãs, agora mal lembrado. Satisfaço-me a picar a comida e a absorver a energia. É isto a sensação de família. A sensação de *lar*.

Gosto.

Quando todos já comeram a sua porção, Hades pigarreia.

— Vamos lavar a louça.

— Meninos espertos. — O sorriso de Deméter é afiado como uma faca. — Nós vamos para a sala de estar.

Hades encaminha-se para a cozinha e as mulheres saem da sala. Todas, exceto Psique. Olha de relance para a família e pega-me na mão.

— Estás bem? Sei que podemos ser de mais a princípio. Se precisarmos de ir embora...

— Estou bem. — O amor que sinto por esta mulher explode no meu peito. Claro que ela ia fazer uma pausa para ver como eu estava, para se oferecer para ir embora cedo, embora se esteja obviamente a divertir. Aperto-lhe a mão. — Melhor do que bem. Vai lá aproveitar a companhia da tua mãe e das tuas irmãs. Já vamos lá ter, quando acabarmos de lavar a louça.

— Se tens a certeza...

— Tenho.

Ela acaba por anuir, os lábios curvando-se num sorriso lento.

— Ah, a propósito, quase me esqueci. Tenho uma surpresa para ti quando chegarmos a casa. — Aproxima-se mais e baixa a voz. — Comprei *lingerie* nova. Se fores bonzinho, deixo-te que ma arranques com os dentes.

— Sacaninha — digo entre dentes. Tenho de ajustar um pouco as calças, o que lhe provoca um sorriso malicioso. Até o raio do sorriso malicioso é sensual. — Só por isso, vou *mesmo* arrancá-la com os dentes, fitas rendadas umas atrás das outras.

— Ah não, isso não — diz ela, impassível.

Rio-me. É um riso grande e libertador e bane o resto dos nervos, presos a mim ao longo do jantar. Uma esposa linda, que é tudo o que nunca sonhei merecer. Uma família afetuosa, que parece pronta a arrastar-me para dentro do seu círculo. Sou mesmo o filho da mãe com mais sorte de Olimpo.

## Agradecimentos

Um gigante «obrigada» a todos os meus leitores. Não conseguia fazer isto sem o vosso apoio e agradeço com muita humildade a vossa reação às historinhas sensuais que tanto gosto de escrever.

Um enorme agradecimento à minha equipa editorial da Sourcebooks, por me ajudarem a aperfeiçoar *Eros e Psique* até à sua melhor versão. Mary Altman e Christa Desir, a vossa perceção era exatamente aquilo de que eu precisava! Obrigada a Jessica Smith, Rachel Gilmer, Jocelyn Travis e Susie Barton.

Obrigada a Dawn Adams pelo Este livro tem uma aparência tão especial por isso. Um grande, GRANDE agradecimento a Stefani Sloma e Katir Stutz pelo vosso apoio com o *marketing* e as relações-públicas. Ultrapassaram todas as marcas! Obrigada, Liz Otte, por falarem tanto desta série!

Obrigada, como sempre, à minha agente, Laura Bradford, por estares sempre do meu lado.

Obrigada à minha equipa, no sentido nada oficial do termo. Piper J. Drake, sugeriste ter um momento literalmente de «tirar o coração» e isso fez mesmo toda a diferença neste livro. Obrigada, Asa Maria Bradley, Jenny Nordbak, por estarem sempre a uma SMS de distância quando fico encalhada ou tenho uma ideia maluca. Um grande agradecimento a Andie J. Christopher e a Nisha Sharma, por me manteres alimentada a TikToks. Muito, muito obrigada ao grupo WordMakers, por escrever comigo, todos os dias, e por acreditar em mim sempre que digo: «Vai correr BEM!», mesmo quando mal reino no caos por mim espalhado.

Por último, mas não de importância, obrigada à minha família por me manter com os pés na Terra, ou, pelo menos, a algo parecido. Obrigada aos miúdos por aguentarem tempos verdadeiramente sem precedentes (sinceramente, gostava de regressar a algo que se assemelhasse a *com precedentes*), com

todos metidos debaixo do mesmo teto durante treze meses e tudo o mais. Todo o meu amor ao Tim, por ser o melhor companheiro com que uma pessoa podia sonhar. O teu apoio e o facto de acreditares em mim fez-me seguir sempre em frente, nos altos e baixos e na montanha-russa. És mesmo um herói de romance!